

UMA CASA CHAMADA LEIGA

OS 60 ANOS DA MEDICINA - UFPEL



Lorena Almeida Gill



Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*
Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*
Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*
Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cássio*
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*
Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*
Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Rosane Maria dos Santos Brandão*
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*
Representantes das Ciências Agrárias: *Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)*
Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão (TITULAR)*, *Daniela Hartwig de Oliveira* e *Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos*
Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR)*, *Francieli Moro Stefanello* e *Marla Piumbini Rocha*
Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)*, *Cláudio Martin Pereira de Pereira* e *Jairo Valões de Alencar Ramalho*
Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno (TITULAR)*, *Jucimara Baldissarelli* e *Zayanna Christina Lopes Lindoso*
Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR)*, *Bruno Rotta Almeida* e *Marislei da Silveira Ribeiro*
Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte (TITULAR)*, *Silvana Schimanski* e *William Daldegan de Freitas*
Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Chris de Azevedo Ramil (TITULAR)*, *Daniel Soares Duarte* e *Luís Fernando Hering Coelho*

Lorena Almeida Gill

UMA CASA CHAMADA LEIGA

OS 60 ANOS DA MEDICINA - UFPEL

PELOTAS, RS | 2023



**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catálogo

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Pós-Produção

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Projeto Gráfico & Capa

Valder Valeirão

Design assistente e diagramação

Kim Valeirão

Imagem da capa

Valder Valeirão

Imagem da quarta capa

Acervo NDH-UFPel

Revisão textual

Fabiola Weykamp

G475c Gill, Lorena Almeida
Uma casa chamada Leiga [recurso eletrônico]: os 60 anos da
Medicina - UFPel / Lorena Almeida Gill – Pelotas: Ed. UFPel, 2023.
267p.: il.; E-Book (PDF) ; 19,5MB

ISBN: 978-65-86625-76-9

1. Faculdade de Medicina. 2. Leiga. 3.UFPel. 4.História. I. Título.

CDD 610.981657

“Se todas as personagens não cessam de contar histórias, é que esse ato recebeu uma suprema consagração: contar é igual a viver.”

Tzvetan Todorov

Dedico este livro a todos os egressos e egressas da Leiga, que fizeram deste lugar uma casa.

Prefácio	8
A História do Livro	11
Capítulo 1 – A construção da Faculdade Leiga em Pelotas, RS	
- As primeiras discussões sobre o Projeto.....	18
- Faculdade Leiga e Faculdade Católica.....	22
- A constituição da FAMED-Leiga.....	25
- O contexto do Brasil à época.....	29
- O processo de autorização do funcionamento e a luta pelo reconhecimento do curso.....	36
- A Federalização.....	41
Capítulo 2 – Os primeiros tempos	
- Os formandos de 1968 e o que veio com a experiência relacionada à turma pioneira.....	59
- A importância da Psicologia Médica na formação dos graduados.....	66
- A chegada de alguns novos professores.....	70
- As primeiras médicas da FAMED-Leiga.....	74
- Sociabilidades.....	94
Capítulo 3 – A política de Cotas no Brasil e na Medicina - UFPel	
- Primeiros exemplos de curadores negros e indígenas	109
- Os médicos negros pioneiros com formação acadêmica no RS.....	112
- O ingresso por cotas na Leiga e a questão da permanência.....	114
- As trajetórias de Daniel e Leonardo.....	115
- Considerações sobre o processo seletivo especial.....	127

Capítulo 4 – A Faculdade de Medicina de hoje e sua relação com a comunidade	
- A criação dos ambulatórios e o atendimento à população.....	132
- Hospital Escola.....	139
- Cursos de graduação e de pós-graduação.....	143
- Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI) e o Centro Regional de Cuidados Paliativos (CUIDATIVA).....	147
Considerações finais.....	152
Referências Bibliográficas.....	155
Anexos.....	163
A Faculdade de Medicina da UFPel.....	164
Cartas à Leiga.....	175
Notas.....	200
Siglas.....	211
Listas dos egressos e egressas.....	213
Nome dos doadores de recursos para a reforma da Leiga.....	258

PREFÁCIO

Assumi a direção da FAMED em junho de 2021, em mandato eletivo de quatro anos. Em meio às demandas do cotidiano e de um planejamento futuro, nossa equipe diretiva, com colegas docentes, técnicos e discentes da unidade, começou a pensar e organizar as comemorações dos 60 anos da nossa faculdade, que teve autorização de funcionamento pelo MEC em 1963. Nessa perspectiva, uma série de ideias e propostas foram sendo construídas ao longo do tempo e, uma delas, foi justamente organizar um vasto acervo de documentos encontrados em más condições de conservação, já que estavam acondicionados em salas úmidas e insalubres.

Para a salvaguarda desse material, foi feito contato com o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner (NDH-UFPel) cujos pesquisadores possuem conhecimento técnico sobre como proceder para que os documentos não fossem perdidos e pudessem ser publicizados aos interessados, através da digitalização dos originais. Foi dessa maneira, portanto, que surgiu a ideia da construção de um livro cuja pretensão foi a de abordar vários aspectos de nossa história.

Em decorrência deste movimento de reconstruir as origens do curso de Medicina, se começou a mobilizar a comunidade de egressos e, também, de atuais alunos, professores e técnicos administrativos para que contassem suas trajetórias e se engajassem em uma mobilização para qualificar os espaços físicos e as áreas externas para o melhor convívio da comunidade. A partir de um almoço comemorativo no Diretório Acadêmico Naum Keiserman (DANK), o qual reuniu mais de 150 pessoas de diferentes regiões do Brasil, em junho de 2022, surgiram ideias no sentido de angariar recursos para a pintura da fachada externa do prédio histórico, o qual representa a Leiga desde os primeiros tempos. Capitaneada e organizada

por colega egresso, ocorreu uma grandiosa campanha de engajamento solidário que contou com 810 pessoas doadoras, garantindo todo o valor necessário para a benfeitoria, que foi realizada em cerca de 4 meses e que resultou em uma pintura nova de paredes, janelas e portas de um patrimônio que não era pintado desde o ano de 1992.

Em abril de 2023, mês do aniversário e ponto alto dos festejos, tivemos a honra de receber, em evento institucional no dia 3 de abril, a comunidade interna e externa à UPFEL e muitas autoridades no nosso auditório FAMED. Também em abril, colegas egressos, doadores e doadoras, vieram pessoalmente “cortar” a fita e entregar o prédio histórico revitalizado. Nesse mesmo dia, contamos com a presença de muitos discentes que assistiram e vivenciaram momentos importantes de compartilhamentos de gerações relacionados à Leiga. Vivemos e confraternizamos, ainda no ponto alto, em abril, um jantar-baile, também organizado por egressos, que congregou pessoas que não se viam há bastante tempo e que se reencontraram para compartilhar suas lembranças e vivências na Leiga. Cabe destacar as presenças de colegas queridos da ATM 1968, primeira turma FAMED.

A organização dos egressos não foi feita apenas no sentido de celebrar uma data importante, como a das seis décadas, mas para construir e manter um grupo que continuará a se organizar não só para eventuais doações, mas para enaltecer a identidade que possuem com a Faculdade. Recentemente, foi criada oficialmente a E-Leiga, Associação de Egressos Leiga, que conta com diretoria e várias comissões importantes para seguir construindo eventos e benfeitorias, articulados com a direção e comunidade atual da FAMED.

Não é de se estranhar que o material que agora cada um de vocês recebe tenha o título de “Uma casa chamada Leiga”, uma vez que o sentimento que a maioria dos envolvidos revela quando conversa sobre a nossa faculdade é de como ela é pensada como um lar, como um lugar de afetos, de trocas e compartilhamentos, além de um local de produção de conhecimentos.

O livro procurou abarcar desde os tempos remotos, vinculados a debates efetuados na década de 1950 para a construção de um curso de Medicina na cidade de Pelotas, até o momento atual em que a Faculdade abriga mais dois cursos de graduação, o de Psicologia e o de Terapia Ocupacional.

A obra, que traz quarenta e oito narrativas construídas entre os meses de setembro de 2022 e maio de 2023, além de vários outros documentos e notícias de jornais, procurou abarcar diferentes pontos de vista sobre a

construção de um curso que não é só importante para a Universidade, mas, especialmente, para a população da cidade de Pelotas e região que desde o ano de 1963 conta com serviços de saúde pensados de uma maneira integral, na Atenção Primária, Secundária e Terciária.

O lançamento do material serve para dar uma espécie de fechamento a esta data comemorativa aos nossos 60 anos e, também, tem a intenção de continuar nos inspirando a efetivar as mudanças necessárias para que a Medicina UFPel continue sendo um curso de excelência em ensino, pesquisa e extensão, na graduação e pós-graduação, vinculado às necessidades daqueles que mais precisam dos nossos serviços e cuidados em saúde.

Leiga Minha Vida
Leiga Minha História
Leiga Meu Amor

Uma boa leitura.

Julieta Carriconde Fripp

Diretora da FAMED
(Gestão 2021-2025)

A HISTÓRIA DO LIVRO

Durante a pandemia de covid-19, em pleno período de isolamento social, o Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, do Instituto de Ciências Humanas da UFPel (ICH), sob minha coordenação, foi chamado pela direção da FAMED para verificar a situação de alguns documentos que existiam desde a fundação e que estavam em mau estado de acondicionamento e conservação.

Os documentos encontrados, que se relacionavam às décadas de 1950 e 1960, foram recolhidos, higienizados e digitalizados e, hoje, alguns deles já estão disponíveis no *site* do NDH-UFPel (<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/famed-ufpel/>) para que todas as pessoas interessadas possam acessá-los. Tendo em vista esse contato inicial surgiu o convite para a feitura do livro dos 60 anos.

A obra, que foi construída nos últimos meses, é composta por quatro capítulos: **a construção da Faculdade Leiga em Pelotas, RS**, que envolve o marco temporal entre os anos de 1953, momento em que houve os primeiros debates sobre a necessidade de um curso de Medicina na cidade e 1978, quando deu-se a federalização da Leiga; **os primeiros tempos**, que se relacionam com uma discussão sobre a trajetória da turma de 1963, dando ênfase às vivências das quatro médicas pioneiras formadas; **a política de cotas no Brasil e na Medicina UFPel**, em que se debate ações de inclusão e a trajetória do primeiro quilombola e indígena formados como médicos na Leiga; **a Faculdade de Medicina de hoje e sua relação com a comunidade**, que discute o que acontece no presente e as projeções para o futuro, em termos de projetos. Há ainda quatro anexos, **um texto de Naum Keiserman**, no qual ele conta a história da constituição da Leiga; as **Cartas à Leiga**, que foi um convite feito para os egressos e egressas escreverem sobre suas trajetórias associadas ao curso de Medicina; **uma listagem dos egressos e egressas** da Faculdade de Medicina, elaborada

pelas médicas: Celene Maria Longo da Silva e Ana Carolina Issler Ferreira Kessler e, por fim, uma **lista dos doadores para a reforma do prédio principal da Leiga**, organizada pelos médicos Samuel Antônio Neugebauer, Eduardo Coelho Machado e Beatriz Franck Tavares.

É importante frisar que as cartas escritas e publicadas expressam a visão dos seus respectivos autores, assim como as narrativas constantes no livro se vinculam à perspectiva defendida pelos entrevistados não representando, necessariamente, a opinião da autora deste livro. Já as listas elaboradas e publicadas nos anexos são de responsabilidade dos médicos que coletaram as informações.

A principal fonte da obra se constituiu nas quarenta e oito entrevistas feitas com alguns dos professores fundadores e atuais; com todos os diretores e diretoras, que estavam vivos; com alguns dos primeiros formados, dentre eles as quatro médicas pioneiras, quatro servidores técnico-administrativos e alguns alunos, especialmente o primeiro quilombola e o primeiro indígena formados.

A metodologia utilizada no trabalho é a História Oral em sua vertente temática, ou seja, a partir de um assunto específico, a constituição e organização da faculdade, foram construídos roteiros básicos de perguntas, de forma individualizada, para cada um dos entrevistados, de modo que se construísse uma narrativa baseada na memória. A perspectiva foi a de entrevistar diferentes pessoas para estabelecer uma espécie de confronto de versões sobre o passado, visando construir uma narrativa que fosse a mais plural possível. Utiliza-se a perspectiva empregada por Portelli (1997, p. 16) para a metodologia: “[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...]”.

Uma parte considerável das entrevistas foi feita de modo on-line, pois vários dos egressos e egressas não moram mais em Pelotas. A partir da pandemia de covid-19 e, tendo em vista a necessidade de distanciamento, novas ferramentas e práticas mostraram como narrativas construídas a distância também permitem bons diálogos, trocas e aprendizados.

O material coletado, através de fontes orais, é muito rico e é utilizado para esta obra nos limites impostos pelo tempo e especificidades de um livro comemorativo aos 60 anos. A totalidade das 48 entrevistas – feitas em 63 sessões diferentes – precisará, no futuro, passar por uma transcrição e edição cuidadosas, quando poderá ser usada para a feitura de novos trabalhos acadêmicos.

O livro tinha a urgência de ser lançado em 2023, ano comemorativo às seis décadas da Leiga e, nesse sentido, procurou-se usar o máximo de informações disponíveis para compor uma história que refletisse o percurso construído e que as pessoas gostassem de ler. Portanto não é um livro acadêmico, com uma absoluta preocupação teórica e metodológica, embora tenha se trabalhado com os cuidados necessários para se fazer uma obra de História.

Durante a escrita procurou-se tratar um volume documental vasto, que incluiu atas do Conselho Universitário (CONSUN), do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) e de alguns dos departamentos da Faculdade, além de documentos pessoais, arquivados durante anos por egressos e egressas. Conforme Cellard (2008, p. 295): “O documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social”.

Foram observadas, também, notícias da época publicadas em jornais locais, especialmente o Diário Popular, periódico existente desde o ano de 1890. Através dos periódicos, é possível se ver a conjuntura de uma época e os debates que mobilizavam as pessoas no período. Segundo De Luca: “[...] ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (2005, p. 118).

Gostaria de ressaltar que não foi um livro fácil de ser escrito, especialmente por se tratar de um material comemorativo, em que se espera apenas uma história bonita e sem atritos. Lembro-me bem de quando, em uma das primeiras reuniões que tive com um grupo de egressos, uma pessoa me procurou e perguntou se eu poderia escrever um livro sem muitas “tretas”. Ocorre que eu sou uma pesquisadora da área de História e meu trabalho se baseia em fontes, as quais são várias e mostram diferentes pontos de vista, os quais busquei focar no livro. De outro modo, na história há embates a partir da apresentação de ideias diversas que costumam fazer com que a situação se modifique, como foi retratado no livro.

Com certeza se teria mais pessoas que deveriam ser entrevistadas; outros aspectos das narrativas poderiam ser incorporados ao texto; fontes jornalísticas e documentais não abordadas seriam capazes de fazer parte da escrita, mas havia pouco tempo para a conclusão do projeto. Tenho a convicção, no entanto, de que procurei contar a história da Leiga de uma maneira séria e comprometida com o que representou não só para os diretamente envolvidos com a instituição, alunos atuais, egressos, professores, servidores técnicos-administrativos, mas também para a cidade.

É preciso dizer, antes de finalizar, que contei com o apoio de várias pessoas que ou leram os manuscritos iniciais, ou buscaram informações ou indicaram entrevistados, embora a escrita seja responsabilidade minha. Cito dois

nomes especiais: Elisiane Medeiros Chaves, a qual realizou a maior parte das entrevistas, e Paulo Koschier, que auxiliou no que foi necessário, principalmente na pesquisa de documentos, na leitura e comentários sobre o texto ao longo da escrita. Agradeço também à Ariane Regina Bueno da Cunha, Lua Gill da Cruz, Alessandra Gasparotto, Margarete Oleiro Marques, Rejane Bachini Jouglard e Julieta Carriconde Fripp, pela ajuda.

Espero que gostem do livro, no qual se procurou contar um pouco do que viveram nesta casa, considerada uma espécie de lar para muitos de vocês.

Lorena Almeida Gill

Primavera de 2023



CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DA
FACULDADE DE MEDICINA
LEIGA EM PELOTAS, RS

No ano de 2023, a Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas, conhecida como Leiga¹, comemora 60 anos², como já anuncia este livro desde o seu título. E, apesar de alguns saberem, no geral, como essa importante instituição se constituiu, o objetivo deste capítulo é justamente reconstruir sua trajetória histórica. Para isso serão utilizados, especialmente notícias de jornais da época; documentos da Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE); atas do CONSUN e do COCEPE da UFPel, mas, sobretudo narrativas construídas com alguns dos primeiros professores e alunos, bem como textos, já publicados, por aquele que é considerado o fundador da Leiga, Dr. Naum Keiserman.

A grande matéria-prima para a escrita deste livro se constituiu na memória e por isso foram entrevistadas várias pessoas que compuseram e compõem a trajetória da Faculdade Leiga de Medicina. Para Candau (2005, p. 51): “O ato memorial tem uma dimensão teleológica. Lembrar-nos consiste, podíamos dizê-lo, em configurar presentemente um acontecimento passado no quadro de uma estratégia para o futuro, quer esse futuro seja imediato ou mais longínquo”.

Os narradores buscaram lembranças no passado, a partir do presente em que vivem, e sempre projetando para novas dimensões do que esperam para a Faculdade no futuro.

A memória evocada, que também é feita de esquecimentos, se vinculou ao que o mesmo autor (CANDAU, 2011) chama de propriamente dita ou de alto nível, ou seja, é aquela relacionada aos saberes e fazeres dos entrevistados, que entrelaçam lembranças de formação e vivências profissionais.

De outra maneira, é fundamental se pensar sobre o conceito de identidade para a escrita do livro.

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAUI, 2011, p. 19)

As narrativas construídas, muitas vezes, se vinculam a um direito à memória, na perspectiva de que era necessário contar para que o que viveram não fosse esquecido e para que se pudesse fazer planos para o futuro.

AS PRIMEIRAS DISCUSSÕES SOBRE O PROJETO

Segundo Naum Keiserman, em algumas narrativas³ quando discorreu sobre a construção de uma faculdade de Medicina em Pelotas, os primeiros debates efetivados sobre o tema aconteceram durante o ano de 1953, em reuniões ordinárias da Sociedade de Medicina de Pelotas⁴. A entidade, hoje denominada de Associação Médica de Pelotas (AMP), foi fundada em 7 de novembro de 1940, tendo como seu primeiro presidente Franklin Olivé Leite, justamente aquele que aparece como o articulador pioneiro de um curso universitário para a formação de médicos em Pelotas.

As primeiras notícias publicadas em jornais são do ano de 1954 quando o assunto toma conta da cidade, e o que era uma ideia inicial de alguns poucos médicos sonhadores vai se articulando como algo concreto.

No dia 2 de abril de 1954, na página 6 do Diário Popular (D. P.), por exemplo, sob o título: “Reencetada a campanha pela fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”, é abordado que no dia anterior, na Câmara de Vereadores, havia ocorrido uma reunião com o objetivo de fundar um curso de Medicina na cidade. Participaram várias autoridades como o prefeito municipal, Mário Meneghetti⁵, o vice-prefeito, Oscar da Cunha Echenique⁶, o Dr. Franklin Olivé Leite, além de diretores de cursos universitários já existentes e de escolas de ensino médio. Quatro dias após (6 de abril de 1954, pelas páginas do mesmo jornal), o título da matéria anunciava que tomava vulto a campanha em prol da criação de uma Faculdade de Medicina em Pelotas.

As discussões se sucedem no mesmo mês, como a publicada no D. P. do dia 11 de abril, p. 10, em que é usado o exemplo da cidade de Santa Maria, que recentemente havia fundado um curso de Medicina anexo à Faculdade de Farmácia (Universidade do Rio Grande do Sul)⁷. O objetivo da notícia era reafirmar a necessidade da construção de graduação similar em Pelotas. Na matéria, embora exista a ideia de que a organização em Pelotas se dê junto ao prédio do antigo Instituto de Higiene, é dito que seria bom permanecer relacionado à já existente

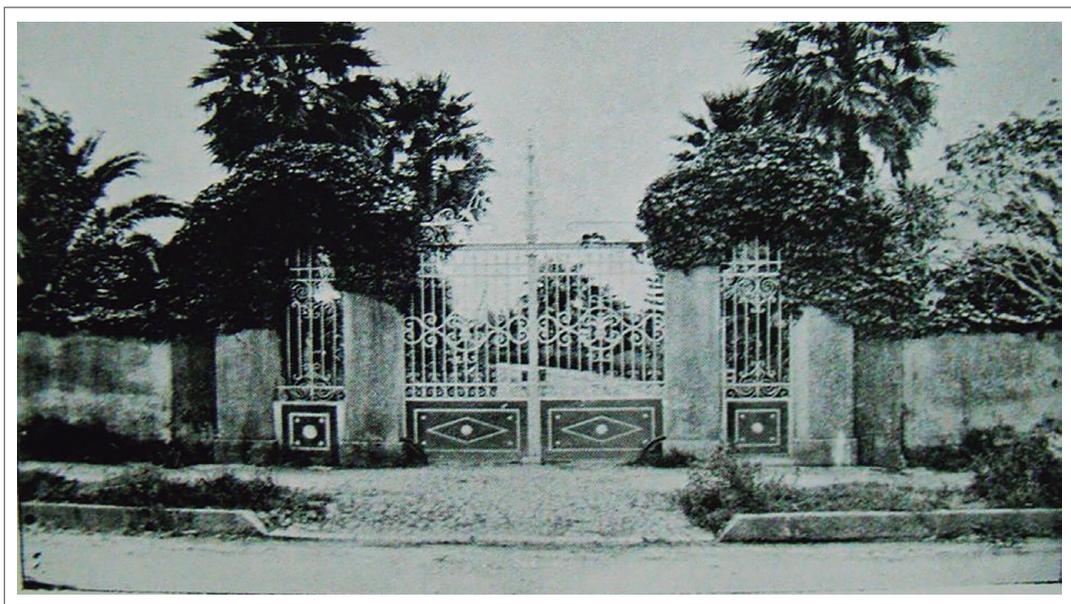


Dr. Naum Keiserman

Fonte: Quadro de formatura da primeira turma de médicos formados pela Leiga (1968).
Acervo da FAMED.



Na imagem, da esquerda para a direita, o Prof. Gilberto Garcias, o então presidente do DANK (Gestão 2011), Renato Badia da Cruz, o Dr. Naum Keiserman e o Dr. Farid Nader.
Acervo do DANK.



Vista parcial da entrada da Villa Augusta, prédio construído por Carlos Ritter para a sua esposa. Atual prédio da FAMED.

Fonte: Imagem da internet. Página "Olhares sobre Pelotas" no Facebook.

Faculdade de Odontologia⁸, uma vez que, inclusive, existiam afinidades entre as disciplinas de primeiro ano das duas faculdades.

Sete dias após (D. P. 18/4/1954, p. 2), a manchete apontava para o fato de que enquanto crescia a população, diminuía o número de médicos no Estado. A notícia enfatizava a fala do Dr. Franklin Olivé Leite, apresentado como diretor do sanatório Henrique Roxo⁹ e inspetor federal do ensino superior, para quem:

É necessário que o Ensino Superior, que está confinado dentro das grandes cidades, transponha essas muralhas e proporcione esse privilégio também às pequenas cidades, cidades do interior, que oferecem condições de bom estudo, sem as seduções e encantamentos dos grandes centros.

Na narrativa, carregada inclusive de um tom moral sobre as capitais, aparecem números para dizer sobre a necessidade dessa fundação, já que, segundo o médico, o Estado, naquele momento, só tinha uma Faculdade de Medicina enquanto o Rio de Janeiro e São Paulo, cada um, possuíam quatro; Minas Gerais, três e Bahia, duas. Sobre o Rio Grande do Sul, Franklin enfatiza a necessidade de mais profissionais, relacionando o número de médicos formados no Estado, segundo ele insuficiente, em relação ao número de habitantes: “[...] Quatro e meio milhões de habitantes¹⁰ com uma só Faculdade de Medicina com capacidade apenas para cem alunos”.

As próximas notícias, publicadas no mesmo ano, abordam as movimentações realizadas em cidades vizinhas como Canguçu e Rio Grande, no sentido de apoiar a ideia da fundação da Faculdade de Medicina em Pelotas e reafirmar o *status* de Pelotas como um polo regional de saúde. Há, também, um artigo de opinião assinado por Antonio Rego Magalhães, um cirurgião dentista, enaltecendo as condições infraestruturais existentes na cidade para o recebimento de um curso daquele porte (D. P., 27 de abril de 1954, p. 6).

Mas é uma entrevista com o reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, Elyseu Paglioli¹¹, publicada no dia 6 de maio de 1954, p. 8, que chama a atenção para um tema que será bastante importante na década de 1970 e se relacionava à federalização da Leiga. Sob o título de: “A ‘IPES’ deve”, o reitor comentou as movimentações que se tinham na cidade para a criação desse bacharelado, e quando perguntado sobre se não seria possível criar o curso de Medicina junto à Faculdade de Odontologia, que fazia parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹², assim responde: “Creio que não. E devemos evitar o que ocorreu em Santa Maria onde forçados pelas circunstâncias, criamos um curso idêntico ao que os senhores pretendem sem que houvesse condição para tal”. Ele afirma que o melhor caminho seria fundar uma faculdade particular e depois, então, se buscar a sua federalização, justamente o caminho que foi seguido.

O fato é que no dia 8 de maio de 1954, em reunião realizada na Bibliotheca Pública Pelotense, com a presidência do Prefeito Municipal, Mário Meneghetti, e

tendo como primeiro orador o Dr. Franklin Olivé Leite, houve um encontro para a constituição de comissão que deveria elaborar os estatutos do que viria a se chamar Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE), a qual tinha como objetivo principal fundar a pretendida Faculdade.

No ano seguinte, no dia 30 de dezembro de 1955, através da Lei Municipal n. 620, houve a doação de um prédio à IPESSE, pelo médico e prefeito à época, Mário Meneghetti, o qual continua sendo a sede da Faculdade de Medicina até hoje. O interessante é que nova lei surge com o mesmo fim, em 16 de dezembro de 1958, agora assinada pelo prefeito, à época, Adolfo Fetter. No texto, que apresenta a normativa n. 845, é feita a doação do mesmo prédio à IPESSE, talvez em decorrência do tempo que havia passado desde a primeira lei e da necessidade de repactuar o que havia sido combinado anteriormente.

O prédio em questão é um local histórico para a cidade, pois abrigou a casa construída por Carlos Ritter para a sua esposa, Auguste Jeanete Kessler, a Villa Augusta, que, posteriormente, com a morte do proprietário, em 1926, foi vendida ao município vindo a ser a nova sede do Instituto de Higiene do Estado Borges de Medeiros (1928)¹³, o qual desenvolvia pesquisas na área da saúde e da defesa sanitária.

Houve um maior impulso à ideia da criação de um curso de Medicina quando assumiu a presidência da IPESSE, o médico Oscar da Cunha Echenique, em novembro de 1958. Como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul não demonstrava interesse na criação, conforme já descrito pelas notícias de jornal, Oscar buscou ampliar a rede de contatos, visando angariar apoios, sobretudo de governantes e legisladores, que tinham a possibilidade de obterem dotações orçamentárias para o curso.

FACULDADE LEIGA E FACULDADE CATÓLICA

Nas notícias presentes, especialmente no ano de 1954, pelas páginas do Diário Popular, o nome do Dr. Naum Keiserman¹⁴ não aparece. Ele já estava na zona sul após se graduar na Faculdade de Medicina de Porto Alegre (que compõe a atual UFRGS) em 1939 e começar a atuar na área da Tisiologia, tendo em vista a aprovação em um concurso no Departamento Estadual de Saúde, a partir de 1941, primeiro na cidade de Rio Grande e depois em Pelotas. Sua atuação se dava no campo do cuidado da tuberculose pulmonar¹⁵ no Centro de Saúde e, também, na Beneficência Portuguesa¹⁶.

Será justamente no ano de 1958 que Naum se aproxima mais do campo acadêmico ao começar a reger a disciplina de Biofísica na Faculdade de Odontologia, conforme demonstra um atestado¹⁷ protocolado quando se inscreve para o edital de seleção de professores da Faculdade de Medicina. Nesse mesmo ano começou

a exercer o cargo de secretário da Sociedade de Medicina, que passou a se ocupar dessa discussão, especialmente quando D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, procurou a entidade classista para solicitar apoio à criação de uma faculdade católica de medicina na cidade.

Os debates sobre o tema Faculdade Católica *versus* Faculdade Leiga começaram a se intensificar a partir desse período, mas parece ser no ano de 1963, quando as duas turmas iniciam, que a disputa se acirrou. No mesmo dia (D. P., 6 de janeiro de 1963, p. 1) em que é publicado o edital referente ao concurso de classificação para 50 vagas de estudantes para a Faculdade Católica de Medicina, assinado pelo Diretor Franklin Olivé Leite, é divulgada, na mesma página do jornal, nota da Sociedade de Medicina na qual o conselho deliberativo da entidade se posicionava contrário ao funcionamento da instituição católica.

A Sociedade de Medicina, a partir de um documento emitido pelo Conselho Federal de Educação, que considerou não haver as condições adequadas para o início do curso da Católica, tanto no que dizia respeito ao patrimônio apresentado quanto às condições infraestruturais e corpo docente, se dizia contrária à iniciativa.

O fato é que as duas faculdades começaram a funcionar praticamente juntas. O curso de Medicina vinculado à Universidade Católica foi anunciado, segundo um aluno da primeira turma, na noite de Natal de 1962¹⁸. Já o curso laico foi divulgado desde o ano de 1959 e passou a funcionar a partir de março de 1963, como o da Católica. As duas primeiras turmas foram, portanto, de 1963, com conclusão no ano de 1968.

É preciso considerar que, embora os dois cursos demonstrassem proximidades como é de se esperar de uma graduação similar, havia um ponto de diferença importante. Dom Antônio Zattera, Bispo da Igreja Católica, pretendia criar uma graduação relacionada à concepção religiosa da instituição que surgiria, a partir de 1953, com a graduação de Filosofia¹⁹. Naum Keiserman, judeu, enfatizava a necessidade de que o ensino fosse laico, bandeira defendida historicamente pela Maçonaria. Em um texto de sua autoria assim ele reflete sobre o assunto:

[...] D. Antônio fez publicar uma nota exprimindo que eram contra a faculdade católica 'os inimigos milenares de sangue e os desavisados'. Logo, manifestavam apoio a Sociedade de Medicina as associações de classe e sindicatos. Comovemos, um sábado à tarde quando, no consultório do Dr. Amaral Silva, recebemos a visita de um grupo de 10 a 15 pessoas que vieram trazer a solidariedade da maçonaria local (2018, p. 19, grifos do autor).

O corpo docente da Faculdade Leiga que se criava demonstrava vínculo com a comunidade judaica, especialmente de Pelotas. Leo Zilberknop, que fez sua graduação em Medicina na Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires, entre 1955

e 1961 e revalidou seu diploma no Brasil em 1962, contou que logo no início do curso foi convidado para ser professor. Ele conhecia o Dr. Naum, pois ambos faziam parte da comunidade judaica. Mas havia outros nomes importantes, desde a fundação, vinculados ao mesmo grupo de famílias de imigrantes da cidade como Guilherme Procianoy e Isaac e Miguel Piltcher, por exemplo, e, durante os anos iniciais, novos sobrenomes judaicos se juntarão aos pioneiros como: Chatkin, Kauffman, Halpern, Katz, Scaletski. O fato é que, embora os judeus estivessem em um número pequeno em Pelotas naquele período (GILL, 2001), tendo em vista muitos terem se deslocado para Porto Alegre, especialmente a partir da década de 1940, dentre eles o número de médicos era significativo (GILL; SCHEER, 2016).

Desde a República Velha²⁰, no Brasil, a Maçonaria passou a defender o ensino laico (COLUSSI, 2000) e, em Pelotas, um número expressivo de judeus faziam parte das lojas maçônicas (GILL, 2001). Na cidade, por exemplo, foi a Maçonaria que fundou o Ginásio Pelotense (atual Colégio Municipal Pelotense) em 1902, o qual, a partir de 1911, comportou também cursos superiores como a Odontologia e a Farmácia e, depois, o Direito. Apenas em 1917, tendo em vista dificuldades existentes, é que o Ginásio Pelotense passou a ser municipal (SCHEER, 2017, p. 86).

É importante lembrar que será essa mesma Faculdade de Odontologia, que surgiu vinculada à Maçonaria, que proverá a Medicina, nos anos iniciais, com profissionais que lecionavam disciplinas básicas para a área da saúde.

Franklin Olivé Leite que, segundo o próprio Naum, iniciou os debates sobre a necessidade de criação de uma Faculdade de Medicina em Pelotas, acabou por implementar o projeto com a Universidade Católica e Naum Keiserman tornou-se o primeiro diretor da Faculdade Leiga.

As discussões sobre a importância de cada um dos cursos não cessaram mesmo quando a constituição das graduações se efetivou. Entre os anos de 1963 e 1968 apareceram pela imprensa notícias sobre a necessidade de fusão das duas escolas ou, ainda, cartas assinadas por eventuais alunos em que havia o enaltecimento de um curso em detrimento do outro.

No acervo particular de Gleide Bertinetti Bandeira²¹ podem ser encontradas notícias sobre conversas relacionadas à fusão das duas faculdades, especialmente no ano de 1964. Em uma delas, por exemplo, é dito que o secretário de saúde, à época, Herbert dos Santos, por incumbência do governador Ildo Meneghetti²², tinha estado em Pelotas para conversar com as direções dos cursos visando encontrar caminhos para que as graduações se unissem, o que, como se sabe, não ocorreu.

O certo é que as duas instituições seguiram, algumas vezes, caminhos distintos, mas acabaram por consolidar suas trajetórias no decorrer dos anos – como se pode ver, pela situação atual dos dois cursos, formadores de bons profissionais, que atuam em várias regiões do Brasil e do mundo.

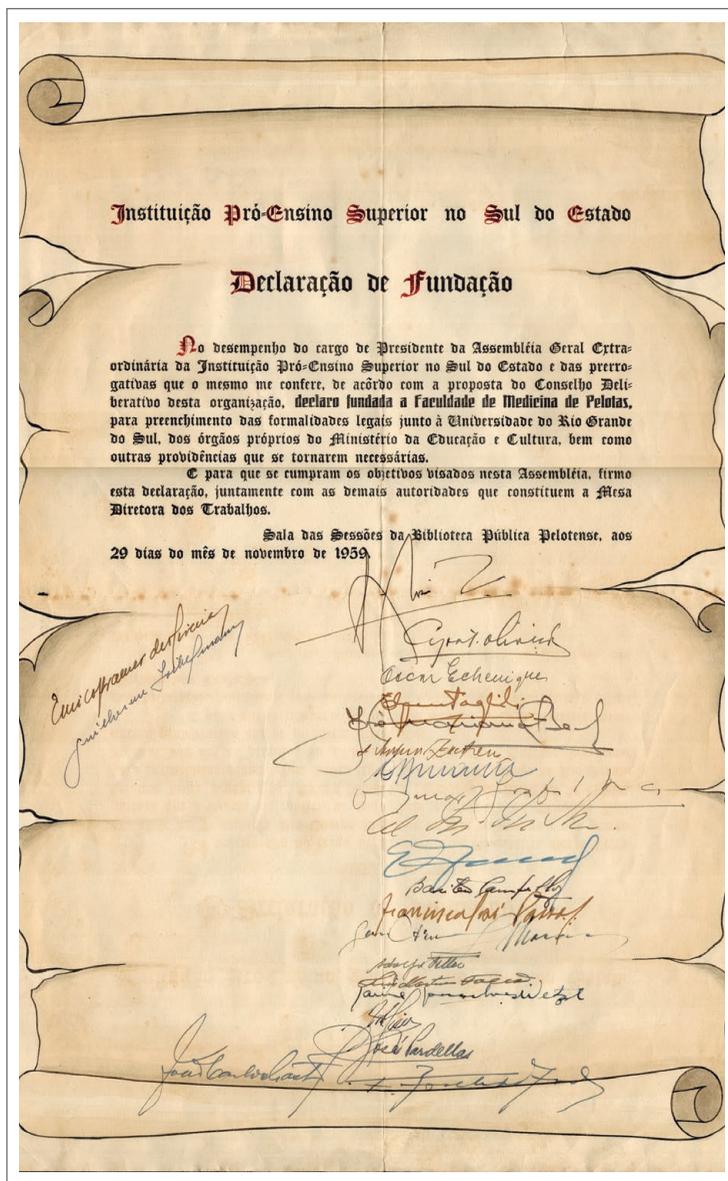
A CONSTITUIÇÃO DA FAMED-LEIGA

“Tudo pronto para a fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”. Esta é a notícia publicada no jornal Diário Popular, de 8 de outubro de 1959, nas páginas 1, 6 e 8. No texto é dito que só faltam a comunicação do governador do Estado, Leonel Brizola²³, e de outras autoridades vinculadas ao ensino superior para que o ato formal de instalação fosse agendado. Na matéria são dadas informações pelo presidente da IPESSE, Dr. Oscar Echenique, as quais evidenciam a importante contribuição do município de Pelotas para a efetivação do curso, a partir de duas normas: Lei Municipal n. 841, de 15 de dezembro de 1958 – pela qual foi concedido, durante quatro anos, o montante de dois milhões em 1959; três milhões em 1960, quatro milhões em 1961 e cinco milhões em 1962 –, e a promulgação da Lei n. 845, de 16 de dezembro de 1958, do governo do município – que autorizou a IPESSE a tomar posse do imóvel situado à Avenida Duque de Caxias, n. 250, “independente de sua desocupação pelo Departamento Estadual de Saúde”.

Cerca de dois meses depois (D. P. de 2 de dezembro de 1959, p. 1 e 2) foi divulgada a solenidade de fundação oficial da Faculdade Leiga de Medicina. Em um ato realizado nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense, no dia 29 de novembro de 1959, estiveram presentes o governador do Estado, Leonel Brizola, o reitor da UFRGS, Elyseu Paglioli, o prefeito municipal, Adolfo Fetter, Dom Antônio Zattera, Bispo diocesano, além de várias outras autoridades²⁴.

Em maio de 1960, foi publicado, pelas páginas do D. P., edital de seleção de professores, o qual apresentava vinte e duas vagas: Anatomia Humana; Histologia e Embriologia; Biofísica; Bioquímica; Fisiologia; Parasitologia; Ginecologia e Obstetrícia; Microbiologia e Imunologia; Farmacologia; Anatomia e Fisiologia Patológica; Clínica Médica; Clínica Cirurgia; Pediatria e Puericultura; Dermatologia; Neurologia; Psicologia Médica e Psiquiatria; Otorrinolaringologia; Oftalmologia; Ortopedia; Clínica de doenças infecciosas e parasitárias; Higiene e Medicina Preventiva; Medicina Legal e Deontologia. A seleção se deu basicamente através de títulos, mediante a avaliação dos “méritos técnicos dos candidatos”, conforme foi descrito no edital.

Foram escolhidos os seguintes professores que tomaram posse em 9 de abril de 1962, em uma das salas da Faculdade de Odontologia: Naum Keiserman (Biofísica); Marcondes Dias Ribeiro (Fisiologia); Manoel Alberto Gomes Maia (Parasitologia); Dyrrio Gorgot (Microbiologia e Imunologia); Amílcar Goyheneix Gigante (Clínica Médica); José Amaral Braga Filho (Clínica Cirúrgica); Guilherme Procianoy (Pediatria e Puericultura); Paulo Crespo Ribeiro (Ginecologia e Obstetrícia); José Domingues Assis (Dermatologia); Mário Ferreira Coutinho (Neurologia); Joaquim da Silva Nunes (Psicologia Médica e Psiquiatria); Isaac Levin Piltcher (Oftalmologia); Miguel Levin Piltcher (Ortopedia); Vinícius Belchior Salengue (Clínica das Doenças Infecciosas e Parasitárias); Ernani Saldanha de Camargo (Higiene e Medicina Preventiva) e José Ludovico Maffei (Medicina Legal e Deontologia).



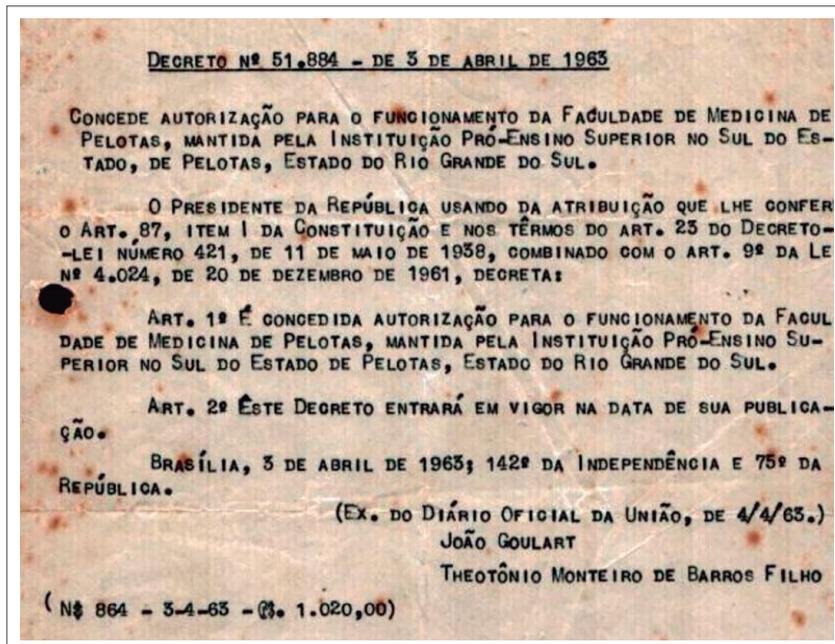
Reprodução da Declaração de Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas por parte da IPESSE, em 29 de novembro de 1959.

Fonte: Acervo do NDH-UFPEL.



Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, na solenidade de Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas, em 29 de novembro de 1959.

Fonte: Acervo do NDH-UFPeL.



Cópia do Decreto nº 51.884, de 3 de abril de 1963, autorizando o funcionamento da Faculdade de Medicina de Pelotas.
Fonte: Acervo do NDH-UFPel.

Sabia-se que haveria dificuldades para o preenchimento de todas as vagas, uma vez que era uma faculdade que recém estava se constituindo. O fato é que com o passar do tempo, à medida que o curso ia se desenvolvendo foram sendo incorporados vários outros professores, tanto assim que durante as aulas da primeira turma, segundo Edson Holthausen²⁵, atuaram quarenta e cinco professores.

Retomando a reunião de 9 de abril de 1962, na Faculdade de Odontologia, nesse dia foi constituída a lista tríple para o cargo de Diretor, que ficou assim definida: Naum Keiserman, Paulo Crespo Ribeiro e Manoel Maia. Logo em seguida, no dia 15 do mesmo mês, foi publicada portaria com a nomeação de Naum.

No ano seguinte, justamente quando o curso começaria com a sua primeira turma, o jornal Diário Popular (10 de fevereiro de 1963, p. 1) anunciou que havia sido aprovado pelo Ministério da Educação o funcionamento da Faculdade Leiga de Medicina. O decreto de autorização de funcionamento, assinado pelo Presidente da República, João Goulart, data de 3 de abril de 1963 (Decreto n. 51.844). O edital de chamamento de alunos logo foi divulgado (D. P., 9 de abril de 1963, p. 1), constando cinquenta vagas. Através de notícia publicada no mesmo jornal, sabe-se que os inscritos (no total) foram 150²⁶ e que não haveria segunda chamada.

Uma das primeiras técnico-administrativas que atuou na Leiga foi Ignez Therezinha Schiavo Zuchelo. Ela tinha formação como contabilista e foi convidada pelo Dr. Naum para secretariar o curso, iniciando a tarefa em abril de 1964

e chegando a ir ao Rio de Janeiro com a intenção de ver a tramitação sobre o reconhecimento do curso. Um outro nome que aparece no início das atividades é o de José Lucas Ribeiro Leal, que exercia as atividades no Instituto Anatômico, auxiliando as dissecações. Para Rosa (2018a, p. 57), de tanto acompanhar esse procedimento ele era considerado “quase professor de Anatomia”. Foi entrevistado Renato Luís Tavares, que começou a atuar na IPESSE aos 18 anos quando era estudante de Contabilidade, passando a ser contador posteriormente. Ele esteve vinculado ao curso de Medicina entre 1966 e 1974 quando foi transferido para a Reitoria da UFPel. Um outro nome que aparece em função específica é Altair Delfino da Rocha Faes, com formação em Física, que com o tempo e a partir de mudança de legislação, passou a atuar como físico-médico desenvolvendo suas atividades no serviço de radioterapia, ao planejar, com o médico, o tratamento dos adoentados. Altair começou em 1989 na Leiga, mas antes esteve ligado ao hospital Santa Rita, vinculado à Santa Casa, em Porto Alegre. Uma servidora técnico-administrativa entrevistada que continua trabalhando ainda hoje na Leiga é Nilza Maria Lopes, que ingressou, mais recentemente, em 1994. Durante alguns anos atuou, concomitantemente como técnica de enfermagem, em ambientes hospitalares. Ela é uma das servidoras mais homenageadas pelos alunos, por sua simpatia, conhecimento e disponibilidade.

O CONTEXTO DO BRASIL À ÉPOCA

No dia 31 de março de 1964 se iniciou uma ditadura civil-militar no Brasil que trouxe inúmeros impactos sob vários aspectos sociais, inclusive na área da educação. A Universidade Federal de Pelotas foi fundada no ano de 1969 dentro desse contexto repressivo que se instalara no país a partir dos chamados Atos Institucionais, os quais legitimavam a violência do Estado.

Ainda que o processo de federalização da Leiga tenha se constituído anos mais tarde, como se verá adiante através dos documentos e das narrativas construídas, percebe-se o quanto o regime de exceção influenciou o novo curso que se organizava, tanto no período em que era privado quanto no momento que passou a fazer parte da UFPel. Para Motta (2008, p. 32): “No seu eixo conservador, a política do regime militar para as Universidades implicou o combate e a censura às ideias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante – e, naturalmente, reprimiu e afastou dos meios acadêmicos os seus defensores [...]”.

No ano de 1969, foi publicado o Decreto número 477²⁷, que definia infrações disciplinares a alunos, professores, funcionários e empregados em instituições de ensino públicas e particulares e suas penalidades. Por infrações eram consideradas, por exemplo, paralisação de atividades, organização de movimentos, impressão ou distribuição do que era chamado de material subversivo. O decreto anunciava, ainda, as penalidades que podiam chegar à demissão de professores

e funcionários e o desligamento de alunos ou perda da bolsa de estudo, quando fosse o caso. A apuração se daria através de rito sumário, em um prazo improrrogável de vinte dias.

Edson Holthausen (ATM²⁸ 1968), que depois veio a ser o primeiro presidente da Associação dos Docentes da UFPel (ADUFPel)²⁹, conta sobre o momento a partir do qual houve a proibição à existência dos diretórios acadêmicos e a perseguição a alguns alunos que tinham participação política em órgãos e instituições. “Nós tivemos colega que se formou na Rússia. Nós tivemos colega que esteve preso no Nordeste”, diz ele.

Um outro nome que apresenta um pouco desse período é o de Farid Nader, formado na Leiga (ATM 1969), depois professor (entre 1971 e 2013) e diretor, por dois mandatos (2005-2008 e 2009-2013). Em entrevista ao jornal Sinapse³⁰, de janeiro de 2014 (p. 6), ele assim diz sobre o período inicial de sua graduação e sua trajetória profissional:

Nós tivemos 20 e poucos dias de trote e depois foi tudo cancelado. Na época da ditadura a desconfiança era geral, pois medidas eram tomadas sem consultar ninguém ao livre arbítrio pelas pessoas que estavam no comando, havia uma desconfiança por ter pessoas infiltradas nas salas de aula que denunciavam as atitudes e atividades, éramos muito vigiados. Fui cassado, alguns diziam que era uma honra, pra mim não, foi um cerceamento de liberdade, amigos e professores meus da faculdade de medicina foram torturados.

Farid segue a narrativa comentando sobre a sua formatura:

Para vocês terem uma ideia, minha turma que foi a segunda a se formar, e não tivemos formatura, foi a única turma de mais de 70 turmas que já se formaram, que não teve a oportunidade de colar grau solenemente, pois o paraninfo era cassado – o professor Amílcar Gigante escolhido no 5º ano – e após a escolha veio a determinação de que ele não poderia participar de nenhuma solenidade pública, a nossa turma então rachou, alguns quiseram trocar de paraninfo para ter a solenidade e outra parte queria manter, evidente que pela grande amizade que tinha com o Amílcar Gigante optei por manter, votamos pela troca ou não de paraninfo com a presença do exército em sala de aula e ganhamos a votação por dois votos de diferença, mantivemos o paraninfo e não colamos grau no Guarany, recebemos o nosso certificado das mãos do Dr. Naum Keiserman no DANK³¹, mas depois fizemos uma bela duma festa num clube e daí o Amílcar foi.

Para ele, um dos grandes presentes que Amílcar ofereceu aos formandos foi a chamada “Última aula aos doutorandos de 1969 da Faculdade de Medicina de Pelotas”,

a qual ele qualifica como uma preciosidade. No texto, Amílcar fala sobre a importância da Medicina e revela as dificuldades do fazer médico. Segundo o paraninfo:

A inexorabilidade da morte já de início marca o limite para nossas ambições, para os desejos máximos de nossos semelhantes. Esperam que sejamos onipotentes, sentimos o desejo de ser onipotentes e, a menos que sejamos totalmente irresponsáveis, temos sempre, a cada instante, a plena convicção das limitações de nossa capacidade. A certeza de não ser contrapondo-se à intensidade da expectativa de que fôssemos e do nosso desejo de ser.

Perguntado em entrevista realizada no dia 6 de outubro de 2022 sobre o professor que mais o havia marcado no período da graduação, Farid não titubeou ao dizer Amílcar. Questionado sobre o que ele tinha de tão especial respondeu: “Tudo. Era gente e gostava de gente. Para trabalhar com gente precisa gostar e ele gostava da profissão e repassou isso para todos nós”.

Petrucci (2018, p. 111) comenta a mesma situação vivenciada pela ATM 1969 ao lembrar os debates sobre se manteriam ou não o paraninfo Amílcar Gigante. Segundo ele: “[...] A turma a favor da escolha de outro paraninfo era forte, muitos não gostavam do Gigante por causa de suas posições políticas, e muitos tinham outras razões perfeitamente aceitáveis”. Para ele, no entanto, era fundamental mantê-lo, pois tratava-se de “um homem que não vendeu sua alma” (p. 112)

No ano seguinte (ATM 1970), situação parecida vivenciada por Farid e Petrucci aconteceu também no momento da formatura. Para Zulce Motta, primeira mulher oradora da FAMED, em entrevista ao jornal Sinapse, de novembro de 2011, p. 11, o ato foi conturbado:

Nossa formatura ocorreu em plena fase da ditadura militar e havia seus representantes no ato, inclusive compondo a mesa da solenidade. Na plateia, encontrava-se nosso Homenageado de Honra, Dr. Amílcar Gigante, impedido de subir ao palco por ser “cassado político”. No discurso de oradora, usei uma frase de Voltaire que, subliminarmente, o engrandecia e os militares sentiram-se atingidos. Quando findou o ato de formatura havia um camburão do DOPS para levar-me para prestar depoimento. Felizmente, meu marido (na época, namorado), que já tinha passagem por aquele Departamento, ajeitou as coisas e pudemos desfrutar do meu baile com alegria e tranquilidade.

O trecho, a que refere Zulce, foi publicado pela mesma edição do jornal e rende homenagens de admiração a Amílcar Gigante, que não pôde estar no palco para a solenidade.

[...] Procuraremos ter presente, a todo momento, vossos ensinamentos e, mais do que isso, vosso exemplo de dignidade humana, de profissional correto, de homem de ciência e de professor emérito. Vós soubestes enfrentar as situações difíceis, sem perder nunca a altivez e a hombridade. E mantendo sempre a serenidade, destes, quicá sem o saber, vossa mais brilhante aula. Para vós, deixamos nossa homenagem, fazendo nossas, as palavras do grande filósofo: 'Os homens que considero grandes', dizia ele, 'são aqueles que se distinguiram como seres úteis e construtores; os outros – que pilharam e conquistaram províncias, eu os trato, apenas de heróis'.

Nas narrativas de Farid, Petrucci e Zulce se percebe a presença constante do aparato repressor no cotidiano da faculdade. Farid chama a atenção para isso quando revela que, no momento que discutiam se manteriam ou não o paraninfo, o exército observava a deliberação dentro da sala de aula. Petrucci conta um episódio sobre ele próprio ter sido conduzido ao quartel, tendo em vista sua participação em movimentos estudantis; já Zulce enfatiza o fato de que o exército compunha, inclusive, a mesa de honra, como convidado no ato solene da formatura.

Farid também comenta, em entrevista realizada no dia 6 de outubro de 2022, que um colega seu, da primeira turma, Heitor Bandeira de Paola, perdeu um ano da faculdade por ter participado de um Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE)³² à época. Segundo Farid, ele foi cassado e esteve preso, se formando posteriormente.

O próprio Farid foi vítima da ditadura quando ocupava um cargo na Fundação Universidade de Rio Grande (FURG)³³, uma vez que no dia 31 de maio de 1974 ele foi sumariamente afastado de suas funções de professor. Segundo ele: “Por ter um contato próximo aos alunos de certa forma fui discriminado e, inclusive, perdi o emprego lá, mas depois fui anistiado, na época do Presidente Sarney”.

Relacionado a esse período, dois nomes aparecem de forma reiterada nas narrativas: Amílcar e Kurt. Amílcar Goyheneix Gigante nasceu no dia 3 de junho de 1929 e faleceu em 18 de outubro de 1998, justamente na data em que é comemorado o Dia do Médico. Graduiu-se no ano de 1952 pela Universidade Federal do Paraná e foi nesse lugar que iniciou sua trajetória acadêmica como professor de clínica médica e, depois, diretor do Hospital de Clínicas. No ano de 1964, a partir do Decreto de 8 de junho foi expurgado e proibido de lecionar. A perseguição se deu por ser membro do Partido Comunista. Segundo o jornal da Associação de Professores da Universidade Federal do Paraná (2010, s.p.), o ato foi uma perseguição já que “os professores José Rodrigues Vieira Neto, Amílcar Gigante e Reginis Prochmann são aposentados compulsoriamente pelo regime militar”.

O nome do professor Amílcar aparece desde o ano de 1965 como docente da Leiga. Sem ter mais como atuar no Paraná ele retornou a Pelotas, sua cidade natal e logo foi convidado por Naum Keiserman para fazer parte do curso que estava se constituindo. Amílcar podia dar aulas na FAMED, em seu início, pois tratava-se



Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Quadro oficial da galeria de ex-Reitores da UFPel. Acervo UFPel.

N.º de inscrição 52	CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA ESTADO DO PARANÁ	
Data da inscrição 23.4.48		
Data da foto 1957		
Nome D.º AMILCAR CORHENEIX GIGANTE	Ultimo sobrenome GIGANTE	
Filiação ANTONIO GIGANTE E ANTONIETA S. GIGANTE	Estado civil CASADO	
Data do nascimento 3 - 6 - 1929	Côr BRANCA	Nacionalidade BRASILEIRA
Natural de PELGATAS - R. G. do Sul	Residência NUNES MARCHELO 266 Ab. 7	
Diploma expedido em 1953	ESTADO DATA	pela Faculdade de Medicina do PARANÁ 30
Título Médico	Carteira identidade NUNES MARCHELO 266 Ab. 7	
Local onde exerce a profissão CURITIBA - PARANÁ		
Mudanças de residência		
Transf. C.R.M. R.G. Sul em 9-2-65 - Def. 11/65		
		Polegar direito

Ficha de inscrição do Dr. Amílcar Gigante no CRM do Estado do Paraná.

Fonte: Acervo do Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná.

de uma instituição particular. Sua situação muda a partir do Ato Institucional número 5 de 1968, quando há um endurecimento na Ditadura Militar e ele é impedido de lecionar. Luciana Gigante, sua filha, formada na UFPel (ATM 1980), que não pôde ter aulas com Amílcar, reflete sobre este período assim dizendo: “O pai sempre trabalhou. Ele só perdeu o emprego na Universidade. Ele tinha consultório, tinha INSS³⁴, então ele nunca perdeu renda e a mãe com cinco filhos, ela não tinha como trabalhar”.

Já no ano de 1979, tendo em vista a Lei da Anistia, que construiu o caminho para o fim da ditadura, pôde retornar à sua função como docente, agora na Universidade Federal de Pelotas, pois a Faculdade de Medicina tinha sido federalizada em 1978.

O interessante é que Amílcar, numa espécie de “retratação histórica”, chegou ao cargo máximo que um professor pode ocupar em uma Universidade, o de Reitor em 1989, ao liderar um grupo intitulado Construção, o qual venceu um pleito bastante disputado, a partir do voto paritário de toda a comunidade acadêmica.

Luís Benvegnú, formado na Leiga (ATM 1989), relembra um pouco desse contexto ao assim comentar:

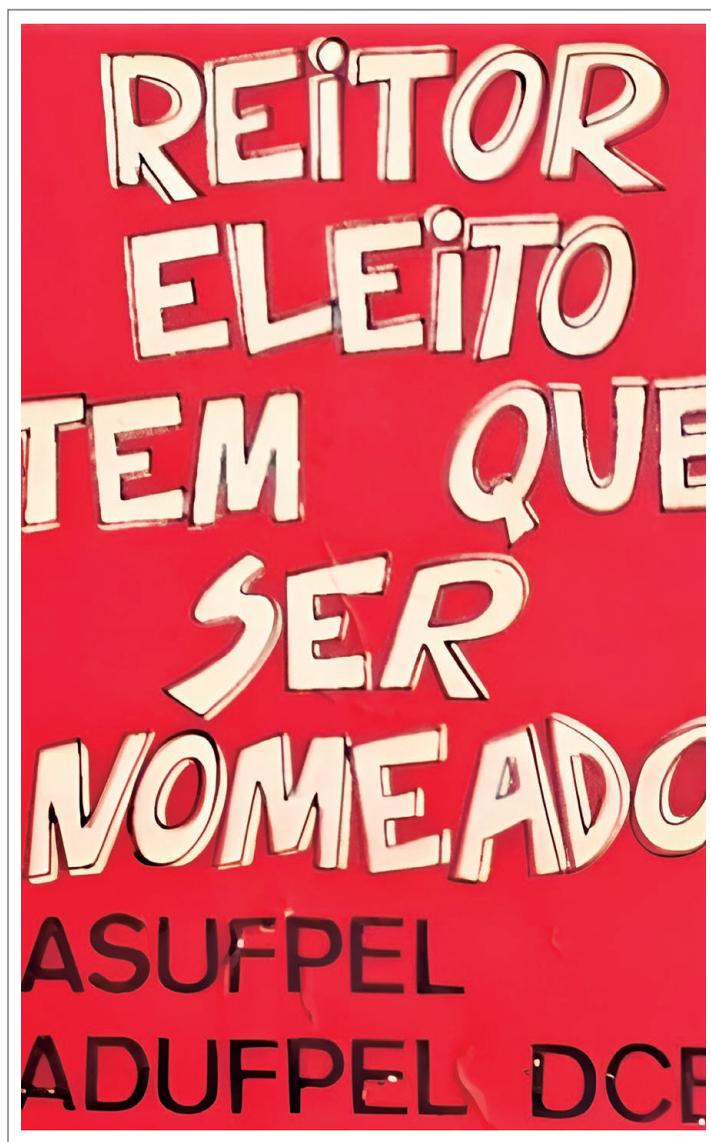
A gente tinha muito presente esta questão da democracia, pelo contexto do que vivíamos na Universidade e no país, da redemocratização [...]. Então a gente via a possibilidade de eleger um reitor como uma coisa fundamental [...]. A comunidade universitária, que era dividida nos três segmentos de estudantes, servidores e professores esteve envolvida nisso. Eu, nesse cenário, era tesoureiro do Diretório Central de Estudantes e participava ativamente [...]. O presidente da Associação dos Professores era o Facchini³⁵, que era da Medicina [...].

Benvegnú segue sua fala enaltecendo a importância que foi escolher Amílcar Gigante como candidato, naquele contexto, já que era “uma pessoa que tinha uma visão de sociedade muito ampla, que tinha uma visão da Medicina muito social”.

De todo modo, para ele, que era estudante à época, o processo eleitoral transcorreu bem, mas houve dificuldades para que Gigante fosse nomeado pelo MEC, tanto assim que foi preciso um movimento para que isso acontecesse, que se intitulou: “Reitor eleito tem que ser nomeado”.

Nesta gestão da Reitoria, a parceria entre Amílcar e Naum também se fez presente, já que o antigo diretor da Leiga foi assessor especial do reitor Amílcar durante o período em que esteve à frente da UFPel.

Amílcar foi citado por vários entrevistados, conforme se verá pelas páginas deste livro. César Victora, formado na UFRGS (ATM 1976), assim diz sobre o colega em sua narrativa: “O Gigante era um orador brilhante. Ele era um professor que dava



Cartaz da campanha "Reitor eleito tem que ser nomeado".
Fonte: Acervo pessoal da autora.

uma aula que terminava e a gente ficava babando. Eu nunca fui aluno dele, porque não estudei aqui, mas assisti algumas aulas dele, algumas conferências e ele era muito culto, ela falava muito bem. Era um clínico maravilhoso”. Renato Barbosa Xavier, formado na Leiga, na ATM 1971 e professor na cadeira de Ortopedia, a partir de 1974, também elogia o professor (e depois colega) ao dizer: “Amílcar era muito inteligente, o QI dele era fora do normal”.

Kurt Kloetzel³⁶, por sua vez, aparece também em várias narrativas, algumas vezes como um visionário, em outras como uma pessoa difícil de lidar. Ele tem uma trajetória próxima a de Amílcar no que se refere à perseguição política durante a ditadura civil-militar. Nascido no ano de 1923, em Hamburgo, Alemanha, faleceu em Pelotas, em 2007. Ele era formado em Engenharia e, depois, graduou-se em Medicina na USP, em 1955, mesma instituição que o acolheu como docente anos mais tarde. Bastante inquieto atuou em diferentes áreas e em várias regiões do Brasil e do mundo, sendo consultor da Organização Mundial da Saúde na década de 1960.

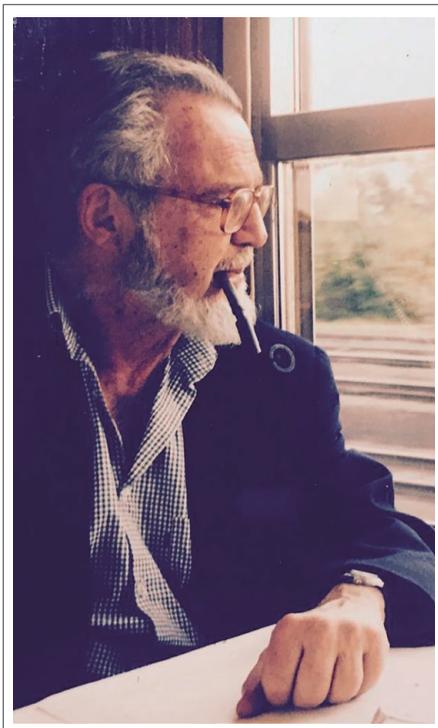
Sobre inspirações que teve em sua carreira, César Victora comenta no Jornal Sinapse (2016, edição 17, p. 6): “[...] Vim para Pelotas por causa do Kurt Kloetzel, um médico e cientista extremamente inovador que criou o Departamento de Medicina Social, o qual mais tarde originou o Centro de Pesquisas Epidemiológicas”³⁷.

Retomando o período ditatorial, Hochmann (2014) abordou as perseguições ocorridas na USP após o Golpe de 1964. Segundo o autor, um grupo de acadêmicos denunciou aqueles professores que seriam comunistas na Universidade, solicitando “ações urgentes e eficazes para acabar com o ‘poderoso núcleo sino-bolchévico’”³⁸ (grifo no original) que teria se instalado naquela instituição (p. 26). O maior número de professores perseguidos estava na Faculdade de Medicina, e dentre os nomes denunciados, constavam os de Kurt e de sua esposa, à época, Judith³⁹.

Tendo em vista o golpe e a cassação de direitos de diversos cientistas, Kurt pediu demissão da USP e se mudou para os Estados Unidos, permanecendo naquele país por pouco tempo. Ao retornar ao Brasil, em seguida começou a atuar em Mogi das Cruzes, local em que foi professor e, logo esteve em Londrina, para ali também exercer o magistério. No ano de 1976, foi convidado por Naum para se fixar em Pelotas, o que fez, compondo o grupo de professores da FAMED. Ele foi o fundador do Departamento de Medicina Social, no ano de 1977⁴⁰, conforme já dito, e influenciou gerações de médicos com seus livros e a defesa do que só viria a se constituir apenas no futuro, a saber, o Sistema Único de Saúde (SUS) e a Estratégia de Saúde da Família (ESF).

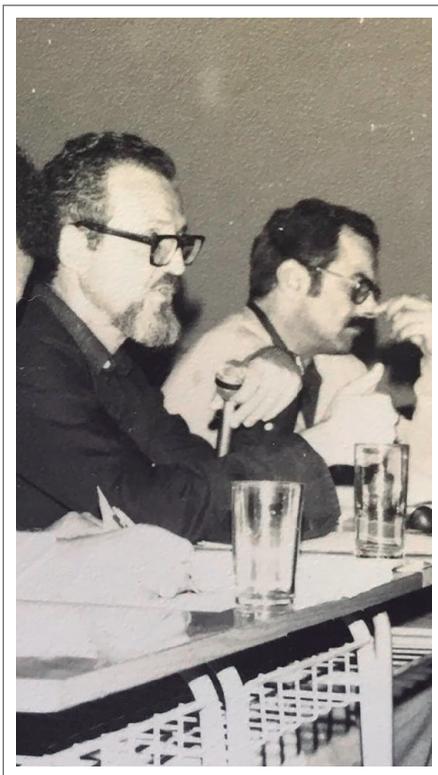
O PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO DO FUNCIONAMENTO E A LUTA PELO RECONHECIMENTO DO CURSO

A autorização do funcionamento da Faculdade Leiga deu-se no dia 3 de abril de 1963 (Decreto n. 51.884)⁴¹, mas para isso foi necessário o envio de uma série



Dr. Kurt Kloetzel.

Fonte: Acervo do Departamento de Medicina Social / FAMED-UFPeL.



Dr. Kurt Kloetzel e Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Acervo do Departamento de Medicina Social / FAMED-UFPeL.

de documentos no ano anterior. O primeiro⁴² deles apresentava um preâmbulo com a história da IPESSE, além da identificação de seis pontos: comprovação de existência legal e de uma satisfatória capacidade financeira, a partir da qual era anexado o ato de fundação da IPESSE e fotografias sobre o evento, além da certidão do registro de imóveis; certidão de dotação orçamentária implementada pelo governo municipal e comprovantes de depósitos bancários. O segundo item fazia uma descrição das instalações físicas, bem como dos hospitais existentes para a atuação. Nesse tópico é evidenciado que com o prédio principal havia um grande terreno disponível, o qual poderia abrigar várias construções em futuro próximo.

Já na lista de hospitais, embora se saiba, pelos relatos orais, que no início não foi possível utilizar a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas⁴³, tendo em vista uma greve de médicos que criou tensões na categoria, o hospital é listado assim como a Sociedade Portuguesa de Beneficência, Sanatório São Miguel Ltda. (moléstias mentais), Sanatório Espírita (moléstias mentais) e Sanatório Veloso.

Sobre este movimento relacionado à Santa Casa, o Dr. Carlos Karam, em sua narrativa, comenta o seguinte: “Em 1960, na transição para o ano novo, o grupo que trabalhava no Pronto Socorro da Santa Casa se rebelou contra a direção e, no momento, achou por bem se demitir. Então saímos em grupo, compreende? Faltou diálogo”. Karam aborda que o serviço era bastante obsoleto e que não foi uma greve, mas um rompimento de relações trabalhistas, tendo em vista as condições de trabalho. Segundo ele, houve, inclusive, apoio das associações médicas de Pelotas e do Estado do RS, o que fica evidenciado por notícia publicada no jornal D. P., de 13 de janeiro de 1961, p. 1, na qual foi dito que a carta com o pedido de desligamento de trinta e dois médicos teria sido entregue pelos médicos Salvador Ferreira e Naum Keiserman, que representavam a Associação Médica do RS. De todo o modo, tal situação trouxe problemas para que a Leiga, nos seus anos iniciais, conseguisse espaços hospitalares necessários para a formação de seus médicos.

O terceiro item envolvia a organização administrativa e didática e procurava enfatizar a formação técnica relacionada, especialmente ao corpo docente. A administração da Faculdade seria feita por cinco pessoas, a saber: diretor Dr. Naum Keiserman; secretário: Francisco José Passos; tesoureiro: Dr. Guilherme Soibelman; contador: Dr. José Silva de Araujo e auxiliar: José Luís de Mascarenhas Muccillo. Foi ressaltado que a Faculdade se organizaria por departamentos e a partir de vinte e duas cátedras. Segundo o documento, nos cinco anos iniciais aconteceriam as disciplinas e, no último ano, haveria a prática em regime de internato. Para comprovar a formação técnica dos professores foi anexado o currículo de cada um deles, um atestado de idoneidade moral, comprovante de residência, além do compromisso de assumir a vaga pleiteada através de seleção pública. Em algumas situações havia outros atestados, como aqueles que vinculavam o médico a algum hospital; a colaboração em periódicos científicos e cargos representativos ocupados pelos docentes.

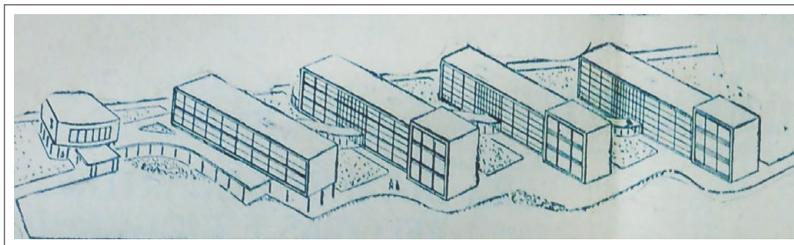
O quarto item apresentava o currículo segundo os “modernos preceitos do ensino médico” e listava os nomes dos médicos já apresentados no texto. Era enfatizado que nem todas as vagas foram ocupadas para docentes, mas que haveria auxílio de “técnicos ligados a diversas faculdades oficiais, de indiscutível competência”.

O quinto item explicava por que motivo foi fixado o número de cinquenta vagas para a primeira seleção de estudantes. No texto era dito que, apesar da ampla área disponível para a nova faculdade, foi limitado o ingresso a essas vagas, pois “é preciso levar em conta que o ensino das ciências médicas é individual, aluno por aluno, devendo-se, pois evitar excessivo número de estudantes que tornariam o ensino mais deficiente”. O documento segue assim dizendo: “Acrescente-se o fato que uma escola em início não poderá dispor de equipamento e pessoal em grande abundância e, nestas condições, julgamos que o número fixado permitirá um aprendizado altamente satisfatório”.

Já no sexto item constavam as prerrogativas culturais que fariam com que Pelotas devesse abrigar uma Faculdade de Medicina, além de aspectos geográficos, econômicos e educacionais que precisavam ser ressaltados para que fosse concedida a autorização de funcionamento. O texto chama a atenção para a importância do município já que era, naquele momento, o segundo do Estado, sendo um polo regional de saúde para várias cidades próximas da região sul. Do ponto de vista econômico, possuía um sólido parque industrial e um comércio forte, além de um setor de serviços expressivo. Mas é no aspecto educacional e cultural que o texto é mais enfático, pois ressalta o papel de alguns cursos universitários antigos como Agronomia, Odontologia e Direito. O afluxo de estudantes de várias cidades favorecia a construção de um ambiente cultural diverso, que poderia muito bem acolher outra Faculdade, também na área da saúde. E, assim, o texto da IPESSE procura finalizar o pedido de funcionamento:

É, pois, Pelotas, um centro universitário de maior importância no Rio Grande do Sul quer no número de suas instituições de ensino superior, quer pela eficiência com que as mesmas vêm cumprindo a sua missão, desde épocas passadas cheias de imensas dificuldades, cuja superação atesta o espírito das gerações pelotenses.

Após o início do funcionamento de uma graduação, é fundamental que esse curso seja reconhecido pelo Ministério da Educação, de modo que os diplomas concedidos aos formados tenham validade em todo o território nacional. Edson Holthausen (ATM 1968), por exemplo, diz em sua entrevista que havia um receio durante os anos iniciais de que a faculdade fechasse a cada final de ano. Tal fato se vinculava à fundação de duas faculdades ao mesmo tempo, em uma cidade



Perspectiva do que deveria ser a FAMED, a partir de estudos e projetos a serem implementados no terreno da Av. Duque de Caxias, 250.

Fonte: Jornal Diário Popular, 1 de dezembro de 1960.

Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

SANTA CASA CONCEDEU DEMISSÃO AOS TRINTA E DOIS MÉDICOS DISSIDENTES

Consumou-se, ontem, a demissão trinta e dois médicos que exerciam atividades ou estavam, de uma ou outra forma, vinculados à Santa Casa Misericórdia de Pelotas, e cuja notícia publicamos na última edição.

Pela manhã, conforme antecipamos, o dr. Salvador Ferreira, vice-diretor em exercício, e o dr. Naum Serman, secretário, da Sociedade de Medicina de Pelotas, por delegação da Associação Médica do Rio Grande do Sul, fizeram entrega à Mesa Administrativa provisória do hospital, de documento assinado por aqueles facultados dissidentes, contendo o pedido de demissão.

O ato teve lugar no salão de honra daquela instituição, sendo os representantes da SMP recebidos pela Mesa Administrativa provisória, tendo à frente o provedor, dr. Eugênio Martins Pereira.

À tarde, em reunião para tomar conhecimento de pedido, a Mesa Administrativa — segundo a reportagem feita em fonte extra-oficial, mas mui-

to bem informada — decidiu conceder a demissão solicitada.

Assim, consoante também anteriormente informamos, permaneceram em atividade no hospital os drs. Darcy Xavier (nome que, involuntariamente, omitimos no último noticiário sobre o assunto), Félix Caputo, João Felício Xavier, José Domingues de Assis, Vicente Martins Real, José Passos, Plínio Campeão Duarte, Plotino Duarte Neto, Augusto Guimarães Duarte, Rabêlo da Silva, José Dagoberto Moura e Samuel Duval da Silva.

Podemos, ainda extra-oficialmente, informar que a Santa Casa, como é óbvio, continua desenvolvendo suas atividades, no sentido que não sofreria interrupção de continuidade o atendimento dos serviços hospitalares.

PRONTO SOCORRO

Por outro lado, continuam funcionando normalmente os serviços de Pronto Socorro, atendidos pelos srss. João Xavier, José Domingues de Assis, José Dagoberto de Moura e Vicente Martins Real.

Notícia sobre a demissão dos médicos por parte da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Fonte: Jornal Diário Popular, 13 de janeiro de 1961.

Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

considerada pequena, como Pelotas. Carmen Maria Duarte (ATM 1968) também aborda a mesma temática, assim a descrevendo: “Existia uma certa competição, pois foram criadas duas faculdades com fontes diferentes e isso foi muito falado. Depois aconteceu que foram criadas ao mesmo tempo. Isso fatalmente criaria dificuldades de professores e hospitais”.

De todo modo, o reconhecimento da Leiga deu-se no dia 12 de outubro de 1966, através do Decreto nº. 59.381, publicado no Diário Oficial da União, bem antes, portanto, da formatura da primeira turma ocorrida no ano de 1968, conforme já dito.

Nas narrativas, fica claro todo o esforço feito pelos professores e estudantes no sentido de que houvesse o reconhecimento. Tal fato se expressa pelo não recebimento de salários de docentes nos primeiros anos do curso; a doação de livros e equipamentos pela comunidade; a realização de várias atividades com o intuito de arrecadação de fundos, como rifas e encontros artísticos e culturais, além das ações de integração como a que consta na notícia publicada pelo jornal Diário Popular de 5 de novembro de 1964, p. 2, que tem como título “Consultas e medicamentos gratuitos na Faculdade de Medicina da IPESSE”. O texto aborda o papel de benemerência social desenvolvido pela Leiga com a fundação de um consultório que funcionava nos dois turnos, no qual o paciente não tinha nenhuma despesa nem mesmo com os medicamentos e exames clínicos. Segundo a matéria: “os médicos encarregados das consultas não recebem nenhuma remuneração pelo trabalho. A farmácia, por sua vez, é suprida através de coleta feita pelos universitários junto aos laboratórios e clínicas médicas”. A intenção era de que a faculdade estivesse a cada dia mais inserida na comunidade local, ao compreender suas necessidades e propor alternativas de cuidado no campo da saúde.

A FEDERALIZAÇÃO

Conforme já abordado, o tema da federalização esteve presente nos primeiros debates sobre a organização da Leiga. Ocorre que alguns anos antes de 1963 havia se constituído um curso de Medicina em Santa Maria, que surgiu relacionado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que foi considerado à época, pelo reitor, Elyseu Paglioli, como um erro por não possuir as condições ideais de funcionamento. Para ele, em declarações feitas à imprensa, o melhor seria fundar um curso particular e buscar depois a federalização.

O caminho tomado pela IPESSE foi esse, ou seja, o curso de Medicina iniciou como particular e pago, sendo que as mensalidades dos alunos financiavam parte da estrutura necessária para que se tivesse uma boa formação. Em um documento constante do acervo da Dra. Gleide é dito assim sobre o item mensalidades: “O pagamento é feito à base de 7 salários-mínimos da região⁴⁴, incluído matrícula, taxas etc., sendo que, por ocasião da matrícula, será cobrada a primeira mensalidade”. Havia, também, verbas federais e municipais, mas que não conseguiam suprir todas as demandas.

Nas narrativas de entrevistados e ainda na imprensa, era destacado que vários médicos atuavam em sala de aula sem nada receberem nos dois anos iniciais, e os que passaram a ter rendimentos, recebiam salários simbólicos. Apenas os catedráticos tinham proventos de cerca de 250 cruzeiros novos por mês⁴⁵.

Mas havia professores de fora como de Porto Alegre, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro que precisavam ter algum rendimento. Junte-se a isso a necessidade de laboratórios e seus insumos e o estabelecimento de convênios com hospitais e vê-se como eram indispensáveis recursos, que só aumentavam com o passar do tempo. Apenas como exemplo, pode-se citar o caso dos professores. Se no início eram vinte e dois os docentes, no ano de 1968, quando se formou a primeira turma, já eram setenta e cinco aqueles que atuavam. O tema da federalização, portanto, nunca deixou de estar na pauta, especialmente depois do ano de 1969 quando houve a fundação da UFPel.

Segundo Loner (2017, p. 280), a UFPel “foi oficialmente criada pelo decreto-lei nº. 750, de 8 de agosto de 1969, como parte do plano de expansão e interiorização do ensino superior elaborado pelos governos militares. Entretanto, suas origens se mesclam com a história da cidade de Pelotas [...]”. A autora afirma que os primórdios da Universidade se vincularam a estruturas como a do Lyceu de Agronomia, Artes e Ofícios, fundado no século XIX, o qual permitiu a organização da Agronomia e da Veterinária, além de graduações como Ciências Domésticas, Odontologia, Direito, Escola de Belas Artes, Conservatório de Música e Faculdade de Medicina.

Naum (KEISERMAN, 2018, p. 35 e 36) revela que já em 8 de agosto de 1969, quando foi fundada a UFPel, constava em seu Estatuto de criação a agregação da FAMED.

A agregação tem um significado de associação cultural, inclusive com assento do diretor no Conselho Universitário. Não tem, porém, qualquer vinculação didática ou financeira. O Reitor da Universidade, Prof. Delfim Mendes Silveira, porém, em seu espírito universitário, tratou logo de proporcionar facilidades à escola agregada. O serviço de engenharia da Universidade assumiu por inteiro a supervisão de obras da Faculdade, desde os projetos até a construção, passando pelas concorrências, sem qualquer ônus para a IPESSE. Paulatinamente, professores da área básica foram sendo contratados para os Institutos da Universidade e designados para lecionar na medicina, desobrigando-a do pagamento dos vencimentos. A Faculdade continuava particular e como tal, recebendo anuidade dos alunos, o que aliviava os problemas financeiros e facilitava a aquisição do material.

Retomando o tema da federalização, há versões diversas sobre como se deu. Enquanto alguns professores entrevistados ressaltam que toda a comunidade tinha interesse no processo por vários motivos – dentre eles o não pagamento das mensalidades; a incorporação dos docentes e técnicos como servidores públicos;

a manutenção e construção de novos prédios e a aquisição de equipamentos fundamentais para a profissão —, a alavanca detonadora do processo aparece distinta em algumas narrativas, especialmente de alunos.

Para discutir as versões apresentadas pelos discentes foram entrevistados quatro médicos formados pela UFPel que vivenciaram bastante de perto o processo da federalização: André Hypólito, Lucio Castagno, Ricardo Nogueira⁴⁶ e José Milton Mirenda. A narrativa dos discentes, à época, evidencia a importância que teve o movimento estudantil.

Em 1974 aconteceram eleições gerais no Brasil, durante o governo Ernesto Geisel, com uma expressiva votação no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o qual representava a oposição⁴⁷. Tal fato criou condições para a reivindicação de uma abertura política, a partir de uma organização da sociedade civil. Embora novas legislações tenham sido construídas com o intuito de perpetuar o regime por mais onze anos, criou-se uma espécie de rasgo que permitiu que grupos políticos se mobilizassem, como os estudantes, por exemplo.

André Hypólito (ATM 1981) conta sobre esse novo momento no país e na faculdade:

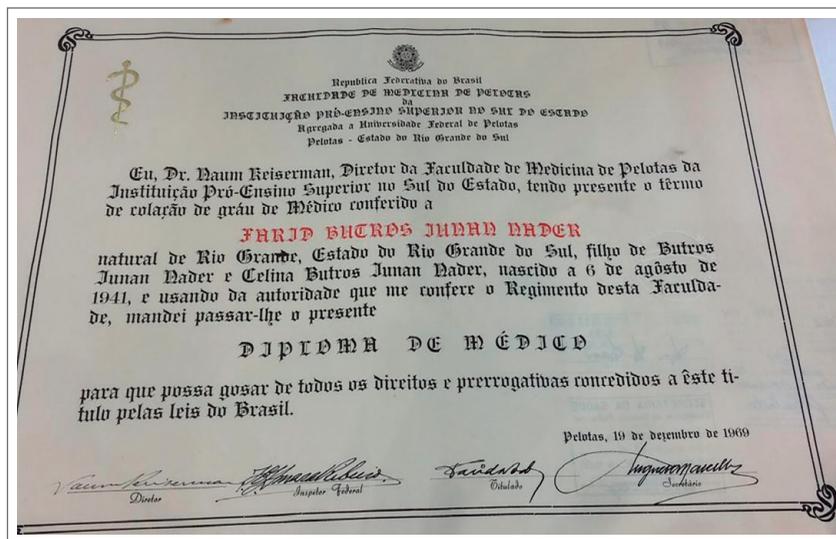
Já quando entramos começou um movimento muito grande pela federalização, porque havia vários alunos que não podiam pagar e se não pagasse não podiam fazer prova e nem a nota tua, se fizesse, não recebias. Então era terrível. Tinha uma inadimplência enorme. No início era mais a elite de Pelotas que estudava ali, mas depois começou a vir estudantes de fora e até estrangeiros e tinha muita gente que não era rica e era difícil de pagar. Então começou um movimento de aceleração pela federalização da faculdade por necessidade econômica e houve uma conjunção com o movimento político [...] era um período de regime militar. E eclodiu o movimento estudantil naquele período dentro da Faculdade de Medicina junto com outros cursos e a luta pela federalização foi a luta pela democracia dentro da faculdade. Isso ficou marcado. Tanto é que a nossa chapa, que ganhou o diretório acadêmico era “quem vota na chapa 2 da oposição, vota pela federalização”. Esse era o nosso lema. Daí ganhamos o diretório acadêmico e o Ricardo era o nosso presidente.

André também se refere a um acontecimento nacional que fez com que o movimento estudantil se fortalecesse no período, que foi justamente a expulsão de dezenas de alunos da UnB, muitos deles estudantes de Medicina, no ano de 1977⁴⁸, por participarem de atos que culminaram em uma greve contra a ditadura militar. Depois da expulsão ou suspensão dos estudantes, foram feitas mobilizações em todo o Brasil.

Algumas situações propícias à mobilização foram trazidas na entrevista de Ricardo Nogueira (ATM 1983), que foi presidente do DANK. Ele conta que na sua



Diploma do ano de 1968, expedido pela IPESSE.
Fonte: Acervo pessoal da Dra. Tania Labes Barcellos.



Diploma do ano de 1969, expedido pela IPESSE. Faculdade de Medicina aparece como “agregada à UFPel”.
Fonte: Acervo pessoal do Dr. Farid Nader.



Diploma do ano de 1979, expedido pela UFPel, um ano após a federalização.
Fonte: Acervo pessoal da Dra. Beatriz Pinheiro Franck.



Foto da campanha para o DANK "quem vota na chapa 2 da oposição, vota pela federalização".
Fonte: Imagem da internet. Página "Leiga - Medicina UFPel" no Facebook.

turma, por exemplo, tinham vários alunos do Paraná e que “por coincidência naquela época o ministro da Educação era o Nei Braga, que tinha sido governador do Paraná e o diretor de ensino superior era o professor Edson Machado de Souza, que era de Ponta Grossa”. Como alguns alunos conheciam os dois professores eles foram a Brasília fazer mobilizações com a intenção de acelerar os debates sobre a federalização em Pelotas, uma vez que a Medicina constava como agregada da UFPel. Para Ricardo, a federalização só foi possível pela mobilização dos alunos e, segundo ele, teria havido um fato detonador na FAMED, que foi a inadimplência de uma boa parte da turma de Anatomia que, ao não conseguir pagar, não teria recebido a nota e não poderia fazer a rematrícula.

José Milton Mirenda (ATM 1980), que, com o tempo, acessou a faculdade através de um crédito educativo⁴⁹, foi secretário do DANK e revela que ficou inadimplente e passou por constrangimentos. Ele enfatiza a importância das movimentações dos alunos para mudar aquela situação.

Lucio Castagno (ATM 1982), filho de um dos professores fundadores do curso, Sidney Castagno⁵⁰, também reflete sobre o tema das mobilizações em sua narrativa, afirmando que o Diretório acadêmico teve um papel muito importante naquela conjuntura. Para ele, as ações estavam relacionadas com as lutas contra a ditadura militar, conforme também foi dito por André. Como o DANK tinha recursos, advindos, sobretudo da boate que promovia festas lotadas, foi possível ir algumas vezes a Brasília e à Assembleia Legislativa do RS buscando realizar articulações políticas, além de se realizar shows e palestras com sociólogos, que debatiam questões vinculadas à universidade pública e às lutas pela democracia no Brasil.

Já a partir da documentação oficial da UFPel se pode compreender como o Conselho Universitário, órgão máximo da instituição, debateu a temática, cerca de dois anos antes dela efetivamente ser concretizada. Na reunião do CONSUN⁵¹, do dia 8 de junho de 1976, às 9 horas, o reitor Delfim Mendes da Silveira faz uma espécie de retrospecto do assunto, que já vinha sendo debatido em algumas instâncias da UFPel e assim consta na ata:

[...] a título de informações complementares, queria historiar todos os fatos que antecederam o processo, desde a contratação para a área básica, colocados à disposição da Faculdade de Medicina como uma forma de auxílio da Universidade, até o pedido de recursos adicionais ao MEC para atender as necessidades daquela Faculdade agregada. Discorreu longamente sobre o assunto esclarecendo, inclusive, as gestões que inúmeras vezes foram feitas junto ao MEC para a incorporação daquela Unidade à UFPel, e a tramitação de um processo que está no ministério desde quase a fundação da Universidade.

Já no dia 21 de junho do mesmo mês e ano, também pela manhã, o tema voltou a ser debatido. Naum e Leo estavam presentes à reunião do CONSUN e, quando

questionados se queriam a incorporação da Leiga pela UFPel, ambos responderam afirmativamente (p.11)⁵².

Por fim, em reunião do dia 24 de agosto de 1976⁵³, às 14 horas, o conselho, presidido por Delfim Mendes da Silveira e Alexandre Valério da Cunha (vice-reitor) e tendo a presença de Naum Keiserman, abordou novamente o assunto federalização, visando construir um desfecho para o tema. Para isso, o professor Alberto Sousa, que havia ficado de elaborar um parecer conclusivo, o apresentou durante o encontro.

O relator, professor Alberto, já no início de seu discurso, afirmou que a plena integração da Faculdade em caráter permanente é “medida imperativa, urgente e do mais alto interesse para as duas entidades” (p. 98), IPESSE e UFPel. Foi ressaltado o trabalho efetivado pela IPESSE, destacando-se todo o mérito que havia naquilo que tinha sido concebido e executado ao longo dos anos. Na explanação do relator, foi dito que [...] “é agora chegada uma nova etapa em que a expansão obtida pela Faculdade de Medicina e a necessidade de, no futuro, ainda mais incrementar esse crescimento, estão a exigir sua definitiva incorporação à universidade” (p. 99). Sobre os procedimentos de incorporação, verificou-se que o melhor seria a extinção da IPESSE, realizada através de assembleia, e a incorporação de todo o patrimônio à UFPel. O chamamento para a assembleia geral extraordinária feito pelo secretário da entidade, Miguel Barcellos, aconteceu no dia 3 de setembro de 1976, pelas páginas do jornal D. P. e teve apenas dois itens para a ordem do dia: incorporação da Faculdade de Medicina de Pelotas à Universidade Federal de Pelotas e extinção da Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado.

No que diz respeito aos docentes e técnico-administrativos, eles deveriam ser recebidos pela Universidade, percebendo os mesmos salários e funções do quadro permanente da instituição. O maior debate deu-se com relação aos direitos dos docentes que precisavam, segundo o professor Naum, ser transferidos nas classes em que constavam na IPESSE e não em carreiras iniciais. Alguns conselheiros demonstravam preocupação se isso não diminuiria o quantitativo de docentes que caberia à UFPel, naquele momento. Um outro ponto, relacionado aos docentes, era o fato de que alguns professores da Medicina não eram concursados, mas tal situação também existia na UFPel, pois a maior parte dos ingressos, naquele momento, tinha se dado por convite. A reunião foi encerrada e reaberta no dia 26 de agosto de 1976, às 14 horas, e o ponto da federalização voltou em um longo debate que não teve encerramento, já que novo encontro foi chamado para o dia 30 de agosto de 1976, quando finalmente foi aprovada a incorporação da Medicina à UFPel. Depois de dirimidos os pontos de dúvida e se estabelecido um acerto para as tratativas com o MEC, o Dr. Naum Keiserman afirmou “sentir-se neste momento, como também se sentia o Conselho Universitário, um vitorioso. [...] Disse que ao início da árdua luta para criação da Faculdade de Medicina, a meta era chegar ao ponto em que hoje se está chegando. Que a escola pudesse um dia ser uma Universidade Federal” (p. 118).

Notícia publicada no jornal Diário Popular de 21 de novembro de 1976 afirmou que já se encontrava no Conselho Federal de Educação (CFE) o processo de transferência da FAMED à UFPel e a expectativa era de que o ato acontecesse em seguida. Tendo em vista todos os trâmites necessários, o termo de incorporação somente foi assinado no dia 7 de novembro de 1977 e o ato formal de federalização se deu no dia 30 de abril de 1978, conforme se pode ver pelas documentações existentes⁵⁴.

O aluno à época e hoje professor Lucio Almeida Castagno conta que no primeiro ano do seu curso, 1977, a instituição funcionava como uma universidade privada com o processo de federalização correndo em paralelo, embora o vestibular que ele tenha feito já tivesse ocorrido na UFPel. Tal situação se confirma tendo em vista que o primeiro ano ainda foi pago e, somente, com a federalização, as mensalidades cessaram.

Mas em matéria publicada no jornal Diário Popular de 31 de agosto de 1976, na qual se informa que a Medicina Leiga já fazia parte da UFPel, mesmo antes da federalização, é revelada a cobrança de uma pequena taxa por disciplinas ao listar as vantagens desse processo para os estudantes:

Entre as muitas consequências positivas, ressalta-se a de tornar o curso de Medicina acessível à faixa de estudantes mais carentes, uma vez que, atualmente, a mensalidade anda em torno de CR\$ 900.00. Incorporando-se à UFPel, os estudantes passarão a pagar a mesma quantia paga pelos universitários da UFPel que neste semestre ficou a CR\$ 30.00⁵⁵ por disciplina.

O mesmo assunto foi abordado no jornal D. P. de 7 de setembro de 1976 quando anunciou que as vagas para Medicina seriam disputadas no vestibular da UFPel e analisou as novas condições do curso: “Assim, os seus estudantes serão equiparados, para todos os efeitos, inclusive quanto a taxas de matrícula, aos demais alunos da Universidade, o que tornará o Curso de Medicina mais acessível a todas as classes sociais, independente de condições financeiras”.

Retomando o processo da federalização pelas atas do CONSUN se percebe uma plena vontade do Dr. Naum de que isso ocorresse, uma vez que nos inúmeros debates efetivados ele sempre propunha soluções para os problemas apresentados, os quais eram vários e diversos, tendo em vista ser necessários requisitos legais para um curso particular passar a federal. Ainda, desde o ano de 1969, quando a UFPel foi fundada, a Leiga já era agregada à instituição, inclusive com o assento do diretor no CONSUN, órgão máximo da Universidade. A fala de Naum, no entanto, evidenciava a preocupação que ele tinha com as pessoas que haviam contribuído com a Leiga ao longo do tempo. Ele foi uma voz firme na defesa de que os trabalhadores que tinham o acompanhado nos anos difíceis permanecessem com os seus direitos garantidos.

Leo Zilberknop, que depois veio a ser diretor da FAMED (1982-1985), aborda o assunto em sua entrevista e assim diz: “Olha que eu fui vice-diretor do Naum por muitos anos, compartilhava com ele todas as ideias que ele tinha a respeito do futuro da Faculdade. [...] A ideia sempre foi federalizar. Federalizar como? Através da UFPel”.

O próprio Naum fala explicitamente sobre o tema federalização em um depoimento que escreveu para um livro comemorativo aos 30 anos da UFPel.

Nós, médicos, sabendo das dificuldades financeiras para manter uma faculdade, entendemos que devíamos criá-la leiga, para que um dia pudesse ser federal; senão teríamos que andar a vida inteira de pires na mão, pedindo auxílio para mantê-la. (KEISERMAN, 1999, p. 52)

Talvez a relutância que alguns entrevistados apontem para o processo, em relação à postura de Naum Keiserman, se vincule ao fato de que ele não possuía garantias de que seria nomeado Diretor após a incorporação definitiva à UFPel. A hipótese do receio de Naum não ser escolhido diretor pós-federalização é observada na fala de Lucio Castagno, que assim disse:

Num certo momento, eu acho que o Dr. Naum não era muito pró-federalização, porque, de certa forma, envolvia perder a administração da coisa que ele criou. Impressão minha, posso estar cometendo injustiça, mas acho que a realidade das necessidades da faculdade e do curso e tudo o mais, convergiu para que a Universidade encampasse mesmo a Faculdade. A Faculdade de Medicina custava muito caro. Manter uma faculdade de Medicina só com as mensalidades dos alunos é difícil.

Ricardo Nogueira, que atribuiu um peso decisivo à mobilização dos estudantes no processo de federalização, também refletiu sobre essa perda de poder, assim dizendo: “O Dr. Naum era o dono da faculdade de Medicina. Então ele era o dono... A partir do momento que federaliza ele perde poder, não é?” José Mirenda também abordou o assunto, afirmando que: “[...] Sempre que tu vais ter um processo tu vais ceder coisas, tu vais perder poder”.

O receio se efetivou, pois o seu nome, mesmo constando em primeiro lugar na lista sêxtupla⁵⁶, não foi o indicado, mas sim o de seu colega, quarto da lista, que havia sido convidado por ele e pelo Dr. Amílcar a ministrar aulas na IPESSE⁵⁷, o Dr. Cláudio Borba Gomes – um cardiologista conhecido na cidade. Em várias narrativas aparece que o critério utilizado para a escolha foi eminentemente político e que a nomeação esperada era a do nome daquele que havia se empenhado para que a Faculdade se tornasse concreta, ao longo de vários anos.

De todo modo, Naum parece ter pensado em um objetivo maior que tinha marcado intensamente a sua vida e que envolvia ter uma faculdade de Medicina de boa

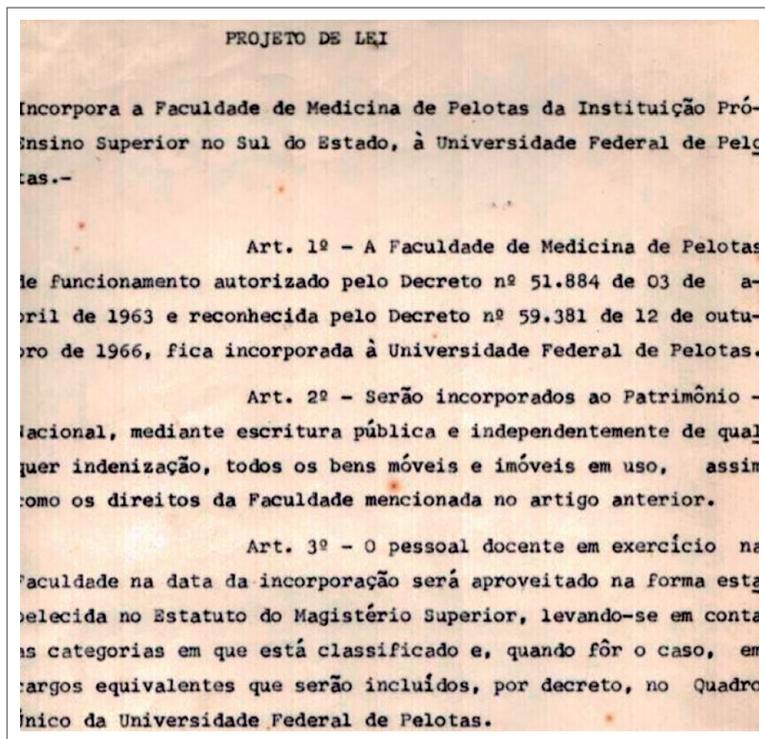
qualidade e que formasse profissionais cidadãos. O vínculo com a Faculdade foi tão forte que Naum vendeu a sua clínica de radiologia para se dedicar integralmente ao curso e apenas se aposentou quando foi preciso, através da compulsória, aos 70 anos de idade.

São várias as memórias sobre ele e o quanto era excepcional, como disse o professor Antonio César Borges, em sua entrevista. Mas algumas das falas mais carregadas de afeto vieram do professor Edson Holthausen, que atuou com ele na Faculdade, durante anos, realizando exames de raio X para o diagnóstico de tuberculose pulmonar e de outras doenças. Embora aborde sobre a rigidez de algumas posturas, aponta a sua tenacidade quando diz: “O Dr. Naum fazia milagres. [...] Ele saía no domingo daqui. Naquele tempo as viagens eram escassas e às vezes ele saía domingo à noite de Pelotas e quarta-feira estava de volta e já tinha conseguido um convênio, umas coisas assim”.

Sobre o método que utilizava para obter recursos, sorri ao lembrar: “Ele levava sempre passa de pêssego e, em vez de ir ao Ministério da Educação conversar com o Ministro, ele ia no segundo escalão ver o orçamento e ali ele descobria umas verbas”.

A passa de pêssego fazia todo o sentido para enaltecer a cidade em que estava inserida a Leiga. Pelotas é conhecida nacional e internacionalmente como a cidade do doce e o pêssego representa essa tradição doceira, atualmente declarada como Patrimônio Imaterial Brasileiro⁵⁸.

Hoje, o escopo da Faculdade de Medicina é mais amplo e abarca não só o curso sonhado e criado por Naum, mas duas outras graduações: Psicologia e Terapia Ocupacional, as quais conseguem ter um maior alcance na perspectiva de construir uma saúde integral, que observe não apenas o físico, mas aspectos relacionados à mente e ao estar em sociedade, compartilhando um mundo que deve ser usufruído por todos e todas.



Extrato do projeto de lei sobre a federalização da FAMED.
Fonte: Acervo do NDH-UFPeL.



Passas de Pêssego, doce tradicional de Pelotas feito a partir de pêssegos desidratados.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fontes Documentais:

- Clipping da Coordenadoria de Comissão Social da UFPel, do ano de 1976.
- Documentos pessoais da Dra. Gleide Bandeira Rosinha.
- Documentos da FAMED constantes no site do NDH/UFPel.
- Livro de atas do Conselho Universitário da UFPel (1973-1979).
- Notícias de jornais.

Fontes Orais:

- Entrevista presencial realizada com Edson Tadeu Holthausen, no dia 20 de setembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Farid Butros Iunan Nader no dia 6 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Renato Luís Tavares Oliveira, no dia 7 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Carmen Maria Duarte, no dia 12 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Antonio César Gonçalves Borges, no dia 14 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Altair Delfino da Rocha Faes, no dia 19 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Ignez Therezinha Schiavo Zuchelo, no dia 5 de novembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Lucio Almeida Castagno, no dia 9 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Ricardo Campos Nogueira, no dia 10 de novembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Carlos Karam, no dia 14 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Nilza Maria Lopes, no dia 16 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Beatriz Franck Tavares, no dia 17 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luís Antônio Benvegnú, no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Leo Zilberknop, no dia 7 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista presencial realizada com Renato Barbosa Xavier, no dia 14 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com André Luís Moreira Hypólito no dia 29 de dezembro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Ricardo Sanches Pereira, no dia 2 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luciana Gigante, no dia 12 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com César Victora, no dia 19 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com José Milton Cunha Mirenda, em 2 de maio de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



CAPÍTULO 2

OS PRIMEIROS TEMPOS

No dia 13 de dezembro de 1968, quando houve a formatura da primeira turma de Medicina da Leiga, foi publicada uma matéria no jornal Diário Popular fazendo uma espécie de retrato do que havia se passado naqueles últimos seis anos.

No texto, é dito que trinta e oito médicos e médicas estavam se formando em um ato no Teatro Guarany. Para a solenidade, o orador Gley Silva Pacheco Costa reconheceu, em seu discurso, especialmente a trajetória de oito professores: Amílcar Gigante, Abram Scaletsky, Breno Antônio Nunes⁵⁹, Darcy Abuchaim, José Amaral Braga Filho⁶⁰, Salvador Porres Ferreira⁶¹, Dyrrio Gorgot⁶² e Naum Keiserman, o paraninfo. No que diz respeito a Naum, a fala expressa que: “Mais do que justificada é a posição de paraninfo que hoje ocupa. Uma escolha unânime que brotou do reconhecimento da turma de formandos, os quais, ao prestarem a ele essa homenagem, aliam-se aos sonhos e aos anseios da classe médica de Pelotas de criar uma faculdade de Medicina” (COSTA, 2018, p. 65).

Na matéria do jornal consta a informação de que os custos da Leiga, vinculada à IPESSSE, eram provenientes de três fontes principais: anuidade, verbas federais e verbas municipais, sendo que o valor destas últimas era quase simbólico, uma vez que enquanto a prefeitura repassava 5 milhões de cruzeiros antigos ao ano, a folha mensal de pagamento era da ordem de 25 milhões de cruzeiros antigos.

Alguns dados demonstram um grande crescimento da faculdade ao longo dos primeiros anos de funcionamento. Para isso pode-se comparar, por exemplo, o quantitativo de professores no início (22) com o do ano de 1968 (75). Com relação aos docentes, era ressaltado o desprendimento que possuíam, uma vez que os médicos provenientes de Pelotas não receberam nada por seu trabalho durante os dois anos iniciais do curso e os que tinham rendimentos, os catedráticos, percebiam valores simbólicos para o cargo que ocupavam, ou seja, 250 cruzeiros novos ao mês

(como visto anteriormente, pouco mais de R\$ 3.800,00, em valores corrigidos para maio de 2023). Na notícia, era reafirmada a meta da administração do curso de, ao longo do tempo, aumentar o número de professores em tempo integral.

No tocante aos prédios, era informado que havia três, naquele momento, que se prestavam para as atividades cotidianas: o antigo prédio do Instituto de Higiene, sede da Faculdade; um outro construído em frente, que levava o nome de Instituto Anatômico⁶³ e, desde 1966, o curso contava com um hospital escola que funcionava na Beneficência Portuguesa e tinha, segundo o jornal, 50 leitos, sempre ocupados. O prédio foi construído pela IPESSE e depois de dez anos seria transferido para o patrimônio da Beneficência.

Keiserman (2018, p. 31-32) comenta sobre a união de esforços para a aquisição dessa ala do hospital:

Recursos para a construção não havia. Lançamos o 'Livro Ouro' que pouco rendeu. A solução encontrada foi a rifa de um automóvel, devidamente autorizada pelo Ministério da Fazenda. Passamos a vender as cartelas. Para os professores, a aquisição era obrigatória, inclusive com desconto em folha daqueles que já percebiam algum vencimento. Na data fixada, o número sorteado não fora vendido. Repetimos o sorteio. Novos bilhetes foram vendidos e, mais uma vez o número não fora vendido. Vendemos então o automóvel a um colega, o Dr. Nilo Conceição.

Leo Zilberknop, em sua narrativa, também aborda sobre os recursos iniciais e enfatiza a importância que teve o governador do Estado, Leonel Brizola, naquele contexto. Segundo ele, Brizola teria lançado “umas brizoletas, que era um papel, uma promissória, não sei em quantas vezes, para serem pagas pelo Estado e com aquilo começamos a trabalhar, com esse capital, além da contribuição de todos os médicos professores, que não receberam nada pelo trabalho deles nos dois anos iniciais”.

Retomando a notícia do jornal D. P., por fim, era ressaltado que no primeiro ano tinham sido abertas 50 vagas para estudantes⁶⁴, mas que o número havia crescido com o passar do tempo tendo em vista a demanda. Tal aumento pode ser percebido porque entre 1964 e 1966 foram abertas 70 vagas anuais e, a partir do ano de 1967, as vagas foram ampliadas para 90, conforme se vê por documento⁶⁵ da própria faculdade.

Nesse mesmo material, chama a atenção a contínua ampliação de receitas, uma vez que enquanto no ano de 1965 o valor recebido pela instituição foi de 73.915.80, no ano de 1972 tem-se 1.139.766,00; em 1974, 2.188.183,00 e em 1977, quando cessaram os recursos, em face do início do processo de federalização, o montante alcançou 4.231.755,37⁶⁶.



Vestíbulo do Teatro Guarani. Álbum de Pelotas de 1922.
Fonte: Acervo do NDH-UFPel. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/album/>



Prédio da Faculdade de Medicina onde funcionou o Instituto de Anatomia.
Fonte: Acervo NDH-UFPel.

OS FORMANDOS DE 1968 E O QUE VEIO COM A EXPERIÊNCIA RELACIONADA À TURMA PIONEIRA

Conforme já abordado, trinta e oito pessoas se formaram em uma noite festiva de dezembro de 1968: Antônio Carlos Appel, Breno Lobato Lannes, Carmen Maria Duarte, Cláudio Yurgel Medvedovski, Cláudio Breitman, Dalton Bortoluzzi, Dari Ângelo Bertoldo, Doraci Amboni, Edemar Costa Pereira, Edi José Ribeiro Nascente, Edson Holthausen, Eurico Treptow, Gervásio Salengue, Getuinar D'Ávila do Nascimento, Gleide Bandeira Rosinha⁶⁷, Gley Pacheco Costa, Israel Golbert, João Osório dos Reis, Jorge Azambuja Santos, José Francisco Pereira da Silva, Laura Ward da Rosa Brião, Luís Carlos Zanetti, Luiz Roberto Paganini Harton, Paulo Alberto Boeira, Paulo Antônio Uebel, Paulo Gilberto Motta, Paulo Miller Centeno, Raul Rego Lau, Renato Rodrigues Marasco, Roger Pereyron Mocellin, Rogério Aloísio Kleinübing, Rogério Farid Beylouni, Rubens Ardenghi, Sérgio Cavalheiro Conceição, Sérgio Notari, Tania Labes Barcellos, Uassú Luiz Ungethuen e Vítor Hugo Hammes.

Embora em algumas narrativas apareça a situação de que dos 50 alunos que ingressaram em 1963 vários deles eram de fora do Estado, através do livro de registros de diplomas vê-se que, dentre os 38 formados, a maioria era de outras cidades do RS, (vinte e três) onze eram provenientes de Pelotas e quatro de Santa Catarina.

É a partir da entrevista com alguns deles que se pode narrar sobre esses primeiros tempos de um curso que estava sendo organizado dia a dia. Para reconstruir algumas memórias dos alunos pioneiros foram entrevistados: Edi José Ribeiro Nascente, o qual assinou o diploma número um; Edson Holthausen, que atuou com Naum na radiologia e, em seguida, passou a ser professor da casa; Gley Silva de Pacheco Costa, o orador da turma e as quatro mulheres precursoras: Gleide Bandeira Rosinha, Carmen Maria Duarte, Tania Labes Barcellos e Laura Ward da Rosa, a qual organizou um livro comemorativo aos 50 anos de formatura (ATM 1968), que foi importante para a feitura desta obra.

Sobre as entrevistas de Edi, Edson e Gley serão abordados alguns aspectos gerais da narrativa; e no caso das primeiras médicas, suas histórias serão contadas de forma mais individualizada, pelo pioneirismo de se formarem em Medicina naquele momento.

Edi José Nascente conta que desde a década de 1950 já se comentava que sairia um curso de Medicina na cidade e que como não tinha condições financeiras de estudar em Porto Alegre, resolveu aguardar. Ele terminou o científico em 1961, serviu ao exército em 1962 e, no próximo ano, começou a graduação de Medicina, em Pelotas, na Leiga. Suas memórias são bastante precisas, pois recorda de datas específicas, como a do vestibular, que teria sido, segundo ele, em 26 e 27 de abril de 1963. Conta, também, sobre os valores cobrados pela faculdade que seriam de 5 salários-mínimos para a primeira turma e de 7 para a segunda.

Ele atuou com clínica médica durante toda a sua vida e continua atendendo até hoje no consultório, sendo bastante conhecido na cidade, inclusive, por ser um médico espírita e ter feito trabalho voluntário, durante anos, na Associação de Médicos Espíritas (AME) e na Sociedade União e Instrução Espírita, fundada no ano de 1901 e considerada uma das mais antigas em funcionamento no Brasil (GILL; GIL, 2017).

Edson Tadeu Holthausen, egresso da primeira turma, cuja trajetória também será apresentada como um dos primeiros professores do curso, conta que ficou sabendo do início da Medicina em Pelotas por acaso. Como era de Lauro Müller, Santa Catarina, estudava no estado próximo, Paraná, na capital Curitiba, e havia feito o vestibular na Universidade Federal do Paraná, não obtendo aprovação. De volta a Curitiba, um amigo com quem morava recebeu um telegrama da namorada avisando que havia aberto um curso novo em Pelotas. Chegaram em Pelotas em um grupo de 10 ou 15, mas somente ele, com 17 anos, foi aprovado. A notícia da aprovação veio de um conhecido do pai dele que havia visto a listagem publicada no jornal O Correio do Povo e comunicou à família.

Já a entrevista de Gley, o orador da turma, cujo discurso foi aprovado sem leitura prévia⁶⁸, é também muito interessante, pois ele reflete fortemente sobre os primeiros tempos abordando que havia uma apreensão sobre o que aconteceria com a faculdade, já que algumas etapas necessitavam ser cumpridas antes do reconhecimento do curso. Ainda que enfatize uma certa improvisação existente no cotidiano da faculdade, aponta para dois aspectos que essa sensação gerou: um, o receio pelo futuro incerto e o outro, segundo ele, de os deixar mais próximos da faculdade, pois sabiam das dificuldades e do que era feito para saná-las. “A gente acompanhou isso muito de perto e isso contribuiu para que se criasse um sentimento de pertencimento da faculdade, de fazer realmente parte [...]”.

Esse sentimento fica muito presente nas comemorações dos 60 anos, quando se vê a identidade que as pessoas que se formaram há várias décadas possuem com a história da Leiga, com o antigo prédio que consideram uma casa e com os seus colegas, mesmo que, algumas vezes, não se revejam durante anos.

Dos entrevistados, Gley foi um dos poucos que trabalhou durante a faculdade em “várias pequenas coisas”, por exemplo, como ajudante de revisor de jornal, cuja tarefa cumpria à noite, e corretor de imóveis, vendendo terrenos na periferia da cidade nos intervalos do meio-dia. Um outro nome que apareceu também trabalhando, durante o primeiro ano em que fez Medicina, foi o de Samuel Neugebauer, que entrou pós-federalização, em 1979, e é da ATM 1985. Ele atuou como atendente de enfermagem, em plantões noturnos, na Santa Casa em São Lourenço do Sul.

Retomando a trajetória de Gley ele conta, também, uma história que se vincula a sua família. Em 1964, tendo em vista o golpe militar, seus pais⁶⁹ tiveram de deixar o país, tornando-se refugiados políticos. Como perderam os ganhos que obtinham com o trabalho, não conseguiram continuar pagando as mensalidades da faculdade.

Gley foi chamado pelo Dr. Naum que, sabendo da situação familiar, o isentou de pagar o curso até o final. Ainda, vinculado à Leiga, Gley conseguiu um emprego no Hospital Espírita, a partir do terceiro ano e meio, e mais ao final do curso passou a morar naquele lugar, em uma perspectiva de se manter na cidade. Ele foi contratado por Darcy Abuchaim e recebia um salário-mínimo pela função de atender na emergência. Gley afirma que a experiência obtida durante esse tempo pautou a sua vida no futuro, uma vez que hoje trabalha com psiquiatria e psicanálise.

Na narrativa dos formados, logo no início de suas entrevistas, chama a atenção a maneira como a maioria ficou sabendo do resultado do vestibular, ou seja, pelo rádio. Era comum que fosse comunicada uma data provável para a divulgação do chamado “listão” e nesse dia, a família costumava ficar com o rádio ligado o dia todo, de modo a escutar o resultado tão logo fosse publicizado. Edi Nascente lembra, inclusive, do dia em que o rádio apresentou os nomes dos aprovados, 6 de maio de 1963. Segundo Moreira (2019, p. 117): “[...] a cobertura dos vestibulares era uma importante tradição da Rádio, tendo em vista que, na época, os jornais impressos davam o resultado apenas no dia seguinte à divulgação, o que resultava em uma grande audiência por ser muito esperada pelos estudantes”.

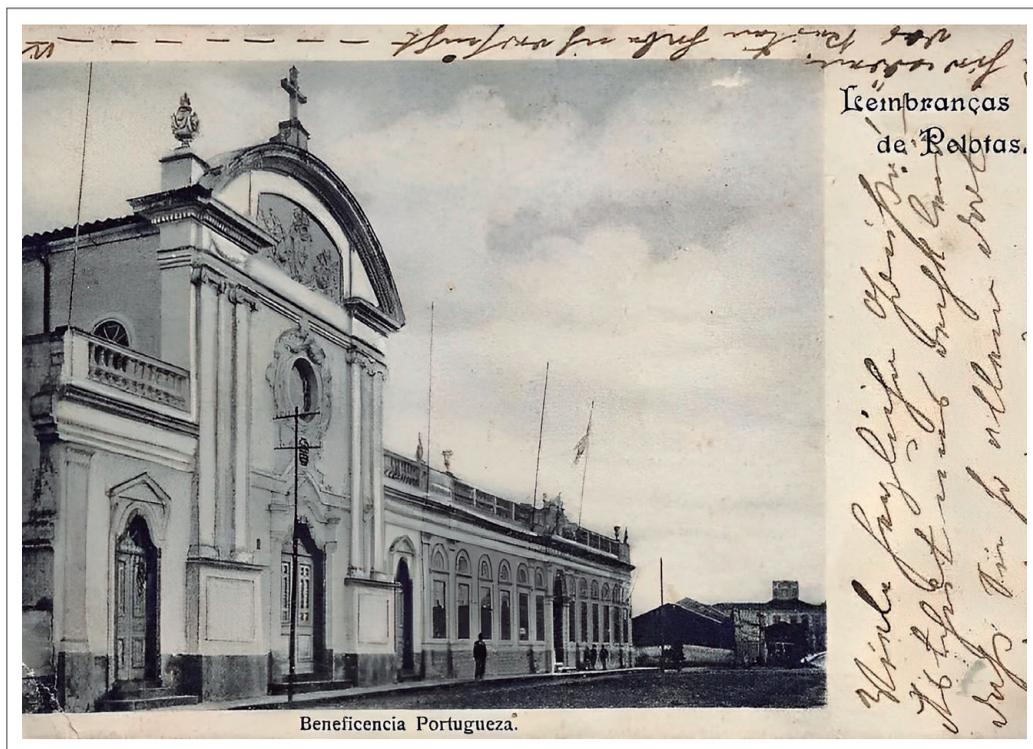
Para compor este capítulo, será utilizado também uma espécie de diário sobre cada um dos anos do curso, organizado por uma das formandas da primeira turma, Gleide Bertinetti Bandeira (ATM 1968), o qual já foi citado e alberga notícias de jornal e pequenas anotações feitas à época do curso. Há alguma dificuldade na compreensão do material já que, na maior parte das vezes, não consta a data nem o meio de divulgação em que houve a publicação. De toda maneira, as informações serão utilizadas quando possível e os documentos poderão ser acessados na página do NDH-UFPeL.

No que diz respeito ao diário, um dos últimos documentos que o compõem se intitula “Uma receita de ensino” e aborda diferentes aspectos da instituição. Embora não conste a data da notícia do jornal *Atuação*, sabe-se que é do ano de 1968, pois o diário segue uma lógica temporal finalizando, justamente, quando próximo da formatura de Gleide.

No texto, foi enfatizado que uma novidade do vestibular, naquele momento, seria a incorporação de textos que deveriam ser traduzidos para o inglês, tendo em vista a necessidade de que os futuros médicos acessassem literatura técnica internacional. Pelas narrativas de alguns médicos, sabe-se que com o passar do tempo foram feitas também provas para o vestibular em Porto Alegre, em uma espécie de seleção única para os cursos de Medicina do Estado, em que se poderia ter desde a primeira até a terceira opção de cidade, de modo a agregar mais candidatos. Para o ano de 1963, a aula inaugural, realizada no dia 11 de maio, teve como ministrante Clóvis Salgado da Gama, um médico, professor e político que, em uma época, por ser ministro da educação⁷⁰, teria contribuído para que o curso se efetivasse.



Celebração do cinquentenário da formatura da primeira turma de médicos da IPESSE.
Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Hospital Beneficência Portuguesa de Pelotas.
Fonte: Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Retomando a matéria jornalística, nela foram abordados três pontos principais: 1) hospital escola; 2) ambulatórios e 3) vestibular e anuidades. No tópico hospital escola, aparece que o prédio foi erguido junto à Beneficência Portuguesa constando quatro enfermarias com trinta leitos⁷¹. Faziam parte do espaço laboratórios de análises, salas de aula e um recinto para pequenas cirurgias. Segundo a notícia: “Dentro desse conjunto austero há um recanto de poesia e beleza, uma enfermaria de cores claras e alegres destinada às crianças, não faltando a graça infantil do Pato Donald e Zé Carioca por entre os mini-leitos”.

No hospital desde o terceiro ano, os alunos aplicavam seus conhecimentos a partir da observação de um professor. Próximo aos leitos, em casarão específico, havia vinte e sete saletas, que serviam como consultórios, nos quais cerca de 50 pessoas eram atendidas diariamente. “Alguns leitos são mantidos pelo próprio IPESSE e os pagos equivalem a diária de NCR\$3.00⁷². Quase um preço simbólico tendo em vista que toda a medicação é fornecida pelo hospital, que conta com auxílio volumoso de amostras grátis fornecidas por diversos laboratórios [...]”.

Caso houvesse a necessidade de cirurgias de maior porte havia o deslocamento para o centro cirúrgico da Beneficência sendo que, para o procedimento, sempre dois alunos participavam como assistentes junto a um professor.

Já no prédio principal da FAMED funcionavam a administração, biblioteca, diretório acadêmico, bar, sala de aula teórica, laboratórios de anatomia patológica, microbiologia e histologia. Edson Holthausen diz que, durante um tempo, a própria boate da Leiga era no prédio principal, no lugar que antes, durante a existência do Instituto de Higiene, funcionava o chamado serpentário.

O problema do espaço físico era frequente e apresentado em vários textos tanto de jornais da cidade quanto internos à Faculdade. Em matéria publicada no dia 18 de outubro de 1980, Dia do Médico, no Diário Popular⁷³, assinada pelo diretor da Unidade à época, Cláudio Gomes faz um retrospecto dessas dificuldades e das soluções encontradas. Ele avalia que foi fundamental ter tido a acolhida da Beneficência Portuguesa e do Hospital Espírita nos primeiros tempos, além do desenvolvimento do ensino em nível ambulatorial para a conformação de um bom curso de Medicina. Nos anos de 1980, essa rede já havia sido ampliada e consolidada com os dois hospitais pioneiros, já citados, além do Hospital Miguel Piltcher, os hospitais de Morro Redondo e de Canguçu, nos quais atuavam não só os estudantes de Medicina, mas também os de Nutrição e Enfermagem que faziam parte da Faculdade naquele momento. Gomes ainda apresenta alguns números com a finalidade de comprovar a importância da Faculdade de Medicina para Pelotas. Segundo ele, até aquele ano, tinham sido formados 744 médicos e médicas e os atendimentos ambulatoriais eram da ordem de 28 mil no Fragata, 3.500 para os moradores da Vila Municipal e mais de 2.000 aos moradores do Areal e regiões circunvizinhas, números que pretendiam ser ampliados.

O tema, formação hospitalar e sua deficiência na década de 1960, nos anos iniciais do curso, foi tratado por várias pessoas, dentre eles Rosa (2018a, p. 58), que assim disse: “[...] o ônus de sermos pioneiros exigiu de nós estágios em outros locais, em hospitais conveniados em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, para onde nos deslocávamos nas férias em busca de aprimoramento teórico e técnico”. Carmen Duarte, em sua entrevista, também abordou o assunto ao revelar as dificuldades que tiveram no tocante à formação em ambientes hospitalares, embora reflita de forma positiva sobre o assunto: “No final do curso a faculdade fez convênios com grandes hospitais do país e a gente precisou sair e saímos e foi muito bom”.

Retomando a matéria “Uma receita de ensino”, do jornal *Atuação* de 1968, o texto ainda enfatizava o preço das mensalidades, que ficaria torno de sete salários-mínimos regionais, valor também trazido pelo egresso Edi Nascente, a partir da segunda turma. Sobre a possibilidade de alunos mais vulneráveis socialmente⁷⁴ realizarem o curso, nas falas é ressaltado o fato de que a Faculdade era cara, como costuma ser ainda hoje uma graduação de Medicina, mas Gleide, em sua entrevista, traz a existência de bolsas que foram obtidas via governo do Estado. Segundo ela, vários colegas acessaram esse auxílio, que não era muito expressivo, mas ajudou bastante. Já Leo Zilberknop, professor de Anatomia desde o início do curso, também evidenciou a existência de bolsas, em uma outra perspectiva. Segundo ele, o aluno da Faculdade poderia apresentar documentos que provassem ter poucos recursos e estes seriam analisados e julgados por uma comissão da IPESSE, que poderia dar isenção parcial ou total das mensalidades. Por sua vez, José Granzotto⁷⁵, formado na UFPel (ATM 1974), relatou que alunos monitores de disciplinas teriam desconto na mensalidade e Gley disse ter ficado isento do pagamento das mensalidades, por todo o curso, tendo em vista sua situação familiar, conforme já dito.

Outro ponto evidenciado no texto e em várias narrativas era a total abnegação dos professores que, nos anos iniciais, além de não receberem salários ainda contribuía de diferentes formas, inclusive a monetária. A notícia é concluída da seguinte forma: “[...] E isso é uma parte do imenso todo de idealismo e tenacidade que, no ano de 1963, fez nascer a Instituição Pró-Ensino Superior do Sul do Brasil, entidade *mater* da Faculdade de Medicina [...]”.

No que diz respeito à formação, os professores da FAMED, desde seu início, faziam estágios e especializações em diferentes lugares do Brasil e do exterior, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Porto Alegre, Holanda, México, Inglaterra e Alemanha. O objetivo era ter uma maior capacitação do corpo docente, o que logo foi obtido, seja pela realização de cursos de especialização ou residência ou, ainda, através do convite para atuação na FAMED de novos professores de outras cidades do Brasil.

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA MÉDICA NA FORMAÇÃO DOS GRADUANDOS

Através de relatos memoriais de grande parte dos entrevistados, especialmente de alunos e de professores, foi enfatizada a importância da disciplina de Psicologia Médica na trajetória dos graduandos, tendo em vista uma formação mais humanística que tinham recebido. Wanderlei Rospide da Motta (ATM 1973), que depois foi professor da Leiga e Diretor da Unidade (1989-1993), afirma que veio para a Leiga, como aluno, ser cirurgião geral, mas que gostou muito de Psicologia Médica, e antes de terminar o sexto ano já sabia que faria Psiquiatria. Wanderlei fez a residência em Psiquiatria a partir de 1971. Segundo ele, este foi o primeiro curso na Leiga, em nível de pós-graduação.

Já Kelbert (ATM 1973) assim diz:

No ano de 1968, criaram-se, na Faculdade, a Psicologia Médica e os grupos de integração com os professores. Uma vez por semana, tínhamos reunião com o objetivo de falar sobre a profissão, sobre a vida do médico e de poder observar em nossas atividades o ser humano em distintas fases da vida. Comecei a observar idosos no Asilo de Mendigos, vendo a vida no estágio final, com suas tristezas e ver como o ser humano é só, e precisa saber ser só, num ato de renúncia à autossuficiência que alimenta as ilusões oferecidas pelo narcisismo, estrutura psicológica forte que se encontra em formas benignas e malignas nos médicos, muitas vezes vítimas deste mal incurável. Tivemos a sorte de fazer parte de uma inovação que gerou uma fama dos oriundos da Leiga serem quase psiquiatras pela forma empática de tratar com pessoas. (KELBERT in: ROSA, 2018, p. 127)

Beatriz Franck Tavares (ATM 1979)⁷⁶, que ingressou no serviço público em 1992 na área da saúde mental, também enfatiza essa formação mais humanista como marca da Leiga. Para ela, os médicos formados na casa, ao longo dos anos, procuram ver o paciente para além da doença e não têm como foco apenas construir um diagnóstico e ministrar uma medicação, mas compreender o que sentem.

Relacionado às disciplinas de Psicologia e Psiquiatria um nome aparece, logo de início, de forma reiterada nas entrevistas: Darcy Abuchaim. Embora fosse considerado bastante rígido, suas aulas teriam feito uma grande diferença na vida dos graduandos, segundo alertam várias pessoas, como o próprio Paulo Kelbert (ATM 1973), que enfatiza que ele teria mudado o tratamento médico na Leiga, e Lucio Castagno (ATM 1982), o qual afirma que Abuchaim fez um grande diferencial na formação dos estudantes.

José Mirenda (ATM 1980), que diz que se considerava “peixinho do Darcy” pela proximidade que tinha com o professor, reflete sobre a sua formação: “O Darcy, não só o Darcy, mas ele como líder de um grupo nos fazia corrigir o tempo inteiro a vaidade,

não sei se a palavra é a vaidade, mas a soberba e a onipotência de ser médico, que o jovem médico tem. Ele nos trazia para a realidade, ele nos ensinava que o trabalho, que o amor, que o carinho, que o cuidado, faziam parte da Medicina e da vida”.

Outra pessoa muito próxima de Darcy era Carlos Alberto Purper Bandeira, formado na Leiga (ATM 1975), que foi, inclusive, indicado por ele para ser também docente na mesma instituição (a partir de 1976). Bandeira assim diz: “Eu sempre quis Psiquiatria. Fui monitor de Psiquiatria, fui interno e plantonista do Hospital Espírita [...]”.

Em texto publicado no ano de 1980, na Revista Brasileira de Educação Médica, Abuchaim reflete sobre o fato de que os médicos são incumbidos da saúde da comunidade nos seus aspectos físicos, mentais e sociais e se pergunta se estão preparados para a tarefa. Indaga-se ele: “Não serão, atualmente, os cursos de Medicina um simples agrupamento de matérias divididas, isoladas, afastadas do seu espírito primeiro, de seu objetivo principal, que é o homem em sua totalidade?” (p. 12).

O artigo é interessante, pois Darcy aborda que o estudante chega cheio de desejos de fazer a diferença na vida das pessoas e o primeiro encontro que tem é com um cadáver, em uma aula de Anatomia. “Então o paciente não tem sentimentos nem afetos: não ama, não chora, não sofre” (p. 12). Tendo em vista esse quadro, ressalta que foi projetado um curso alicerçado em um pensamento: “ensinar é realmente modificar alguma coisa dentro da pessoa” (p. 12) e para isso a graduação de Medicina, Leiga, foi estruturada tendo a presença das disciplinas de Psicologia Médica I, II, III e IV nos primeiros quatro anos e, no quinto, uma clínica psiquiátrica. No texto, são descritos em detalhes os conteúdos programáticos de cada disciplina, assim como o momento em que os estudantes passavam a ter contato com aqueles que acompanhariam, a partir de suas demandas.

Mais recentemente, o método utilizado pelo professor Abuchaim foi discutido por Bertoldi (2011), em sua dissertação de Mestrado cujo título é “Contribuição do Discurso Psicanalítico para a formação médica: um estudo de caso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas”. Segundo a autora, a metodologia de ensino de Psicologia Médica implantada por Abuchaim “propõe o acompanhamento longitudinal do aluno durante o curso, estimula seu contato com as pessoas e com situações comuns de vida, instigando questões provocadas pelas vicissitudes do inconsciente e seu debate” (p. 6). A autora, utilizando o marco temporal de 1968, como o início do método e o final como o ano de defesa de sua dissertação, 2011, afirma que essa formação diferenciada já havia sido obtida por cerca de quatro mil médicos da FAMED/UFPeL.

O foco, segundo ela, era o atendimento integral do paciente. Para que os alunos aprendessem como ter uma visão mais holística, deveriam se inserir em atividades práticas, a partir da observação das pessoas em comunidade. Para Bertoldi (2011, p. 17), a atuação envolveria “mulheres grávidas, crianças, adolescentes, velhos, pessoas enlutadas, pessoas morrendo”. Os problemas que traziam eram discutidos em grupo, de modo que também se construísse uma possível solução de forma conjunta.



Dr. Darcy Abuchaim.

Fonte: Quadro de formatura. Acervo da FAMED.

“Há 20 anos morria Darcy Abuchaim, meu pai”

Meu pensamento e minha lembrança de suas palavras e afetos são diários. Aprendi que para ti a vida tinha cor, odor, intensidade e amor. Chego à idade da maturidade sentindo haver passado por muitas coisas. E, diante da experiência vivida, compreendo a profundidade das suas palavras e do jeito que levavas a vida.

Para ti, prevaleciam o afeto, a integridade e comprometimento, sempre com a coragem e convicção de agir e proceder em sincronia perfeita com tuas crenças e certezas; certeza da existência do inconsciente e das consequências que dele adviriam. Aprendi contigo que deveria sempre questionar-me qual teria sido minha participação para colher determinados resultados.

Como uma forma de diminuir um pouco a saudade, de senti-me próximo de ti e de ser generoso como tu, pensei ser interessante relembrar alguns dos teus ensinamentos.

Antes, porém, não posso deixar de afirmar, irrevocavelmente como dizia o ditado predileto de teu pai, irrove de copa frondosa que dá sombra a seu tronco e aos troncos vizinhos”.

Idealizaste e introduziste, juntamente com o amigo David Zimmermann, uma nova forma de ensino médico mais humana, priorizando a relação médico-paciente. Assim, formando novos médicos, diferenciados e muito mais humanos no trato e atendimento de seus pacientes.



Arquivo - UFPA

“Não esqueçam de juntar a inteligência com o afeto.”

Darcy Abuchaim,
médico, ao aconselhar
as pessoas

Nada mais parecido contigo do que a citação de Vigil, com a qual iniciavas teu discurso de paraninfo da turma de 1978: “Feliz o que se sente um pouco filho de cada mulher, um pouco pai de cada criança. Tal homem vive imenso número de vidas, anda todos os caminhos, em todas as casas possui algo seu e em todos os seres se sente viver. Seu destino não se distingue da imortalidade, nem o seu dia do infinito”.

Encontro muito de ti, também nas palavras do Menninger, citadas no início de teu discurso para a turma de 1970: “Para aqueles que querem empregar a inteligência na batalha contra a morte, a fim de fortalecer a vontade de viver contra o desejo de morrer e substituir, por amor, a sua compulsão de oferecer reféns ao ódio da morte da vida”.

Mas nada me aproxima mais de ti do que tuas próprias palavras.

“Não esqueçam de juntar a inteligência com o afeto, sempre que forem executar suas tarefas, cultivando a ternura e a perseverança.”

“O viver acentua e precisa as íntimas tensões do espírito e conhecer é vencer de graus, é subir. Devemos entregar-nos à vida sem concessões, tendo arrojados de tudo alcançar, porque os limites virão por si mesmos.”

“A bondade energética é a reconstrutora do mundo. Somente ela, aliada à ciência, poderá guiar o promiscuo e diversificado rebanho da humanidade.”

“O contínuo aparar de nossas asas fará com que, amemos mais e sinceramente os restos aceitáveis dos nossos ideais.”

“Será então, com a primeira morte em que vocês entenderão o amor, após muitas solidões. E, das tristezas todas, do saber da fome e da injustiça, do abandono e da ira, fabricarão seu próprio conceito.”

“Como pai e amigo direi que, só o verdadeiro trabalho dá a verdadeira alegria, concreta, fecunda, palpável e que, somos nós em todos os tempos, postos diante da possibilidade de atravessarmos nossas fronteiras. E, o amanhã virá para os ideais fortificados.”

“Nada mais promissor, saber que todas as reformas, os conceitos e o progresso de uma nova medicina, não embotarão, no seu todo dia, a premissa de que o universo ainda é o homem, carente, aflito, enfermo, porém, nosso igual.”

“Não temeis ver vosso próprio rosto no espelho do rosto de vosso paciente.”

“O homem cria seu mundo e não espera o porvir, avança para ele. E o que quer que façam, façam de todo o coração, porque somos ainda mais altos, quando vivemos tudo o que somos.”

Por fim, percebo que me sinto enriquecido pela lembrança do afeto e amor que dividiste comigo. Muito obrigado por tudo. Com saudade, Eduardo.

Dr Darcy Abuchaim.

Fonte: Matéria publicada no Diário Popular de 11 de novembro de 2009, assinada por seu filho Eduardo. Acervo do NDH-UFPel..

Segundo Abuchaim (1980, p. 13), ao defender sua proposta: “O aluno tem de adquirir experiências e habilidade de falar com pessoas, de ouvir histórias e de acelerar, através de vivências diversas, seu desenvolvimento emocional”.

Cristiane Hallal da Silva (ATM 1999)⁷⁷, que em 2014 se tornou professora efetiva da UFPel na área de pediatria, embora tenha obtido uma formação mais atual, reflete sobre esse modelo, adquirido na faculdade, muito relacionado à saúde mental, segundo ela. Cristiane afirma que a formação do aluno da casa é diferente, pois “a Leiga prepara a gente para o paciente e não para a doença”. Ela comenta, inclusive, que como atuou em hospitais maiores, especialmente em Porto Alegre, via-se outros profissionais da saúde comentarem que se tinha um paciente terminal ou chorando, deveria se chamar alguém da Leiga para conversar, pois poderiam ser mais sensíveis à situação de sofrimento, especialmente pelo treinamento que tinham recebido na faculdade.

No mesmo sentido, Julieta Carriconde Fripp⁷⁸, graduada na UFPel (ATM 1994), também revelou como esse modelo de aprendizado chamou a atenção em sua chegada à Leiga. O fato de observarem o ser humano desde o nascimento até a morte propiciou que ela tenha lembranças positivas daquele início de sua formação como médica.

Em algumas narrativas, no entanto, aparece também uma crítica a esse foco que o curso teria na Saúde Mental, em detrimento de outras áreas, como a Cirurgia e a Medicina Social, por exemplo. Samuel Neugebauer (ATM 1985) diz não ser contra a esta primazia da Psicologia Médica na Leiga, mas se ressentido de uma formação mais específica na área cirúrgica. Segundo ele, houve uma atrofia de outras áreas no currículo, de tal forma que não eram estimulados a trilhar outros caminhos.

Já César Victora comenta, em sua entrevista, que Darcy tinha um poder muito grande no curso, fato também abordado por José Mirenda, que pensa sobre a importância de duas áreas, Psiquiatria e Medicina Social, para a formação de um médico.

Para Mirenda, cuja proximidade com Darcy era bastante impactante, a chegada de Kurt Kloetzel na Leiga fez com que ele repensasse, inclusive, a área em que queria se especializar. A partir do ingresso do professor, segundo ele, a Medicina Social começou a agregar também jovens professores de outros lugares do Brasil, representando uma outra possibilidade de aprimoramento dos alunos.

A CHEGADA DE ALGUNS NOVOS PROFESSORES

Ao longo do processo de escrita do livro foram feitas várias entrevistas, principalmente com professores que começaram a atuar nos primeiros anos, visando suprir necessidades em disciplinas que passaram a ser desenvolvidas durante o curso.

Um desses docentes foi Simon Halpern, que se formou na UFRGS no ano de 1961. Ele conta que, ao retornar para Pelotas, o começo de seu trabalho foi em um

Posto de Puericultura Estadual recém-inaugurado na cidade. Em 1964, segundo ano da Leiga, passou a dar aulas de doenças infecciosas e parasitárias no curso, pois o quadro de professores continuava insuficiente. De todo modo, como sentia que precisava melhorar como docente, logo se deslocou para Ribeirão Preto para realizar uma especialização.

Um outro médico que esteve no início da Leiga foi Carlos Karam, formado pela UFRGS em 1952. Quando se formou, trabalhou em cidades do interior e em 1955 veio para Pelotas para atuar tanto na Santa Casa quanto na Beneficência. Contudo, tendo em vista uma mobilização que culminou com um protesto contra a chefia do Pronto Socorro da primeira instituição, ficou somente na Beneficência. Segundo Karam, ele não pretendia se dedicar ao Magistério, mas havia poucos médicos na cidade e acabou por aceitar o convite feito por Amílcar Gigante para dar aulas na clínica médica, embora, tempo depois, tenha sido oficializado como assistente na cadeira de cirurgia cujo titular era o Dr. José Braga Filho.

Edson Tadeu Holthausen, egresso de 1968, conforme já dito, no ano seguinte permaneceu em Pelotas e começou a atuar em plantões médicos de vinte e quatro horas na Beneficência, criados por Naum. Em 1970 foi convocado ao exército, mas nos finais de semana seguia trabalhando em Pelotas. Foi nesse momento que foi convidado por Amílcar Gigante para atuar com o Naum na área de radiologia, já que ele estava muito assoberbado, especialmente com as funções vinculadas à Faculdade. Edson fez uma especialização em São Paulo e depois uma residência em radiologia, passando a atuar no serviço existente na cidade e, em seguida, na Leiga como professor.

Antonio César Gonçalves Borges, por seu turno, que durante a sua trajetória chegou a ser diretor da Faculdade (1985-1989) e Reitor da UFPel, por três mandatos (1993-1997, 2005-2008 e 2009-2012) é reconhecido, nas narrativas, como um grande professor da área de Neurologia. Ele contou como ingressou na Leiga, em uma entrevista feita no dia 14 de outubro de 2022. Segundo ele, durante a graduação de Medicina na UFRGS (ATM 1971), a partir do terceiro ano, esteve vinculado ao trabalho realizado pelo neurocirurgião Mário Coutinho. Depois de formado, César fez especialização em Londres por três anos e, em seguida, foi convidado por Naum Keiserman para se juntar à equipe da FAMED, em 1974.

O Dr. Mário Ferreira Coutinho⁷⁹, a quem César sempre esteve muito ligado, foi um nome relacionado à faculdade que se criava desde o seu início, ou seja, em 1963, sendo responsável pela disciplina de Neurologia. Ele atuou no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas, tanto na área da docência como na implantação de serviços de neurologia e neurocirurgia em hospitais e em residências médicas. Ele era pelotense e só se aposentou da UFPel no ano de 1990.

Já Wanderlei Rospide da Motta (ATM 1973) assim conta sobre o seu ingresso: “Em fins de 1974, já terminando o primeiro ano da residência eu fui contratado como

professor auxiliar de ensino pela antiga Faculdade Leiga de Medicina [...]. E daí fui para o México fazer um curso de quatro meses de demografia, já contratado como professor e, depois, retornei”.

Décio José Zerwes que havia se formado na Católica, na primeira turma (ATM 1968) e, depois foi diretor da Leiga (1993-1996), conta que após a formatura fez residência no Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro, e que foi convidado para permanecer na cidade, mas, como já era casado, sua esposa quis retornar a Pelotas. A ideia inicial de Décio era criar um serviço de radioterapia na Santa Casa, pois havia atuado como estudante naquele local, contudo não teve apoio para a ideia. Como Naum soube dessa situação, o chamou e o convidou, em 1976, para colocar em funcionamento um equipamento de radioterapia na Leiga. Naum contratou uma equipe para fazer o projeto, comprou uma bomba de Cobalto⁸⁰ e o serviço iniciou em 1978. Nas palavras de Naum: “Conseguimos instalar, e vem funcionando, o serviço de Radioterapia. A bomba de cobalto foi adquirida pela IPESSE para pagamento parcelado. Incorporada à faculdade, coube à UFPel efetuar os pagamentos subsequentes. Para instalação da bomba, conseguimos do Governador Sinval Guazzelli a quantia de 250.000,00 cruzeiros” (KEISERMAN, 1992, p. 21-22).

No mesmo ano, ou seja, em 1976, Carlos Alberto Purper Bandeira foi contratado na Leiga. Ele diz que tinham, seu colega já falecido Fábio Braga⁸¹ e ele, iniciado a residência em Psiquiatria, mas pretendiam ir à Inglaterra cursar Psiquiatria Infantil. Darcy Abuchaim teria conversado com o Dr. Naum para que ambos fossem contratados pela Leiga, o que foi feito. Eles acabaram não indo para o exterior naquele momento e continuaram com as atividades da residência e docência.

José Justino Faleiros havia sido aluno de Kurt Kloetzel em Medicina, em Mogi das Cruzes (ATM 1973) e conta sobre o encontro de Naum e Kurt em um evento da Associação de Ensino Médico. Segundo ele, Kurt foi convidado para vir a Pelotas e ele acabou vindo junto, em 1976. Justino relata que por influência de Kurt foi para a Inglaterra, pós-formado, para realizar um curso de Medicina Tropical. Na Leiga, Justino trabalhava com a disciplina de Medicina Comunitária.

José Aparecido Granzotto⁸², que se graduou na Leiga, em 1974, conforme já dito, em seguida fez residência em Pediatria, no Paraná (1975-1976) e começou a dar aula na UFPel em 1977, vinculado à Faculdade de Enfermagem, fundada no ano anterior. Segundo sua narrativa, foi a maneira mais fácil de ingressar, pois a Faculdade de Enfermagem, desde o seu início, já fazia parte da Universidade, enquanto a Leiga só foi federalizada, formalmente, no ano de 1978. Tratava-se, justamente, de uma época de transição em que já se discutia como os professores e técnicos-administrativos da Leiga passariam a fazer parte do corpo de trabalhadores da Universidade. De todo modo, ele começou a dar aulas imediatamente na Medicina, pois havia sido convidado por antigos professores a fazer parte do corpo docente da Leiga. Granzotto cita os nomes de Acy Bertoni, Guilherme Procianoy e David

Kauffman. Dentre as funções que exerceu, constam Diretor do Hospital Escola (1992-1995) e Diretor da FAMED por duas gestões (1996-2001 e 2001-2005).

Um outro professor que entrou próximo a esta época foi Roberto Xavier Piccini. Formado em Rio Grande (ATM 1977), veio a Pelotas após convite dos professores Naum Keiserman e Cláudio Gomes, no ano de 1980. Ele passou a integrar o Departamento de Medicina Social.

De todos os docentes enunciados por Edson Holthausen como professores da primeira turma, só constava o nome de duas mulheres: Sally Cabral Machado, da Fisiologia, e Lourdes Devildos, da Farmacologia. Na longa lista dos professores que apresentaram os currículos iniciais para o funcionamento do curso e/ou passaram a atuar, ao longo dos anos, alguns deles eram da Faculdade de Odontologia (um exemplo, Marcondes Dias Ribeiro, professor de Fisiologia) e outros de Universidades e regiões diversas (Lauro Beltrão, do Paraná, e Washington Luís Tafuri, de Minas Gerais). A maioria dos de fora de Pelotas, no entanto, era de Porto Alegre (como Alaor Teixeira, Izaias Naiditch e José Luiz Alimena).

Nessa época, grande parte dos professores dedicava algumas horas à Universidade e possuía outras atividades ou diretamente no seu campo profissional, ou ainda contribuindo com outros cursos, como aqueles que se formavam em novas faculdades. Havia uma certa liberalidade sobre como seria o regime de trabalho nas mãos de cada Reitoria. Será em 1987, com a aprovação do Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE), que o regime de Dedicção Exclusiva se consolida como marca das Universidades públicas brasileiras, de tal modo que o regime de 20 horas passa a ser admitido apenas para algumas áreas e 40 horas se torna excepcional.

César Victora (2018, p. 177) também comenta sobre como passou a atuar na UFPel, um pouco antes de acontecer o ato formal de federalização da Leiga, em julho de 1977. Ele foi contratado ainda pela IPESSE e, em seguida, passou a fazer parte da Universidade.

Em busca de profissionais para compor o novo departamento (fundado oficialmente em 1977), Kurt procurou indicações entre os preceptores da Residência em Saúde Comunitária da UFRGS. Eu já era um admirador do Kurt através da leitura de seus livros, dos quais o mais inovador tinha como título *O Raciocínio Clínico* e fiquei entusiasmado com a proposta. Foi assim que, antes mesmo de completar a minha especialização, mudei-me para Pelotas e passei a integrar o grupo liderado por Kurt na UFPel.

Luiz Augusto Facchini, formado em Santa Maria (ATM 1979), que começou a atuar em 1980 no Departamento de Medicina Social segue a mesma linha de narrativa de Victora, ou seja, comenta sobre o papel que os professores Kurt Kloetzel e José Justino Faleiros tiveram em atrair jovens de fora, que demonstrassem interesse

em se dedicarem exclusivamente à docência. Nessa perspectiva, foram chamados César Victora, Jorge Béria⁸³, Iná da Silva do Santos⁸⁴, Luís Henrique Farias⁸⁵, Roberto Piccini e ele próprio.

No que diz respeito aos convites para compor o quadro docente, nos primeiros tempos, as figuras de Naum Keiserman, Amílcar Gigante e Kurt Kloetzel aparecem como protagonistas. Naum parecia absolutamente atento ao que seria necessário no futuro, com relação a todas as demandas, mas especialmente em termos de professores e, com o auxílio de Amílcar e Kurt, se antecipava ao procurar profissionais capacitados e fazer contatos com diferentes médicos, visando construir o melhor curso possível dentro daquele contexto de dificuldades.

AS PRIMEIRAS MÉDICAS DA FAMED – LEIGA

O conhecido historiador Mario Osorio Magalhães (1993) sempre buscava enaltecer o espírito pioneiro de algum pelotense em seus escritos. Foi assim quando escreveu sobre diversos assuntos, dentre eles o debate sobre quem seria a primeira médica formada⁸⁶ no Brasil. Para ele, a discussão estava entre Antonieta Cesar Dias ou Rita Lobato Velho Lopes. Antonieta era pelotense e Rita rio-grandina, mas Mario ressaltou que ela havia morado grande parte de sua vida em Pelotas e que ambas, em 1887, estavam aptas a defender suas teses, respectivamente, no Rio de Janeiro e em Salvador. A tese de Rita tinha como título “Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana” e sua opção pela obstetrícia estava vinculada à perda de sua mãe no parto de um dos seus irmãos. Já o trabalho de Antonieta versou sobre Hemorragia Puerperal.

Embora Mario reivindicasse esse protagonismo para Pelotas, a rio-grandina Rita Lobato Velho é considerada a primeira médica formada no Brasil e os caminhos que seguiu só foram possíveis a partir do Decreto número 7.247 de 1879⁸⁷, o qual considerou “ser livre o acesso aos cursos primário, secundário e superior em todo o Império”, permitindo que mulheres entrassem nas universidades, ainda que a matrícula devesse ser feita por seus pais ou pelos maridos. Rezende (2009, p. 133), ao abordar a norma, diz que: “Apesar das autorizações legais, a tradição cultural e os preconceitos sociais continuavam a opor-se à presença das mulheres na profissão médica”.

Antes de médicas formadas no país tem-se o nome de Maria Augusta Generoso Estrela, que fez seu curso de Medicina nos Estados Unidos, tendo em vista a proibição já citada que existia no Brasil de mulheres frequentarem cursos superiores antes de 1879. Ela embarcou com 15 anos para os Estados Unidos, em 1875, e se formou em 1881. A médica, no entanto, antes de exercer sua profissão precisou revalidar o diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RAGO, 2000).

Rezende (2009, p. 134) também disserta sobre o protagonismo das mulheres na Medicina e identifica que as três primeiras médicas do Brasil foram gaúchas, ain-

da que as datas de formatura sejam diversas daquelas colocadas por Magalhães (1993). Para ele, Rita Lobato, rio-grandina, teria concluído o curso em Salvador, em 1887; Ermelinda Lopes de Vasconcelos⁸⁸, porto-alegrense, se formou em 1888 e Antonieta Cesar Dias, pelotense, teria se formado no ano de 1889. As duas últimas fizeram suas formações no Rio de Janeiro (RJ).

Segundo Rezende (2009), Ermelinda atuou no RJ e, no momento de sua formatura, Sílvio Romero, conhecido como crítico literário, professor e político escreveu uma crônica dirigida a ela que tinha como título: Machona, “que continha as seguintes palavras: ‘Esteja certa a doutora que os seus pés de machona não pisarão o meu lar’. Tempos depois Ermelinda foi chamada para fazer o parto da mulher de Sílvio Romero” (2009, p. 134).

Rago (2000, p. 217), ao dissertar sobre a situação vivida por Ermelinda, afirma que após o atendimento a sua esposa: “Sílvio Romero, completamente esquecido do que havia escrito pediu-lhe um desconto e permissão para pagar-lhe à prestação. Contrariando conhecidos estereótipos de feminilidade, a doutora não perdeu a chance de lhe responder: O senhor me pagará caro e de uma vez! entregando-lhe um envelope contendo o referido artigo”.

Atualmente na Medicina, os homens constituem o contingente mais expressivo em atividade⁸⁹, mas o percentual vem caindo com o passar do tempo. “Em 2020, os homens representavam 53.4% da população de médicos e as mulheres, 46.6%. Há cinco anos, na pesquisa de 2015, médicos somavam 57.5 do total, e as médicas, 42.5%. Trinta anos atrás, em 1990, as mulheres eram 30,8%” (SCHEFFER *et al.*, 2020, p. 41).

No livro organizado por Scheffer, a Demografia Médica no Brasil (2020), é apontada uma crescente feminização da carreira médica, a partir de dados das últimas décadas, já que “em 2019, as mulheres representavam 60% das concluintes, percentual que aumentou nos últimos anos (2020, p. 115)”. De todo modo, no final do século XIX e início no XX, a trajetória de mulheres na Medicina era bastante difícil, pois a única profissão respeitável para as mulheres de elite⁹⁰ era o magistério (MOTT, 2000).

Embora hoje não se questione o acesso de mulheres às Universidades, sabe-se que nesse ambiente elas têm sofrido assédios, moral e sexual, especialmente em cursos que possuem uma maioria de homens como as Engenharias, por exemplo (GILL; SANTOS, 2023). Ainda, para formações mais “permitidas” atualmente, como a própria Medicina, é como se a elas coubessem algumas especialidades determinadas como ginecologia, obstetrícia, pediatria, atuações mais relacionadas ao cuidado, que tem sido historicamente uma marca das mulheres; ou, ainda, áreas que podem ter vínculos com a estética, como a dermatologia, por exemplo. Scheffer *et al.* (2020, p. 69) afirmam que, atualmente, a especialidade com maior número de mulheres é a Dermatologia, com 77.9%, mas há outras áreas em que aparecem de forma expressiva, como Pediatria (74.44%), Endocrinologia e Metabologia (70.6%) e Alergia e Imunologia (67.4%). Para os mesmos autores: “O aumento da

presença feminina é notável em quatro especialidades: em Pediatria, elas são três quartos dos profissionais; em Medicina de Família e Comunidade, são 58.7%; em Ginecologia e Obstetrícia já somam 57.7%, e em Clínica Médica, 53%⁹¹.

Mas como foi a situação vivenciada pelas quatro primeiras mulheres que adentraram na Leiga na turma de 1963? Nesta parte do livro, usar-se-á o que na metodologia de História Oral se convencionou chamar de **transcrição**, ou seja, a partir da narrativa das médicas, se construirá um texto em primeira pessoa de modo que elas mesmas possam se apresentar. Quando a narrativa se basear estritamente no que as médicas dizem será utilizado o *itálico* e, para comentários da autora, fonte normal.

Laura

O meu nome é Laura Ward da Rosa⁹². Eu terminei o científico no Pelotense, fiz vestibular, passei e ingressei na Faculdade que estava sendo fundada. O nosso curso começou em junho, pois a seleção de alunos foi em maio. Nós fizemos o vestibular na Faculdade de Odontologia, já que não havia ainda um lugar adequado vinculado ao IPESSE e o diretor Eurico de Oliveira⁹³ ofereceu aquele espaço, uma vez que o movimento de criação da Leiga não envolveu apenas os médicos, mas outros profissionais da área da saúde.

Sobre o início do curso, como as narrativas se baseiam na memória, percebe-se diferenças quanto ao mês em que as aulas teriam efetivamente iniciado. Alguns indicam que o início se deu ainda em abril, outros falam em maio e algumas pessoas apontam junho como o começo das atividades. Por outro lado, o nome do professor Eurico de Oliveira, docente da Odontologia, vinculado ao primeiro vestibular da IPESSE, faz com que se perceba a grande importância que essa graduação teve no surgimento da Leiga.

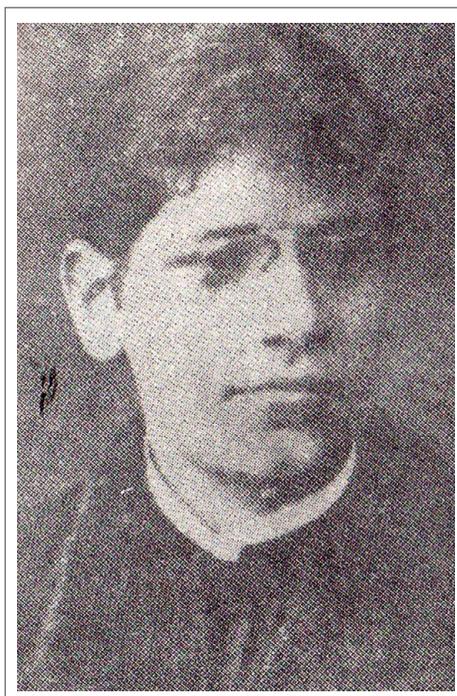
O meu tio, Dirceu Almeida da Rosa, era médico e estava trabalhando para a fundação da Faculdade, assim eu tinha informações sobre como o curso estava se organizando. Eu, antes, fazia Odontologia, já que sabia que havia disciplinas que costumavam ser idênticas nos dois cursos. Quando fui aprovada na Medicina mudei de curso e os professores eram os mesmos, nos anos iniciais.

Laura organizou e publicou um livro em 2018, em comemoração ao jubileu de ouro da primeira turma da Leiga e, dentre outras fontes, constou a lista de todos os professores que deram aula durante os seis anos da sua graduação, a partir da memória de Edson Holthausen. A obra traz vários depoimentos e é muito bem documentada, sendo usada, portanto, em várias citações do material que aqui se apresenta.

A nossa turma sempre foi muito unida, pois tivemos que abraçar uma batalha, uma vez que não se tinha nada: não tinha laboratório, microscópio, sala. Tinha que se instalar tudo e a cada ano isso era feito novamente, a partir das necessidades. No terceiro ano precisávamos entrar na clínica e não havia ambulatório e nem hospital. Tudo era



Dra. Antonieta Cesar Dias. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.



Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.



Dra. Rita Lobato Velho Lopes. Uma das mulheres pioneiras na medicina brasileira.
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

fundado na hora que precisava acontecer. Logo, alguns de nós começamos a sair de Pelotas, em julho, para fazer estágios em outros lugares. O Dr. Naum também fazia convênios com clínicas e hospitais para que pudéssemos atuar. Mesmo com todas as dificuldades os professores eram muito dedicados.

Eu era obstetra na ocasião em que me formei e estive dois anos na Maternidade Leonor Mendes de Barros, em São Paulo, lugar que havia um bom movimento de pacientes. Eles nos recebiam muito bem e ficávamos alojados no Hospital. A formação foi a partir de muito pioneirismo e esforço.

Para os anos iniciais é reforçada a ideia de empenho, não só dos professores que não recebiam salários ou que precisavam contribuir comprando números de rifas para alguma melhoria, mas também dos alunos que percebiam essa postura dos docentes e os apoiavam no que era preciso.

Eram anos difíceis, de ditadura. A nossa formatura foi no dia que assinaram o AI-5 e nós estávamos no Guarani e o nosso homenageado era o Dr. Gigante. Ele havia sido cassado como professor de Clínica Médica em Curitiba e veio para Pelotas. Gigante era um professor maravilhoso.

No livro que Laura Ward da Rosa (2018b, p. 169) organizou, há o detalhamento desse momento dizendo que Amílcar não compareceu à formatura por ter sido detido naquele dia: “[...] sentimos muito sua ausência. Com ele adquirimos conhecimentos sólidos da clínica, do processo do adoecer; a semiologia era exigida à risca, exames clínicos precisos, nos bons tempos em que os médicos examinavam os pacientes em vez de olhar para o computador”.

Apesar de na entrevista ter abordado que à época eram ingênuos, a narrativa de Laura é muito potente. Ela usa, por exemplo, a palavra ditadura para um momento político que deve ser qualificado como autoritário, ao contrário de vários entrevistados que preferiram falar em revolução para os anos pós-1964. Ainda, cita casos de colegas que tiveram de abandonar o curso pelo contexto político da época.

Na entrevista de Laura, também se percebe uma necessidade de atuação médica mais humanizada, em que os profissionais da saúde se preocupam em ouvir e conhecer os pacientes para saber do que padecem. Laura, assim como outros colegas, foram contratados por Naum para serem professores assistentes, tão logo se formaram na faculdade.

Atuar na Obstetrícia era difícil, pois te exigia tempo integral. Não se podia planejar férias, pois sempre havia algum parto para ser feito. Não se trabalhava em equipe como hoje, o que tornava o trabalho ainda mais estafante. No hospital, cada médico atuava apenas com as parteiras⁹⁴, a Maria Coral, a dona Nair, a dona Maria. Para o parto, havia toda uma preparação não de forma individual, mas com o marido, que acompanhava todas as etapas da gestação, a partir de reuniões semanais familiares.



Dra. Laura Ward da Rosa. Médica formada na primeira turma da Leiga.
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Laura Ward da Rosa.

A fala de Laura aponta fortemente ao que mais recentemente tem sido preconizado, ou seja, a ideia de um parto humanizado em oposição ao parto medicalizado. O momento do nascimento deveria tratar-se de um processo ético e solidário, que envolve não só a mulher e o bebê, mas também a sua família (POSSATI *et al.*, 2017).

O diretório acadêmico teve como primeiro presidente o Rubens Ardenghi. Naquele espaço nós não participávamos muito. Eles nos chamavam de “as meninas” e não nos convidavam, as reuniões eram com eles. Logo depois foi fundada a boate, que era um “point”, mas não íamos também.

Perguntada se havia machismo no comportamento dos homens que eram a maioria da turma, Laura não titubeou ao dizer que sim. Embora use, algumas vezes, palavras para atenuar certos comportamentos, como o fato de os homens fazerem “brincadeiras” com as mulheres, é bastante assertiva ao comentar que homens costumavam ser mais convidados para certas práticas clínicas, como as cirúrgicas, por exemplo, tendo algumas prerrogativas que as mulheres não tinham. Comenta, ainda, que a aula sobre aparelho genital masculino e feminino, na disciplina de Anatomia, foi dada separadamente para o grupo.

Sobre a minha trajetória profissional atual, eu estou vinculada à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e, além das aulas, participo de seminários como palestrante e comunicadora, e organizo eventos internacionais. Atualmente sou diretora do curso.

No decorrer do tempo, Laura migrou para a área da Psiquiatria e Psicanálise após fazer uma Especialização na área e iniciar uma formação na Associação Psicanalítica da Argentina. Sua fala não é destoante de uma parte considerável dos entrevistados, que trabalha, ainda, mesmo com idades mais avançadas.

Embora tenhamos evoluído muito na parte tecnológica, com exames cada vez mais precisos, como a ressonância, por exemplo, que permite ver metástases, penso que na parte humana a Medicina está perdendo, pois não se ouve tanto o paciente, não se prioriza o diálogo. Houve um aprimoramento das ciências, mas na relação humana regredimos um pouco.

Laura faz uma crítica contundente à maneira como a existência de dinheiro, algumas vezes, estabelece quem pode ser tratado ou não. Debate a situação da saúde pública no momento e se mostra bastante consciente do que seria necessário para mudar a conjuntura atual.

Carmen

O meu nome é Carmen Maria Duarte. Eu estudei em Pelotas a partir do segundo grau e sou de Canguçu. Eu ingressei na Medicina com 18 anos, e o curso sempre foi a minha primeira opção, mas não era fácil, pois, naquela época, as meninas não saíam de sua cidade natal para estudar.

Canguçu é uma cidade pequena do interior do RS, com cerca de 54 mil habitantes atualmente. Nos anos de 1960, a população era de 56.923⁹⁵, um pouco maior, portanto, do que nos dias atuais. Naquela época, no entanto, não era comum que pessoas do interior fossem estudar em cidades maiores, ainda mais se eram mulheres. Carmem deixou sua cidade natal com apenas 15 anos, o que mostra o seu pioneirismo.

Todo mundo falava sobre as faculdades, era notícia de jornal, de crônicas sociais e era notícia total entre os jovens que estavam interessados no assunto.

Conforme já visto no primeiro capítulo, especialmente a partir do ano de 1954, várias matérias de jornais abordavam o interesse que não só a cidade de Pelotas possuía na criação do curso de Medicina, como as cidades circunvizinhas. Isso porque Pelotas já era, naquela época, um polo regional de educação e de saúde, assim como ainda o é.

A diferença de concorrência para as vagas de vestibular era muito diferente do que é agora, mas havia candidatos não só da cidade e arredores, como de fora do Estado.

Em praticamente todas as Universidades do Brasil, o curso de Medicina é aquele que tem o maior número de concorrentes nos processos seletivos para ingresso. Tanto assim que é comum que jovens estudem vários anos até que consigam entrar em uma universidade pública. Para o primeiro vestibular da IPESSE vê-se que, embora houvesse concorrência, ela era bem menor do que os números atuais.

Comparando os valores das duas faculdades, o preço da Leiga era menor e a um certo tempo eu consegui uma bolsa e depois não paguei mais a faculdade. Eu não lembro mais quem foi que arrumou essa bolsa, mas acho que foi alguém que a obteve em Brasília. Eu não lembro bem em que época veio a bolsa, talvez a bolsa tenha sido até parcial.

Embora Carmen não saiba precisar de qual órgão era a bolsa que conseguiu acessar para ver sua mensalidade diminuída, sabe-se, pelas narrativas, que houve a concessão de auxílios a alunos e, inclusive, a isenção de pagamento de mensalidades de todo o curso, conforme já dito.

À época, se dizia que uma faculdade tinha os melhores hospitais e a outra os melhores professores. De todo modo, a nossa prática de hospital era muito pequena. O que vivíamos em hospital era no anexo da Beneficência Portuguesa. Com o pouco que tinha ali eles nos ensinavam muito. Até hoje eu lembro de coisas que eles ensinaram naquele lugar. Nós tínhamos professores excelentes como o Amílcar Gigante, que era da Clínica Médica.

Antes do sexto ano nós que acreditávamos que precisávamos ter uma maior vivência em hospital procuramos outros lugares para atuar. A faculdade havia feito convênio com vários lugares: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília. Eu escolhi Brasília e acho que foi uma boa escolha, pois ali, seis de nós, fomos muito bem recebidos, com respeito e consideração. Foi naquele ambiente, no hospital distrital, que eu mudei a especialidade que eu pretendia realizar, que seria ginecologia, passando para cardiologia. Tal fato teve relação com a experiência que tive na Cardiologia de lá.



Festa na Boate da Leiga em fins dos anos 1970.
Fonte: Acervo NDH-UFPel.

É preciso ressaltar que Brasília havia sido fundada no dia 21 de abril de 1960. Segundo Alves (2005, p. 125), “[...] seu planejamento foi fruto de um projeto nacionalista e modernista, características presentes tanto na planificação do terreno e projeto urbanístico quanto na expressão arquitetônica da cidade. Essa perspectiva modernista é exatamente uma das referências na busca da identidade nacional que marca a história do pensamento brasileiro do século XX”. Como uma cidade planejada, recebeu pessoas de vários lugares do país que viam naquele espaço um campo novo de possibilidades, especialmente no mundo do trabalho.

Sobre a saudade e o contato com a minha família, para mandar notícias eu precisava de que alguém me levasse de carro até o centro telefônico para pedir à telefonista de Canguçu, que se chamava Zila Baltriner, que passasse informações para a minha família sobre como eu estava. Uma outra possibilidade era a carta, que demorava muito tempo para chegar.

Na década de 1960, a comunicação entre as pessoas era bem mais difícil, de tal forma que um jovem de hoje teria dificuldade de imaginar sua vida sem a internet e o acesso rápido às informações como através do *Google* e do *Whatsapp*, por exemplo. Ligações via telefonista, cartas e telegramas faziam parte do cotidiano daqueles que queriam ter notícias de familiares que moravam longe.

Voltamos todos para a formatura, pois havíamos terminado o internato e daí retornei a Brasília para fazer a residência, que durou dois anos e, nesse período, eu já trabalhava.

Eu lembro bastante de alguns professores que eram excelentes. O Nova Cruz, que era dentista; tinha também o Pedro Raso, o Dyrrio Gorgot. Já a clínica médica marcou muito e acho que para todos. O professor era o Amílcar Gigante e as aulas eram especiais, pois além da clínica se falava da vida em geral. Lembro-me também das aulas do professor Paulo, ginecologista, pois como pretendia seguir nessa especialidade, ele me dava muita atenção. Eles tinham o objetivo maior de fazer a escola funcionar.

Carmen resalta o nome de alguns professores que foram também abordados em outras narrativas, especialmente o Dr. Amílcar Gigante. Sobre o primeiro que faz referência, José Luís Sacco da Nova Cruz, ele era oriundo da Odontologia, sendo um dos docentes de Fisiologia e vice-diretor da Leiga nos primeiros tempos. Nova Cruz, como era chamado, gostava muito de arte e promovia apresentações teatrais na Universidade. Nascido em 1930, faleceu em 1986. Nas narrativas, suas aulas aparecem como maravilhosas, especialmente pela didática utilizada para compartilhar os conhecimentos.

No que diz respeito a sermos mulheres, eu sentia que nos tratavam de forma diferente. Era mais uma brincadeira, não existia malícia assim de achar que a gente não era capaz. Vou citar um exemplo: eu entro em uma prova de Psiquiatria dizendo que não sei nada e tiro 10 e eles dizem que era por causa da saia. Naquele contexto da sociedade, se sabia



Dra. Carmen Maria Duarte. Médica formada na primeira turma da Leiga.
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Carmen Maria Duarte.

que se estava enfrentando algo novo, pois existia essa pergunta de que por sermos mulheres será que daria certo. Eu sentia mais que era uma brincadeira do que uma agressão.

Ainda que reflita sobre a maneira como eram tratadas pelos colegas em tom de “brincadeira”, sabe-se que as mulheres têm, no decorrer dos tempos, normalizado o modo como costumam ser abordadas, especialmente pelos homens, que têm o hábito de constrangê-las nos mais diferentes espaços.

Gleide

Meu nome é Gleide Bandeira Rosinha, nasci em Pelotas e saí da cidade após a formatura. A Medicina era a minha primeira opção, mas como não tinha faculdade em Pelotas e eu não possuía recursos para me deslocar a Porto Alegre, ingressei no curso de Letras Anglo-germânicas, da Católica, esperando que abrisse a Medicina aqui e o início foi meio de surpresa, pois se imaginava que seria em 1964, mas aconteceu antes.

No que diz respeito às notícias sobre a criação da Leiga, havia muitas publicações que indicavam que, enquanto o bispo queria abrir a católica, a sociedade de Medicina pretendia criar um outro curso. Houve uma disputa grande inicial e depois surgiu a ideia de se unir as duas faculdades e fazer uma só, mas não se teve acordo.

Gleide se mostra bastante informada sobre os debates que aconteceram ainda na década de 1950, em Pelotas, no tocante à necessidade de se abrir uma graduação de Medicina. Acerca da discussão sobre a fusão, embora tenha existido, conforme já visto, não era algo que parecia conseguir ser concretizado, tendo em vista até mesmo a existência de prédios destinados aos novos cursos e de verbas, municipais e estaduais, já empenhadas.

Os valores da mensalidade eram altos, e com o tempo foram obtidas bolsas através do governador Brizola, mas não eram bolsas que cobrissem toda a mensalidade; mas ajudaram bastante. As bolsas foram úteis, já que eram muitos os que precisavam desse auxílio. Não somente eu.

Novamente o assunto das bolsas aparece na narrativa. O interessante é que no decorrer das entrevistas se viu que teriam existido auxílios de três tipos: estaduais, nacionais e com o financiamento da própria IPESSE.

As aulas no início eram boas e se via que os professores queriam muito fazer com que tudo funcionasse bem. Não tínhamos grandes recursos de infraestrutura, mas os docentes fizeram muito nos primeiros anos e depois também.

As mulheres eram muito respeitadas, mas havia algumas brincadeiras, ou seja, já existia bullying à época. Nada que chamasse a atenção, mas brincadeiras e apelidos, por exemplo. Nós, as quatro, andávamos muito juntas sempre. Sentávamos juntas e, algumas vezes, nós mesmas nos isolávamos.

A ideia de uma normalização do comportamento masculino algumas vezes mais jocoso, em outras mais agressivo, aparece novamente na fala de Gleide. O fato de andarem sempre juntas, inclusive nos deslocamentos até a Leiga, demonstra uma espécie de proteção que queriam efetivar.

Eu comecei a minha vida profissional em Passo Fundo, uma cidade de cerca de 80 mil habitantes, à época, que possuía somente 33 médicos e os pediatras eram apenas dois. De início, eu abri o consultório e comecei a atuar no que depois se constituiu no INAMPS. Eu tinha 24 anos e os meus colegas já eram idosos. Eu era a única mulher que atuava como médica pediatra e havia uma ginecologista que em seguida foi embora. A gente era meio discriminada, não sei se por ser mulher ou por ser nova. Com o tempo, chegaram médicos novos e a situação mudou.

Até mesmo alguns pacientes comentavam que preferiam médicos do sexo masculino. Tal situação se dava até mesmo no campo da Pediatria, no qual eu atuava. Naquela época, ou a mulher fazia curso normal para ser professora ou ficava dentro de casa. Com o tempo isso mudou. Hoje em dia tem mais mulheres na Medicina do que homens, né?

Nesse trecho da entrevista, Gleide aborda a dificuldade de se colocar em um mercado de trabalho que, à época, tinha maioria de homens. Nota-se que ela sentia adversidades até mesmo no campo da Pediatria que, tradicionalmente, era e ainda é ocupado em maior número pelas mulheres. De todo modo, ela reflete sobre essa feminização crescente da Medicina como algo que tem mudado a perspectiva da profissão.

Na década de 1970, entre os anos de 1973 e 1976, também dei aula na Pediatria na Universidade de Passo Fundo. Tive que me afastar da docência, pois meu marido foi transferido para Brasília e quando retornei para a cidade reabri o consultório, seguindo o que eu fazia antes. Em 1984 fomos para Barcelona, onde por mais de dois anos estive como assistente no Hospital Infantil “Juan de Dios”, no serviço de neonatologia. Posso dizer que fazer saúde pública foi a atividade que mais me fez sentir útil e gratificada.

A trajetória de Gleide se deu em diversas áreas, tanto na clínica quanto na docência, mas em sua narrativa fica evidente o quanto o trabalho com saúde pública fez diferença na sua experiência como médica.

No início, eu estava em dúvida sobre se faria oftalmologia ou pediatria, mas daí comecei a atuar em ambulatórios, nas vilas, sobretudo nas férias e passei a me interessar mais por pediatria. Via-se os problemas de ignorância com relação a vacinas, então, comecei a orientar e me entusiasmar pela área. Naquela época, tinha muita criança que morria por desidratação, por diarreia e aí se passou a usar o soro e, em seguida, o soro caseiro e eu fiquei trabalhando nisso. O índice de mortalidade infantil era muito alto e o uso do soro passou a ser prescrito a partir de 1964.



Dra. Gleide Bandeira Rosinha - Médica formada na primeira turma da Leiga.
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Gleide Bandeira Rosinha.

Gleide aborda um tema interessante que era o da ignorância da população com relação à importância da imunização. Embora o tempo tenha passado, em notícia publicada pelo Conselho Federal de Enfermagem, no ano de 2022⁹⁶, sabe-se que a taxa de vacinação tem caído tanto no Brasil que voltou ao patamar de 1987, e isso se deve a dois fatores principais: as chamadas *Fake News* e verbas menores para a implementação de políticas públicas, tão importantes para a eliminação de uma série de doenças, algumas delas que não se tinha notícia há muito tempo – como a poliomielite que, embora tivesse desaparecido no ano de 1989, voltou a reaparecer no Brasil recentemente, em um caso no Pará⁹⁷.

No que diz respeito à diarreia, segundo Victora (2009, p. 3), entre 1985 e 1987, esta ocasionou 17.3% de todos os óbitos infantis no Brasil. Já para o começo do século XXI, a partir do incremento de políticas públicas e de ações integradas das equipes de saúde, os números de óbitos decorrentes desta moléstia são expressivamente menores (entre 2003 e 2005, por exemplo, segundo explica o autor, 4,2% de todos os óbitos ocorreram devido à diarreia).

O médico austríaco Norbert Hirschhorn foi um dos precursores no debate sobre o uso do soro. Ele se envolveu em pesquisas relacionadas à reidratação oral em 1964 e, em seguida, foi mandado a uma missão em Bangladesh, lugar que estava passando por uma epidemia de cólera, que causava diarreia grave. À época, a reidratação era feita por via intravenosa, sendo bastante cara. O hoje chamado soro caseiro foi o responsável por salvar milhões de vidas, a partir da mistura de glicose e sódio na mesma proporção em meio aquoso⁹⁸.

Na Medicina as mulheres, em geral, ou faziam ginecologia e obstetrícia ou pediatria. Depois começaram a aparecer as dermatologistas.

Gleide aponta para as especialidades que costumavam ser mais acessadas pelas mulheres no início de suas formações como médicas, ao mesmo tempo em que pensa no presente, no qual as mulheres representam 77.9% das dermatologistas no Brasil (SCHEFFER *et al.*, 2020).

No período da ditadura houve dois colegas que sumiram, não se ouviu mais falar sobre eles, um foi um boliviano e outro não me recordo. O nosso guru, o professor de clínica, considerado como um mentor, Dr. Amílcar, era contra a ditadura e foi o homenageado de honra da nossa turma, não podendo comparecer à formatura, pois naquele dia saiu o AI-5 e ele foi cassado. De todo modo, a gente não ficava sabendo muita coisa...

Ainda que apareça a mesma história contada por vários dos entrevistados sobre o Dr. Amílcar Gigante, Gleide traz a questão do silêncio sobre a história do Brasil no período, vinculada ao fato de pouco saberem sobre o que acontecia naquela conjuntura. Segundo Starling (2015, p. 37), alguns silêncios se vinculavam à ditadura no Brasil:

O primeiro silêncio recai sobre o apoio da própria sociedade e, em especial, sobre o papel dos empresários dispostos a partici-

par na gênese da ditadura e na sustentação e financiamento de uma estrutura repressiva muito ampla que materializou, sob a forma de política de Estado, atos de tortura, assassinatos, desaparecimentos e sequestros. O segundo silêncio incide sobre as práticas de violência cometidas pelo Estado contra a população e direcionadas para grupos e comunidades específicos [...]

O centro acadêmico foi criado no primeiro ano do curso. Nós não tínhamos semana acadêmica, mas eram feitas atividades vinculadas aos alunos. Eu, inclusive, fui da primeira diretoria, eu era diretora de patrimônio. Nós conseguimos uma sala no prédio antigo, no Instituto de Higiene, um espaço meio improvisado e fizemos uma reunião dançante de inauguração do centro acadêmico. Em seguida, foi construída uma sala nova para abrigar o centro acadêmico.

Nos relatos dos entrevistados, não aparece uma semana acadêmica específica já com esse nome na década de 1960, mas há narrativas sobre encontros científicos promovidos tanto por alunos quanto por professores. José Milton Miranda cedeu o folder do que foi intitulada como a primeira semana acadêmica de Medicina - UFPel, promovida pelo Diretório Acadêmico Naum Keiserman, em colaboração com a Secretaria de Saúde do RS. O encontro deu-se entre 18 e 22 de outubro de 1977 e discutiu vários assuntos vinculados à área médica.

Ainda na narrativa de Gleide, chama a atenção o fato de que ela revelou ter participado do DANK, como diretora de patrimônio, já na primeira gestão, o que não era muito comum no período, já que no início aquele era um espaço mais masculino.

O período de reconhecimento do curso foi bem angustiante, pois o Dr. Naum ia a Brasília, em todos os lugares possíveis, pedir ajuda e era difícil. Eu, inclusive, fiz parte de uma comissão que procurou o João Goulart quando ele esteve em Pelotas, na Escola Técnica⁹⁹ e o procuramos, eu, o Rubens Ardenghi e o João Osório dos Reyes para conversar. Foi recebido apenas o Rubens e pedimos o reconhecimento.

Novamente aqui, fica explicitado o protagonismo de Gleide que participou, inclusive, de uma comissão que pretendia falar com João Goulart, presidente do Brasil, entre os anos de 1961 e 1964.

Tania

Meu nome é Tania Barcellos Chaves e quando eu me formei me chamava Tania Labes Barcellos. Eu sou de Pelotas e ingressei na Medicina com 20/21 anos. O curso sempre foi a minha primeira opção, pois desde pequena eu dizia que seria doutora das crianças. Fiz dois vestibulares difíceis: um para o Colégio Municipal Pelotense e outro para o curso de Medicina. O interessante é que na graduação convivi com vários colegas do Pelotense.

À época, o Colégio Municipal Pelotense era muito prestigiado com relação à formação de estudantes visando uma preparação mais integral como cidadãos. Seus vestibulares costumavam ter apenas questões dissertativas, o que era bastante difícil para os alunos. Conhecido por ter em seu quadro profissionais com uma excelente instrução, costumava ser uma aspiração dos estudantes que procuravam cursos mais concorridos, como a Medicina, por exemplo. Segundo Scheer (2017, p. 85): “O Pelotense, como hoje é denominado, surgiu na cidade como uma nova opção de ensino primário e secundário de qualidade, oferecendo educação laica, assegurando liberdade de consciência, formando cidadãos aptos para a democracia e para alcançar o tão almejado progresso”.

Caso eu voltasse no tempo faria tudo novamente, e tanto é verdade que estou trabalhando até hoje, com 80 anos. Sobre os problemas existentes no curso, havia uma preocupação constante se seria reconhecido, tendo existido, inclusive momentos de tensão, que foram dissipados com o tempo, pois quando nos formamos já havia acontecido o reconhecimento.

Conforme se pode ver na documentação existente no *site* do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, o reconhecimento do curso deu-se através do decreto 59.381 de 12 de outubro de 1966¹⁰⁰, bastante tempo antes da formatura da primeira turma, que ocorreu no dia 13 de dezembro de 1968.

A turma era dividida em quatro grupos, que representavam equipes diversas e havia uma mulher em cada uma delas. A aula teórica era com todos juntos, mas as aulas práticas eram mais individualizadas, ou seja, na Anatomia cada um dos quatro grupos trabalhava, por exemplo, com um cadáver específico.

Tinha gente que dizia que não acreditava em médica, mas como eu fazia Pediatria, era algo mais maternal. De todo modo, eu nunca tive problemas em exercer minha profissão.

Alguns trabalhos eram vistos como mais femininos como aqueles vinculados ao cuidado, à paciência, à minúcia, à perseverança, “[...] enquanto força muscular, velocidade e habilidade significavam masculinidade” (SCOTT, 1991, p. 18).

Para Perrot¹⁰¹ (2005, p. 251, grifos da autora):

As mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram “profissões” [...] As “profissões de mulheres”, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco mobilizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial).

Ainda que Tania promovesse a atenção às crianças, com a Pediatria, a Medicina como um todo não era pensada como o melhor lugar para as mulheres na década de 1960, conforme já dito.

A turma era muito unida e continua sendo, pois nos encontramos a cada cinco anos, desde a formatura. Tão unida que quando saiu uma seleção para o INAMPS, os meus amigos da turma apresentaram todos os meus papéis para a seleção e eu só tive que assinar e começar o trabalho. Não tinha uma competição entre nós.

No início, vinham muitos professores de fora e era bem difícil a avaliação, talvez por sermos a primeira turma. Veio um professor de fora, de Belo Horizonte, Pedro Raso, de Patologia e alguns colegas disseram para o professor que as meninas só decoravam, que não entendiam a matéria. Daí o professor conversou conosco e disse que se não entendêssemos não adiantava, mas estudamos muito e tiramos uma nota boa.

Tania também considera o ato dos demais colegas como “brincadeira”, mas o fato relatado aconteceu apenas vinculado a elas, em uma perspectiva de desqualificação intelectual das mulheres, o que continua acontecendo em dias atuais. A própria Tania refletiu sobre a situação de que mulheres na Medicina, naquela época, ainda era um tabu.

Quando nos formamos não lembro de muitas mulheres na Medicina em Pelotas, só da Cecé, Maria da Conceição, que era ginecologista. Não lembro de outras mulheres médicas... Depois sim, quando nos formamos, éramos quatro na Leiga e quatro na Católica.

Nesse trecho da entrevista aparece o nome da professora Maria da Conceição de Oliveira Fernandes, conhecida como Cecé. Ela se formou na UFRGS e, em seguida, começou a dar aula na Leiga. Recebeu o título de especialista em Ginecologia, pela Associação Médica Brasileira, no ano de 1963.

Ainda que recorde de mulheres na Medicina nos anos de 1960, em Pelotas, os números eram tão poucos que ela consegue citar os nomes, bem diferente da época atual quando se percebe que a profissão está cada vez mais feminina e jovem, no Brasil como um todo (SCHEFFER *et al.*, 2020).

No sexto ano eu fiz a parte de Ginecologia e Obstetrícia, no Hospital Darci Vargas, em São Paulo; e, relacionado à Pediatria, eu atuei no Morumbi, um hospital maravilhoso. Meu pai e minha mãe deixaram que eu fosse para uma cidade grande, pois eram pessoas diferenciadas para a época. A minha irmã fez Agronomia e eu Medicina. De todo modo, meu pai pensava que mulher era para cozinhar e cuidar da casa, mas minha mãe tinha tido uma educação europeia. Na família dela, havia pessoas com outra cabeça e a minha mãe achava que a gente tinha que estudar, que não podia depender de marido. Já o pai, nunca deixou a minha mãe trabalhar fora. Ela arrumou emprego, mas ele nunca a deixou atuar.

Nessa parte da entrevista se percebe uma contradição, pois ainda que no início da narrativa tenha sido abordado que os pais tinham uma outra visão de mundo, tal situação se colocava, claramente, para a mãe, que incentivou as filhas a estudarem e a se profissionalizarem.

A formatura foi uma festa muito bonita. Antes teve uma missa na capela da Beneficência, com a nossa presença e de nossas famílias; de noite teve o ato solene e no outro dia o baile, que foi no Brilhante. Foi uma festa na cidade.

Sobre a minha atuação, eu sempre trabalhei muito e se voltasse no tempo faria novamente Medicina. Trabalhava no INAMPS, tinha consultório, dei aulas na Universidade onde fui professora na primeira turma de Nutrição, em materno-infantil e atuava nas Ciências Domésticas¹⁰², na disciplina de Enfermagem do Lar e Puericultura. Eu me aposentei e continuo no consultório até hoje.

Por fim, lembro que teve uma epidemia de meningite em Pelotas, nos anos de 1970, momento em que morreu muita gente, crianças e adultos. Naquela época se atendia muito em casa. A gente atendia e não tinha máscara, não tinha nada.

A servidora técnico-administrativa da Leiga, Nilza Maria Lopes, também lembra desse surto de meningite na cidade quando trabalhava na Santa Casa, em 1971, já que será justamente neste ano que apareceram os primeiros casos de meningite no Brasil cujo ápice deu-se em 1974 (SCHNEIDER *et al.*, 2015). A professora Rita Barata, que escreveu um livro sobre o assunto, “Meningite: uma doença sob censura?”, diz que o fato de o governo ditatorial brasileiro ter tentado omitir os casos e os números, fez com que a população não soubesse como agir. Para proibir a divulgação de notícias, era utilizado o Decreto Lei número 1.077, de 26 de janeiro de 1970¹⁰³, o qual estabelecia censura-prévia aos meios de comunicação. Apenas no ano de 1975, aconteceu uma campanha nacional de vacinação, momento em que além da população mais pobre ser fortemente atingida, começaram os casos dentre as classes favorecidas.

“No teatro da memória elas são uma leve sombra”¹⁰⁴

A história das quatro primeiras mulheres da Leiga é muito bonita e mostra um grande protagonismo. Elas foram pioneiras, pois em um momento em que a sociedade esperava que como moças de classe média e da elite¹⁰⁵ tivessem uma educação adequada para serem boas esposas e mães, elas preferiram ocupar espaços que antes eram, eminentemente, masculinos. Dessa forma, passaram por dificuldades certamente maiores do que as dos homens, mas driblaram os problemas e escolheram o que queriam ser.

Suas memórias tiveram um destaque neste capítulo, tendo em vista uma colocação de Michelle Perrot que ainda faz todo o sentido, ou seja, a afirmação de

que a história das mulheres precisa sair do silêncio e suas trajetórias devem ser contadas com a singularidade com que são feitas. Segundo a historiadora (1995, p. 8): “Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas [...]”.

A visibilidade, portanto, que se pretendeu dar ao contar de forma mais individual as trajetórias de Laura, Carmen, Gleide e Tania foi na perspectiva de trazer inspiração a outras mulheres, nos dias de hoje, que ainda convivem em um mundo machista e misógino, que ou mata, ou assedia, ou impede, ou obstrui os caminhos de mais da metade da população mundial.

SOCIABILIDADES

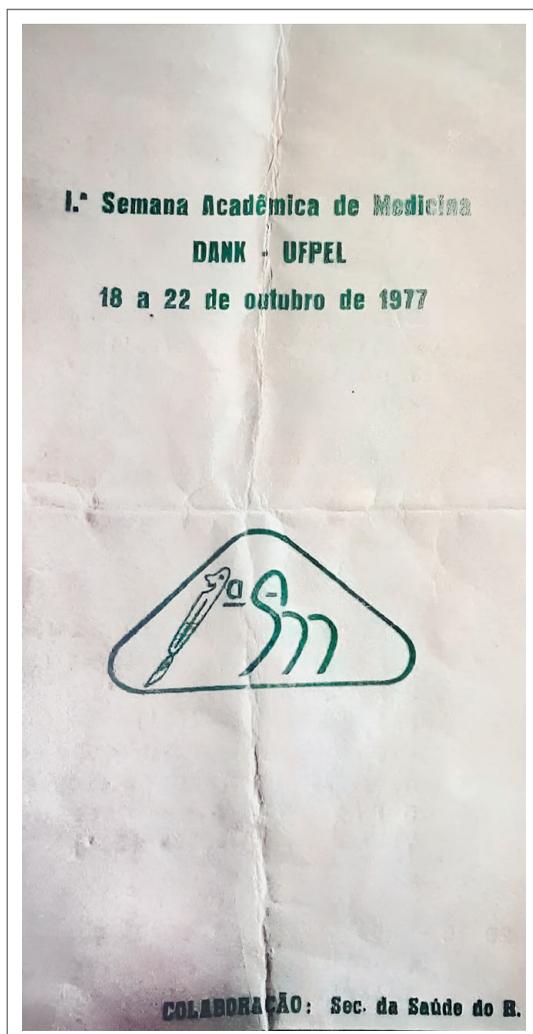
O curso de Medicina é considerado bastante estressante por alguns motivos, dentre eles, a ampla carga horária da graduação e, também, por lidar com situações traumáticas que se relacionam diretamente à finitude da vida. Embora a morte seja certa, há dificuldades, da maioria das pessoas, em lidar com a perda daqueles que lhe são queridos. “Considerada por um lado um fracasso ou uma parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando, portanto, ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares, a morte é o outro lugar” (CERTEAU, 2011, p. 266).

Tendo em vista essa conjuntura e o fato de que os alunos eram, em sua maioria jovens, alguns deles de outras cidades do Estado e do Brasil, uma das preocupações da Faculdade era a de criar espaços de sociabilidade em que pudessem construir vínculos, até mesmo tendo uma perspectiva de continuar em Pelotas.

Sociabilidade é pensada neste texto relacionada principalmente ao lazer, ou seja, se vincula a usar o tempo livre para, como diz Corbin (2001), construir distrações, na perspectiva de se ter um período vazio de fazeres, mas pleno de felicidade.

Pelotas possuía uma população expressiva na década de 1960, 176.575 pessoas (BEM, 2017) e era considerada uma das mais importantes cidades do Estado, do ponto de vista econômico, político e cultural. Tal situação proporcionava vários espaços de sociabilidades, como a existência de clubes sociais, parques ao ar livre, cinemas, praças, além do Laranjal, que fazia pouco tempo estava disponível para uma parcela mais ampla da população.

Nas entrevistas, percebe-se que várias atividades foram pensadas no sentido de uma maior socialização entre a comunidade da FAMED e, também, na construção de espaços dentro da cidade. Edson Holthausen fala sobre as passeatas universi-



Detalhe do folder da primeira semana acadêmica de Medicina da UFPEL.
Fonte: Acervo NDH-UFPEL.



Dra. Tania Barcellos Chaves - Médica formada na primeira turma da Leiga.
Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Tania Barcellos Chaves.

tárias existentes antes de 1964. Como entrou nesse período, marcado pelo golpe, participou de uma caminhada, a qual fazia críticas sociais. Segundo ele, um homem, com um travesseiro na barriga, desfilava com a seguinte frase: “Não dou à luz senão o Brizola me encampa”, isso porque o político havia encampado a Light em Porto Alegre¹⁰⁶. Em um outro momento, ele conta uma história de modo risível e se diverte com a lembrança. Um aluno da Agronomia carregava um cartaz referindo-se aos estudantes de Medicina, que assim dizia: “O nosso erro a terra mostra. O erro deles a terra esconde”.

Havia, também, atividades destinadas a todos os graduandos de Medicina de Pelotas. Uma delas é citada pelo mesmo Edson e se vincula a um torneio de futebol de salão intitulado Intermed, que existia e ainda existe, em todo o Brasil. À época, embora fosse uma atividade pensada como de lazer, o torneio era marcado pelo confronto entre as duas faculdades de Medicina de Pelotas e, segundo Edson, “acontecia de tudo durante a competição, até mesmo picuinhas sobre a importância de um ou de outro curso”.

A Leiga promoveu um dos Intermed no ano de 1974, entre 21 e 28 de julho, na gestão de Bernardo Scarsinski, à frente do DANK. Segundo aqueles que participaram, o evento foi muito bom, pois teve o comparecimento de metade dos cursos de Medicina de todo o Brasil.

O certo é que o esporte sempre esteve presente nas Universidades, algumas vezes, tendo em vista competições esporádicas, relacionadas ao futebol, vôlei, basquete. A partir das narrativas se percebe, no entanto, um crescimento das chamadas atléticas, principalmente a partir dos anos de 2010. Ainda que o foco seja o jogo, muitas vezes, a entidade amplia a pauta com a intenção de mobilizar os estudantes para alguma demanda ou para promover uma maior identidade dos alunos com a escola, que pode ser, inclusive através da música, com a organização de bandas, por exemplo. Thiago Gaspar (ATM 2016) diz que a atlética na Leiga surgiu como uma espécie de braço do DANK e sua sala recebeu o nome do diretor à época, Farid Nader, em homenagem a ajuda que receberam em sua constituição. Farid também nomeia uma copa, que começou como uma competição anual de Futsal entre as turmas, tendo, inclusive, um time de professores. Com o tempo, a copa “Faridão”, como é chamada, passou a incluir outros esportes.

Sobre as atléticas, Thiago avalia que o crescimento foi tão grande na UFPel que foi construído a chamada Inter atléticas, organizado pela própria Universidade, com vários cursos competindo entre eles, em diferentes modalidades de esportes. Vinculado à atlética da Leiga há a bateria, que reúne mais de trinta pessoas – que tocam diferentes instrumentos e animam as competições.

Retomando o passado, como outras formas de encontro entre os estudantes, foram citadas as reuniões dançantes, que depois deram origem à boate da Leiga,



Colégio Municipal Pelotense. Referência em educação no município de Pelotas.
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas.

considerada um dos principais espaços de sociabilidade da época para a cidade; os churrascos de turma; a quadra de esportes, o próprio espaço do DANK, lugar em que se encontravam em qualquer intervalo de aula para conversar, comer e tomar café, além de jogar sinuca e ping-pong.

Um dos entrevistados, Luís Antônio Benvegnú (ATM 1989), aborda a existência de um grupo de teatro na Faculdade, coordenado pelo professor Nova Cruz. O grupo foi criado no ano de 1982 e encenava diferentes textos¹⁰⁷. Ele relata que durante o segundo grau, hoje ensino médio, tinha essa motivação para atuar, o que continuou fazendo na Faculdade. Uma das peças encenadas levava o nome de Ecos e as apresentações, realizadas no auditório, costumavam acontecer no Dia do Médico. Normalmente, os papéis principais eram do grupo que ensaiava cotidianamente e os secundários ficavam com alunos cujas participações eram esporádicas.

Carlos Alberto Bandeira (ATM 1975) fala sobre o coral da Faculdade. Segundo ele, os integrantes participavam, inclusive, de concursos de coros em Porto Alegre e as passagens, para os deslocamentos, eram pagas pelo Dr. Naum. O maestro era Romeu Tagnin, italiano e um dos compositores do Hino de Pelotas. Bandeira diz que um dos incentivadores dessa atividade era o professor José Nova Cruz, um entusiasta da arte nos ambientes acadêmicos.

Havia também os trotes, realizados por veteranos aos calouros. Wanderlei Rospide da Motta conta que eram raspados os cabelos dos meninos, mas que aquilo era motivo de orgulho, pois saíam pela cidade com a palavra “bixo” escrita na testa e com um chapéu verde, constando em branco a inscrição “Med”. Ele afirma que não tinha vontade nem de tirar o chapéu, que só era abandonado após um baile feito no Diamantinos, para este fim. Já Carlos Alberto Bandeira conta que o trote poderia ser violento, pois teve um colega seu que foi pintado com tinta esmalte e sofreu uma infecção séria e um outro cuja cabeça foi colocada em uma latrina. Ele também recorda o baile de retirada do chapéu que, segundo ele, aglutinava os estudantes das duas faculdades de Medicina da cidade.

Ainda, os discentes citam a ida a sessões cinematográficas, especialmente aos domingos. Havia vários cinemas de calçada, como eram chamados. Dentre eles pode se citar o Capitólio, o Tabajara, o Pelotense, o Rei, frequentado, algumas vezes, em mais de uma sessão por dia, ou seja, se ia ao cinema às 14 horas e só se voltava para casa às 20 horas, depois de três filmes vistos em um único dia. Em espaços da Universidade, como a sala 54 da Odontologia, havia também cineclubes, que promoviam a exibição de filmes e depois havia debate sobre o tema abordado (CUNHA, 2017).

Mais recentemente, nas entrevistas, aparece a constituição da Banda Leiga, que tocava rock e teria surgido entre 1999 e 2000. Segundo Umberto Lopes de Oliveira Filho¹⁰⁸, formado na ATM 1983 e depois professor da casa (a partir de 1991), a banda era formada por Decio Renck, Fábio Brião, Rodrigo Mendonça, Ricardo Amin, Fernando Silva e Bruno Gomes e se apresentava em festas, prin-



Dra. Maria da Conceição de Oliveira Fernandes.
Uma das primeiras professoras da Leiga.
Fonte: Quadro de Formatura. Acervo da FAMED.

principalmente na Leiga. Há, também, a Festa do Décimo, realizada por turmas que estão próximas à formatura com a finalidade de angariar recursos para a comemoração. Marcelo Capilheira, formado na UFPel (ATM 2001) e, depois, diretor da FAMED entre os anos de 2017 e 2021, diz que a festa do décimo hoje é para a cidade inteira, mas que antes era de despedida, “pois o semestre era o último em que a turma se reunia em aula e depois era o estágio e cada um ia para um canto”.

No capítulo, foram apresentadas as dificuldades em se construir uma escola médica ao sul do país na década de 1960. As adversidades, no entanto, foram sendo resolvidas, principalmente, pelo empenho dos professores, dos técnico-administrativos e dos primeiros discentes para o fortalecimento, reconhecimento e federalização da Leiga. Passados sessenta anos, vê-se a FAMED-UFPel como uma escola médica de excelência no país.

FONTES DOCUMENTAIS:

- Clipping da Coordenadoria de Comunicação Social da UFPel, do ano de 1976.
- Diário de Gleide Bertinetti Bandeira. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf> Acesso em 13 de março de 2023.
- Documentos da Leiga constantes na página do NDH. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/famed-ufpel/>. Acesso em 24 de abril de 2023.

ENTREVISTAS ORAIS:

- Entrevista presencial realizada com Edi José Nascente, no dia 16 de setembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Paulo Luiz Koschier e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Laura Ward da Rosa, no dia 20 de setembro de 2022. Entrevistadora Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Wanderlei Rospide da Motta, no dia 23 de setembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Edson Holthausen, no dia 29 de setembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Gleide Bandeira Rosinha, no dia 30 de setembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Gley Silva de Pacheco Costa, no dia 1º de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Altair Delfino da Rocha Faes, no dia 19 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Simon Halpern, no dia 21 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.



Churrasco de confraternização da primeira turma da Leiga.
Fonte: Acervo NDH-UFPeL.



Aula prática do curso de Ciências Domésticas da UFPeL, no qual alguns docentes da Leiga ministravam aulas.
Fonte: Acervo NDH-UFPeL.

- Entrevista on-line realizada com Carmen Maria Duarte, no dia 12 de outubro de 2022. Entrevistadora; Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Antonio César Gonçalves Borges, no dia 14 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Tania Barcellos Chaves, no dia 15 de outubro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luiz Augusto Facchini, no dia 26 de outubro de 2022. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Carlos Alberto Bandeira, no dia 3 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com José Justino Faleiros, no dia 12 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Carlos Karam, no dia 14 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Nilza Maria Lopes, no dia 16 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Beatriz Franck Tavares, no dia 17 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Dércio José Zerwes, no dia 25 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com José Aparecido Granzotto, no dia 30 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Luís Antônio Benvegnú, no dia 2 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Leo Zilberknop, no dia 7 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Cristiane Hallal da Silva, no dia 8 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Umberto Lopes de Oliveira Filho, no dia 15 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Julieta Carriconde Fripp, no dia 11 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Samuel Antônio Neugebauer, no dia 13 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Thiago Gaspar, no dia 7 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com César Victora, no dia 19 de janeiro de 2023. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.

- Entrevista on-line realizada com Luana Padilha Corrêa, no dia 28 de março de 2023.
Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

- Entrevista on-line realizada com José Milton Cunha Mirenda, no dia 2 de maio de 2023.
Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



CAPÍTULO 3

A POLÍTICA DE COTAS NO BRASIL E NA MEDICINA - UFPEL

As cotas nas Universidades brasileiras foram instituídas pela Lei de número 12.711 promulgada em 2012, mas os debates sobre a necessidade de ampliação do acesso e da democratização do ensino são bem anteriores.

Como no início o assunto no Brasil possuía o estigma de ser um tema polêmico, foram concebidos argumentos para os que se diziam contrários à norma, que se vinculavam, muitas vezes, a critérios de meritocracia, ou seja, a ideia amplamente construída era a de que todos poderiam se destacar a partir de seus próprios esforços, como se fosse possível que pessoas que tivessem trajetórias tão desiguais pudessem chegar ao mesmo objetivo, tendo em vista apenas suas habilidades individuais. E havia argumentos para os que defendiam a política de cotas, baseados, na maior parte das vezes, na necessidade de reparação histórica, a qual permitiria incluir grupos desfavorecidos ou excluídos da sociedade com vistas à promoção de uma sociedade mais justa.

A normativa do ano de 2012 garantiu “[...] 50% das matrículas por curso e turno nas Universidades Federais e Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia para alunos que tenham concluído seus estudos integralmente em escolas públicas, de maneira regular ou por meio da educação para jovens e adultos e para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência” (GILL; MENDES, 2021, p. 84).

Sua implementação, à época, nas 59 Universidades Federais e nos 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia poderia ser construída gradualmente, em um prazo de até quatro anos. Na UFPel, em 2012 houve a aprovação de 40% de vagas nessa modalidade, fixando-se em 50% no ano seguinte.

Com o passar do tempo, viu-se que a lei, vinculada a uma política de ação afirmativa, trouxe muitos benefícios à democratização do ensino superior. Para Feres Júnior *et al.* (2018, p. 13):

uma definição de ação afirmativa deve ser parcimoniosa o suficiente para abarcar as diversas políticas assim denominadas. Portanto, parece-nos razoável considerar ação afirmativa todo programa, público ou privado, que tem por objetivo conferir recursos ou direitos especiais para membros de um grupo social desfavorecido, com vistas a um bem coletivo. Etnia, raça, classe, ocupação, religião e castas são as categorias mais comuns em tais políticas. Os recursos e oportunidades distribuídos pela ação afirmativa incluem a participação política, acesso à educação, admissão em instituições de ensino superior, serviços de saúde, emprego, oportunidades de negócios, bens materiais, redes de proteção social e reconhecimento cultural e histórico.

Mas se com o tempo havia motivos para se comemorar a construção de Universidades mais inclusivas, diversas e plurais, houve, também, alguns percalços relacionados a tentativas de fraudar esta política pública. Um dos casos mais conhecidos se relacionou justamente ao curso de Medicina da UFPel.

Logo nos primeiros anos da implementação das cotas, o critério de ingresso para pretos, pardos e indígenas era apenas a autodeclaração, feita no ato da matrícula, com o objetivo de simplificar o processo. Contudo, o que houve foi a denúncia de que vinte e sete alunos da Medicina haviam promovido uma fraude, por terem um fenótipo claro de pele e se autodeclararem como pretos ou pardos. Segundo notícias publicadas¹⁰⁹ à época, a denúncia teria partido do movimento negro do Estado e de alunos da própria UFPel.

Sobre o episódio da denúncia, Luana Padilha Corrêa (ATM 2021), que era cotista da turma do segundo semestre de 2015, conta que alguns dos denunciados ingressaram no mesmo período que ela. Luana comenta que “foi bem tenso, porque um dia tinham os alunos e no outro dia, de repente, sumiram os colegas [...] e sumiram da chamada. E aí foi muito chocante, porque, na verdade, tinham muitos colegas que eram brancos, que reconhecíamos como brancos e foi chocante saber que estavam naquele grupo”. Ela relata que chegou, inclusive, a trancar a Universidade durante um semestre e um dos motivos foi ter ficado um clima muito pesado e hostil na turma depois do que aconteceu.

Como desfecho para a denúncia, no dia 30 de dezembro de 2016¹¹⁰, a reitoria, após constituir comissão investigativa que apurou os fatos, resolveu cancelar as matrículas e desligar, do total, vinte e quatro estudantes do curso de Medicina, além de instituir grupo de trabalho para planejar como se daria a averiguação nos processos futuros.

Desde o segundo semestre do ano de 2016, a UFPel se utiliza de bancas de heteroidentificação cujas ações são acompanhadas pelo Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) da UFPel, com o objetivo de coibir tentativas de fraudes, as quais têm diminuído significativamente com o passar dos anos. As bancas são

formadas por servidores públicos, advogados, professores e estudantes que recebem formação específica, através de cursos, para avaliarem a solicitação de ingresso por cotas. Para os candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos, relacionado à chamada cota social, a verificação é feita pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, que solicita uma série de documentos visando comprovar a situação socioeconômica do requerente.

Na perspectiva de ampliar ainda mais o acesso à UFPel foram criados, a partir da resolução n. 15 do ano de 2015, do Conselho Coordenador do Ensino, Pesquisa e Extensão (COCEPE), processos para vagas específicas destinadas a indígenas e quilombolas. No tocante aos indígenas, só podem se inscrever os aldeados e, no caso dos quilombolas, aqueles que são efetivos moradores das comunidades remanescentes de quilombos. Para os dois casos, as provas constam da elaboração de uma redação (classificatória e eliminatória); elaboração de um memorial descritivo (classificatório) e defesa do memorial descritivo (classificatório).

PRIMEIROS EXEMPLOS DE CURADORES NEGROS E INDÍGENAS

Antes de que se comece a discussão sobre o que vem acontecendo no presente, é importante fazer um retrospecto histórico sobre a saúde associada aos povos negros e indígenas. Além de se considerar questões relacionadas às desigualdades sociais, que faziam e ainda fazem com que não tenham, muitas vezes, acesso à saúde, é preciso se observar, também, que há algumas formas particulares de se vincularem ao processo da saúde-doença. Para Coimbra Júnior e Santos (2000, p. 126): “No Brasil, as pesquisas sobre os efeitos de desigualdades sociais em saúde tendem, em sua maioria, a privilegiar a análise da composição socioeconômica como um dos elementos centrais de seus modelos explicativos. Não há uma produção sistemática acerca do peso da dimensão étnico-racial na expressão diferenciada dos agravos à saúde”.

Ainda para os autores (2000), portanto, são vários os fatores que devem ser considerados para se pensar na saúde desses povos como raça, nível socioeconômico, acesso à educação, espacialidade, dentre outros.

De todo modo é preciso se refletir que muito antes de se utilizarem dos tratamentos convencionais relacionados à alopatia, que frequentemente não estavam disponíveis, necessitaram usar o que se apresentava como acessível, seja recorrendo aos medicamentos relacionados, muitas vezes, a ervas, ou na orientação de um profissional que pudesse os acolher.

No que diz respeito aos medicamentos, as plantas foram e ainda são imprescindíveis à grande parte da população, fazendo parte de uma perspectiva de atenção mais popular e tradicional desde tempos remotos até o momento atual. Segundo

Fernandes (2004, p. 27): “A utilização de plantas, além de outros produtos naturais, na terapêutica e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares e médicos e a rituais”.

No que concerne ao atendimento de um curador, durante o período da República Velha, esteve à frente, no Estado do Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), o qual implementou algumas propostas de releitura da obra de Augusto Comte¹¹¹, seja durante o período castilhistas¹¹² ou borgistas¹¹³. Dentre essas propostas estava a liberdade profissional, a qual interessa, sobretudo, no debate sobre a atuação médica no Estado (GILL, 2004).

Através da liberdade profissional era possível que vários curadores se apresentassem, em fins do século XIX e início do XX, inclusive mediante a anúncios de jornal, como atuantes na área. Para que oferecessem seus serviços era necessário apenas que se cadastrassem na Delegacia de Higiene. A atuação desses curadores era marcada por acalorados debates, principalmente na imprensa, que costumava se referir a eles como charlatães, feiticeiros, mandingueiros.

Mesmo com algumas adversidades, eles costumavam permanecer em Pelotas durante um tempo e atuavam tanto na zona urbana quanto rural, espaço em que eram mais numerosos. Alguns deles não possuíam formação acadêmica, outros tinham vindo de países diversos, sem que houvesse a revalidação de seus diplomas, e havia, ainda, aqueles que tinham se formado através de cursos por correspondência.

Loner *et al.* (2019) aborda o caso de Euzébio de Queirós Coutinho Barcellos, que, ao longo de sua trajetória, passou de escravizado a doutor. No texto é apresentada notícia publicada no jornal Diário Popular de 7 de junho de 1928, no momento de sua morte.

Faleceu ontem, o benquisto cidadão, nosso amigo Sr. Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos, médico licenciado, contando a avançada idade de 80 anos, viúvo e natural desse estado. O corpo foi colocado em fina urna de madeira de lei, estilo francês, e ricamente guarnecido com emblema prateado e acolchoado com veludo roxo, e conduzido em carro de primeira classe, ao cemitério, onde ficou depositado na catacumba da Irmandade da Nossa Senhora do Rosário n. 49. As cerimônias fúnebres tiveram lugar, com crescido acompanhamento, a cargo da casa Constantino Ribeiro. O extinto gozava de geral apreço, sendo sua morte muito sentida. A exma. família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

Euzébio se envolveu com vários problemas durante a vida, tendo em vista a atividade que exerceu. Ele foi acusado de feitiçaria pelo jornal *O Dia*, de 18 de setembro de 1916 e nos dias subsequentes foi chamado de preto, vadio e esperto (GILL,

2004). Ele parece ter se livrado das acusações por ter uma fala muito articulada, a partir da qual ressaltava ser católico, sócio de várias entidades, além de filiado ao partido que estava no poder, o PRR. Ele chegou, inclusive, a apresentar uma lista de nomes respeitáveis da sociedade pelotense que o apoiava com a intenção de se livrar das acusações que o jornal fazia a ele.

Um outro caso de um médico negro bastante conhecido foi o de Durval Penny, pertencente à família que fundou o jornal *A Alvorada*, de Pelotas. “O jornal *A Alvorada* circulou na cidade de Pelotas e região de 5 de maio de 1907 a 13 de março de 1965, o que o torna hoje o mais longevo periódico da imprensa negra brasileira. Foi fundado por trabalhadores, na sua maioria de origem afro-brasileira, para ser um veículo de informação, defesa e protesto da comunidade negra e da classe operária pelotense” (SANTOS, 2017, p. 14).

Durval fez seu curso por correspondência no Instituto Nacional de Ciência e se formou no ano de 1914 (PERES, 2002) em uma época em que era muito difícil que pessoas que não fossem da elite cursassem Medicina. Ele era um homem negro, trabalhador, que ficou reconhecido por ser o médico dos pobres no período em que viveu.

Se relacionado aos negros é possível identificar o nome de uma ou outra pessoa que conseguiu exercer a arte de curar, a partir de conhecimentos tradicionais ou por formação, o mesmo não acontece com os indígenas. Embora se saiba que os chamados povos originários se utilizaram, desde tempos remotos, de saberes vinculados às ervas, por exemplo, o encontro de uma referência específica é mais difícil, como se o silêncio dissesse mais do que a palavra.

Segundo o último censo (2010)¹¹⁴ havia, no Brasil, 896.917 indígenas e, destes, 572.083 vivem na zona rural e 324.834 na zona urbana. Já no RS existiam 32.989 indígenas, com uma estimativa de que cerca de 23 mil vivam em aldeias. Os grupos principais do Estado se vinculam às etnias Guarani, Kaingang e Charrua, e o maior número deles se concentra na região norte do Estado.

Como se trata de uma população em vulnerabilidade social, o acesso à saúde é mais precário sendo preciso se ter um olhar diferenciado para esse grupo. Recentemente, por exemplo, tendo em vista à pandemia de covid-19, que afetou o mundo todo, viu-se como os indígenas ficaram mais expostos à enfermidade, seja pelas condições econômicas e sociais, que envolvem, muitas vezes, o acesso mais dificultoso aos serviços de saúde; seja porque são inexistentes em algumas regiões ou tendo em vista a indisponibilidade de maiores estruturas, como as de um ambiente hospitalar.

Pretos, pardos e indígenas costumam possuir maior dificuldade em acessar a saúde e, certamente, outras políticas públicas. Embora o SUS preconize um atendimento integral e para todos, sabe-se que a situação vivenciada pelo Brasil, como um país em desenvolvimento, está longe de ser a ideal, o que afeta aqueles mais desprotegidos. Diante de tal situação é comum que essas pessoas busquem formas alternativas de cura desde muito tempo.

OS MÉDICOS NEGROS PIONEIROS COM FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RS

Quando se procura pelos primeiros médicos negros do Estado, Luciano Raul Panatieri é uma referência. Tamanho seu reconhecimento, inclusive, fez com que uma avenida na zona leste de Porto Alegre tenha sido batizada com seu nome. Luciano nasceu em 1897 e se formou em 1922 na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Era filho de pai italiano e mãe negra que, segundo registros, trabalhava como empregada doméstica¹¹⁵. Um outro nome que aparece é o de Veridiano Farias, que também dá nome a uma rua de Porto Alegre. Ele era descendente de escravizados e foi o primeiro médico formado na UFRGS, no ano de 1951. Sua trajetória é muito interessante, uma vez que era um multi-instrumentista que atuou como carroceiro, motorneiro, motorista de ônibus vindo a se formar somente com 45 anos, pouco exercendo a profissão. Quando formado, passou a trabalhar no Hospital de Itapuã, dedicando-se aos cuidados de pacientes diagnosticados com hanseníase e, em seguida, morreu em decorrência de um ataque cardíaco¹¹⁶.

Mais recentemente, no entanto, uma pesquisa¹¹⁷, coordenada pela professora Maria Angélica Zubarán e Vítor Costa, na qual foi analisada o jornal *O Exemplo*, editado entre 1892 e 1930, trouxe outros nomes como precursores: Arnaldo Dutra (1888-1929), Diógenes Baptista (1891-1962) e Alcides Feijó Chagas de Carvalho (1893-1958). Os três estudaram na Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, que funcionou entre os anos de 1915 e 1932. O interessante da Escola é que, para os autores, esta formava médicos negros em um período bastante anterior às cotas bem como concedia bolsas, a partir de um recorte de raça e classe.

Mesmo com formação acadêmica, a trajetória de médicos e médicas negras não era fácil no passado e ainda não o é no presente. Luana Corrêa, médica egressa da Leiga, reflete sobre isso ao dizer que: “As pessoas não esperam encontrar um médico negro, uma médica negra, então isso, durante a formação, apareceu em vários momentos, momentos difíceis na verdade”. Ela conta que no hospital universitário da UFPel, atualmente, o ingresso é através da digital, mas no tempo em que era estudante, para ingressar, precisava mostrar sempre a carteira estudantil, enquanto os colegas brancos passavam reto, pois pareciam ter “cara de médico”, segundo ela. Recorda, também, de outra situação que se deu no Serviço de Atendimento Especializado (SAE), dedicado ao atendimento de pessoas que vivem com o HIV/AIDS, que dispunha de um estacionamento para médicos e estudantes, mas, com relação a ela, precisou justificar porque havia deixado seu carro lá. Já Sílvia Macedo, formada na UFRGS (ATM 1993) e professora da Leiga desde 1997 na área de Pneumologia e atual coordenadora de curso, comunga do sentimento de Luana de que não se espera encontrar uma médica negra, tanto é assim que algumas vezes os pacientes se direcionam a ela como se ela não fosse a médica da equipe.

No passado e no presente é como se a sociedade, que convive com um racismo estrutural, quisesse que pretos, pardos e indígenas – que ousaram pretender curar pessoas, seja através de conhecimentos tradicionais ou de experiências adquiridas na academia – se sentissem como se estivessem fora do lugar destinado, historicamente, a eles.

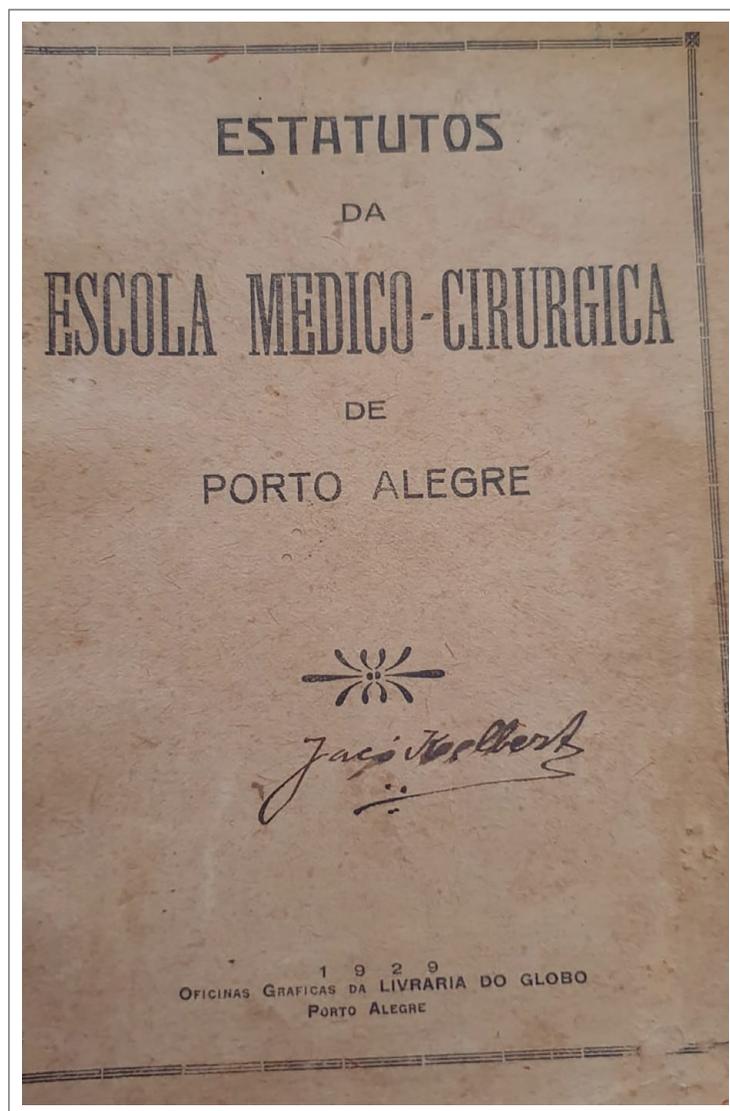


Foto dos estatutos da Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre (1929).
Fonte: Acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

O INGRESSO POR COTAS NA LEIGA E A QUESTÃO DA PERMANÊNCIA

Retomando uma perspectiva mais atual, quando se fala em cotas se percebe que, com o passar dos anos, o número dos albergados pela lei foi crescendo nas Universidades. Estudo realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar de Ação Afirmativa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e publicado no site da Fiocruz, com dados de 2018, diz que: “Desde 2014, os graduandos das universidades públicas vêm em sua maioria de escolas públicas (60%) e de famílias com renda de até 1.5 salários-mínimos por pessoa (70%)”¹¹⁸. Sobre a composição racial nesses espaços acadêmicos foi averiguado que, pela primeira vez, o percentual de pretos e pardos era um pouco superior, perfazendo um percentual de 50,3% das matrículas. Para o grupo de estudos, “com as cotas, as instituições ganharam estudantes que frequentam mais bibliotecas, dedicam mais tempo aos estudos, têm menor taxa de desistência e são mais engajados socialmente”.

Sobre os indígenas, um levantamento recente da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp), percebeu um salto de 374% no número de estudantes indígenas em Universidades no Brasil, em dez anos, embora representem apenas 0.5% dos universitários: “Em números absolutos, o total de alunos indígenas passou de 9.764, em 2011, para 46.252 em 2021, um aumento de 5 vezes”¹¹⁹.

É preciso que se diga que, embora o número de novos universitários que entram por cotas tenha se expandido, as condições para a manutenção deles nas Universidades precisam ser melhoradas. A política de permanência de estudantes está prevista no artigo 206 da Constituição Federal de 1988 e desde 2010 pode ser implementada, de forma mais contundente, através do Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), mas há várias queixas dos alunos sobre a sua efetivação: dificuldades para acessar a moradia estudantil, o que prejudica estabelecerem-se na cidade, poucas aulas noturnas, o que os impede de trabalhar; bolsas com valores muito baixos, que demoram a ser pagas, impedindo uma manutenção satisfatória; falta de equipamentos em cursos que precisam desse tipo de material, o que afeta as aulas práticas. Ou seja, há muitas adversidades para acessar os programas institucionais, os quais visam diminuir as taxas de evasão e de repetição de disciplinas.

No que diz respeito aos concluintes de Medicina no Brasil, em 2019: “67,1% se autodeclararam da cor ou raça branca; 24,3% se declararam pardos, enquanto 3,4% se autodeclararam da cor ou raça preta” (SCHEFFER *et al.*, 2020, p. 112). Os autores também ressaltam, no entanto, que embora ainda haja uma discrepância nos números, os concluintes pretos e pardos vêm aumentando: “[...] em 2013 eram 23,6%; em 2016, representavam 26,1% e, em 2019, eram 27,7% do total” (p. 112).

A partir da análise dos dados elencados em 2019, pela pesquisa organizada por Scheffer, vê-se que o percentual mais significativo de formados pretos, pardos e indígenas está em escolas médicas públicas. No tocante à renda familiar, tendo em vista as cotas, houve um crescimento na participação de concluintes vinculados a estratos inferiores de rendimentos, ou seja, se em 2013 eram apenas 2,6%

os que tinham renda familiar de até 1.5% salário-mínimo, em 2019 serão 6,8% (SCHEFFER *et al*, 2020, p. 113).

Mesmo que os números mostrem uma mudança no perfil dos alunos e, especialmente na caracterização dos concluintes, há ainda muito a ser feito para que o ensino de Medicina consiga ser acessível a uma maior parcela da população.

Para tratar dos dados da UFPel, foi procurada a Coordenadoria de Registros Acadêmicos (CRA) visando obter informações sobre os cotistas que ingressaram na Medicina pós legislação de 2012, e se obteve apenas números para os ingressantes de 2013: houve a entrada de 27 cotistas na Medicina, naquele ano, sendo que 15 se formaram, 11 cancelaram e houve um abandono. Quatro cancelamentos estiveram relacionados a estudantes da cota L1, ou seja, candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1.5 salário-mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas pública; 7 cancelamentos se associaram à cota L3, ou seja, candidatos que independente da renda tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas e o abandono esteve vinculado a uma pessoa que ingressou sendo autodeclarada indígena com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1.5 salário-mínimo, que tenha cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Como são números apenas de um ano não se pode tecer uma análise geral sobre o ingresso por cotas na Medicina da UFPel, mas as informações servem para se perceber as dificuldades iniciais para o estabelecimento de uma política que, além de incluir, precisava criar condições de permanência.

Sobre os dados de ingresso via processo seletivo especial na Medicina, eles foram obtidos com a pedagoga da UFPel, Rejane Bachini Jouglard, que atua no Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) e pesquisa a temática para a futura de sua tese doutoral, no Programa de Antropologia. Segundo ela, os indígenas e quilombolas que ingressaram via Processo Seletivo Especial (PSE), a partir de 2015 e continuam matriculados são os quilombolas: Alex Dias Shug; Carlucia Alves Ferreira; Jilvani Farias dos Santos; Mariana Silveira Alves; Mariele Marques da Silva; Ítalo da Silva. E os indígenas: Débora Raquel Chaves Ribeiro; Marcondy Mauricio de Souza; Shirawana Alves do Nascimento; Tatiane da Silva Araújo Braga; Wellington Angelo da Silva Cidade e Roseli Batalha Braga. Os únicos formados em Medicina até o ano de 2023 foram entrevistados e suas trajetórias compõem o presente capítulo: Daniel Miranda Lopes de Souza e Leonardo Christian da Silva Maia.

AS TRAJETÓRIAS DE DANIEL E LEONARDO

A ideia neste capítulo é apresentar as narrativas construídas através da fala dos próprios entrevistados. Para isso, se usará novamente o que na História Oral se denomina de **transcrição**, ou seja, a partir dos seus relatos será construído um texto com a finalidade de que eles mesmos contem suas histórias. Toda a vez que a narrativa se relacionar diretamente ao entrevistado será citada em *itálico*, justamente para diferenciar de anotações que se fazem importantes para compreender o contexto, abordado pela autora do livro.

Ainda que já tenha sido informado os regramentos para ingressar por cotas, é interessante explicitar, de forma mais pormenorizada, o que é considerado um indígena e um quilombola segundo a legislação brasileira. A lei n. 6.001 de 19 de dezembro de 1973¹²⁰ estabelece o Estatuto do Índio e afirma, em seu artigo 3º, que indígena é “todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional”. Já o Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003¹²¹ assim diz sobre os quilombolas em seu artigo 2º: “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Daniel: “A Leiga virou uma família”

Meu nome é Daniel Miranda Lopes de Souza (ATM 2021), sou quilombola, solteiro e filho de dois professores. Nasci em Santa Maria da Boa Vista e vivi a infância e adolescência na comunidade quilombola do Serrote, em Pernambuco, às margens do Rio São Francisco. A comunidade tem cerca de dois mil moradores e, como é pequena, a maior parte das pessoas é parente. Próximo ao quilombo do qual faço parte existem mais duas comunidades quilombolas: Inhanhum e Cupira.

A comunidade quilombola do Serrote foi reconhecida no ano de 2008, pela Fundação Cultural Palmares, justamente no momento que sofria ameaças, tendo em vista proposta de construção de hidrelétricas em regiões próximas. A comunidade, atualmente, tem em torno de 178 famílias.

A minha formação escolar foi feita na cidade, uma vez que os meus pais se deslocavam para lá para dar aulas, mas sempre retornavam aos finais de semana para a comunidade. Eu ingressei na UFPel na primeira seleção especial (ano de 2015) e fui o primeiro graduando de Medicina nessa modalidade. Eu tinha tentado o ENEM, sem sucesso e soube dessa forma de ingresso pela minha tia, uma pessoa relacionada às causas sociais, que estava em Brasília e comentou sobre a seleção, que era presencial.

O edital foi realizado considerando a Resolução n. 15 de 7 de maio de 2015, do Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE). No texto, foram apresentados alguns motivos para a criação da norma como o atendimento de uma demanda histórica por parte de representantes de movimentos sociais e de entidades, dentre elas quilombos e aldeias e órgãos governamentais, como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). O documento ainda alega que é preciso considerar que “os modos de vida e a cultura escolar são diferentes e podem dificultar sua participação em seleções como o ENEM”, por isso a necessidade de se criar um processo seletivo especial no âmbito da UFPel¹²².



Dr. Daniel Miranda Lopes de Souza. Primeiro médico formado a partir da política de cotas para quilombolas implementada na UFPel.

Fonte: Acervo pessoal do Dr. Daniel Miranda Lopes de Souza.

No primeiro momento pensei em não vir, pois achei que era muito longe de onde vivia e seriam muitos os gastos para o deslocamento, mas com o incentivo dos pais resolvi tentar. Nós precisamos nos mobilizar para conseguir passagem, pois quando eu soube do processo seletivo já era muito perto da data que deveria estar em Pelotas. A viagem foi uma verdadeira saga, pois meu pai e eu nunca tínhamos andado de avião. Próximo à viagem, meu pai havia sido diagnosticado com uma doença autoimune. Tivemos medo de não acertarmos os portões de embarque, pois desconhecíamos a rotina de um aeroporto.

A longa distância entre Pernambuco e o Rio Grande do Sul quase fez Daniel desistir do deslocamento visando tentar uma única vaga que havia para Medicina, naquele momento na UFPel, tendo em vista o processo seletivo especial. Além disso, tinham os gastos exorbitantes, o receio de andar de avião e a situação de saúde de seu pai que dificultaram a decisão.

Como o curso efetivamente iniciou mais no final do ano, eu me formei em 2021, tendo vivenciado situações também vinculadas à pandemia, o que fez com que houvesse, inclusive, uma pequena antecipação no término da graduação, já que os estágios tiveram uma carga horária um pouco menor do que era previsto para que se tivesse mais médicos formados.

O coronavírus, conhecido cientificamente como SARS-CoV-2, trouxe impactos devastadores sobre a população mundial. Embora o primeiro caso tenha sido observado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, o decreto da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que era uma pandemia só aconteceu em março de 2020. Durante o tempo em que se conviveu com a pandemia de covid-19, como ficou conhecida, era como se, em alguns aspectos, se pudesse voltar às páginas da História, uma vez que os casos de adoecimento e morte lembravam bastante uma outra pandemia acontecida, especialmente no ano de 1918, denominada Gripe Espanhola. Sobre as mortes: “Novas estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de covid-19 (descrito como “excesso de mortalidade”) entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 14,9 milhões (intervalo de 13,3 milhões a 16,6 milhões)”¹²³. No dia 5 de maio de 2023 a covid-19 deixou de ser uma emergência global, conforme novo decreto da OMS¹²⁴.

A pandemia ocasionou inúmeras consequências na vida em sociedade. Especialmente nos primeiros tempos impôs a necessidade de isolamento social com o objetivo de minimizar o contágio, o que impactou várias esferas, como a educacional, por exemplo. Nos anos de 2020 e 2021 as aulas nas Universidades foram ministradas on-line, a partir de plataformas digitais, e vários estágios presenciais sofreram atrasos. Ao mesmo tempo, como houve uma demanda maior por profissionais da saúde, foi necessário acelerar alguns percursos formativos de modo a se ter mais médicos disponíveis para atuar durante o surto da doença.

Cristiane Hallal da Silva, professora da Leiga, fala sobre esta antecipação da formatura, em sua narrativa, dizendo que alguns alunos, durante a pandemia de covid-19,

assumiram funções importantes na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Covid de Pelotas. Muitas vezes eles discutiam os casos com professores de diversas formas, dentre eles, através de uma espécie de plantão telefônico, com a finalidade de atender melhor a população adoentada que procurava aquele local. Tanto assim que a ATM 2020/2, intitulada Transfusão, a qual fez a formatura oficial dois anos depois, foi reconhecida por sua importante atuação no combate à pandemia: “A formatura deles foi muito emocionante, neste sentido assim, com todos os professores reconhecendo o papel deles, reconhecendo a coragem deles”, segundo Cristiane.

Eu tive algumas dificuldades, mas também fui bem recebido e me relacionei cordialmente com os colegas, fazendo grandes amigos, que me são próximos até o dia de hoje. Mas no início foi algo curioso, pois eu me sentava para conversar e as pessoas me perguntavam o que era um quilombo, o que fazíamos lá e, por estar localizado às margens do São Francisco, perguntavam se eu tinha coragem de nadar no rio.

O Rio São Francisco é um dos mais conhecidos do país e da América do Sul, sendo popularmente conhecido como Velho Chico. Tudo que se relaciona ao rio é grande, já que atravessa cinco estados brasileiros; a ele estão ligadas seis usinas hidrelétricas e é chamado de rio da integração nacional. A trajetória do rio é contada de diversas formas, como na música e na literatura, por exemplo. Caetano Veloso canta¹²⁵: “Velho Chico, vens de Minas. De onde o oculto do mistério se escondeu. Sei que o levas todo em ti. Não me ensinas. E eu sou só, eu só, eu”. Ou através de Guimarães Rosa (1986, p. 60), no livro Grande Sertão Veredas, em que diz, através do personagem Riobaldo: “O sertão é do tamanho do mundo [...]. Agora, por aqui, o senhor já viu: rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão”.

Quando chegamos na cidade, fomos direto para a Leiga e andamos a pé, da rodoviária até lá, sem saber dos perigos, que se apresentaram depois. Conseguimos informações sobre alojamento, com um segurança do prédio que nos indicou que dormíssemos na antiga casa do estudante, próxima à fruteira, pois ele conhecia o segurança que atuava lá e falaria com ele sobre nós. Era um dia bem pelotense, com uma certa névoa e eu pensei ‘estou tão longe de casa, o que estou fazendo aqui, não vai dar certo isso’. Lá o pessoal nos recepcionou muito bem, arrumaram um quarto e ficamos por lá uns três dias, antes de irmos para um alojamento que havia sido preparado para os que chegavam.

Daniel, na sua narrativa, diz ter construído boas memórias sobre a cidade, já que frequentou lugares na serra e, também, próximos à lagoa. Afirma ter tido um arrependimento que foi o de não mergulhar nas águas do Laranjal, ainda que compreenda que no período em que esteve aqui, em várias áreas, era impróprio o banho.

Durante o curso, vivi várias situações de constrangimento por ser negro e nordestino, mas meus familiares sempre me incentivaram a não me abater com esse tipo de investida, evitando me desanimar. Assim, quando isso acontecia, eu tentava dar o meu melhor para mostrar o quanto eu era capaz, pois era como se quando nós, cotistas,

tirássemos uma nota melhor, alguns não aceitassem essa situação. Havia uns poucos professores, sobretudo mais velhos, que faziam, também, piadas racistas, machistas, mas estavam entrando pessoas, nossos colegas, mais desconstruídas, ou seja, tinham uma perspectiva bem mais acolhedora.

Daniel relata casos de racismo, relacionados à cor de sua pele e, também, ao chamado preconceito de lugar. Ele vincula atitudes mais conservadoras aos professores mais velhos, embora se saiba que tanto o racismo, o machismo como a transfobia, por exemplo, existem em todas as parcelas da população. De toda forma, reconhece que o ingresso de pessoas de várias classes sociais, de raças diversas e um maior número de mulheres tenha trazido um espaço de mais solidariedade entre eles.

Na minha turma teve muita confusão com relação às cotas, pois teve aquelas pessoas que tinham fraudado o processo seletivo e que foram investigadas. Alguns colegas achavam que éramos nós que tínhamos denunciado, e tentavam nos excluir de tudo, mas outros, que concordavam com aquela investigação, se aproximaram.

Novamente, aqui aparece a questão da fraude em relação a um dos primeiros processos seletivos por cotas, quando havia ainda a autodeclaração. Tal fato impactou muito a vida dos acadêmicos, pois gerou um ambiente de desconfiança sobre quem teria feito a denúncia.

Eu morei praticamente todo o tempo na casa para indígenas e quilombolas, só sai no último ano. Sobre a concepção de uma casa específica para este público eu acho bem bacana, porque muitos vêm perdidos e naquele lugar se sentem pertencentes a um grupo. A casa é um local em que estão pessoas na mesma situação que você. Pessoas que tem o mesmo estilo de vida, que vieram de locais parecidos com o que tu vivias, pois por mais que fossem de regiões diferentes tinham algo em comum.

A fala de Daniel aponta fortemente para a questão da identidade, tanto é assim que ele enfatiza a ideia de que a Leiga virou uma espécie de casa, com o passar do tempo. Para ele, o fato de dividirem um mesmo espaço de moradia, em que poderiam compartilhar suas culturas, foi fundamental para a sua manutenção no curso.

A Medicina da UFPel é um curso bem reconhecido em todo o Brasil, principalmente pela Epidemiologia. Mas durante a graduação não temos tanto contato com essa área, o que é uma pena. A Universidade ainda ganhou mais notoriedade com a pandemia, tendo em vista a pesquisa sobre a covid-19. Há algumas dificuldades relacionadas à questão da infraestrutura e do hospital escola, mas os professores tentam minimizar estes problemas ao proporcionarem uma boa formação. Algumas vezes, inclusive, chamo os professores que tive para eventuais consultas em casos que estou atendendo como médico.

A UFPel possui um reconhecimento na área da saúde a partir de diferentes cursos de graduação e percursos formativos. Na fala de Daniel, foi enfatizada a trajetória da Epidemiologia, que reúne profissionais de diferentes áreas do conhecimento. A Universidade ficou mais conhecida nacionalmente depois do desenvolvimen-

to da chamada EPICOID, coordenada pelo professor Pedro Curi Hallal¹²⁶, que é vinculado ao centro epidemiológico. Em sua narrativa, chama a atenção também Daniel enfatizar sobre o preparo dos professores, o que é evidenciado desde o início do curso, em 1963.

Ainda sobre o momento da pandemia, o diretor que esteve à frente da unidade, em seu início, Marcelo Fernandes Capilheira, julga que a Universidade teve um papel importante nesse contexto não só pelo combate às chamadas *fake-news* – feito através das falas dos professores e, também, pela construção de informativos pelo comitê covid –, quanto pela atuação de seus docentes nas chamadas tendas covid e na aceleração da formatura para a colocação de profissionais no mercado de trabalho, embora compreenda que tenha sido difícil conciliar a necessidade emergencial com a questão da formação adequada.

Durante a graduação, participei de várias ligas acadêmicas bem como de estágios em cadeiras que eu tinha mais interesse e, também, da Barraca da Saúde. Após a minha formatura, fiquei um pouco ainda aqui na região, pois precisava me apresentar ao exército e daí atuei em cidades pequenas como Canguçu, Pedro Osório, São Lourenço e Rio Grande. Como o exército não me chamou, voltei para o Nordeste. Aqui eu assumi no programa Médicos pelo Brasil, que é parecido com o Mais Médicos. Fui logo para o trabalho e não para a residência, para não sobrecarregar os meus pais.

Daniel participou de um projeto de extensão intitulado Barraca da Saúde, coordenado pela professora da Enfermagem, Michele Mandagará de Oliveira, o qual abriga estudantes da área da saúde e de outros cursos, e tem como objetivo levar conhecimentos produzidos nas Universidades para a população mais vulnerável das cidades. Revela também ter participado do Programa Médicos pelo Brasil, lançado pelo governo Bolsonaro, o qual substituiu o Programa Mais Médicos, que está sendo retomado neste momento, no governo Lula.

Tudo valeu muito a pena, faria tudo de novo, mas acho que hoje me preocuparia menos com nota e mais com o aprendizado mesmo. Eu poderia ter participado de mais projetos, de ligas, enfim, poderia ter vivido mais experiências.

Depois de formado e já no mercado de trabalho, Daniel se ressentiu de ter se preocupado tanto com a nota que tiraria em uma avaliação. Embora tenha participado de muitas atividades extracurriculares, pensa que se pudesse teria ampliado ainda mais o leque de vivências que o espaço da universidade proporciona.

Leonardo Tuxá: “Entrei para demarcar a Faculdade de jenipapo e urucum”

Meu nome é Leonardo Christian da Silva Maia (ATM 2022). Sou filho de um policial aposentado e de uma técnica de enfermagem, também aposentada. Nasci em Pirapora, Minas Gerais. A origem do meu povo é de Rodelas, na Bahia, só que daí teve todo um processo de migração. Na época, os indígenas não tinham terras e a Marinha alistava

os indígenas e os levava para outros lugares em troca da promessa de demarcação de territórios e o meu avô acabou indo trabalhar na Marinha, como fuzileiro e depois foi para a Marinha mercante. Como ele fazia o trecho Pirapora-Juazeiro, na Bahia, pelo São Francisco, acabou se estabelecendo em Pirapora e assim ficamos na cidade, por não termos um território específico para morarmos. Desde 2015 o meu povo, como a gente não tem terra, ocupa um território lá em Buritizeiro, Minas Gerais, cidade vizinha de Pirapora.

Leonardo, que é da comunidade Tuxá, entrou na UFPel através do processo seletivo, da Coordenação de Processos de Seleção e Ingresso (CPSI) Nº 77 de 18 de dezembro de 2015 e, com ele, nesse edital, ingressaram também os indígenas Kaingang: Graciele Cavalheiro da Silva, em Enfermagem; Lurdes Ribeiro Sales, em Antropologia e Bruno Anderson Soja Vaz, Gestão Ambiental.

Ele relata, em sua narrativa, as dificuldades que os indígenas possuem para que suas terras sejam demarcadas e que possam viver em paz, longe de grileiros e garimpeiros, que costumam invadir suas propriedades em busca de minérios.

Para Paladino (2012, p. 175): “A educação superior indígena é uma questão que estava praticamente fora das agendas governamentais e não governamentais até finais da década de 1990” e, por isso, se torna ainda mais importante a existência de processos seletivos específicos para essa parcela da população.

Segundo o Portal Povos Indígenas no Brasil¹²⁷, o povo Tuxá ainda vive principalmente na cidade de Rodelas, em uma aldeia urbana de mais de 60 casas, mas, como uma das ilhas que habitavam – denominada Viúva –, foi inundada para a construção da Hidrelétrica de Itaparica, alguns foram transferidos para outros lugares: Ibotirama, e para uma área às margens do rio Moxotó, no município pernambucano de Inajá.

Um material disponível para se conhecer um pouco mais do povo Tuxá consta no projeto “Os Brasis e suas memórias: os indígenas na formação nacional”¹²⁸. Uma das biografias publicadas foi justamente a do Mestre Roque Moisés, avô de Leonardo, que foi cacique e pajé do seu povo. Ele nasceu em 1928 e faleceu em 1997.

Eu morei primeiro na casa destinada a indígenas e quilombolas, mas demorei para me ambientar, fiquei um pouco deprimido e acabei indo morar em uma casa com um amigo, que hoje é meu marido. Quando eu cheguei em Pelotas vim com uma mala apenas e não tinha condições de alugar uma casa, então ter um lugar para ficar foi importante.

Desde o início do programa seletivo especial, a UFPel aluga uma casa destinada apenas a indígenas e quilombolas, justamente por entender que juntos poderiam se ajudar mais em eventuais dificuldades que poderiam surgir, além de terem um espaço em que conseguissem manter suas culturas. Atualmente a casa fica na rua Garibaldi, esquina com a Gomes Carneiro e pode abrigar até 36 estudantes. A fala de Tuxá reforça a importância que esta casa de acolhida possui para a comunidade indígena e quilombola.



Dr. Leonardo Christian da Silva Maia (Leonardo Tuxá). Primeiro médico formado na UFPel a partir da política de cotas para indígenas.
Fonte: Acervo pessoal do Dr. Leonardo Christian da Silva Maia.

Antes de fazer Medicina, eu cursei um tempo Agronomia na UFMG, Montes Claros. Era uma graduação que eu gostava bastante, mas não era o que eu queria seguir para o resto da vida, assim continuei tentando Medicina. O tempo na Agronomia foi importante, pois participei de projetos de pesquisa, de extensão, fui bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Saberes Indígenas por alguns anos e atuei com várias comunidades tradicionais, não só de indígenas como de quilombolas e de ribeirinhos e isso foi bem importante para o meu aprendizado.

O PET Conexões de Saberes, como foi o citado por Tuxá, é um projeto que iniciou no ano de 2010 nas Universidades brasileiras, tendo em vista que o programa antes era relacionado apenas a cursos tradicionais e as seleções se baseavam na meritocracia. Os novos PETs, muitas vezes temáticos, como o de saberes indígenas, acolhem apenas alunos em vulnerabilidade social, com o objetivo de proporcionar não só novas experiências no campo do ensino, da pesquisa e da extensão que os faça permanecer na Universidade, como o de oferecer uma bolsa que contribua com a sua manutenção.

Desde o ano de 2013, considerando a construção da Lei de Cotas de 2012, foi instituído também pelo Governo Federal a bolsa permanência, que é uma política pública que destina novecentos¹²⁹ reais mensais a indígenas e quilombolas em vulnerabilidade social e que estejam matriculados em instituições públicas federais.

Eu trabalhei bastante com plantas medicinais na Agronomia e dava aula, semanalmente, em um centro de reabilitação de dependentes químicos para ensiná-los a preparar chá, xaropes, cultivar uma horta e ensinava artesanato para eles também.

Moramos em vários lugares, alguns mais afastados e como minha mãe era técnica de enfermagem, às vezes fazia o papel de “médica da cidade”, pois não tinha ninguém que cuidasse das comunidades. Como algumas vezes não existia medicação disponível, ela precisava se virar com as plantas medicinais acessíveis e como não tinha ninguém que pudesse ficar comigo e com o meu irmão, muitas vezes íamos para o posto de saúde com ela.

Nesse trecho da narrativa, fica clara a dificuldade que pessoas que moram longe dos centros urbanos possuem para acessar a saúde pública. Tal fato é evidenciado pela prática da mãe de Leonardo, pois mesmo que seja técnica de enfermagem, acabava fazendo as vezes de uma curadora para a comunidade. Ainda, aparece como o cuidado dos filhos costuma ser responsabilidade exclusiva das mulheres.

Hoje eu atuo em Rio Grande, em uma UBS, no centro da cidade. É difícil levar esses saberes para o meu trabalho cotidiano como médico, pois há resistência. Tem no SUS protocolado que se pode usar algumas plantas medicinais e eu costumo recomendar aos meus pacientes, mas não é muito aceito. Já para o pessoal da aldeia é mais fácil.

O fato de ter feito Agronomia por alguns anos proporcionou uma série de aprendizados a Tuxá, os quais entram em confluência às suas vivências diárias como indígena, especialmente através do contato com sua mãe, que era uma cuidadora

de pessoas. Ele revela, no entanto, que embora compreenda que em algumas situações o chá poderia ser utilizado, a maioria dos pacientes tem dificuldade de sair de consultório sem a prescrição de um medicamento alopático.

As cotas são muito importantes para os indígenas, mas a Lei de Cotas ainda não consegue albergar muitos de nós, pois nas aldeias o ensino é bom, mas diferenciado, já que as provas, algumas vezes, não conseguem valorizar o que nós aprendemos. Quando se faz os processos específicos isso acaba facilitando bastante o acesso.

Os processos seletivos especiais têm justamente a missão de analisar outros aprendizados dos pretendentes a uma vaga em um curso universitário. É por isso que as avaliações são diferentes, constando de uma redação e de um memorial descritivo que devem abarcar as trajetórias formativas dos educandos.

De todo modo, vários colegas desistiram. A Universidade tentou ajudar com monitores para que as pessoas tivessem uma condição melhor de estudo, mas o sistema que se tem na Universidade é completamente diferente do que existe na comunidade. O sistema de ensino é mais rígido com provas, trabalhos e isso faz com que, algumas vezes, tirem notas baixas ou mesmo que reprovem.

Tuxá compara o que aprendeu na escola básica indígena e na vida com o que é cobrado na UFPel dizendo que este modelo avaliativo da Universidade traz angústia a muitos que não conseguem permanecer. Ainda, há o fato de que estão longe das famílias e em um lugar frio, se comparado ao restante do Brasil, o que gera, também, adversidades para a permanência.

Durante o tempo em que estive na Medicina, eu sofri um pouco de preconceito por ter sido o primeiro indígena que estava ingressando. No primeiro processo seletivo entrou o Daniel Miranda, quilombola, na Medicina e no segundo entrei eu. Ouvei algumas vezes que eu não merecia a vaga e passei por uma situação de preconceito quando estava auxiliando uma professora em uma cesariana, em um estágio extra. Ocorre que eu tinha voltado de minha comunidade e retornei pintado com as pinturas tradicionais, e me lavei bem antes de entrar na sala, mas a minha mão ficou meio azulada ainda e daí o pessoal começou a perguntar o que era aquilo e as pessoas começaram a adentrar a sala, após o procedimento, e ficaram me olhando como se eu fosse um animal de zoológico e os comentários eram: “nossa tem um indígena operando na outra sala com a professora”. Vivemos também situações de racismo como barrar colegas negros do ingresso no hospital ou então de comentários de professores de que o nível da Faculdade havia caído depois que as cotas tinham sido instituídas e que nós éramos menos inteligentes que os demais.

A narrativa de Leonardo é bastante potente ao contar que se sentiu, em uma cirurgia, como um animal no zoológico tamanho era o estranhamento com sua presença naquele lugar. Sua fala permite que se pense nos antigos zoológicos humanos, os quais ganharam impulso no auge do colonialismo, sobrevivendo em alguns países da Europa até o século XX¹³⁰. Segundo sua narrativa, ele vivenciou preconceitos em diferentes esferas do curso: sala de aula, ambiente hospitalar,

prática médica. Embora a Universidade pretenda ser um espaço democrático, plural e tolerante, em seu interior são promovidos vários tipos de assédio, uma vez que ela é o reflexo da sociedade em que está inserida.

Mas no primeiro dia, na recepção oferecida aos que chegavam, eu já disse que eu havia entrado para demarcar a Faculdade de jenipapo e urucum e eu fui tentando fazer isso no decorrer do tempo, participando de entrevistas, palestras para que as pessoas me conhecessem e isso, com o tempo, foi acontecendo. Participei do DANK, quando o espaço estava meio abandonado. Melhoramos a infraestrutura e foi uma experiência bastante positiva, pois participei, inclusive como palestrante da semana acadêmica abordando a saúde indígena. Talvez fruto dessa experiência, palestrei também no Congresso Brasileiro de Educação Médica quando ainda era graduando. Nesse tipo de evento só costumam falar médicos com doutorado.

Leonardo Tuxá, durante o tempo em que esteve na UFPel como graduando, dialogou não só com o curso de Medicina, como com outras graduações, especialmente da área das Humanidades, por exemplo – História e Antropologia. Comentou filmes, deu palestras, esteve em rodas de conversas, fez oficinas sobre plantas medicinais, além de se formar como médico.

No tocante às denúncias que houve sobre as cotas, eu adoeci nesse processo, pois ficou um clima hostil na turma, com as pessoas culpabilizando os pretensos denunciantes e não os fraudadores. Algumas pessoas pararam de falar com os cotistas.

Para Tuxá, a Leiga mudou bastante depois desse episódio, pois com receio de que as irregularidades fossem descobertas, estas diminuíram muito. A própria UFPel criou mecanismos para proporcionar uma maior confiabilidade na legislação, como as bancas de heteroidentificação, que pretendem barrar a fraude na entrada, ao promoverem um processo que pretende ser mais justo.

Ainda, para construir um ambiente mais acolhedor, os cotistas junto com outros alunos se aproximaram fundando uma Liga Acadêmica de Saúde para populações em vulnerabilidade social¹³¹, sob a coordenação da professora Ângela Moreira Vitória. A Liga se constituiu como uma espécie de currículo paralelo propiciando uma formação complementar que não costuma ser abordada no cotidiano da graduação.

Eu acho a formação que a UFPel oferece na Medicina extremamente boa. Logo que me formei pensei e agora, será que saberei lidar com os casos? Era mais ansiedade, mas eu sabia o que fazer. Quando eu comecei a trabalhar, pensei, meu deus eu sei muita coisa. Acho que aqui temos uma formação mais humana, de escutar os pacientes, de deixar que falem. A gente tem uma formação muito boa na Psicologia Médica também.

A formação mais humanística enfatizada desde a primeira turma aparece de novo na narrativa como uma marca da Leiga, que constrói o seu currículo baseado não apenas na queixa do momento, mas em uma escuta sensível com relação às pessoas.

Sobre as instalações físicas, penso que são muito boas no geral. Claro que não se pode comparar faculdades de capital, mas para instalações de interior são bem adequadas. O hospital também tinha uma estrutura adequada, embora, claro, com o projeto do hospital novo a tendência seja melhorar. Mas para o aprendizado, eventuais problemas não prejudicavam em nada. O maior problema mesmo é o do bloco cirúrgico, que é pequeno. Na parte da cirurgia, tivemos alguma deficiência em função disso. De tudo, o que precisaria melhorar é a parte da cirurgia.

Embora esteja se falando de um tempo mais próximo é como se o passado voltasse a aparecer, uma vez que novamente a necessidade de um bom espaço hospitalar, capaz de proporcionar vivências na área da cirurgia, aparece na fala de Tuxá, formado faz poucos anos.

Grande parte da minha turma não foi para a residência direto. Decidiram partir para o mercado de trabalho, para ganhar algum dinheiro e buscar uma maior preparação para as seleções, de modo que pudessem fazer as especializações nas áreas de que gostariam.

Daniel Miranda também alude o que diz Tuxá nesse trecho de sua narrativa. Talvez tal fato coteja com este novo perfil trazido com as cotas, a partir do ano de 2012 e com as seleções especiais, dos anos seguintes a 2015, uma vez que classes sociais com menores rendimentos passaram a ingressar nas Universidades, não só em cursos como os noturnos, mas nos mais tradicionais, como a Medicina, necessitando viver do seu trabalho imediatamente após a formatura.

A minha formatura foi muito especial, eu chorei bastante. Minha mãe estava com uma roupa tradicional pintada à mão, e meu pai subiu no palco também. Foi colocada uma música indígena na minha entrada, escolhida por mim e, quando a minha mãe pegou o diploma, ela dançou em cima do palco e depois o entregou a mim.

Quando Leonardo aborda sobre o ato solene que participou ao final do curso é como se fosse possível visualizar a felicidade que uma mãe indígena, curadora de tantas pessoas da sua aldeia, estivesse sentindo naquele momento. Chama a atenção, no entanto, não se ter encontrado nenhuma notícia publicada sobre esse feito, seja em redes sociais ou em jornais de maior circulação na cidade de Pelotas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO SELETIVO ESPECIAL

Quando se fala em história do ensino superior, a primeira referência que aparece é da Universidade de Bolonha, Itália, criada entre 1180 e 1190 (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007). Tratava-se de um espaço para poucos, justamente aqueles que podiam pagar para ter uma formação mais especializada. Com o passar do tempo surgem universidades em vários países, como o Brasil, mas os cursos continuavam destinados às elites, especialmente as graduações mais tradicionais como

Medicina, Direito e Arquitetura, por exemplo. “Com relação ao Brasil, a história da origem das universidades é bastante complexa. Dizer que a universidade só surgiu no Brasil no início do século XX é uma meia verdade. De fato, o nome universidade só passou a ser utilizado para conjuntos de escolas superiores nessa época, bem tardia em relação ao resto do mundo ocidental” (BARRETO; FILGUEIRAS, 2007, p. 1780). A própria UFPel tem seu marco temporal no ano de 1969, mas um dos seus cursos fundadores, a Faculdade de Agronomia, é do século XIX (LONER, GILL; MAGALHÃES, 2017).

De todo modo, sobre a composição das universidades, não é que outras pessoas, além dos brancos, não tenham começado a frequentar os espaços universitários com o passar do tempo, mas elas eram tão poucas que se podia enumerá-las em uma turma específica, como quando as pessoas eram perguntadas, nas entrevistas para compor este livro, se lembravam de colegas pretos e eles diziam “lembro sim, tinha um”.

Ainda que a Universidade continue sendo majoritariamente branca no curso de Medicina, percebe-se um aumento progressivo de ingressantes pretos, pardos e indígenas, além de pessoas mais vulneráveis socialmente. Porém os números diminuem quando se analisam os semestres finais. De toda maneira, imagina-se que nos próximos quadros de formatura não será mais possível apontar para a existência dessas pessoas individualmente, pois elas serão várias.

Contar a história de Daniel Miranda e de Leonardo Tuxá deu-se em uma perspectiva de tornar mais visível suas trajetórias como formados em Medicina, situação que talvez fosse impensável tempos atrás. Eles sonhavam em ser médicos e cuidar da saúde das pessoas, mas percebiam grandes dificuldades para a concretização desse desejo por uma série de fatores, dentre eles, uma formação escolar que não privilegiava os conhecimentos exigidos em seleções nacionais como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo.

O fato de existirem processos seletivos especiais, como o ocorrido na UFPel e em outras Universidades e, também, o acolhimento que sentiram no momento que chegaram na cidade fez com que pudessem concluir suas graduações de uma forma que consideraram bastante satisfatória.

Que as histórias de Daniel e Leonardo deixem de ser únicas para se tornarem uma nova realidade nas Universidades, que se pretende sejam a cada dia mais democráticas, plurais, diversas e inclusivas.

FONTES ORAIS:

- Entrevista presencial realizada com Marcelo Fernandes Capilheira, no dia 30 de novembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Cristiane Hallal da Silva, no dia 8 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Sílvia Elaine Cardoso Macedo, no dia 19 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Daniel Miranda Lopes de Souza, no dia 28 de dezembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Leonardo Christian da Silva Maia, no dia 30 de dezembro de 2022. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista realizada on-line com Luana Padilha Corrêa, no dia 28 de março de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.



INSTITUTO
DE
HIGIENE

ORGES DE MEDICINA

CAPÍTULO 4

A FACULDADE DE MEDICINA DE HOJE E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE EXTERNA

A Leiga sempre teve um grande vínculo com a comunidade não só de Pelotas, como de cidades próximas, tanto formando médicos da e para a região quanto recebendo adoentados nas suas diversas áreas de cuidado. A intenção deste capítulo é abordar questões vinculadas ao passado relacionando-as com o tempo presente no sentido de contribuir para se pensar sobre o papel dessa instituição nos próximos anos.

Para compor o texto, nessa perspectiva, serão enfocados os ambulatórios da Faculdade – tanto no que concerne a sua história quanto às unidades existentes atualmente –; a discussão sobre o Hospital Escola desde os anos iniciais até o momento atual e os cursos de graduação e de pós-graduação que compõem a FAMED hoje. Também será focado o exemplo do Programa de Internação Hospital e da chamada Cuidativa para a implementação de políticas de saúde inovadoras na cidade e no Brasil.

A CRIAÇÃO DOS AMBULATÓRIOS E O ATENDIMENTO À POPULAÇÃO

A importância do ensino vinculado aos ambulatórios é ressaltada em várias entrevistas, sobretudo tendo em vista que o atendimento de saúde proporcionado na cidade era bastante acanhado na década de 1960. Segundo Ana Maria Borges Teixeira, formada na UFPel (ATM 1980), existia apenas um posto de puericultura para a imunização e o atendimento mais amplo da população no chamado Centro de Saúde.

César Victora, por exemplo, ao refletir sobre esta construção de ambulatórios, aborda que o fato de a Leiga não ter, em seu início, um hospital próprio poderia ser visto também em uma perspectiva positiva. Em sua fala afirma que enquanto ele, na UFRGS, teve uma formação mais hospitalar, em Pelotas os alunos saíam muito bem formados, pois vivenciavam fortemente a rotina dos ambulatórios ao

realizarem o atendimento básico de saúde às pessoas. Facchini segue igual perspectiva evidenciada por Victora e aprofunda a análise retratando que essa deficiência na área hospitalar “estimulou a escola a investir em outras estratégias de cuidado, que não apenas a hospitalar. Foi uma carência que, na verdade, acabou resultando em algo benéfico [...], pois obrigou a fortalecer áreas de ambulatório, especialidades não hospitalares e, por certo, a saúde pública, a medicina social, a saúde comunitária [...]”. Rogério Torres Marques, graduado pela UFPel (ATM 1980), também refletiu sobre tal formação ao dizer que a área ambulatorial que funcionava com a Leiga e, também, na periferia da cidade, era muito rica de vivências. “No início do curso nós começamos a acompanhar pacientes, então a nossa formação foi bastante prática, especialmente em nível de ambulatório”.

Nesse contexto, existia o ambulatório central, ligado à FAMED, que envolvia várias especialidades¹³² como saúde mental, pediatria, ginecologia e obstetria, cirurgia e clínica médica e, ainda, o atendimento à população que morava em regiões periféricas da cidade em ambulatórios que foram sendo criados com o passar do tempo.

Em várias narrativas construídas para a escrita do livro, apareceu o processo de criação dos ambulatórios pioneiros vinculados à FAMED e do tratamento diferenciado que era proporcionado nesses lugares. Ana Maria Borges Teixeira, por exemplo, assim diz sobre o Departamento de Medicina Social e o trabalho realizado por seus docentes nos primeiros anos: “O Departamento trouxe, através desses professores, várias ideias de tratamentos e de abordagens, que mudou completamente a questão da imunização em massa, a questão do soro reidratante, a questão do tratamento precoce de infecções respiratórias e da diarreia”. Para ela, além de construir os primeiros postos da cidade, a partir de uma concepção mais integral à saúde, o departamento teve uma forte influência na estruturação do sistema de saúde de Pelotas e cita, para isso, o trabalho realizado por alguns médicos como secretários de saúde, como Juvenal Dias da Costa, por exemplo, que foi secretário de saúde em duas ocasiões: 1986-1987 (gestão de Bernardo Olavo de Souza) e entre 2003 e 2004 (anos finais do governo de Fernando Marroni como prefeito)¹³³ e Luiz Augusto Facchini, que foi secretário entre 2001 e 2003 também na gestão Marroni.

O primeiro ambulatório comunitário de que se tem notícia foi o ligado à Vila Municipal, o qual existe até hoje, agora, funcionando como uma Unidade Básica de Saúde (UBS)¹³⁴. Fundado entre o final de 1976 e início de 1977, José Justino Faleiros¹³⁵ relata que o posto surgiu praticamente com a criação do Departamento de Medicina Social. A intenção do grupo era atuar, também, na periferia da cidade e, para isso, foi feita uma parceria para obter recursos federais, estaduais e municipais. O posto estava relacionado a um trabalho pretendido pela Igreja Luterana e o início das tratativas foi assim descrito por Faleiros, em entrevista:

O pastor já tinha um contato anterior com o Dr. Naum para fazer um ambulatório ali na Igreja na Rua Voluntários da Pátria. Quando eu cheguei lá eu falei para o pastor: olha, aqui está

bom, Voluntários da Pátria, aqui é o centro da cidade, mas vamos lá na pobreza. Ele já tinha um lugar lá e prontamente aceitou e fomos para a Vila Municipal.

O trabalho foi sendo constituído a partir de equipes que incluíam médicos, enfermeiras e nutricionistas, que atuavam em vários momentos do curso, mas a prática dos alunos se dava, especialmente, nos anos finais. Os grupos cuidavam das famílias do bairro e, segundo Faleiros, a forma de atenção antecipou em muito a estratégia de saúde das famílias (ESF), só instituída no Brasil em 1994. O professor comenta sobre a infraestrutura existente no início do trabalho:

Começamos com uma área muito pequena, tipo trinta metros e depois com a ajuda da Prefeitura ampliou um pouco e depois a Associação Beneficente Luterana (ABELUPE) e o pastor Daltro conseguiram recurso do exterior para construir aquele prédio que existe lá até hoje com oitocentos metros quadrados. Um prédio muito bom.

Outro professor que realizou atividades no posto foi Roberto Xavier Piccini. Ele foi chamado por Justino para trabalhar na Vila Municipal e se apaixonou pela ideia. Roberto diz que não foi uma luta de um dia, mas de décadas para transformar aquele lugar, de fato, em um posto de saúde.

César Victora (2018, p. 179) também pensa sobre a organização desse ambulatório:

Assim como fazia em Porto Alegre, continuei trabalhando com populações muito pobres em Pelotas, em parceria com Justino Faleiros, que criou o primeiro Posto de Saúde da cidade, na Vila Municipal, em prédio cedido pela Igreja Luterana. Todas as manhãs, nós lotávamos uma Kombi da igreja, da qual eu era o motorista, e nos deslocávamos até o postinho.

Relacionado também ao posto, Piccini aborda o trabalho realizado e comenta sobre os altos índices de mortalidade infantil por diarreia, na década de 1980, conforme já abordado na narrativa de Gleide. Ele diz que começaram a implantar no posto da Vila Municipal, sob a liderança de Justino, a hidratação oral, “mas que isso obteve uma resistência muito grande de todo mundo, porque onde já se viu dar sorinho oral para criança com tanta diarreia, elas vão morrer tudo [...] tinha que baixar para fazer soro na veia. Então foi muito difícil implantar essas ideias no início”. Ele aborda que era feita também a imunização, através de vacinas, mas havia resistência de algumas mães, assim como de realizar o pré-natal. Para ele, um dos pontos mais interessantes do trabalho foi construir uma educação à saúde, que pudesse propiciar uma acolhida às ideias que queriam implementar mais fortemente no decorrer do tempo.

No ano de 1978 aconteceu a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, promovida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em Alma-Ata, na

República do Cazaquistão, a qual elencava pontos que deveriam ser implementados em relação à saúde, especialmente em países em desenvolvimento. Em 2018 o professor Facchini foi convidado pela FIOCRUZ¹³⁶ para fazer um balanço dos 40 anos desse encontro e o fez ressaltando a importância da integralidade trazida pela discussão ao focar a necessidade de se perceber as demandas de saúde da população. O professor narra uma experiência construída na FAMED para refletir sobre Alma-Ata:

Eu me lembro de que o Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas foi criado no ano de 1976, dois anos antes de Alma-Ata. E nessa oportunidade já foi criada junto ao departamento uma unidade básica de saúde, com características de uma atenção primária universal. Todo mundo podia ser atendido lá, com território definido, um atendimento gratuito, porque era oferecido por professores e alunos da universidade.

Facchini ressalta, desse modo, o pioneirismo que demonstrou a FAMED ao se preocupar com a atenção a uma saúde integral, antes mesmo de que essa perspectiva fosse amplamente debatida, seja em conferências internacionais ou em legislações brasileiras, com a Constituição Federal de 1988, que instituiu o Sistema Único de Saúde (SUS).

Questionada sobre esse vanguardismo, Julieta Carriconde Fripp afirma que: “Muitos professores da FAMED, talvez mais novos na época, acompanharam todo o processo da reforma sanitária, que culminou com a criação do SUS em 1988”. Segundo o portal Acervo da Reforma Sanitária, o movimento “[...] nasceu no início da década de 1970. A expressão foi usada para se referir ao conjunto de ideias que se tinha em relação às mudanças e transformações necessárias na área da saúde. Essas mudanças não abarcavam apenas o sistema, mas todo o setor saúde, em busca da melhoria das condições de vida da população”¹³⁷.

A perspectiva de uma Reforma Sanitária, construída durante a ditadura civil-militar, resultou na 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada no ano de 1986 e presidida por Antônio Sergio Arouca da Silva¹³⁸, que aglutinou mais de cinco mil pessoas debatendo um novo modelo de saúde para o Brasil. Segundo Paim (2008, p. 99): “Esta conferência foi estruturada sobre três eixos básicos: saúde como direito inerente à cidadania, reformulação do sistema nacional de saúde e financiamento do setor saúde”.

Retomando a importância dos ambulatórios, Vera Freitas da Silveira¹³⁹, que se formou na Leiga (ATM 1983) e, posteriormente, foi diretora da Unidade (2013-2017) aborda sobre o conhecimento compartilhado nesses locais. Uma das formas principais de aprendizado, segundo ela, era a partir das visitas domiciliares nas quais os estudantes conviviam com pessoas mais vulneráveis socialmente e, com isso, ampliavam suas vivências.

Se o posto pioneiro foi o da Vila Municipal, alguns anos mais tarde foi criado um segundo, no bairro Areal. Nas palavras de Luiz Augusto Facchini: “Quando criamos o posto de saúde do Areal, o Jorge Béria e eu [...] o posto já nasceu multiprofissional. Éramos nós, os alunos do curso de Medicina, as colegas da Enfermagem [...] e as colegas da Nutrição”. Facchini, nesse contexto, ressalta também a importância que tiveram essas duas outras graduações para a promoção de uma saúde mais integral. Enfermagem e Nutrição estiveram relacionadas à Faculdade de Medicina durante um tempo.

A partir de informações constantes na página do Departamento de Medicina Social (DMS)¹⁴⁰ da UFPel:

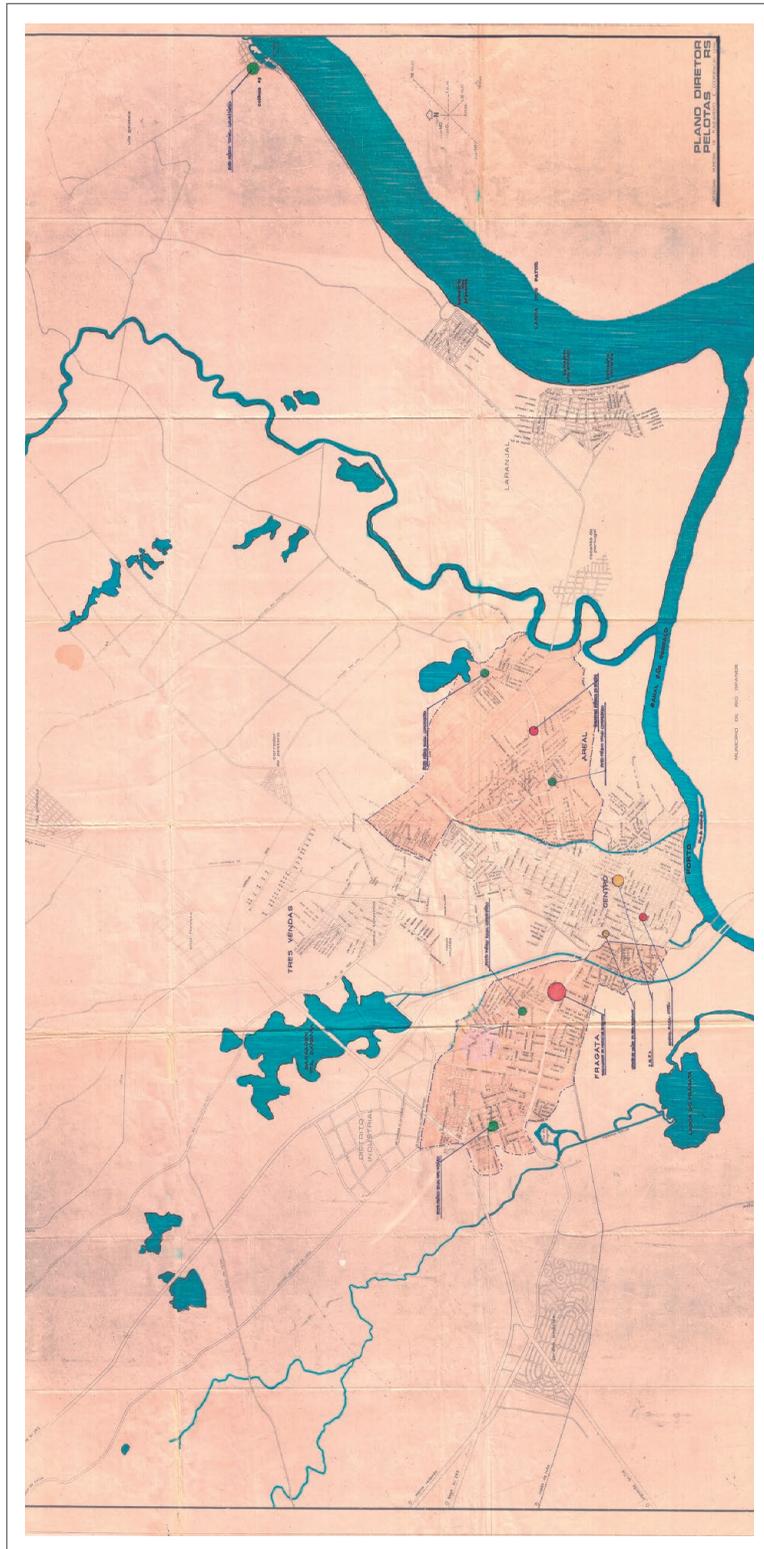
AUBSAreal Leste foi fundada em 1981, pelo DMS. Inicialmente a sede ficava no final da Avenida Domingos de Almeida, na casa ao lado da igreja (a puericultura era realizada na sacristia). Após, funcionou durante um período em um ônibus da UFPel (no pátio do colégio Lélia Olmos). Posteriormente, em casa alugada pela Prefeitura, o “Casarão” e, após, em uma casa alugada pela UFPel. Todas na mesma região. Desde 1993 funciona em sede própria, no prédio da antiga Caixa de Pensões do Areal, que foi doada para a UFPel pela comunidade.

Segundo Victora, em sua narrativa, o fato de o posto ter ficado um tempo sem sede correspondeu à situação da igreja ser católica e, como os médicos recebiam anticoncepcional oral, os profissionais da saúde teriam sido expulsos do espaço o que fez com que atendessem em um ônibus por algum tempo.

Já o terceiro ambulatório foi o Centro Social Urbano criado no ano de 1982 através de uma parceria com o Círculo Operário Pelotense (COP)¹⁴¹. Os primeiros médicos pediatras a atuarem no local, segundo o site do Departamento de Medicina Social¹⁴², foram Milton Ceia, formado em Medicina na UFPel (ATM 1979) e Danilo Rolim de Moura, formado pela UFRGS (ATM 1978), que hoje nomeia um centro de atendimento ao autista, em Pelotas.

Atualmente, segundo o projeto político pedagógico em vigência (2019)¹⁴³, a FAMED conta com cinco unidades básicas de saúde (UBS), quatro delas são da UFPel, Vila Municipal, Areal Leste, Centro Social e Urbano e Capão do Leão e uma delas trata-se de um convênio da UFPel com a Secretaria Municipal de Saúde para o funcionamento da UBS Obelisco.

É no âmbito ambulatorial, atribuído à FAMED, que são realizadas atividades assistenciais extremamente reconhecidas tanto em Pelotas como em cidades circunvizinhas, cabendo destacar áreas como especialidades clínicas e cirúrgicas no ambulatório central, conhecido como “paliteiro”, ambulatórios de pediatria, ginecologia e obstetrícia e saúde mental. É importante destacar, ainda, o Serviço de Atendimento Especializado (SAE), que é referência na atenção a pessoas que vi-



Plano Diretor da cidade de Pelotas no qual são destacadas as unidades de saúde do município àquele momento (1978).

Fonte: Acervo do NDH-UFPeL.



Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis. Na imagem os profissionais Dra. Carolina Ziebell, Dr. Lysandro Alsina Nader, Farmacêutica Mariane de Ávila Vecchi e Dra. Elza Cristina Miranda da Cunha Bueno.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Serviço de Assistência Especializado Enf. Denise dos Santos Simões. Na imagem o Dr. Cezar Arthur Tavares Pinheiro, o Reitor, à época, da UFPel, Prof. Mauro del Pino e Dra. Vera Silveira, na oportunidade diretora da FAMED.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.

vem com HIV/AIDS e o Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis (CAMMI), que atende pessoas que convivem com a hepatite C. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁴⁴, para o ano de 2021, há no mundo 38 milhões de pessoas vivendo com HIV/AIDS. Já a hepatite C afeta, segundo estimativas da OMS¹⁴⁵, 58 milhões de pessoas no mundo. Como a hepatite costuma não apresentar sintomas durante anos, muitas vezes é descoberta quando é mais difícil seu tratamento em decorrência de um acometimento maior do fígado.

O Centro de Diabetes e Hipertensão, situado no Centro de Pesquisas em Saúde Amílcar Gigante, também é um importante espaço ligado à Medicina. Outras áreas como neurologia, oftalmologia, otorrinolaringologia, traumatologia e ortopedia, urologia e dermatologia se situam no Departamento de Medicina Especializada.

No que tange às consultas, exames e procedimentos médicos realizados pelos ambulatórios da FAMED, cabe à secretaria de saúde, via regulação, encaminhar os pacientes para os serviços, os quais são dirigidos a vinte e três municípios da região sul do Estado.

Também está em funcionamento, no térreo do Centro de Pesquisas em Saúde Amílcar Gigante, o Serviço Escola dos cursos de Psicologia e Terapia Ocupacional, pertencentes à FAMED.

HOSPITAL ESCOLA

A discussão sobre a construção de um hospital escola faz parte das primeiras tratativas relacionadas à constituição de um curso de Medicina em Pelotas. A grande dificuldade da Leiga, nos primeiros tempos, era justamente não ter um espaço hospitalar, fundamental para que o curso pudesse existir.

Como no início havia problemas com a Santa Casa em função de uma greve de médicos realizada em protesto contra as condições de trabalho, que resultou na demissão de trinta e dois médicos (D. P., 13 de janeiro de 1961, p. 1), conforme já abordado, a saída encontrada foi fazer um acordo com a Beneficência Portuguesa, com vistas a se ter um espaço, especialmente para a prática cirúrgica.

Keiserman (1992, p. 17) assim comenta sobre o assunto: “Não poderíamos contar com a Santa Casa e, tendo em vista, a falta de condições do Hospital Espírita [...], só nos restava a Beneficência Portuguesa. Foi uma negociação difícil, com alguns médicos do corpo clínico opondo-se a qualquer convênio”.

Naum segue a análise do assunto abordando que foi elaborado um acordo para a construção de um prédio anexo à Beneficência que, após dez anos, passaria ao patrimônio definitivo do hospital. Segundo ele (1992, p. 17): “Na manutenção dos pacientes, a Beneficência não queria lucro, mas também não poderia ter prejuízos. Assim, seria cobrada dos pacientes pequena diária e preço de custo na medicação.

Sempre que o paciente, por qualquer motivo (indigente) não pagasse, caberia à IPESSE o ressarcimento”.

O professor Enrique Daniel Saldanha Garin¹⁴⁶, egresso da Leiga (ATM 1986) e que em 1994 passou a ser professor de Medicina na UFPel, narra algumas questões interessantes sobre o tempo em que era graduando. Segundo ele, no início, os internados no hospital em leitos pertencentes ao HE eram poucos, de tal forma que “[...] os pacientes eram tão entrevistados que quando nós esquecíamos alguma coisa eles nos corrigiam. Eles já tinham passado por tantas histórias clínicas feitas pelos estudantes que, ao final, diziam tá, mas tu esqueceste de perguntar sobre a parte respiratória [...]”. De todo modo, como os professores costumavam fazer as suas internações no mesmo hospital, algumas vezes, segundo Enrique, era possível acompanhá-los durante as visitas aos pacientes de convênios e até particulares, o que proporcionava uma gama de novas experiências. Vera Silveira (ATM 1983) também se refere à precariedade do hospital no momento que estudou na Leiga, assim dizendo: “Os professores acabaram nos levando para acompanhar os pacientes privados deles para termos acesso a mais pacientes, para construirmos mais histórias”.

O fato é que passados dez anos, um tempo relativamente curto, o assunto voltou à baila. Novos convênios foram estabelecidos, como o de 1981 que ampliava o uso de leitos na Beneficência e criava um pronto socorro. No mesmo ano, houve a constituição da Fundação de Apoio Universitário (FAU), que passou a fazer a gestão financeira do Hospital, especialmente considerando convênios firmados entre a UFPel e o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Segundo Antonio César Gonçalves Borges, a FAU foi criada para captar mais recursos, principalmente com o Ministério da Previdência Social “para poder manter o Hospital-Escola”.

Para Keiserman (1992, p. 21), uma crise financeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência, seis anos após, em 1987, fez com que essa parceria histórica fosse desfeita e se procurasse a Santa Casa visando obter melhores condições para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Umberto Lopes de Oliveira Filho que não era ainda professor da Leiga, mas já atuava na área da saúde pela Fundação de Apoio Universitário (FAU), diz que tiveram de deixar o lugar da noite para o dia e que no novo espaço havia muito a ser feito.

De todo modo, o novo acordo com a Santa Casa propiciou, segundo Naum, a cédência de “um pavilhão anexo ao hospital, bem como as dependências do Pronto-Socorro” (1992, p. 21). Não havia mais as preocupações decorrentes de adversidades como aquelas ocasionadas com o protesto de médicos, nos anos de 1960 e 1961 e as conversas foram mais facilitadas.

Keiserman, no mesmo texto publicado em 1992, na página 22, procura fazer um retrospecto sobre a necessidade de um espaço hospitalar na Leiga.

O problema do hospital próprio mereceu a nossa atenção desde o início do funcionamento da Faculdade. Ainda em

1963, contratamos firma especializada do Rio de Janeiro – Valdetaro e Nadalluti para execução do projeto. Foi completada a planta baixa. Faltaram recursos para o detalhamento. Na gestão do Prof. Cláudio Borba Gomes, foram pleiteados recursos do MEC, sem resultado. Continuou o pleito na gestão do Prof. Antonio Cesar Borges e, ao que parece, agora há uma possível solução satisfatória.

O próprio Naum esteve envolvido diretamente com a questão do hospital também após deixar a direção da Leiga, já que foi Presidente da FAU e diretor do Hospital Escola. A Fundação de Apoio Universitário, surgida para dar apoio às atividades administrativas, assistenciais e acadêmicas do HE, na prática passou a fornecer mão-de-obra e serviços ao hospital. Em 1994, a UFPel se viu instada a realizar concurso público para contratação de médicos, enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem e demais profissionais das áreas de saúde e administrativa a fim de substituir os trabalhadores celetistas da Fundação. Foram aprovados e nomeados mais de 300 profissionais o que, em um primeiro momento, resultou em demissão em massa de contratados via FAU.

Com o passar dos anos, o aumento da demanda por serviços hospitalares por parte da comunidade local e regional fez com que também fosse necessário o incremento no número de profissionais atuando no hospital. No final do século XX, a política do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) era de não realização de concursos públicos para áreas que não eram consideradas “de Estado”, como o caso das Universidades Federais. Assim, a FAU voltou a contratar e fornecer expressivo número de trabalhadores atuando nas diversas áreas daquela unidade de saúde. Na primeira década do século XXI, o Ministério Público Federal e os órgãos de controle como Controladoria Geral da União (CGU) e, com maior ênfase o Tribunal de Contas da União (TCU), passaram a apontar como irregular esse modelo de contratação de trabalhadores para atuar em órgãos públicos.

Aliada a essa questão ocorreu também, durante a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e a gestão do Ministro da Educação, Fernando Haddad (2005-2012), uma conjunção de fatores que colocaram os hospitais universitários da rede federal de ensino no radar das preocupações do Estado brasileiro: problemas de infraestrutura, leitos fechados (por falta de insumos, equipamentos e profissionais), parque tecnológico obsoleto, dúvidas quanto ao financiamento (se de responsabilidade do MEC, por ser hospital de ensino, ou se por parte do Ministério da Saúde, por prestar assistência via SUS), pressão dos órgãos de controle por uma gestão profissionalizada e pelo fim das contratações irregulares e a própria ação de Reitores com o MEC demandando a qualificação dos hospitais escola e o aumento no número de profissionais concursados atuando nas unidades hospitalares.

A solução adotada pelo governo federal foi a criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), a qual encarregou-se de assumir o gerenciamento dos hospitais universitários, incluindo a contratação de profissionais,

via concurso público, sob o regime celetista. A nova empresa, incumbida de prestar 100% da assistência via SUS, foi oferecida às administrações universitárias como possibilidade de adesão de seus hospitais à proposta governamental. Embora opcional, na prática, a adesão passou a ser a única solução para, entre outras questões, resolver o problema da falta de recursos humanos nos hospitais de ensino das universidades, tendo em vista a decisão governamental de não realizar mais concursos públicos via Regime Jurídico Único (RJU) para essa área de atuação.

Assim a Empresa, criada por Medida Provisória pelo Presidente Lula no último dia de seu mandato (31/12/2010) e referendada através da Lei nº 12.550, de 15 de dezembro de 2011, sob a Presidência de Dilma Rousseff, passou a ser vista pela UFPel como uma das soluções para angariar mais recursos e resolver os problemas enfrentados com os órgãos de controle. Nessa conjuntura, o professor César Borges, no final de sua gestão à frente da UFPel, fez a adesão da UFPel à EBSERH a partir de manifestação *ad referendum*¹⁴⁷ do Conselho Universitário. A adesão representava um primeiro passo para que a empresa assumisse a gestão do HE e, a partir dela, o MEC ficava autorizado a fazer um diagnóstico da estrutura e serviços do Hospital e, conjuntamente com a Universidade, estipular um contrato de gestão a ser assinado como formalização da cedência do HE à EBSERH.

Em novembro de 2012, o CONSUN decidiu pela adesão da UFPel à EBSERH. O debate para que isso acontecesse foi acirrado no conselho universitário¹⁴⁸, já que principalmente as entidades de classe de professores, servidores técnico-administrativos e estudantes tinham restrições à proposta, pois viam nela um caminho para a privatização da saúde.

A empresa foi criada para prestar serviços de cuidados médicos aos usuários do SUS, bem como apoiar as instituições federais que desenvolvem o ensino nas áreas de saúde, mas a sua efetivação foi e continua sendo difícil, por vários motivos, dentre eles o fato de que há trabalhadores com quatro regimes de trabalho diferentes na mesma instituição: regime jurídico único (RJU), os concursados pela EBSERH, os contratados pelas Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), pelas Fundações e os chamados terceirizados, o que gera atritos.

De todo modo, a formalização do contrato aconteceu no dia 30 de outubro de 2014, trazendo novas perspectivas de investimentos. Segundo o *site* da própria EBSERH¹⁴⁹:

O HE UFPel Ebserh é um hospital geral, com 172 leitos distribuídos em quatro áreas (clínica médica e especialidades clínicas, ginecologia e obstetrícia, pediatria e cirurgia geral e especialidades cirúrgicas). Possui serviços de referência regional, com destaque para a alta complexidade em oncologia (UNACON) [...] Outra vocação consolidada no hospital é o cuidado em saúde de pessoas vivendo com HIV/AIDS, com enfermaria de infectologia, hospital dia e serviço ambulatorial especializado.

O fato é que, em todos estes anos (da década de 1960 até os dias atuais), várias tratativas foram feitas para a implementação do tão sonhado hospital escola próprio. Nas notícias publicadas em diferentes jornais locais se percebe esforços realizados tanto para a obtenção de um terreno adequado, ao longo dos anos, quanto para a efetivação de uma planta arquitetônica que desse conta das necessidades reais de uma cidade que, além de ser de porte médio, é um polo regional de saúde.

Embora o ambiente hospitalar existente preste atendimento a vários municípios da região sul do Estado, exclusivamente pelo SUS e com qualidade, a perspectiva de um hospital próprio e adequado, sonho gestado desde a década de 1960, ainda parece um pouco longe de se concretizar. Já no século XXI, as diferentes gestões da Universidade, da Faculdade de Medicina e do Hospital Escola têm realizado esforços para a construção de um hospital em prédio próprio. O local definido é a parte do terreno da FAMED que confronta com a Rua Almirante Guilhobel, no bairro Fragata. Durante a última gestão do Reitor César Borges (2009-2012), foram definidas as plantas, feita licitação e teve-se a perspectiva de início das obras de um dos blocos, o que não ocorreu por problemas com a empresa vencedora do processo licitatório. Já na gestão do Reitor Mauro Del Pino (2013-2016), momento em que ocorreu o segundo estágio do processo de adesão à EBSEH, que é a contratualização, foram feitas adequações, tanto no espaço do atual HE, com a Santa Casa, quanto no modelo de serviços a serem oferecidos, na perspectiva de redimensionamento de um hospital de pequeno para médio porte, o que proporcionou a contratação, via concurso público, de mais de 1000 profissionais¹⁵⁰. Em relação ao novo hospital, foram retomadas as tratativas com a EBSEH, sede em Brasília, a fim de dar seguimento aos projetos com vistas à nova contratação de empresa para a sua construção. Alguns recursos foram liberados e houve a concretização do bloco 3, o qual foi concluído em 2020, na gestão do Reitor Pedro Curi Hallal. No local, em pleno funcionamento, fica o centro de oncologia clínica e outros serviços ambulatoriais. Sílvia Macedo, em sua entrevista, diz que o Bloco 1 será o hospital escola propriamente dito, no qual acontecerá a internação, e o Bloco 2, uma unidade de apoio diagnóstico terapêutico, no qual acontecerão os exames relacionados à radiologia, mamografia e ressonância, por exemplo.

Atualmente, a gestão do hospital escola não faz parte da FAMED. Existe uma equipe de governança indicada pela reitoria, com organograma e gestão definida pela EBSEH matriz, com sede em Brasília. O HE, como hospital de ensino, oferece campo de formação e estágio para os acadêmicos da FAMED, inclusive para o internato nas quatro grandes áreas médicas (clínica médica, cirurgia geral, pediatria e ginecologia-obstetrícia).

CURSOS DE GRADUAÇÃO E DE PÓS-GRADUAÇÃO

Nos anos iniciais da Faculdade de Medicina, além de se constituir como curso, o grupo de professores também foi responsável por contribuir com discussões para a construção de uma outra graduação, a de Enfermagem e Obstetrícia, em uma perspectiva de consolidar ainda mais a área da saúde na cidade. Segundo



Projeto do novo Hospital Escola da UFPel, em construção no terreno da FAMED.

Fonte: Coleção CCS/Fototeca Memória da UFPel.



Centro de Pesquisa em Saúde Dr. Amílcar Gigante.

Fonte: Acervo FAMED-UFPel.

notícia publicada no jornal Diário Popular de 20 de janeiro de 1976, que tem como título Curso de Enfermagem da UFPel é dito que: “Por deliberação do reitor Delfim Silveira, o diretor da Faculdade de Medicina agregada à UFPel, Dr. Naum Keiserman, está coordenando a instalação do curso de Enfermagem nesta universidade”. A Faculdade abrigou, também, por um tempo o curso de Nutrição¹⁵¹, fundado originalmente vinculado à Faculdade de Agronomia.

Atualmente a FAMED possui o total de 123 docentes, 117 servidores técnico-administrativos e 1043 alunos; alberga, além da Medicina, mais dois outros cursos de graduação na área da saúde: Psicologia e Terapia Ocupacional. As duas graduações foram criadas no ano de 2010, no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)¹⁵² cujo objetivo principal era ampliar a oferta de vagas em instituições públicas federais, além de propiciar condições de permanência aos alunos. Para Julieta Carriconde Fripp, a vinda dos novos cursos para a FAMED não foi fácil e ainda há arestas que precisam ser resolvidas, especialmente em termos regimentais. Contudo, trabalhar em conjunto tem sido muito bom, pois a interdisciplinaridade permite uma melhor formação dos estudantes dos três cursos, bem como um maior cuidado dos usuários do Sistema Único de Saúde. Durante o REUNI, a UFPel passou de 58 para 96 cursos enquanto o número de alunos aumentou 100%, ou seja, de 8 para 16 mil¹⁵³, o que fez com que a universidade se projetasse, ainda mais, nacionalmente.

No que diz respeito ao curso de graduação em Medicina, Marcelo Fernandes Capilheira – que mais recentemente foi diretor da Leiga, conforme já dito – reflete sobre as mudanças ocorridas nos últimos tempos. Para ele, houve alterações no currículo, mas, sobretudo no perfil do egresso, já que o ENEM e o sistema de cotas trouxeram mais pessoas de outras regiões, além de uma parcela da população como negros, indígenas, quilombolas que não costumavam historicamente acessar a Medicina, considerado um curso de elite. Há pessoas mais velhas fazendo a graduação e, inclusive, algumas para quem a Medicina é a segunda graduação. Tais situações ampliam o entendimento de mundo, “pois hoje se recebe gente de todo o lugar do país [...]”. Ainda, é cada vez mais perceptível a presença de professores jovens que saem da graduação e continuam com suas formações e logo realizam concursos.

Sobre a infraestrutura, Marcelo enfatiza tanto a ampliação da área física quanto a do ambulatório, que está maior e se encontra em frente à rodoviária e, também, ao número de leitos do hospital escola. Para ele, embora o Hospital Escola continue funcionando em espaço alugado pertencente à Santa Casa, a concretização de um hospital próprio e adequado está bem mais próxima.

Sílvia Macedo reflete sobre o currículo atual e diz que o que mudou recentemente foi a inserção mais precoce dos alunos no contato com o paciente, através da disciplina Introdução à Medicina, mas que o modelo curricular da Leiga é bem tradicional, com disciplinas compartmentadas.

A graduação de Medicina possui, atualmente, os seguintes departamentos: Cirurgia Geral (DCG); Clínica Médica (DCM), Medicina Especializada (DME), Medicina Materno Infantil (DMI), Medicina Social (DMS) e Saúde Mental (DSM).

Retomando o passado, uma marca das primeiras turmas era a presença de estrangeiros em número significativo, que vinham sem a realização de um processo seletivo. Renato Xavier (ATM 1971) lembra de seis colegas de países como Panamá, Nicarágua e Paraguai. Já Vera Silveira rememora a presença de três estudantes na turma dela, da Nicarágua, Costa Rica e Paraguai. Embora hoje existam vários programas para o recebimento de alunos estrangeiros, tanto na graduação quanto na pós, o que chama a atenção para os primeiros anos da Leiga é, conforme já dito, o número já expressivo de pessoas de outros países em cada turma.

No tocante ao Pós-graduação, atualmente há as seguintes residências de responsabilidade da FAMED: clínica médica, medicina da família e comunidade, ginecologia e obstetrícia, pediatria, endocrinologia e metabologia, gastroenterologia e psiquiatria¹⁵⁴.

Na modalidade *stricto sensu*, o curso mais reconhecido é a Epidemiologia, que possui nota máxima na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Facchini conta dessa maneira a organização do curso: “Em 1991 nós criamos aqui no Departamento de Medicina Social, o Programa de Mestrado em Epidemiologia: o César Victora, o Fernando Barros¹⁵⁵, o Jorge Béria e eu”. Embora só tenha passado a funcionar em 1991, o curso foi gestado bem antes, ainda em 1982, quando se iniciou um estudo de *coorte* de nascimento. Em sua primeira avaliação, em 1995, recebeu o conceito A e, dois anos mais tarde, em 1997, a recomendação para que ofertassem também o Doutorado, o que foi feito a partir do ano seguinte. Após 2003, a avaliação mudou para notas e a Epidemiologia recebeu 6, passando a 7, nota máxima, em 2007, conceito que mantém até hoje¹⁵⁶.

Victora (2018, p. 1982) comenta sobre o começo da pesquisa que deu origem à Epidemiologia:

Assim, a Coorte de Nascimentos de 1982 iniciou o maior estudo epidemiológico do país, em um tempo em que a epidemiologia era incipiente no Brasil. Esse trabalho pioneiro em países em desenvolvimento foi tão bem aceito pela comunidade científica que, em 1984, a Organização Mundial da Saúde concedeu financiamento para o estudo. Nos anos seguintes, várias organizações internacionais interessaram-se pelo projeto, que se tornou referência mundial e agregou importantes pesquisadores de diversas áreas da saúde. Mais três coortes se sucederam à primeira. Iniciadas a intervalos de onze anos, as coortes de nascimentos de Pelotas abrangem, hoje, quatro gerações nascidas na cidade nos anos de 1982, 1993, 2004 e 2015, envolvendo aproximadamente 20 mil pessoas. A coorte mais antiga está em andamento há mais de 35 anos.

Há também importantes estudos sobre saúde do trabalhador produzidos pelo Programa e que envolveu, durante vários anos, diferentes temas como trabalho materno; risco de câncer em trabalhadores da indústria de celulose; ruído ocupacional e perda auditiva; saúde do trabalhador rural; acidentes de trabalho; trabalho infantil e saúde mental.

Sobre a experiência formativa no Programa de Epidemiologia, Luís Antônio Benvegnú (ATM 1989), que fez Mestrado e Doutorado na área, afirma que ainda como graduando em Medicina participou voluntariamente como entrevistador e, depois de formado, atuando como professor da Faculdade de Medicina da UFSM, procurou formar alunos bolsistas, que começaram a ter prática com trabalho de campo na área da Epidemiologia, na aplicação de questionário, na realização de digitação de dados, de usar Epi Info¹⁵⁷ e montar banco de dados, o que fez uma grande diferença nas suas trajetórias.

Outro programa *stricto sensu* da FAMED é o Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE), que funciona, a partir de edições em alguns anos, vinculado ao Departamento de Medicina Social, na modalidade a distância. Trata-se de um curso em rede nacional proposto pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), além de outras instituições e universidades que se dedicam ao ensino, à pesquisa e à extensão, liderados pela FIOCRUZ. A intenção do curso é atender, especialmente, trabalhadores e trabalhadoras que se ocupam da atenção básica e saúde da família para que atuem na docência, preceptoria e gestão.

PROGRAMA DE INTERNAÇÃO DOMICILIAR INTERDISCIPLINAR (PIDI) E O CENTRO REGIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (CUIDATIVA)

Desde o ano de 2005, o Hospital Escola (HE) da UFPel possui equipes multidisciplinares para internação domiciliar, tendo como prioridade os pacientes oncológicos em cuidados paliativos. A primeira experiência, segundo Julieta Carriconde Fripp, havia sido implementada na cidade de Pelotas quando foi feito um Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar (PIDI, em 2002), relacionado ao Pronto Socorro (PS) da cidade, que retirou adoentados, pediátricos e adultos do PS fazendo com que fossem atendidos em casa por uma equipe de profissionais de saúde. Julieta realizou a sua dissertação de Mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, no ano de 2009, justamente sobre esse tema, ou seja, a internação domiciliar e os pacientes com câncer, no município de Pelotas.

Foi pioneira a ação do PS e do HE nessa perspectiva de cuidado, já que tal política só foi regulamentada no Brasil através da Portaria n. 2.527, de 27 de outubro de 2011, cujo conteúdo foi redefinido pela Portaria n. 963, de 27 de maio de 2013¹⁵⁸, ambas do Ministério da Saúde.

No seu primeiro ano de atuação, o PIDI UFPel atendia dez pacientes concomitantemente, com duas visitas diárias. A proposta, por sua importância, ganhou o reconhecimento através do prêmio saúde Oncologia na categoria tecnologia social. A partir de 2011 passou a contar com duas equipes atendendo vinte pacientes oncológicos, diariamente.

No ano de 2012, o hospital agregou equipes também do Programa Melhor em Casa, instituído pelo Governo Federal, no ano anterior, o que permitiu ampliar ainda mais o atendimento à população em Pelotas. Segundo a portaria de criação: “O objetivo do Melhor em Casa é levar atendimento médico às casas de pessoas com necessidade de reabilitação motora, idosos, pacientes crônicos sem agravamento ou em situação pós-cirúrgica, evitando internações hospitalares desnecessárias e as filas dos serviços de urgência e emergência”¹⁵⁹.

Para Feuerwerker e Merhy (2008, p. 181), o modelo de atenção domiciliar como extensão do ambiente hospital surgiu em 1947, nos Estados Unidos; no Brasil, seu primeiro exemplo “foi o Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU), criado em 1949. No início da década de 1990, seguindo uma tendência mundial, surgiu o serviço organizado na forma de cuidado domiciliar (*home care*), concentrado em empresas privadas e nos grandes centros”.

Com o passar do tempo, no entanto, tal modelo acabou sendo incorporado aos espaços relacionados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e essa forma de atuação foi, segundo os mesmos autores (2008, p. 186):

[...] potencializando novos lugares do cuidado, novas práticas, novas invenções no agir em saúde, novas maneiras de produzir sentidos para a vida/morte. A produção de cuidado e de novidades nas práticas de saúde seria motivada por um projeto ético-político que reconhece o usuário como sujeito, interlocutor decisivo na produção dos projetos terapêuticos (muitas vezes essa autonomia é “arrancada” pelas famílias).

Já a chamada CUIDATIVA, como espaço, foi pensada no ano de 2015 e efetivada dois anos depois na antiga fábrica Laneira Brasileira Sociedade Anônima¹⁶⁰ – prédio adquirido pela UFPel no ano de 2010, mas que aguarda verbas para ser adaptado a novas ocupações no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. A CUIDATIVA se constitui como um centro de atenção e tem “como principal vocação o cuidado integral de pessoas que apresentam doenças ameaçadoras à vida em diferentes trajetórias, desde o momento do diagnóstico até situação de terminalidade da vida”¹⁶¹. No seu espaço são realizadas três atividades principais, segundo Julieta Carriconde Fripp: a primeira, relacionada a um ambulatório multidisciplinar que atualmente inclui Medicina, Enfermagem, Nutrição, Psicologia e Serviço Social; a segunda, vinculada à reabilitação, na qual abrange as áreas de Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Educação Física e, por fim, as chamadas práticas integrativas e complementares (PICs), feitas principalmente por voluntários, e que incluem “Reiki, Acupuntura, Arteterapia, Plantas Medicinais, Hortas, Dança Circular, Meditação e grupos terapêuticos”¹⁶². Em área contígua à Cuidativa está sendo construído um Hospice, no qual terá 20 leitos de internação para pessoas com doenças ameaçadoras à vida, em situação de terminalidade.

Atualmente, por iniciativa da Cuidativa, foi criada a Frente PaliATIVISTAS movimento nacional em defesa da uma política de cuidados paliativos.

Durante a pandemia de covid-19, uma das atividades marcantes da CUIDATIVA foi a confecção de máscaras, chamadas por seus integrantes como manto protetor da vida. Foram distribuídas sessenta e cinco mil máscaras de tecido, confeccionadas por diferentes voluntários, para serem entregues em bairros periféricos da cidade, com o objetivo de proteção, mas também de conscientização sobre a letalidade da doença (FRIPP *et al.*, 2021).

Percebe-se que a Faculdade de Medicina teve, desde o seu início, uma forte relação com a comunidade externa, marcada na década de 1960, principalmente, pelos atendimentos ambulatoriais. Com o passar do tempo e do fortalecimento da graduação, novos serviços foram sendo implementados e são reconhecidos nacional e internacionalmente, nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão: tríade que fundamenta uma educação que se pretende transformadora.

FONTES ORAIS

- Entrevista presencial realizada no dia 14 de outubro de 2022, com Antônio César Gonçalves Borges. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 26 de outubro de 2022, com Luiz Augusto Facchini. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 12 de novembro de 2022, com José Justino Faleiros. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 30 de novembro de 2022, com Marcelo Fernandes Capilheira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 2 de dezembro de 2022, com Luís Antônio Benvegnú. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 13 de dezembro de 2022, com Roberto Xavier Piccini. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Renato Barbosa Xavier, no dia 14 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada com Umberto Lopes de Oliveira Filho, no dia 15 de dezembro de 2022. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 16 de dezembro de 2022, com Enrique Daniel Saldana Garin. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 19 de dezembro de 2022, com Sílvia Elaine Cardoso Macedo. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 3 de janeiro de 2023, com Vera Maria Freitas da Silveira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista presencial realizada no dia 11 de janeiro de 2023, com Julieta Carricone Fripp. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 11 de janeiro de 2023, com Ana Maria Borges Teixeira. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada no dia 19 de janeiro de 2023, com César Victora. Entrevistadoras: Lorena Almeida Gill e Elisiane Medeiros Chaves.
- Entrevista on-line realizada com Rogério Torres Marques, no dia 21 de janeiro de 2023. Entrevistadora: Elisiane Medeiros Chaves.



Centro Regional de Cuidados Paliativos da UFPel.
Fonte: Acervo pessoal Dr. Julieta Carriconde Fripp.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dito logo no início do texto, este não foi um livro fácil de ser escrito por vários motivos:

1) trata-se de um material comemorativo às seis décadas da Leiga e, por isso, a expectativa de algumas pessoas é que fosse construído um texto apenas com o que deu certo, como se aquilo que não tivesse funcionado não fizesse parte do percurso – o que não foi possível de ser feito;

2) o tempo para a escrita da obra era escasso, já que o volume precisava ser lançado em 2023, em uma agenda comemorativa;

3) a pretensão inicial era a de que cada capítulo fosse escrito por uma pessoa, o que não se concretizou, especialmente porque os possíveis autores pensados estavam envolvidos com outras tarefas acadêmicas;

4) havia um vasto volume documental intocado, o qual trouxe a necessidade de se acelerar algumas análises para que a tarefa fosse concluída no período pretendido;

5) o número de entrevistados, com o passar do tempo, cresceu bastante e é preciso considerar que para cada hora gravada são necessárias oito horas para a transcrição, o que demanda muito tempo e atenção,

6) está se lidando, sobretudo no último capítulo, com o que os historiadores chamam de história do tempo presente, ou seja, algumas conclusões são ainda provisórias, pois os desenlaces para certas demandas estão sendo construídos neste momento.

O resultado, no entanto, me pareceu bastante satisfatório, o que pode ser avaliado particularmente pelo leitor ou leitora. Segundo o meu entendimento, foi possível abarcar um amplo espectro de informações e dados sobre a construção de um percurso que fez com que a histórica Leiga se transformasse na Faculdade de Medicina atual.

Nessa perspectiva, o primeiro capítulo envolveu um debate sobre a luta para a concretização de um sonho, qual seja a de fundar um curso de

Medicina em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, Pelotas. Para pensar sobre esse momento, foi abordado como dois grupos, vinculados a interesses diversos, mobilizaram parte da população e algumas autoridades do executivo e do legislativo para angariar verbas que viabilizassem os empreendimentos. Além disso, foi esmiuçado o contexto do Brasil à época, de ditadura civil-militar, o qual impactou a vida das pessoas e o funcionamento das instituições. O nome mais importante que apareceu, neste período, foi o de Naum Keiserman, reconhecido como o fundador da Leiga.

O segundo capítulo acompanhou os primeiros tempos, especialmente no tocante ao cotidiano vivenciado pela turma que entrou no curso em 1963 e se formou no ano de 1968. Procurou-se colocar em evidência as dificuldades iniciais e os caminhos construídos para solucioná-las, além da trajetória das primeiras quatro médicas formadas na Leiga: Laura, Carmen, Gleide e Tania. Usando a metodologia de História Oral e a transcrição, elas mesmas puderam contar um pouco de seus percursos formativos. Nessa parte do livro fez-se, também, uma discussão sobre a importância que a estruturação inicial do currículo, com o desenvolvimento de várias disciplinas de Psicologia Médica, teve para uma formação médica mais humanística.

O terceiro capítulo mostrou como a graduação foi mudando com os novos rostos que passaram a fazer parte do seu cotidiano a partir dos anos 2000. A Medicina era e é considerada uma graduação que costuma ser oportunizada, historicamente, para jovens de elite, mas a Lei de Cotas de 2012 e um processo seletivo especial instituído pela Reitoria, em 2015, ampliaram o acesso à instituição para pretos, pardos, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e jovens com rendimentos familiares mais baixos ou em vulnerabilidade social, fazendo com que a Universidade se tornasse mais inclusiva, ainda que seja preciso ir um pouco além para que essas pessoas não apenas entrem, mas consigam permanecer e concluir seus estudos. A esse momento do livro dá-se o destaque às trajetórias de Daniel Miranda Lopes de Souza, primeiro quilombola formado na Leiga e Leonardo Christian da Silva Maia (Leonardo Tuxá), o indígena pioneiro.

O quarto capítulo buscou abordar o vínculo da Medicina com a comunidade externa e a sua importância para que a população de Pelotas e de cidades próximas tenham uma saúde mais integral. A partir dessa perspectiva, é traçado o caminho percorrido para a constituição dos primeiros ambulatórios em bairros periféricos da cidade; o oferecimento de serviços de especialidades médicas que costumam ser de difícil acesso para boa parte da população, a histórica demanda pela construção de um hospital escola próprio e adequado, que consiga ser mais do que um espaço de ensino, pesquisa e extensão ao propiciar um atendimento de qualidade a quem necessita, a constituição de programas de pós-graduação e de espaços inovadores de cuidado integral à saúde, como a CUIDATIVA e o PIDI.

Por fim, há quatro anexos. O primeiro trata-se de um texto escrito por Naum Keiserman para uma revista da própria Medicina, que não se sabe ao certo quan-

tos números teve. O material foi publicado novamente, pois é difícil se ter acesso a este periódico e, além disso, trata-se de um texto interessante, no qual se esmiuça as tratativas feitas por um grupo de pessoas para que o curso de Medicina pudesse se efetivar na década de 1960. Já o segundo anexo apresenta as chamadas cartas à Leiga. A ideia inicial era a de que aqueles que não pudessem ser entrevistados para a feitura do livro tivessem a possibilidade de escrever pequenas cartas contando suas trajetórias. Embora o número de cartas não tenha sido expressivo, as histórias contadas trazem olhares que, algumas vezes, não foram abordados pelos quarenta e oito entrevistados. Há, ainda, um anexo com o nome dos egressos de egressas da Faculdade e uma lista de doadores para a reforma do prédio principal da Leiga.

No decorrer do livro, alguns professores aparecem com grande evidência. A pretensão não era a de pinçar um ou outro nome, mas Naum Keiserman, como era de se esperar, Amílcar Gigante, Kurt Kloetzel e Darcy Abuchaim são constantes em várias narrativas e, por isso, suas trajetórias são encontradas em diversos momentos do texto.

No que tange aos departamentos, especialmente à luz de uma perspectiva histórica, ficou evidente a importância que o grupo associado à saúde mental teve no início da graduação. Com o passar do tempo, foi relevante a constituição do departamento de Medicina Social, na década de 1970, o qual construiu uma discussão densa sobre a importância da saúde pública e implementou, através de suas pesquisas, o Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia reconhecido hoje, nacional e internacionalmente.

Uma outra marca do projeto do livro foi a busca por imagens, especialmente em acervos pessoais, que permitissem aos leitores viajar no tempo, revisitando espaços que fizeram parte das suas memórias afetivas mais caras.

Finalizo a obra dizendo que, além do texto aqui apresentado, toda a documentação a que se teve acesso – documentos oficiais, fotografias, notícias de jornais e entrevistas – ficarão disponíveis no *site* do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, de modo que outras versões sobre o passado possam ser construídas em futuro próximo por pesquisadores interessados na temática.

Que as histórias aqui contadas sirvam para reforçar ainda mais este sentimento de pertencimento que cada um de vocês possui com a Leiga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIM, Darcy. Uma experiência de ensino de psicologia médica e psiquiatria. ARTIGO ORIGINAL. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 04 (01), janeiro-abril de 1980. <https://www.scielo.br/j/rbem/a/WsML5LpgknsTwF5w65MHn5d/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 de março de 2023.

ALVES, Lara. A Construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade. **I Encontro de História da Arte** – IFCH/UNICAMP, 2005, p. 123-132. <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilgia/arquivos/LaraALVES-AconstrucaodeBrasilia.pdf>. Acesso em 26 de abril de 2023.

BARATA, Rita. **Meningite**: uma doença sob censura? São Paulo: Cortez; 1988.

BARRETO, Alvaro. Círculo Operário. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p.76-77. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25 de maio de 2023.

BARRETO, Arnaldo; FILGUEIRAS, Carlos. Origens da Universidade Brasileira. **Quim. Nova**, Vol. 30, No. 7, 1780-1790, 2007. <https://www.scielo.br/j/qn/a/rzxmW6ggvDD-vXJYLBfkg38m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 8 de maio de 2023.

BEM, Emanuel de. Verbete População. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 216-218. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 de abril de 2023.

BERTOLDI, Sandra. **Contribuição do Discurso Psicanalítico para a formação médica**. Um estudo de caso na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Porto Alegre: UFRGS, 2011. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37043/000819647.pdf;sequence=1>. Acesso em 16 de março de 2021.

CAETANO, Maria do Rosário (Org.). **UnB anos 70**: Memória do movimento estudantil. São Paulo: Editora Alameda, 2022.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Piaget, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664>. Acesso em 11 de maio de 2023.

- CELLARD, André. Análise Documental. *In*: POUPART, J. et al. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295 - 316.
- CERTEAU, Michel de. O inominável: a morte e morrer. *In*: **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes, 2011.
- COIMBRA JÚNIOR, Carlos; SANTOS, Ricardo. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, 5 (1), 2000, p. 125-132. <https://www.scielo.br/j/csc/a/bQ5j56fyrBvsN5Hv43P-Qhz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 8 de maio de 2023.
- COLUSSI, Eliane. A maçonaria gaúcha e a defesa do ensino laico no período da república velha. **Revista História da Educação**. Pelotas (7), abril de 2000, p. 59-73. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30095/pdf>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.
- CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. *In*: **História dos Tempos Livres**. O advento do lazer. Lisboa, Portugal, Teorema, 2001, p. 59-90.
- COSTA, Gley. Discurso de formatura da primeira turma. Responsabilidade Técnica – 1968. *In*: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 61-66.
- CUNHA, João Manuel. Verbete Cinema. *In*: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 69-76. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3a1rio%20de%20Hist%3b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de julho de 2023.
- CHAVES, Larissa. Verbete Beneficência Portuguesa. *In*: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 34-35. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3a1rio%20de%20Hist%3b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 8 de julho de 2023.
- CRUZ, Lisiane. O desenvolvimento das Instituições Psiquiátricas no Rio Grande do Sul até 1950 – o que sabemos pelas pesquisas historiográficas. **Revista Albuquerque**, vol. 11, n.22, jul-dez de 2019. <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/9651>. Acesso em 6 de março de 2023.
- DE LUCA, Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.
- FALEIROS, Justino; KALIL, Gladis; CASARIN, Darci; LAQUE JR., Paulo e SANTOS, Iná. Avaliação do impacto de um programa de puericultura na promoção da amamentação exclusiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(2), 2005, p. 482-489.
- FERNANDES, Tânia. **Plantas Mediciniais**. Memória da Ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004. <https://static.scielo.org/scielobooks/bg6yw/pdf/fernandes-9788575413487.pdf>. Acesso em 9 de maio de 2023.
- FEUERWERKER, Laura e MERHY, Emerson. A contribuição da atenção domiciliar para a configuração de redes substitutivas de saúde: desinstitucionalização e transformação de práticas. **Rev Panam Salud Publica**. 2008;24(3):180–8. <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2008.v24n3/180-188/>. Acesso em 15 de maio de 2023.

FRIPP, Julieta. **Internação Domiciliar e Cuidados Paliativos para pacientes oncológicos no município de Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, 2009.

FRIPP, Julieta; AGOSTINI, Isabela; RODRIGUES, Gustavo; MIRANDA, Isabela e DUARTE, Letícia. Experiência Extensionista no combate à Pandemia por Covid-19: máscaras cuidativas – manto protetor da vida. **Expressa Extensão**, volume 26, n. 1, 2021. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/19699>. Acesso em 24 de maio de 2023.

GILL, Lorena. **Clientelchiks: os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920-1945**. Pelotas: Editora da UFPel, 2001. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/clientelchiks-judeus-da-presta%C3%A7%C3%A3o-em-pelotas-1920-1945.pdf>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

GILL, Lorena. **Um mal de século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Tese (Doutorado em História, PUC-RS, 2004. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf>. Acesso em 5 de março de 2023.

GILL, Lorena; SCHEER, Micaele. Médicos Judeus no Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, Éverton e POMATTI, Angela. (Org.). **Museu da História da Medicina – MUHM: um acervo vivo que se faz ponte entre o ontem e o hoje**. 1ed. Porto Alegre: Evangraf, 2016, v. 1, p. 172-183.

GILL, Lorena; GIL, Marcelo. Verbete Espiritismo. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 127-128. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&i-Allowed=y> Acesso em 5 de julho de 2023.

GILL, Lorena; POMATTI, Angela. Entrevista realizada com Naum Keiserman, acervo do Laboratório de História Oral, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, **Sillogés** – v.2. n.2. jul./dez. 2019, p. 459- 472. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&i-Allowed=y> Acesso em 10 de maio de 2023.

GILL, Lorena; MENDES, Nicéia. Cotas no Curso de Pedagogia da UFPel: uma análise do perfil dos estudantes e da democratização do acesso à Universidade. **Expressa Extensão**, volume 26, número 3, 2021. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/21158> Acesso em 22 de junho de 2023.

GILL, Lorena e SANTOS, Dulcinéia. O assédio moral contara estudantes em uma instituição pública: o caso da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). **Revista Dialogia**, número 45, 2023, p. 1-13. <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23351> Acesso em 11 de julho de 2023.

GOMES, Cláudio. Um Depoimento. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 81-86.

HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

HOCHMANN, Gilberto. Vigiar e, depois de 1964, punir: sobre Samuel Pessoa e o Departamento Vermelho da USP. **Universidades na Ditadura**, p. 26-31. <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n4/a11v66n4.pdf>. Acesso em 7 de fevereiro de 2023.

HOLTTHAUSEN, Edson. Relação das disciplinas e professores da primeira turma. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 45-47.

JÚNIOR, João Feres; CAMPOS, Luiz Augusto; DAFLON, Verônica Toste; VENTURINI, Anna Carolina. **Ação afirmativa: conceito, histórias e debates**. Editora EDUERJ, 2018. <https://books.scielo.org/id/2mvbb/pdf/feres-9786599036477.pdf>. Acesso em 30 de março de 2023.

KANTORSKI, Leonardo. **Expurgo de docentes na lógica da Doutrina da Segurança Nacional: o caso da FURG (1969-1977)**. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2011. <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1598>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

KEISERMAN, Naum. Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século. **Revista Saúde, Ciência e Sociedade**. Ano 1, número 1, 1992, p. 10-22.

KEISERMAN, Naum. Depoimento. In: MAGALHÃES, Mario (Org.). **UFPel: 30 anos**. Pelotas: Editora Universitária, 1999, p. 51-58.

KEISERMAN, Naum. História da Faculdade de Medicina de Pelotas. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 15-41.

KELBERT, Paulo. Cinquenta anos da formatura da primeira turma da Faculdade de Medicina de Pelotas. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018**. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p.123-131.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena. **ADUFPel: Uma trajetória pela democracia**, Pelotas: ADUFPel. Armazém Literário, 2003. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/02/ADUFPel-Uma-trajetoria-pela-democracia.pdf>. Acesso em 7 de abril de 2023.

LONER, Beatriz. Verbete UFPel. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 279-280. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 2 de julho de 2023.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 12 de junho de 2023.

LONER, Beatriz; CUNHA FILHO, Miguel; MONTEIRO, Ubirajara. De Escravo a Doutor: Euzébio de Queiroz Coutinho Barcellos. In: GILL, Lorena; KOSCHIER, Paulo (Orgs.). **A Família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição no sul do Brasil**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2019, p. 223-255.

MAGALHÃES, Mario. **UFPel: 30 anos**. 1ª. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 1999.

- MAGALHÃES, Mario. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112105>. Acesso em 15 de março de 2023.
- MAGALHÃES, Mario. Verbetes Faculdade de Agronomia. *In*: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 127-128. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 5 de maio de 2023.
- MOREIRA, Silvana. **“ZYD 579, 107.9 mega hertz – Rádio Federal FM”: o protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias (1980-2017)**. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História da UFPel. Pelotas, 2019. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5583>. Acesso em 15 de abril de 2023.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. Maria Renotte, uma médica paulista no início do século. **Médicis**: cultura, ciência e saúde. Ano 2 – Edição n.º 7 – Nov./Dez. de 2000.
- MOTTA, Rodrigo. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. **Topoi**, v. 9, n. 16, jan.-jun. 2008, p. 30-67. <https://www.scielo.br/j/topoi/a/zMNpct3W9cjyrNbQdVWbZTs/?lang=pt>. Acesso em 28 de março de 2023.
- PAIM, Jairnilson. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. <https://static.scielo.org/scielo-books/4ndgv/pdf/paim-9788575413593.pdf>. Acesso em 24 de maio de 2023.
- PALADINO, Mariana. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, Número Especial, p. 175-195, dez. 2012. http://www.direitoshumanos.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/02/Paladino_2012_panorama-dos-indigenas-no-ES.pdf. Acesso em 24 de abril de 2023.
- PERES, Eliane. **Templo de Luz**: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense. (1875-1925). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.
- PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu** (4), 1995, p. 9-28. [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995\(4\)/Perrot.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1995(4)/Perrot.pdf). Acesso em 27 de abril de 2023.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- PETRUCCI, José. Os cinquenta anos da primeira turma da “Leiga” - menos um. *In*: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 103-112.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, 15, abril de 1997, p. 13-49. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215> Acesso em 11 de julho de 2023.

POSSATI, Andrêssa; PRATES, Lisie; CREMONESE, Luiza; SCARTON, Juliane; ALVES, Camila; RESSEL, Lúcia. Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras. **Esc Anna Nery** 2017; 21(4):e20160366, p. 1-6. <https://www.scielo.br/j/ean/a/VWsfXjcBCgnXBYVnf7m68XS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

RAGO, Elisabeth. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras do século XIX. **Cadernos Pagu** (15) 2000: pp.199-225. [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articulos/October2020/Pagu/2000\(15\)/Rago.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articulos/October2020/Pagu/2000(15)/Rago.pdf). Acesso em 17 de março de 2023.

REZENDE, Joffre. **À sombra do Plátano**. Crônicas de História de Medicina. São Paulo: Editora da Unifesp, 2009. <https://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezen-de-9788561673635.pdf> Acesso em 16 de março de 2023.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Fronteiras, 1986.

ROSA, Laura. 1968 – Faculdade de Medicina de Pelotas forma sua primeira turma. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018a, p. 53- 59.

ROSA, Laura. O sonho e a sua realização. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018b, p. 165-173.

SANTOS, José Antônio. Verbete A Alvorada. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 13-14. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%ca1rio%20de%20Hist%cb3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 9 de maio de 2023.

SILVA, Daniel (Org.). **20 Anos Em Cena**. Núcleo de Teatro da UFPel. Pelotas: Editora da UFPel. 2017. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3736/1/20%20ANOS%20EM%20CENA%20N%39ACLEO%20DE%20TEATRO%20UFPel.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2023.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michele (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. V. 4, Porto, Afrontamento, 1991, p. 443- 476.

SCHEFFER, Mário; CASSENOTE, Alex; GUERRA, Alexandre; GUILLOUX, Aline; BRANDÃO, Ana; MIOTTO, Bruno; ALMEIDA, Cristiane; GOMES, Jackeline; MIOTTO, Renata. **Demografia Médica no Brasil 2020**. São Paulo, SP: FMUSP, CFM, 2020.

SCHNEER, Micaele. Verbete: Colégio Municipal Pelotense. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 85-86. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%ca1rio%20de%20Hist%cb3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 2 de julho de 2023.

SCHNEIDER, Catarina; TAVARES, Michele; MUSSE, Christina. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. **RECIIS – Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde**. 2015 out.-dez.; 9(4), p. 1-13. <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/133975>. Acesso em 19 de abril de 2022.

STARLING, Heloísa. Silêncios da Ditadura. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, 2015, p. 37-46. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/17393/13255>. Acesso em 27 de abril de 2023.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. Verbete Santa Casa de Misericórdia. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de maio de 2023.

VICTORA, César. Diarrhea mortality: what can the world learn from Brazil? **J Pediatr** (Rio J). 2009; 85(1):3-5. <https://www.scielo.br/j/jped/a/wgPNzkLdvwRCXKcVYqdb6F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 de abril de 2023.

VICTORA, César. Breve História da Epidemiologia da UFPel: de Pelotas para o mundo. In: ROSA, Laura (Org.). **Sonho e realização**: Jubileu de Ouro da primeira turma da Faculdade de Medicina: 1968-2018. Porto Alegre: Evangraf, 2018, p. 175- 193.

VECHIA, Renato. **O ressurgimento do movimento estudantil universitário gaúcho no processo de democratização: as tendências estudantis e seu papel (1977-1985)**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32809/000786827.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 6 de março de 2023.

ZUBARAN, Maria Angélica. Médicos negros no pós-Abolição: Chagas Carvalho, Arnaldo Dutra e Diógenes Baptista (Porto Alegre, RS). In: MENDONÇA, Joseli; TEIXEIRA, Luana; MAMIGONIAN, Beatriz (Orgs). **Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga Editora, 2020, p. 120-142.



ANEXOS

A FACULDADE DE MEDICINA DA UFPEL¹⁶³

A história da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, então Faculdade de Medicina de Pelotas, remonta ao ano de 1953, quando, em uma das reuniões ordinárias da Sociedade de Medicina de Pelotas, realizada na Faculdade de Odontologia, (a Sociedade de Medicina ainda não possuía sede própria) o Dr. Franklin Olivé Leite sugeriu a sua criação. A ideia foi recebida com ceticismo, já que, na época, ainda que se reunisse a totalidade dos médicos de Pelotas, não teríamos um terço do número de docentes necessários. De qualquer modo, no ano seguinte, precisamente aos oito de maio de 1954, foi fundada a Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE) que, embora em seu Estatuto, tivesse como objetivo a criação de escolas de nível superior em geral, na prática se destinava principalmente a instalar e fazer funcionar uma faculdade de Medicina. Presidida inicialmente pelo Dr. Franklin Olivé Leite, tinha uma diretoria e um Conselho formados por figuras proeminentes da sociedade local. Esta primeira Diretoria fez aprovar o Estatuto da entidade, registrou-o no cartório competente e assim lhe deu personalidade jurídica.

Um ano após, a 30 de dezembro de 1955, o Prefeito Municipal, médico Dr. Mario David Meneghetti, pela Lei nº 620, doou à IPESSE o majestoso prédio-sede atual da Faculdade, onde, na época funcionara o laboratório regional do Estado e onde, em determinada área, residira o próprio Dr. Meneghetti, quando diretor do laboratório em apreço.

Constituída a IPESSE por pessoas gradadas, mas, na verdade, pouco interessadas no assunto, somente três anos após, em 1958, o tema voltou à baila e tomou impulso, quando D. Antônio Zattera, bispo de Pelotas, dirigiu-se ao Presidente da Sociedade de Medicina local pedindo apoio para a criação de uma Faculdade Católica de Medicina de Pelotas. Na oportunidade, o Dr. José Amaral Silva então presidente da entidade perguntou a D. Antônio se a faculdade, criada “católica”, poderia, algum dia, ser federalizada, sendo a resposta negativa categórica.

A partir dessa data, ocupando o cargo de secretário da Sociedade de Medicina, vi-mo-nos envolvidos diretamente no assunto.

A 24 de maio desse mesmo ano (1958), reuniu-se a Sociedade de Medicina em assembleia geral extraordinária para deliberar sobre a matéria. Compareceu a quase totalidade dos associados, 64 presenças, e com quatro abstenções e nenhum voto contrário, foram dados poderes à diretoria para gestionar a criação, junto à classe e sindicatos. Ficamos comovidos, em um sábado à tarde, quando, no consultório do Dr. Amaral Silva, recebemos a visita de um grupo de 10 a 15 pessoas que vieram trazer a solidariedade da Maçonaria local.

Em novembro de 1958, precisamente a 12 de novembro, assumiu a presidência da IPESSE o Dr. Oscar da Cunha Echenique, mudando totalmente a posição da entidade, que passou a apoiar a criação de uma faculdade leiga. Na verdade, D. Antônio não precisava da IPESSE para instalar a sua faculdade, pois, assim como a Mitra Diocesana mantinha as faculdades católicas já existentes, poderia formalmente manter uma faculdade de Medicina. O que lhe interessava era o patrimônio da IPESSE, constituído pelo amplo terreno e prédio doados pela Prefeitura Municipal.

Pouco depois, uma comissão constituída pelos Profs. Elyseu Paglioli e Pinto Luiz da Silva¹⁶⁴, reitor e vice-reitor da UFRGS, Paulo Assumpção Osório, diretor da Faculdade de Odontologia de Pelotas, Eurico Kramer de Oliveira, da mesma Faculdade, e Dr. Oscar da Cunha Echenique, Presidente da IPESSE, procurou D. Antônio no Bispado, quando o mesmo declarou que, não tendo obtido o apoio da classe médica de Pelotas, desistira de criar a sua Faculdade. A partir daí, passamos a dar os passos necessários para a formalização do empreendimento.

A 15 de dezembro de 1958, o Prefeito Municipal Adolfo Fetter promulgou Lei Municipal concedendo dotação orçamentária à futura faculdade “enquanto mantida pela IPESSE”.

Fomos à cidade de Rio Grande procurar o engenheiro Cícero Vassão, que, anos antes, havia instalado a Faculdade de Engenharia naquela cidade, a fim de inteirar-nos dos detalhes para a formulação do pedido de autorização de funcionamento da futura faculdade. Muito atencioso, mostrou-nos cópia do processo por ele encaminhado para a criação da Engenharia, o qual serviu de base para a elaboração do nosso pedido.

Por outro lado, o Dr. Oscar Echenique solicitou, em entrevista com o Governador Leonel Brizola, o apoio do Estado. Efetivamente, a 29 de novembro de 1959, na Biblioteca Pública de Pelotas, com a presença do Governador Leonel Brizola, que se fez acompanhar pelo Reitor da UFRGS, Prof. Elyseu Paglioli, e pelo Secretário da Educação, Mariano Beck, presentes ainda o Prefeito Municipal, Adolfo Fetter, secretários municipais e inclusive D. Antônio, Bispo de Pelotas, foi declarada fundada a Faculdade de Medicina de Pelotas, a ser mantida pela Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado – IPESSE. Na oportunidade, o Governador Leonel Brizola anunciou a doação de cinquenta mil cruzeiros em títulos do Estado para a instalação da Faculdade.

Em abril de 1960, foi publicado o edital abrindo o concurso de títulos para preenchimento dos cargos de Professor Titular das diversas disciplinas do curso.

Verificou-se então, a dificuldade para o preenchimento das vagas. Assim, não havia candidatos para as disciplinas de Anatomia, Bioquímica, Anatomia Patológica. O Prof. Paulo Assumpção Osório, catedrático da disciplina de Anatomia na Faculdade de Odontologia, foi procurado. Não podia aceitar o cargo porque desempenhava suas funções na Odontologia, em regime de dedicação exclusiva. Sugeriu o nome do Prof. Lauro de Castro Beltrão, de Belo Horizonte, que foi contactado e aceitou candidatar-se. O Dr. Altino da Costa Mariante, muito instado, aceitou candidatar-se à Bioquímica. Também por sugestão do Prof. Paulo Assumpção Osório, foi procurado, em Belo Horizonte o Prof. Washington Luiz Tafuri, que aceitou candidatar-se para Anatomia Patológica. Aceitou porque, de Pelotas, seria mais fácil ir a Buenos Aires, onde pretendia usar o microscópio eletrônico, em pesquisa que vinha fazendo, (até a data do início de funcionamento da disciplina, a Universidade Federal de Minas Gerais comprou um microscópio eletrônico e, no lugar do Prof. Tafuri veio ministrar a disciplina o Prof. Pedro Raso, também de Belo Horizonte).

A seis de fevereiro de 1962 foram julgados os títulos por uma comissão composta pelos Profs. Paulo Assumpção Osório, Cláudio Mello e Dr. José Amaral Silva, ficando assim constituída a nominata dos professores.

Anatomia Humana	Lauro de Castro Beltrão
Biofísica.....	Naum Keiserman
Bioquímica.....	Altino Costa Mariante
Anatomia Patológica.....	Washington Luiz Tafuri
Fisiologia	Marcondes Dias Ribeiro
Parasitologia	Manoel Alberto Gomes Maia
Microbiologia e Imunologia	Dyrio Gorgot
Histologia e Embriologia	Fernando Luiz Osório
Farmacologia.....	Fernando Carpena Alves
Clínica Médica.....	Amílcar G. Gigante
Clínica Cirúrgica	José Amaral Braga Filho
Pediatria e Puericultura	Guilherme Procianoy
Ginecologia e Obstetrícia.....	Paulo Crespo Ribeiro
Dermatologia	José Domingos Assis
Neurologia	Mario Ferreira Coutinho
Psiquiatria e Psicologia Médica.....	Joaquim da Silva Nunes
Oftalmologia.....	Isaac Piltcher
Otorrinolaringologia	Sidney Castagno
Ortopedia	Miguel Piltcher
Doenças Infecciosas e Parasitárias.....	Vinícius B. Salengue
Higiene e Medicina Preventiva.....	Ernani Saldanha Camargo
Medicina Legal e Deontologia Médica	José Ludovico Maffei

A nove de abril de 1962 reuniu-se, já formada, a Congregação da Faculdade de Medicina de Pelotas para a posse dos professores e elaboração da lista tríplice, da qual o Presidente da IPESSE nomearia o Diretor. Ficou assim constituída a lista, pela ordem: Naum Keiserman, Paulo Crespo Ribeiro e Manoel Alberto Gomes Maia. A 15 de abril, portaria do Presidente da IPESSE nomeou Naum Keiserman Diretor da Faculdade de Medicina de Pelotas, a ser instalada.

A partir da nomeação, passamos a reunir os elementos necessários à elaboração do processo de autorização de funcionamento. Além da relação dos professores com os respectivos currículos, era preciso provar a necessidade do curso, a existência de condições locais para o seu funcionamento, a existência de condições financeiras para o empreendimento. Havia necessidade de convênio com um hospital.

Finalmente, em agosto de 1962, encaminhamos ao Ministério da Educação o processo de solicitação da indispensável autorização de funcionamento.

Certos de que D. Antônio, conforme declaração feita à comissão, como relatamos, desistira da criação da faculdade, fizemos publicar com estardalhaço a notícia alvissareira. Crasso erro. No dia seguinte ao da publicação, dirigiu-se D. Antônio ao Rio de Janeiro onde funcionava a Secretaria do Ensino Superior (SESU) do MEC, comunicando ao seu titular, Prof. Durmeval Trigueiro Mendes, que nós não tínhamos condições de criar a faculdade, porque não tínhamos hospital e que ele, sim, a criaria. Efetivamente, pouco antes houvera séria crise na Santa Casa local, com a saída da quase totalidade de seus médicos, estes apoiados pela Sociedade de Medicina.

Antes de remeter o processo ao MEC, procuramos a direção da Santa Casa que impôs, como condição para convênio, a declaração de cada professor, de que não apoiava os médicos que dela saíram, o que evidentemente era inaceitável. Em consequência, fizemos o convênio com o Sanatório Espírita de Pelotas, ainda que sabendo, de antemão, que não havia condições de lá instalar a totalidade de curso (falta de bloco cirúrgico, de laboratório clínico, de serviço de radiologia).

O Diretor da SESU pediu que D. Antônio formalizasse o seu processo e mandou chamar-me ao Rio de Janeiro. Tivemos longa audiência, onde foi exposta toda a situação.

O passo seguinte seria da SESU, que deveria nomear alguém para fazer a inspeção prévia e dar parecer. Foi designado o Prof. Rubens Maciel que, no entanto, decorrido algum tempo, dirigiu-se à SESU pedindo a sua substituição. Em seu lugar foi designado o Prof. Eduardo Zacaro Faraco, para verificar as condições de funcionamento de ambas as faculdades. O parecer do Prof. Faraco foi contrário ao funcionamento da faculdade católica e favorável à da IPESSE, corrigidas algumas falhas: “a biblioteca é formada por livros antigos uns e não pertinentes outros”, constara do parecer.

Correu o tempo, e o processo, que deveria ser encaminhado ao Conselho Federal de Educação (CFE), não saiu da SESU. Fomos ao Rio e, lá, a diretora substituta da Secretaria – Nayr Abu-Merry Fortes – informou que o processo da Católica não

havia retornado e que somente quando retornasse seriam ambos encaminhados ao CFE. De volta a Pelotas, fomos ao Bispado, encontramos o processo que para lá fora enviado por engano. Convenci o encarregado do Bispado a enviá-lo ao MEC e só então foram ambos remetidos ao Conselho Federal de Educação.

Nesse órgão, foi designado relator dos processos o Prof. Clóvis Salgado, ex-Ministro da Educação. No mesmo Conselho, em dezembro de 1962, foi proposta a criação de uma comissão de Conselheiros para gestionar a ambas as partes, a fim de tentar um acordo que permitisse a criação de apenas uma faculdade.

A comissão foi constituída pelos Conselheiros D. Helder Câmara, Clóvis Salgado e Bruza Neto. Achando-nos no plenário, assim também D. Antônio, fomos imediatamente convocados e a reunião logo realizada. Nela, propôs D. Helder Câmara que se redigisse um documento fazendo sentir que a faculdade seria criada em caráter laico, porém que isso só seria possível com a colaboração de D. Antônio, o qual seria incluído no Conselho da IPESSE. D. Antônio recusou a proposta, queixando-se de ataques que lhe teriam sido feitos. Propôs o Prof. Clóvis Salgado que se criasse a faculdade leiga, agregada à Universidade Católica (nessa altura já existente). Diante dessa proposta, informamos que deveríamos consultar os demais companheiros de jornada, no entanto a proposta foi recusada por D. Antônio. Finalmente, insistiu D. Helder Câmara que, dirigindo-se a D. Antônio e dizendo falar-lhe como irmão – mostrou a batina – perguntou se à Igreja não seria preferível que se redigisse um documento de elevado teor, desfazendo todos os ataques que lhe foram feitos e fazendo ver que a faculdade leiga seria autorizada porque ele, D. Antônio, a apoiava. A proposta foi recusada por D. Antônio e a reunião encerrada.

O Prof. Clóvis Salgado, como redator de ambos os processos, emitiu parecer contrário à criação da Faculdade Católica. Quanto a da IPESSE, entendeu que havia condições para o funcionamento dos primeiros anos, devendo, quando do reconhecimento, apresentar as condições exigidas para as séries subsequentes.

Os processos, antes de irem ao plenário, foram relatados na Câmara do Ensino Superior do CFE, onde o Conselheiro Barreto Filho levantou uma preliminar quanto à Católica, dizendo que, na forma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, poderia ser instalada a faculdade pela respectiva Universidade, independente do Conselho, o qual somente a examinaria por ocasião do “reconhecimento”. A Câmara do Ensino Superior aceitou a preliminar, “julgando, no entanto, judiciosos os termos do parecer”. O parecer favorável ao funcionamento da faculdade da IPESSE foi aprovado e encaminhado ao plenário, o que não ocorreu com o da Católica cujo processo, ficamos sabendo, foi retirado por D. Antônio.

Na reunião do CFE de fevereiro de 1963, foi o processo discutido em plenário, onde cabe destacar o trabalho, em favor da aprovação, dos Conselheiros Ajadil de Lemos e Bruza Neto. D. Helder chamou a atenção para o fato de haver convênio com o Hospital Espírita, com os “riscos”, decorrentes. Contra a criação da faculdade, lá estavam, além de D. Helder, o Padre Vasconcelos. Finalmente, posta em votação, foi a faculdade autorizada a funcionar, por significativa maioria.

Já no dia seguinte foi o processo encaminhado ao gabinete do Ministro, que deveria homologar a decisão, ouvido o Consultor Jurídico, Dr. Canedo de Magalhães, a quem procuramos. Lá entrando, vimos, na mesa da sala, o nosso processo e um envelope com o timbre do Bispado de Pelotas. Após a identificação, perguntou-nos o Dr. Canedo se achávamos que Pelotas comportava duas faculdades de Medicina. “Existe alguma faculdade de Medicina em Pelotas?” perguntei. “Por acaso passou por aqui algum processo de autorização de funcionamento, outro que não o que se encontra na sua mesa?” “De fato, disse o Dr. Canedo, não passou por aqui outro processo, portanto não existe em Pelotas outra faculdade de Medicina”. E o processo foi encaminhado ao Sr. Ministro, em Brasília.

Como não saía o decreto de funcionamento, em meados de março nos dirigimos a Brasília, onde nos foi confirmado que o processo estava no Gabinete do Ministro Teotônio Monteiro de Barros, com o qual conseguimos audiência, que se realizou já à noite. Disse-nos o Senhor Ministro que estava aguardando a chegada do processo da Católica para mandar ambos ao Senhor Presidente da República, João Goulart. Fizemos ver a ele que não receberia o outro processo porque simplesmente fora devolvido à origem. “Bem, diz o Ministro, vou enviar este processo ao Senhor Presidente e ele que resolva”. Assim foi feito e o nosso processo foi enviado à Casa Civil da Presidência da República.

Graças ao Dr. Manoel Barbosa, ex-colega no Exército, que, na época, era titular de uma das subchefias da Casa Civil, passamos a ter fácil acesso ao Palácio. Permaneceríamos quase todo o dia na antessala do Dr. Evandro Lins, chefe da Casa Civil. Decorridos alguns dias, em uma das idas ao Congresso Nacional, encontramos o Dr. Ajadil de Lemos que ficou surpreso ao saber que não fora ainda expedido o decreto de funcionamento. Pediu-nos que esperássemos um pouco, pois iria falar com o Sr. Leonel Brizola, então Deputado Federal. Voltou dizendo: “O Brizola disse que arranca este decreto hoje, de qualquer maneira”. De fato, no final do expediente, o chefe de Gabinete da Casa Civil comunicou-nos que o Presidente João Goulart telefonara ao Dr. Evandro Lins determinando que fosse à noite ao Palácio, levando comigo o processo da IPESSE (2.4.63). No dia seguinte, acompanhamos um funcionário da Casa Civil que levava o decreto de autorização ao Diário Oficial, para publicação. Regressamos no mesmo dia a Pelotas, onde fomos recebidos com festas. Leonel Brizola telefonara ao Prefeito João Carlos Gostal, dando a notícia.

Enquanto se processava a autorização de funcionamento, com os recursos oriundos do Estado, foi-se providenciando o material destinado aos primeiros anos do curso. Assim, foram adquiridos microscópios e material permanente, bem como foi construído o prédio destinado a receber as disciplinas da área básica. Cabe assinalar o desprendimento do engenheiro Miguel Curi, que administrou as obras graciosamente. No prédio construído e no pré-existente foram instaladas a Anatomia Humana, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Biofísica, Parasitologia, Microbiologia, Biblioteca e administração geral. Duas salas do prédio doado foram reservadas ao laboratório do Estado, posteriormente transferido para o Centro de Saúde.

Quando da publicação do decreto autorizando o funcionamento do curso, já as instalações para a primeira série estavam concluídas.

A escola mantinha-se com a anuidade paga pelos alunos e subvenções que se obtinham do Governo Federal através de verbas consignadas no orçamento por deputados federais. Por sua vez, os professores que já residiam anteriormente em Pelotas, trabalharam durante dois anos sem qualquer remuneração.

Aos 11 de maio de 1963, o Prof. Clóvis Salgado proferiu a aula inaugural do curso. A partir daí intensificaram-se as providências para as instalações destinadas aos anos subsequentes.

Não poderíamos contar com a Santa Casa e, tendo em vista a falta de condições do Hospital Espírita, como foi dito, só nos restava a Beneficência Portuguesa. Foi uma negociação difícil, com alguns médicos do corpo clínico opondo-se a qualquer convênio. “Eu não permitiria que vísceras de meus familiares fossem expostas aos olhos de estudantes”, disse um deles. Finalmente conseguiu-se um acordo: a IPESSSE faria construir junto ao Hospital, em terreno da Beneficência, um prédio com enfermarias, sala de Anatomia Patológica e algumas salas de consulta, construção que, decorridos 10 anos, passaria a ser propriedade da Beneficência. Na manutenção dos pacientes, a Beneficência não queria lucro, mas também não poderia ter prejuízos. Assim, seria cobrada dos pacientes pequena diária e preço de custo na medicação. Sempre que o paciente, por qualquer motivo (indigente) não pagasse, caberia à IPESSSE o ressarcimento.

Recursos para a construção não havia. Lançamos o “Livro de ouro” que pouco rendeu. A solução encontrada foi a rifa de um automóvel, devidamente autorizada pelo Ministro da Fazenda.

Passamos a vender as cartelas. Para os professores, a aquisição era obrigatória, inclusive com desconto em folha daqueles que já percebiam algum vencimento.

Na data fixada, o número sorteado não fora vendido. Repetimos o sorteio. Novos bilhetes foram vendidos e, mais uma vez o número sorteado não fora vendido. Vendemos então o automóvel a um colega, o Dr. Nilo Conceição. Com os recursos assim obtidos, foi construído o prédio e adquirido o material. Como as salas para consulta foram insuficientes, posteriormente alugamos um prédio fronteiro ao Hospital onde foram instalados os ambulatórios, dando-se ênfase, assim, ao ensino ambulatorial.

Estávamos em condições de iniciar o ensino da terceira série do curso. Eram 32 leitos de enfermarias e os leitos ocupados por pacientes de professores, no corpo do hospital de Beneficência, que serviam também ao ensino.

A qualificação do pessoal docente foi uma preocupação constante. Com bolsas obtidas principalmente na CAPES e no CNPq, fizeram pós-graduação os Profs. Paulo Brusque Maulaz, Edgar Alberto Brauner, Ivo Mattos, Lili Bammann¹⁶⁵, Sérgio

Conceição. O Prof. Wanderlei Rospide da Mota fez curso no México. O Prof. Manoel Alberto Gomes Maia fez curso nos Países Baixos, Holanda e Bélgica. Posteriormente outros professores fizeram cursos na Inglaterra e na Alemanha. Antes mesmo de ser contratado, por solicitação do Prof. Mario Coutinho, a IPESSE propiciou pós-graduação na Inglaterra ao Prof. Antônio César Borges. O Prof. Leo Zilberknop fez pós-graduação em Anatomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No decorrer dos primeiros anos, já alguns professores foram substituídos por motivos diversos. O Prof. Lauro Beltrão cumpriu o primeiro ano do curso e desligou-se. Foi contratado o grupo de professores da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre: Alaôr Teixeira, Izaías Naiditch e José Luiz Alimena, recebendo eles, em conjunto, 200.000 cruzeiros mensais. O Prof. Lauro Beltrão recusara 180.000 cruzeiros mensais, insistindo em receber somente 100.000,00.

O Dr. José Domingo Assis demitiu-se antes do início de sua disciplina, sendo substituído pelo Dr. Manoel Moraes. A anatomia humana foi assumida pelo Dr. Leo Zilberknop, concluído o seu pós-graduação. O Prof. Marcondes Ribeiro foi substituído pelo Prof. José Luiz Sacco da Nova Cruz. O Prof. Fernando Luiz Osório afastou-se por motivo de saúde e foi substituído pelo Prof. Paulo Brusque Maulaz. A Anatomia Patológica foi uma novela só resolvida com a chegada à Pelotas do Dr. Izaías Ortiz Pinto. O Dr. Altino da Costa Mariante que vinha permanecendo no cargo por insistência nossa, afastou-se afinal e foi substituído pela Prof^a Leonor de Souza Soares. Após sucessivas substituições, o Prof. Kurt Kloetzel assumiu a disciplina de Higiene e Medicina Preventiva.

Sempre pleiteando junto ao MEC, conseguimos, em 1971, recursos para as obras e assim foram construídos os atuais ambulatórios.

O currículo inicial do curso constava de disciplinas isoladas, com um Conselho Técnico e Congregação. Em 1966, foram criados os Departamentos e nova alteração foi feita em 1974, para adaptação à reforma universitária que criou a matrícula por disciplina e o sistema de créditos com o Colegiado de Curso e o Conselho Departamental.

Ao mesmo tempo em que as dificuldades materiais eram enfrentadas, fomos nos preparando para obter o “reconhecimento” definitivo do curso junto ao CFE. Foram encaminhados os nomes dos novos titulares de disciplinas para serem aprovados pelo Conselho. Dois professores tiveram dificuldade para aceitação e, pessoalmente, fomos procurar o relator, Prof. Roberto Santos, então residindo no Rio de Janeiro, para convencê-lo a aceitar os indicados.

O Prof. João Carlos Kabke fora indicado para a disciplina de Bases da Técnica Operatória e da Anestesia. Dizia o Prof. Roberto Santos que o candidato não tinha títulos para Anestesia.

Retrucamos que essa era uma disciplina constante do currículo mínimo, fixado pelo CFE, que dificilmente encontraríamos um cirurgião com titulação para anes-

tesia ou um anestesista com títulos de cirurgião e, o assistente do Prof. João Kabke era um anestesista devidamente titulado. Ficou acertado que lhe remeteríamos os títulos do anestesista (Dr. Gastão Duval). A Prof. Leonor Souza Soares estava sendo recusada por não ser formada em Medicina. Fizemos ver que seu curso de pós-graduação em Bioquímica foi feito na Faculdade de Medicina da UFRGS. Do mesmo modo, ficou combinado que lhe remeteríamos o programa da pós-graduação. Cumpridas as exigências, foram ambos aprovados pelo CFE.

Encaminhado o pedido de reconhecimento do curso, tão completo foi o processo que nenhuma diligência foi determinada e nenhuma exigência foi feita e, em 10 de outubro de 1966 o Diário Oficial publicava o Decreto nº 59.381 que concedeu o reconhecimento da Faculdade de Medicina de Pelotas, dois anos antes de formada a primeira turma, o que ocorreu em 1968.

Em 1969, era criada, pelo Decreto nº 65.881, a Universidade Federal de Pelotas, constando de seu Estatuto a agregação da Faculdade de Medicina. A agregação teve um significado de associação cultural, inclusive com assento do diretor no Conselho Universitário. O Reitor da Universidade, Prof. Delfim Mendes Silveira, porém, com seu espírito universitário, tratou logo de proporcionar facilidades à escola agregada. O serviço de engenharia da Universidade assumiu por inteiro a supervisão das obras da Faculdade, desde os projetos até a construção, passando pelas concorrências, sem qualquer ônus para a IPESSE. Paulatinamente, professores da área básica foram sendo contratados para os Institutos da Universidade e designados para lecionar na Medicina, desobrigando-a do pagamento dos vencimentos. A Faculdade continuava particular e, como tal, recebendo anuidade dos alunos, o que aliviava os problemas financeiros e facilitava a aquisição do material.

Tal era o interesse do Reitor pela agregada que, em 1976, conseguiu obter aprovação do MEC para incluir no orçamento, recursos para pagar toda a folha de vencimento da Faculdade de Medicina. Como decorrência, foi criado um problema para o Diretor do Ensino Superior: foram destinados recursos privativos das instituições federais para uma escola particular, através da UFPel.

Convocados, reunimo-nos em Porto Alegre, o Diretor do Ensino Superior, Dr. Edson Machado dos Santos, o Reitor Delfim Mendes Silveira, o Prof. Leo Zilberknop, vice-diretor da Faculdade de Medicina, nós e o Diretor Financeiro da Diretoria do Ensino Superior. A única solução encontrada foi providenciar a incorporação da Faculdade à UFPel, o que corresponderia à sua federalização.

Para tal, era necessário alterar o Estatuto da UFPel e, a 24 de agosto do mesmo ano, o assunto passou a ser discutido no Conselho Universitário. Foram vários dias de discussão, o Conselho em sessão permanente, alguns Conselheiros querendo submeter os professores a concursos. Finalmente chegou-se a um denominador comum: todo o patrimônio da IPESSE seria transferido para a Universidade que, por sua vez assumiria o ativo e o passivo daquela Instituição. Os professores passariam a integrar um quadro em extinção, com todos os direitos e deveres dos demais membros do magistério, conservadas as mesmas titulações. Não poderiam,

no entanto, representar os professores nos órgãos universitários. Tempos depois, essa ressalva foi abolida.

Finalmente, a sete de novembro de 1977, foi assinado o Termo de Incorporação. Com a aprovação do Estatuto da UFPel pelo MEC, foi a incorporação definitivamente sancionada e a Faculdade de Medicina, federalizada. Estava atingida a meta a que se propôs a Sociedade de Medicina de Pelotas, ao fazer instalar em Pelotas, a faculdade, de caráter laico.

Federalizada a escola, cabia elaborar a lista sêxtupla para a escolha do diretor, já então com novo Reitor, o Prof. Ibsen Stephan; e dessa lista, foi designado para dirigir a faculdade o Prof. Cláudio Borba Gomes, que assumiu em 10 de junho de 1978.

Em junho de 1981, foi firmado novo convênio com a Sociedade Portuguesa de Beneficência, aumentando o número de leitos para 117 e criando-se o Pronto Socorro. Ao mesmo tempo foi criada a Fundação de Apoio Universitário (FAU) que assumiu a administração financeira do Hospital Escola, através de convênios firmados com a UFPel e com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

A criação da FAU foi uma necessidade, tanto para a contratação de pessoal, como para a agilização das ações gerenciais. Anteriormente fora criado o Curso de Enfermagem, com a inclusão, no regimento, de um departamento de Enfermagem. No entanto, os compromissos com o ensino não permitiam ao departamento assumir a parte assistencial do hospital.

A situação financeira da Sociedade Portuguesa de Beneficência, cada vez mais angustiante, levou a sua direção a fazer exigências crescentes, além do fato de que, funcionários em férias ou demissionários, de responsabilidade daquela Instituição, não eram substituídos. Material também da responsabilidade do hospital era dificilmente fornecido, quando necessário. A situação tornou-se insuportável, com exigências tais como: cobrança da lavagem de roupa, a preços de mercado; cobrança, além das diárias, da refeição dos pacientes; exames radiológicos, não pelos preços do INAMPS, mas pela tabela da AMB etc.

Tudo isso levou a Universidade a firmar convênio em melhores condições com a Santa Casa de Misericórdia, que cedeu um pavilhão anexo ao hospital, bem como as dependências do Pronto-Socorro.

As atividades de extensão, com atendimento à comunidade, foram, desde o início da faculdade, uma preocupação constante. Ainda no segundo ano do curso, tentamos, sem resultado, obter auxílio do Ministério da Saúde para instalar uma unidade sanitária onde seriam exercidas ações de saúde preventiva e curativa. A Medicina Social era alvo especial de nossas atenções, tanto que, em uma das versões do regimento, cabia ao Departamento de Medicina Social a administração dos ambulatórios. Por isso, ficamos felizes quando o reverendo da Igreja Luterana procurou-nos pedindo assessoramento para a construção de um prédio que, além

da casa paroquial, abrigaria ambulatório para atendimento. O prédio foi construído à rua Voluntários da Pátria e lá funcionaram, durante anos, a Medicina Social e parte da Pediatria. Posteriormente, a mesma instituição construiu magnífico prédio na Vila Municipal onde vem funcionando parte da Medicina Social, prédio a que carinhosamente chamam de Palácio da Saúde.

No bairro Areal, o departamento começou dando atendimento em uma velha Kombi, transferindo-se depois para um prédio com mínimas condições de trabalho e hoje ocupa outro prédio de melhores condições, ainda que não as ideais, na Avenida Domingos de Almeida.

Dentro do mesmo espírito de atendimento à comunidade, nos preocupava a inexistência em Pelotas, na época, de unidade cardiológica e bomba de cobalto.

Projetamos instalar tais serviços no conjunto ambulatorial em construção. Chegamos a adquirir parte significativa do equipamento cardiológico. Os osciloscópios foram depois utilizados no Pronto-Socorro.

Conseguimos instalar, e vem funcionando, o serviço de Radioterapia. A bomba de cobalto foi adquirida pela IPESSE para pagamento parcelado. Incorporada à faculdade, coube à UFPel efetuar os pagamentos subsequentes. Para instalação da bomba, conseguimos do Governador Sinval Guazzelli, a quantia de 250.000.00 cruzeiros.

O problema do hospital próprio mereceu a nossa atenção desde o início do funcionamento da Faculdade. Ainda em 1963, contratamos firma especializada do Rio de Janeiro – Valdetaro e Nadalluti para execução do projeto. Foi completada a planta baixa. Faltaram recursos para o detalhamento. Na gestão do Prof. Cláudio Borba Gomes, foram pleiteados recursos do MEC, sem resultado. Continuou o pleito na gestão do Prof. Antônio César Borges e, ao que parece, agora há uma possível solução satisfatória.

Não pretendemos ter esgotado tudo o que se poderia relatar da evolução da Faculdade de Medicina nesse longo período. Ficamos por aqui. Agradecemos aos organizadores deste encontro a gentileza do convite, dando-nos a satisfação de rever amigos e à própria Faculdade, à qual dedicamos com muito amor e muito trabalho mais de 30 anos de nossa vida.

Naum Keiserman

CARTAS À LEIGA

CARTA NÚMERO 1

Com imensa satisfação cumprimento a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas pelo seu 60º aniversário, cumprimento ainda os professores, servidores, colegas graduados e estudantes, também a Universidade que acolheu esta unidade.

Quando ingressei na faculdade no ano de 1976 ela pertencia a Fundação Pró-ensino Superior no Sul do Estado (IPESSE) e era privada, mas com muito orgulho pela perspectiva de me tornar médico em uma faculdade em Pelotas.

Cursei os três primeiros anos, e no ano seguinte (1978) o curso foi agregado à UFPel, onde passei a estudar também em outras unidades da Universidade como no campus onde já funcionavam outros departamentos e faculdades.

Utilizamos como estágios em aulas práticas o hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência e o Hospital Espírita, além dos ambulatórios da faculdade no Fragata.

Graduei-me no ano de 1981 e em 1982 passei a cursar a Residência Médica em Obstetrícia e Ginecologia da UFPel. Concluí o curso em 1984 (3 anos), em agosto de 1982 fui aprovado como médico socorrista do Pronto Socorro da Universidade na Beneficência Portuguesa. No ano de 1987, o Hospital Escola da UFPel passou a ocupar as instalações da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas onde passei a exercer preceptoria de Médicos Residentes e Acadêmicos, então como contratado da Fundação de Apoio Universitário.

No ano de 1994, prestei concurso público para técnico-administrativo médico especialista em Ginecologia e Obstetrícia na UFPel, exercendo a especialidade no Hospital Escola onde se atendia emergências, partos e cirurgias de urgência e eletivas, com preceptoria aos acadêmicos e residentes. Atuei no Hospital Escola até 2017 quando me aposentei do serviço público.

Nos anos de 1998 a 2000, exerci o cargo de Diretor-Presidente da Fundação de Apoio Universitário, no ano de 2000, cursei em função do cargo Pós-Graduação em Gestão Empresarial na FURG, no ano de 2015 voltei ao cargo até 2017 com a aposentadoria.

Nos anos de 2007 e 2008, cursei Mestrado em Saúde Pública Baseado em Evidências (mestrado profissional) no Centro de Pesquisas Epidemiológicas da UFPel.

Com este breve relato, tento mostrar minha profunda ligação com a Faculdade de Medicina que muito me fez feliz, me realizei como profissional, fiz uma formação sólida e continuada o que muito me orgulha e engrandece como ser humano.

Afrânio Alberto Tavares Krüger

Médico especialista em ginecologia e obstetrícia

Mestre em saúde pública baseado em evidências

CARTA NÚMERO 2

Minha querida Leiga, entre tantas recordações que trago na memória e no coração, vou relatar aqui alguns fatos que vivenciei durante a graduação e gostaria de deixar registrados, pois tiveram algum impacto para os que nos sucederam!

A PRIMEIRA INTERMED

Certo dia, quando já era professora da FaMed (atualmente estou aposentada), vi um grupo de alunos em preparativos para participar de uma das edições da Intermed, os torneios que ocorrem entre alunos das diversas Faculdades de Medicina. Perguntei a eles se sabiam onde e quando havia ocorrido a primeira Intermed. Não sabiam! Surpreenderam-se quando lhes contei que aconteceu em Pelotas, por iniciativa do nosso diretório acadêmico (DANK), em 1974. A organização envolveu os alunos da Leiga, além de professores e entidades apoiadoras. Vieram colegas de várias partes do país. Os jogos, a circulação dos estudantes pelos diferentes ginásios, clubes, alojamentos, boate da Leiga, movimentaram a cidade. O evento foi um sucesso! Quase 50 anos depois, quando vejo os alunos da Atlética Leiga cheios de entusiasmo e união, desejo que eles conheçam e transmitam essa história.

O PRIMEIRO PATRONO

Quem foi aluno da Leiga até 1977 sabe que a Leiga iniciou como uma faculdade privada, “agregada” à UFPel, sendo federalizada no segundo semestre de 1977. O diretor na época era o Dr. Naum Keiserman e, segundo relatos de pessoas ligadas à administração da faculdade naquele período, ele desempenhou importante papel na concretização da nossa Faculdade de Medicina. Após a federalização ele encerraria seu mandato como diretor, vindo a assumir o Dr. Cláudio Gomes em 1978.

A ATM-79, da qual faço parte, faria a escolha dos homenageados em 1978 – na ocasião, o Prof. Darcy Abuchaim, que foi vice-diretor com Dr. Naum, conversou com a comissão de formatura, sugerindo que a turma fizesse uma homenagem ao Dr. Naum, como reconhecimento por seu papel significativo para nossa faculdade, quem sabe elegendo-o paraninfo. Naturalmente, a ideia de escolhê-lo como paraninfo foi logo refutada, não havia uma ligação afetiva entre a turma e ele, era inclusive pouco simpático, rívido na cobrança das mensalidades atrasadas etc.

Naquele tempo, as homenagens de praxe eram Paraninfo, Homenagens de Honra e Especial, mais 10 Professores e um Funcionário Homenageados. Não abríamos mão de conceder essas homenagens aos professores eleitos pela turma. A ideia de homenagear Dr. Naum parecia apropriada, só não sabíamos como. Até que uma colega (se não me falha a memória, foi a Nina (Ana Carolina Ferreira), sugeriu “e se ele fosse Patrono?” – outros cursos, como o Direito, já tinham o costume de eleger patronos, mas para nós da Leiga isso era uma novidade. A eleição dos homenageados ocorreu como de costume, exceto para o patrono, que foi proposta na forma de plebiscito

“Naum Patrono: sim ou não” – se o “não” vencesse, continuaríamos sem um patrono, mas o “sim” foi vencedor e tivemos, assim, nosso primeiro Patrono, inaugurando uma tradição que se estabeleceu para todas as turmas que se seguiram.

A ideia de imprimir nossos convites em radiografias foi anterior à decisão do patrono, mas caiu como uma luva, já que o patrono era radiologista.

Interessante foi constatar a total surpresa e imensa alegria dele quando a turma chegou na sua casa gritando e cantando o refrão “na três... na dois... Naum!” – demorou para entender o que estava acontecendo. Fora de seu papel como diretor, mostrou-se muito afetivo com a turma e super animado nas festas! Ofereceu uma super festa no salão da Sociedade Israelita, ao estilo discoteca (era época de “Dancing Days”), onde dançou e se divertiu muito com a turma!

CONVÊNIO PARA ESTÁGIOS NO HOSPITAL CONCEIÇÃO

Na década de 70, o último ano do curso (6^o) era dedicado à realização do estágio prático dos “doutorandos”, com rodízio pelas áreas básicas de clínica médica, pediatria, cirurgia, ginecologia e obstetrícia, além de estágio optativo em área de preferência do aluno e um período no Projeto Rondon. Em anos mais recentes, o período de estágio aumentou, inicialmente para um ano e meio e, atualmente realiza-se nos dois últimos anos do curso (5^o e 6^o).

Naquela época, além da possibilidade de realização dos estágios em Pelotas, a Leiga oferecia opções para estágios fora, através de convênios com outros serviços



Convite da ATM 1979, impresso em uma chapa de raio-x de crânio.

Fonte: Acervo Pessoal da Dra. Beatriz Franck Tavares.

de saúde. Em Porto Alegre: um ano no Hospital Ernesto Dornelles (rodízio em todas as áreas) já era uma tradição para os alunos da Leiga; outras opções eram dois meses em clínica médica na Santa Casa; dois meses em cirurgia no Hospital Petrópolis. Em São Paulo: dois meses em Pediatria no Hospital Infantil Darcy Vargas. No Mato Grosso: um mês no Projeto Rondon. Havia um limite de vagas em cada local, tendo preferência para a escolha os alunos com melhor desempenho acadêmico.

Na ATM-79, havia um grupo de alunos que desejavam muito fazer estágio no Hospital Conceição, em Porto Alegre, porém a Leiga não possuía convênio para envio de doutorandos para esse hospital. Sem desistir da ideia, dois colegas da turma (Fernando Rotunno e Carlos Alberto Hoeltgebaum) decidiram ir a Porto Alegre, mantiveram contato com a direção do Hospital Conceição, para averiguar a possibilidade de fazer estágio lá, e receberam a informação de que o hospital poderia abrir 15 vagas para doutorandos da Leiga, caso a direção da faculdade tivesse interesse em estabelecer um convênio. De volta a Pelotas, gestionaram com a direção para que fosse efetivado o tão desejado convênio. E conseguiram! Assim, fiz parte dos primeiros 15 alunos da Leiga que, rompendo a tradição de estagiar no Ernesto, optaram por passar seu ano como doutorandos no Hospital Conceição, um ano de muito aprendizado e crescimento acadêmico. Ampliamos, assim, as opções de estágio para os alunos das turmas vindouras.

Obrigada, Leiga, por fazeres parte da minha vida!

Beatriz Franck Tavares

CARTA NÚMERO 3

Querida Leiga, fazes parte da minha história de vida! Em 1974, aos 17 anos, iniciei o curso de Medicina na turma da ATM-79. As vivências ao longo da graduação foram intensas, amizades que ficaram para a vida, professores que marcaram profundamente, privilégio de receber uma formação médica que sempre enfatizou a importância da relação médico-paciente.

Um colega – Carlos Augusto Tavares – que se tornou namorado, noivo, marido há 42 anos! Depois da formatura, residência médica em Porto Alegre (Hospital Conceição), retornamos a Pelotas e nossa história nunca mais deixou de estar entrelaçada contigo. Médicos concursados para integrar a primeira equipe do Pronto Socorro da FAU, vinculado ao Hospital Escola, que funcionava na Beneficência Portuguesa, local de estágio dos alunos que nos acompanhavam nos plantões.

Depois de uns anos, faço pausa, mudo os rumos, retorno à residência médica, três anos de Psiquiatria na UFPel. Novo concurso e retorno à Leiga como Psiquiatra do Departamento de Saúde Mental (DSM). Seguem-se mestrado e doutorado em Epidemiologia/UFPel. Mais um concurso e me torno docente no DSM – oportunidade para exercer novas funções, Chefia de Departamento, Coordenação da

Residência de Psiquiatria, Coordenação da Coreme, envolvimento direto na criação e coordenação do Curso de Psicologia, tantas outras atividades!

Meu marido, concursado como médico clínico, atuando no Hospital Escola, teve oportunidade de exercer Chefia do Pronto Socorro, Direção Técnica e Direção Geral do Hospital Escola. Assim passaram-se os anos, dirigindo-nos diariamente às tuas dependências, quase um segundo lar, uma segunda família, sempre fazendo nosso melhor em retribuição ao que recebemos de ti. Recentemente nos aposentamos, saímos da Leiga, mas a Leiga jamais sairá de nós!

Parabéns, querida Leiga!

Orgulho de fazer parte destes 60 anos de história!

**Beatriz Franck Tavares
& Carlos Augusto da Cunha Tavares**

Deixo aqui uma lembrança das peculiaridades da nossa colação de grau.

SEM ENERGIA ELÉTRICA

A formatura da ATM-79 estava marcada para 08/12/1979. Como não existiam empresas especializadas na organização, tudo ficava ao encargo da comissão de formatura. Naquela época, todos os eventos ocorriam no mesmo dia: ato ecumênico na Catedral, às 10h30min; colação de grau no Teatro Guarany, às 20h30min; baile de formatura no Clube Comercial, às 24h. De manhã tudo transcorreu normalmente, mas, no meio da tarde, um súbito temporal de verão ocorreu, com conseqüente falta de energia elétrica em toda cidade. A chuva passou, o sol voltou, mas a energia custava a retornar. Aproximava-se o horário da colação de grau e nada! Numa época sem internet, sem celular, as informações custavam a chegar. Formandos em expectativa no saguão do teatro, comissão de formatura tentando obter informações, familiares em compasso de espera... até que a notícia indesejada chegou: a energia não retornaria naquele dia. Para grande frustração de todos, só restava suspender a solenidade, adiando para o dia seguinte – tudo precisava ser transferido! A floricultura recolheu os arranjos florais para câmaras frias, pois com o calor, as flores murchariam até a noite seguinte. O teatro, que também funcionava como cinema, pagaria multa por suspender as sessões de domingo. O responsável pelo som, da rádio Guaíba de Porto Alegre, precisava retornar por compromissos profissionais – por fim, deixou seu filho em Pelotas para operar o som no outro dia. Para transferir o baile, além da concordância do clube, era necessário disponibilidade da banda musical contratada, que já tinha compromisso para o dia seguinte e teria multa pela quebra de contrato. Por fim, com uma coleta extra de verba entre a turma, mais colaboração do paraninfo e outros professores, conseguimos reorganizar toda solenidade para o domingo. Muitos familiares de colegas de fora de Pelotas, que vieram

em ônibus fretados para um bate-volta, tiveram que retornar naquela noite mesmo para suas cidades de origem. Mesmo sem ter havido a colação, as recepções individuais dos alunos precisaram ocorrer à luz de velas e lampiões, pois com o calor e sem refrigeração, os alimentos acabariam estragados.

Mal sabíamos que a saga não havia terminado! No dia seguinte, continuávamos sem energia elétrica e a informação era de que não havia previsão de retorno para os próximos dias, em função da queda de uma torre na usina de Candiota, que abastecia Pelotas e região. Desânimo total. Mobilizados para achar uma solução, conseguimos dois geradores: um do exército (o pai da formanda Wanessa Poeta era coronel) e outro da empresa Lerípio. O combustível foi fornecido pelo pai da formanda Ana Carolina Ferreira, que era proprietário de postos de combustível. Soldados do exército auxiliaram na instalação dos geradores sobre caminhões estacionados na frente do Teatro Guarany, depois deslocados para a frente do Clube Comercial. Para economia do combustível, até o momento de iniciar a solenidade, apenas uma iluminação de campanha (um fio com algumas lâmpadas esparsas) possibilitava que as pessoas encontrassem seus lugares na penumbra. Os formandos aguardavam na penumbra do *foyer*, onde os fotógrafos se guiavam pelas vozes e sombras para “mirar” suas máquinas e fazer fotos (só quando o flash explodia eles conseguiam ver os fotografados).

A cidade toda era um breu, luz apenas em locais com gerador próprio, como hospitais, por exemplo, onde, inclusive, algumas colegas foram se arrumar. Secador de cabelos? Ferro de passar roupas? O jeito era improvisar do jeito que dava.

Mas na hora certa, as luzes do teatro se acenderam, que alegria! Apesar de pequenas oscilações durante a solenidade, se mantiveram acesas até o final da cerimônia. A data oficial da colação ficou sendo 09/12/1979 (um dia depois da data prevista). Mais tarde, o Clube também iluminou-se e o baile foi realizado com muita animação, para compensar toda angústia, cansaço, empenho em superar cada obstáculo e tornar realidade aquilo que planejávamos há tanto tempo!

E a cidade ficou a semana inteira sem energia elétrica!

CARTA NÚMERO 4

“Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”

Mário Quintana (1973)

A primeira lembrança de que tenho da Leiga é do *bullying* que sofri por parte de um professor de semiologia que disse que, caso eu seguisse utilizando meu cabe-

lo comprido, eu não seria aprovado na disciplina. Podia ter me deprimido, abandonado a faculdade ou enfrentado aquele médico amargurado, mas na época fiz o mais fácil: cortei o cabelo! Lembro com detalhes daquele professor que usava um bigode de gosto duvidoso, sadicamente sorrindo ao ver que o aluno havia se curvado e aceitado sua imposição. Certamente hoje tomaria outra conduta e compraria essa briga, mas na época, com cerca de 18 anos, não tinha maturidade para enfrentar um docente não muito decente.

Esse professor foi um exemplo do tipo de pensamento que eu não queria ter e do tipo de médico que eu não queria ser. Agressão dessa monta, inconcebível na atualidade, era sistematicamente repetida por um ou dois professores despreparados para o cargo que exerciam. Felizmente, a Leiga tinha dezenas de professores extremamente bem-preparados em termos de conhecimento e humanização que faziam com que os ruins fossem casos raros, mas ainda capazes de produzir um alto impacto emocional a ponto de serem inesquecíveis.

O tempo passou, me formei, fiz 5 anos de especialização, doutorado, milhares de cirurgias e dezenas de produções científicas. Fui aprovado para exercer a docência na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Tento ser um professor e um exemplo de pessoa melhor para os meus alunos e combater qualquer tipo de *bullying*, afinal, não é porque eu aprendi apanhando que devo ensinar batendo.

Sou cirurgião plástico, na Leiga não tive aula alguma de cirurgia plástica, será que minha faculdade valeu a pena?

Quando lembro do meu aprendizado no ensino médio, sempre me pergunto a razão pela qual tive que decorar a fórmula de *Bhaskara* e a utilizá-la em tantos exercícios, visto que nunca mais a utilizei em minha vida. Foram tantas provas na escola cobrando a utilização deste método resolutivo de equações que nunca fora novamente empregado em minha faculdade, vida profissional ou pessoal. Óbvio, o ensino médio tem como objetivo fornecer uma formação básica para o exercício da cidadania e entregar conhecimento preparatório para o trabalho e estudo complementar. Posso dizer que provas incluindo a fórmula de *Bhaskara* foram fonte de um *stress* desnecessário em minha formação, pois escolhi uma área de trabalho onde ela não é aplicada.

E na Leiga, me deparei com muitas fórmulas de *Bhaskara*? Ia dizer que não, mas lembrei do ciclo de Krebs no início da faculdade que eu penso ter decorado antes de uma prova e que no dia seguinte já não mais me lembrava. Felizmente, são poucas lembranças como esta guardadas em minha memória.

A estrutura curricular da Leiga na década de 90 era extraordinária. O contato com a psicologia médica desde o semestre inicial foi um diferencial muito positivo na minha formação e me deu uma base muito sólida para atender meus pacientes. Igualmente, o forte estudo de epidemiologia e bioestatística que a Leiga me proporcionou auxilia muito a entender as probabilidades de sucesso e os riscos

em todas as cirurgias que faço, bem como a entender e criar novas evidências científicas em minha área.

Respondendo à questão: Sim, a Leiga me deu a base para construir meus sonhos através da medicina, e nesta faculdade aprendi que nenhum sistema é perfeito, mas que mesmo com um pouco de joio podemos fazer uma bela colheita de trigo.

Denis Souto Valente

CARTA NÚMERO 5

Jubileu de ouro da primeira turma

(Sessão solene na Faculdade de Medicina da UFPel)

Estamos todos muito felizes por nos encontrarmos novamente neste prédio que foi o berço dos nossos primeiros aprendizados da profissão que, passados cinquenta anos, com orgulho e dedicação ainda exercemos, mantendo na integridade os princípios éticos, morais e de responsabilidade com os pacientes e seus familiares que nos foram passados pelos professores que aqui tivemos e dos quais nunca nos esquecemos, pois ocupam em nossos corações o reservado e valorizado espaço da gratidão.

Não obstante, este prédio não foi apenas o berço dos nossos primeiros conhecimentos da arte de curar, ele também propiciou o encontro de jovens vindos de diferentes lugares que aqui chegaram no longínquo ano de 1963 para dar início a uma jornada de incertezas geradas por um curso de medicina que com eles iniciava, constituindo a primeira turma a se formar nesta faculdade que, ao longo desse percurso, tornou-se uma das mais importantes e reconhecidas do estado.

Quem sabe, exatamente por essa particular condição, este prédio ainda testemunhou a formação de uma genuína e sólida amizade que, indiferente à passagem do tempo e às inevitáveis vicissitudes da vida, mantém-se até os dias atuais com a mesma alegria e a mesma intensidade.

É por conta dessa amizade que, como em muitas outras vezes, com genuíno entusiasmo nos organizamos para comemorar os anos em que, estudando, nos divertindo e nos ajudando, fomos acolhidos por esta linda e hospitaleira cidade e sua generosa gente.

Pensamos não configurar um exagero sustentar neste emblemático encontro da turma que formamos um grande grupo de irmãos cujas diferenças sempre foram respeitadas, superadas e valorizadas.

Não obstante, nessa trajetória que hoje festejamos, quis o destino que, algumas vezes, tivéssemos que enfrentar o duro golpe de perder um colega.

É com muita tristeza que fazemos este registro, que tem como meta compartilhar

nosso profundo pesar de não podermos ter conosco neste momento os queridos colegas que, apesar dos esforços, não conseguiram chegar até aqui, mas continuamos todos juntos e vamos estar todos juntos até o derradeiro dia em que a morte abraçar o último integrante da turma, pois a lembrança e a saudade, quando verdadeiras, nunca morrem.

Prezados senhores e prezadas senhoras: cometeríamos uma inaceitável falta se, nesta histórica solenidade, deixássemos de reconhecer o legado dessa faculdade à sua primeira turma, representado pelo que poderíamos chamar de a “essência do exercício da medicina” que, ao longo dos 50 anos que desde então se passaram, lamentavelmente foi se apagando com o avanço da tecnologia, tornando-se, hoje, algo raro, quase inexistente no atendimento dos pacientes.

Contudo, desde os tempos de Hipócrates, sentado com seus discípulos à sombra de um plátano na ilha de Cós, foi ensinado que o mais importante, o essencial no exercício da medicina é a pessoa do médico, mesmo quando dispõe, como atualmente dispõe, de sofisticados métodos de diagnóstico e tratamento.

Se pudéssemos trazer a história de volta, Diógenes, com sua lanterna acesa, diante dessa realidade, questionado sobre o seu propósito, quem sabe respondesse “Procuro um médico”.

Nisso porque, na verdade, o que Diógenes procurava era um homem que conhecesse a essência da vida.

O médico que procuramos quando adoecemos é que conheça a essência da sua prática, com muito, pouco ou, em situações extremas, nenhum recurso tecnológico, tendo presente que, muitas vezes, quando todos os recursos tecnológicos fracassam o que resta ao paciente, até o seu último suspiro, é a presença do médico no seu lado, minimizando o sentimento de abandono que a proximidade da morte impõe ao indivíduo.

Nenhum remédio é mais importante ao paciente do que a percepção do legítimo interesse do médico.

Nada enche mais de esperança um doente do que ouvir do seu médico “Eu estou contigo, conta comigo, estamos juntos”.

Daquele que se tornou, com todos os méritos, paraninfo da primeira turma, Dr. Naum Keiserman, então diretor, primeiro diretor desta faculdade, muitas e muitas vezes cobramos mais recursos, ainda sem saber que, o mais importante na formação de um médico, estávamos recebendo dele e dos dedicados professores que arregimentou para nos ensinar.

Por conta disso, queremos reprimir o reconhecimento que, através das nossas palavras, a turma demonstrou ao Dr. Naum Keiserman na bonita homenagem que esta faculdade, então dirigida pelo Prof. José Aparecido Granzotto, ao completar 40 anos, em 2008 lhe prestou: “Na verdade, são as dificuldades que preparam pessoas comuns para destinos extraordinários”.

Assim como ao Dr. Naum, gostaríamos de agradecer a todos os professores que tivemos nesta faculdade, os quais, com os seus ensinamentos e com os seus exemplos, nos tornaram médicos, destacando aqueles que foram os nossos homenageados: Drs. Amílcar Gigante, Abram Scaletsky, Breno Antônio Nunes, Darcy Abuchaim, Dyrio Gorgot, José Amaral Braga Filho e Salvador Porres Ferreira

Nossas últimas palavras são para dizer que, passados 50 anos da nossa formatura no Teatro Guarany, na noite de 13 de dezembro de 1968, mais uma vez tivemos o orgulho de falar em nome da turma, agradecendo do fundo coração ao Prof. Pedro Curi Hallal, reitor da Universidade Federal de Pelotas, e ao Prof. Marcelo Capilheira, diretor desta faculdade, pela honrosa e comovente homenagem que nos prestaram nesta cerimônia.

Nós não os esqueceremos!

Gley Silva de Pacheco Costa

* Discurso proferido pelo orador da primeira turma (1963-1968). O evento ocorreu em 24 de novembro de 2018, com entrega de Menção Honrosa oferecida pela Direção da Faculdade e pela Reitoria da UFPEL, de Certificado do CREMERS pelo exercício ético profissional e de placas individuais e coletiva comemorativas do cinquentenário. Na ocasião, foi lançado o livro histórico/comemorativo intitulado *Sonho e Realização*, organizado pela Dra. Laura Ward da Rosa.

** Pós-graduado em psiquiatria e psicanálise; membro da Associação Psicanalítica Internacional; fundador, membro nato do conselho deliberativo e professor da Fundação Universitária Mário Martins; membro fundador, efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; autor de livros de psicanálise.

CARTA NÚMERO 6

MINHAS LEMBRANÇAS DA LEIGA

Há trinta anos eu e meu pai chegamos à Pelotas pela primeira vez. Viemos de Porto Alegre, onde eu fazia o cursinho pré-vestibular, porém somos do norte do estado do RS, da região das missões, portanto, sem familiaridade com o sul do Rio Grande do Sul. Acredito que tenhamos entrado na cidade pelo bairro Areal, pois a imagem do Museu da Baronesa é muito vívida na minha memória daqueles dias.

Mas o motivo da nossa visita era mais sério do que uma visita a uma nova localidade: naquele final de semana, eu me submeteria ao temido “provão”, a prova eliminatória do vestibular da Universidade Federal de Pelotas. Tudo era diferente: nas outras universidades não havia provão, ainda mais no final da tarde, alegadamente por conta do calor. Essas diferenças na avaliação dos candidatos, somada ao fato de estarmos em uma cidade quente, úmida e com um sotaque bastante diverso, tornava tudo um pouco inusitado. O fato de a prova ser discursiva também tornava o vestibular da Federal de Pelotas único.

Meu pai logo simpatizou com a cidade: amante de história e antiguidades, para ele não foi difícil se encantar com a Princesa do Sul, a ponto de vaticinar: “acredito que vais voltar para cá”. Eu, um pouco ansiosa duvidei: pelas datas das provas não coincidirem com boa parte dos vestibulares do país, víamos diversos ônibus chegando com estudantes de várias partes do país, o que, confesso, minava minhas esperanças.

Mas aquele clima úmido, com um vento morno, que se assemelhava a uma monção no verão, mas que se tornava dolorosamente gélido no inverno, reincidiria na minha história em poucos meses.

No próximo setembro, a previsão de meu pai se concretizou. Mais precisamente no dia 6 de setembro de 1993 eu entrava na Leiga para minha primeira aula. O prédio do Instituto de Higiene Borges de Medeiros, onde tivemos aulas de histologia e patologia, sempre exerceu um grande fascínio sobre mim, ainda mais depois que soube que era a casa da família Ritter, que tinha um lindo jardim no seu entorno. Muitas vezes me peguei imaginando quem teria plantado as palmeiras e outras árvores que muitas vezes nos sentávamos embaixo. Lembro de uma ocasião em que surgiu um jabuti, vindo por detrás onde ficava o bar da Leiga. Como são longevos, imaginei que estivesse ali desde os primeiros tempos do prédio.

Nos seis anos seguintes, passei boa parte de meus dias olhando para o prédio cinza e branco, com os parapeitos das janelas em mármore branco, o piso do *hall* com ladrilhos no padrão tabuleiro de xadrez e a escada de madeira que rangia quando subíamos para o segundo andar na biblioteca. As memórias me voltam com um odor de papel, salas fechadas e um vento gelado, que fazia com que uma professora se referisse ao prédio como mausoléu. Que heresia! Um lugar que forma tantas pessoas que ajudam e salvam tantas outras.

Havia um banco de concreto voltado para a frente do prédio, onde costumava bater sol no inverno e nos sentávamos para nos aquecer nos dias muito frios. Dali avistávamos as colunas altas, não saberia dizer se jônicas ou dóricas, mas sustentavam tantas expectativas, sonhos e conhecimento. Representam, ainda, um templo de saber na minha imaginação. Lembro de professores admirados por muitos cruzando por entre elas como se fosse um portal da sabedoria. Acredito que muitos de nós pensávamos assim.

Houve muitas festas por ali. Alguns churrascos de turma, as outrora tradicionais Festas do Décimo, onde uma certa libertinagem era tolerada e até cultuada. As aulas paravam nesse dia, que começava cedo e nunca mais terminava, pois perdíamos a noção das horas. Era um rito de passagem dentro do curso: as turmas que já tinham tido a sua Festa do Décimo já podiam considerar-se aptas. Não sei ao que, talvez aptas ao novo papel que a vida nos apresentava a partir dali: morria o estudante e nascia o doutorando, vivendo naquele limbo entre o sonho distante e a realidade bem mais próxima.

O prédio da frente, lugar do laboratório de anatomia, de longe exalava o cheiro forte de formol. Usávamos máscaras que muitas vezes não eram suficientes e nossos

olhos lacrimejavam pela irritação da substância. A sala de aula austera, escura, com carteiras pesadas de imbuia, dava um ar solene às primeiras aulas do curso. No laboratório propriamente dito, novamente encontrávamos o piso no padrão tabuleiro de xadrez. Me recorde de colegas angolanos, que amarravam lenços em lugar das máscaras nos rostos.

Mais à frente, no prédio dos ambulatórios, tínhamos nossas aulas das cadeiras mais específicas e, também, a experiência com o ambulatório. Ginecologia, clínica, pediatria... e tantas outras. Nessa construção parecia caber um mundo inteiro, com alunos, professores, pacientes, funcionários e arquivos de prontuários, um universo muito particular que só quem adentra entende. E vive intensamente.

Em 2019, nas festividades de nossos 20 anos de formados, nós de ATM 99/2 fizemos uma visita para rever nossa querida Leiga. Quando entrei duas décadas depois por aquele mesmo portão, foi como não tivesse passado nenhum dia a mais daquele em que busquei meu diploma. As árvores, os prédios de tijolos à vista, o bar, a boate, tudo se manteve como naqueles dias em que vivemos intensamente nossos sonhos. Mas ainda mais surpreendente foi a sensação de rever o portal da sabedoria entre as colunas do prédio histórico. Mesmo que estejam um pouco maltratadas pelo tempo, o sentimento de pertencimento está intacto e o orgulho ainda maior.

Minha querida Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, nossa Leiga: agradeço por teres me forjado médica e professora, e tantas outras facetas que esses papéis me permitem ser. Essa distinção torna únicos aqueles por ti formados.

Em tempo: a Festa do Décimo deveria ser declarada patrimônio imaterial da Leiga!

Joanine Girardi Kettner

(ATM 1999/2)

CARTA NÚMERO 7

DISCIPLINA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFPEL

A Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia começou a ser estruturada em 1962, quando da autorização de funcionamento da Faculdade de Medicina. Foi nomeado Professor Titular o médico Paulo Crespo Ribeiro mediante Concurso de Títulos e com aprovação pelo Conselho Federal de Educação (Parecer 394/92). De 1963 a 1974, ela fez parte do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia chefiado pelo Professor Paulo Crespo Ribeiro. Em 1974, com a formação do Departamento Materno-Infantil (DMI), passa a fazer parte deste juntamente a Disciplina de Pediatria. O Professor Paulo foi o primeiro Chefe deste Departamento.

Na época de sua criação, a Disciplina tinha suas aulas práticas no Hospital-Escola que funcionava em um setor do Hospital da Beneficência Portuguesa de Pelotas e

em Ambulatório específico que ficava em prédio localizado à rua General Osório em frente ao Hospital e denominado “Casarão”.

Com a construção de novos prédios juntos ao da Direção da Faculdade, à rua Duque de Caxias, o Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia transferiu-se para lá com uma estrutura bem mais adequada para o ensino e assistência. Local onde permanecem as atividades até os dias atuais, tendo passado por uma reforma no ano de 2014.

Outro marco significativo para a área Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade foi a criação da Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia em 1976 também pelo Professor Paulo Crespo Ribeiro, e que tem propiciado até hoje a formação de inúmeros especialistas nesta importante área da medicina. Teve sempre a participação de Professores da Disciplina juntamente a médicos técnicos-administrativos lotados no H-E e, atualmente, com o corpo médico da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

Foram docentes da Disciplina, lotados no DMI-FM-UFPEL, os seguintes médicos: Fábio Loredano Patella, Saul Sokolovski, Maria da Conceição de Oliveira Fernandes, Jonei Domingues Cavali Pesenti, Vera Holtausen, Vera Maria Antunes Brum, Luiz Fassa, Renato Resmini Riemke, Sérgio Tessaro, Mariângela da Silveira. Atualmente o corpo docente é formado por: Celene Longo da Silva, Guilherme Lucas de Oliveira Bicca, Iândora Timm Sclovitz, José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro, Josayres Armindo Buss Cecconi, Lara Real Loyola, Nathalia Vontobel e Tatiane Bilhalva Fogaça.

Foram técnicos-administrativos em Educação, lotados no DMI e com atuação na disciplina: Guilherme Jorge Ceccagno (médico), Eva dos Santos Silveira (auxiliar de enfermagem), Leni Rodrigues Barros (assistente em administração), Silvana Maria Hobuss (citotécnica), Elisabeth da Rosa Conill (assistente em administração), Dulce Stauffert (bioquímica). Atualmente atuam: Adriane Brod Manta (médica), Sabrina Oliveira da Costa (assistente em administração), Nilza Maria Valim Lopes e Maria Conceição Pereira Pires (auxiliar de enfermagem).

A disciplina teve, ainda, colaboração de outros profissionais, alguns temporários, mas não menos importantes, como professores de outras disciplinas, professores substitutos e funcionários contratados pela extinta Fundação de Apoio Universitário.

José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro

Professor Titular da Disciplina de Ginecologia e Obstetrícia – FM/UFPEL

CARTA NÚMERO 8

Entrei na Leiga em 1977 como aluno aos 17 anos, quando ainda era a Faculdade de Medicina do IPESSE (Instituto Pro-Ensino Superior do Sul do Estado) e lá permaneço até hoje, agora como professor de Otorrinolaringologia. Aliás, cadeira

ocupada por meu pai, Prof. Dr. Sydney Castagno, por 35 anos desde a fundação da Faculdade em 1963. Às vezes, tenho a sensação de termos congelado no tempo, eu e o velho prédio do “Instituto de Hygiene”, enquanto incontáveis turmas de alunos passam por nós. Lembranças são muitas. E repletas de emoções.

Os primeiros anos foram tempos de efervescência em todos os sentidos, e, para alguns nos quais me incluo, luta estudantil pelo fim da ditadura e liberdades democráticas. Recordo que certa ocasião fui participar de reunião de uma “célula subversiva”. Depois de entrar num carro, rodamos pela cidade na pretensão de despistar policiais até que chegamos numa casa. Lá encontrei oito pessoas, duas delas falavam espanhol, e outro que era um político conhecido. Muita conversa noite adentro. E, pelas tantas, um debate sobre rock e o guitarrista Carlos Santana, que me surpreendeu: eu estava lá para lutar contra a ditadura, e nada me importava *rock and roll*. Passaram-se os anos, a medicina foi requerendo todas minhas atenções, a militância e a paixão juvenil foi cedendo, e acabei me tornando um liberal burguês. Contudo, diversas outras situações semelhantes permanecem vivas em minha memória. Mas por que estou lembrando disso?

Aqui, entra o diferencial do ensino humanista de Medicina em nossa faculdade, com um conteúdo significativo de Psicologia Médica. Uns 25 anos depois, reencontrei o político daquela reunião, como meu paciente. Veio acabrunhado e deprimido com um extenso tumor de base de crânio com invasão da órbita; verdadeira pena capital. Escutei, examinei, analisei as imagens. Nada (ou quase) havia a fazer. Lembrei da reunião “subversiva” do meu início da faculdade e contei ao meu paciente. Seus olhos imediatamente brilharam e a face mudou de expressão. De repente não era um homem terminal, e sim era novamente um jovem com ideais, projetos e futuro. A consulta se estendeu. Foi emocionante. Até que ele saiu da sala animado com o punho fechado, alegre, dizendo “vamos à luta, companheiro!”. O atendi novamente mais algumas vezes e ele faleceu pouco depois. Até hoje me comovo quando lembro. Naquele dia em que a cura não existia, quase nada podia ser feito e a morte era uma certeza, foi quando mais me senti Médico (com maiúscula mesmo). Parafraseando Churchill, não tenho dúvidas, aquela foi minha “finest hour”. Por isso digo aos alunos, em Medicina tentamos dominar todo conhecimento e técnicas, mas devemos jamais esquecer a humanidade dos nossos pacientes. E tampouco a nossa. Isso pode fazer toda a diferença.

Desde a fundação em 1963, pelos grandes esforços do Dr. Naum Keiserman e um grupo de médicos abnegados e desprendidos, a Leiga era uma faculdade privada já com um bom conceito e atraindo colegas dos estados do sul e sudeste do país, e alguns países latino-americanos. Aliás, o termo “leiga” era simplesmente para contrapor a outra escola de medicina fundada na mesma ocasião pela Igreja Católica em Pelotas. A faculdade era quase totalmente custeada por pesadas mensalidades pagas pelos alunos, alguns com muitas dificuldades.

Em 1977, uma nova gestão assumiu o Diretório Acadêmico DANK, presidida pelo estudante do segundo ano Ricardo Nogueira, hoje psiquiatra em Porto Alegre. Junto à luta universitária por democracia e liberdade, impulsionou-se o movimento existente pela federalização, ou seja, pela incorporação da faculdade de

medicina à Universidade Federal de Pelotas. Muitas reuniões, viagens e assembleias depois o processo foi concluído nos primeiros meses de 1978, mantendo-se a estrutura acadêmica existente. E a partir de então os estudantes passaram a cursar uma universidade pública e “gratuita”. Esse, sem dúvida, foi um dos momentos mais importantes na consolidação da Leiga, que então tinha apenas 15 anos. Graduamos, meus colegas e eu, em dezembro de 1982; uma turma de quase 90 alunos. “A Leiga mudou as nossas vidas, e nós a de milhares de outras pessoas” diz na placa comemorativa dos 30 anos de nossa ATM-82 no *hall* do prédio histórico, e nada mais verdadeiro.

Muitos ingressamos adolescentes e saímos médicos com princípios, valores e sólida formação. Recentemente, nos reunimos para comemorar 40 anos de Medicina e é muito gratificante descobrir que todos fazem diferença na vida de seus pacientes e comunidades. A Faculdade de Medicina tem mesmo um enorme papel transformador. Nessas mais de quatro décadas que estou aqui acompanhei mudanças na Medicina, no ensino e em nossos alunos. Algumas muito significativas. Meu pai formou-se na Faculdade de Medicina de UFRGS em 1957, e tinha 4% de médicas e nenhum negro em sua turma. Eu, 25 anos depois, tive 30% de colegas médicas e apenas 2% do que agora chamamos afrodescendentes. Atualmente, entretanto vejo, com grande satisfação, turmas com 70% de mulheres e 25% de afrodescendentes. Muito pode ser dito a favor ou contra a política de cotas, mas inegável seu papel na transformação de nossos alunos. Alunos esses que, quando médicos, também terão um grande impacto transformador em suas famílias e comunidades.

Hoje alunos têm aulas em *datashow*, livros em pdf., acesso à internet, acompanham aulas presenciais com iPads ou notebooks, ou ainda aulas on-line gravadas. Compartilham textos e imagens, e pesquisas instantâneas em seus telefones celulares a qualquer instante. Nós tínhamos aulas com quadro negro e giz, projetor de slides e retroprojetor, e provas mimeografadas cheirando a álcool (alguém ainda sabe o que é um mimeógrafo). Estudávamos em apostilhas, fotocópias (da falida Xerox), e livros de medicina em espanhol da Organização Pan-Americana da Saúde (os livros em português eram poucos e caros); esses livros tinham raras figuras coloridas, e muito texto. Nossos professores e alguns colegas fumavam (e muito) em sala de aula; imaginem só isso numa Faculdade de Medicina! Vi um de nossos professores orientando um paciente com bronquite crônica de que deveria parar de fumar, enquanto ele próprio tinha uma carteira no bolso e um cigarro nos dedos. Sem dúvida, todos têm suas peculiaridades. Agora, quando celebramos os 60 anos da Leiga, enfatizamos o conjunto do que foi feito e o tanto que modificou nossas vidas ao nos levar de adolescentes a médicos.

A faculdade não teria existido sem a obstinação do Dr. Naum Keiserman; talvez não tivéssemos aprendido tanta anatomia sem a rigidez do Dr. Leo Zilberknop, nem tanta Psicologia sem as grosserias do Dr. Darcy Abuchaim, entre muitos outros de nossos antigos professores. Foram anos intensos que fez o que somos agora, a vida que levamos, e os muitos milhares de pacientes que ajudamos. Muito acima de qualquer ressentimento que eventualmente existisse, sou eternamente grato e reconheço o valor de todos eles. Foram homens e mulheres de seu tempo

e fizeram muito. Tive a honra de ser escolhido por meus colegas orador na cerimônia de graduação. Emocionante reler agora, 40 anos depois, nosso discurso de formatura, escrito em grupo e datilografado em máquina de escrever, numa época em que não existiam computadores e impressoras.

Ainda assim, muito reconfortante ver que, mesmo em tempos de ditadura e Guerra Fria, já defendíamos o compromisso com nossos pacientes, com a saúde pública, com a democracia e a liberdade, e distância dos extremos. Muita coisa mudou mesmo nessas décadas, mas esses valores continuam nossos fundamentos essenciais de toda a vida.

E o que também não mudou, nem mudará, é a paixão de todos pela Medicina e pela nossa Leiga. Que venham os próximos 60 anos!

Professor Lucio Castagno

Professor de Otorrinolaringologia
FAMED/UFPEL

CARTA NÚMERO 9

Em março de 1993, cheguei à Faculdade de Medicina da UFPEL. Não posso esquecer que o meu primeiro contato foi com o colega Márcio Diniz Borges, sentei-me ao lado dele em um ônibus da empresa Bürkle que fazia o trajeto até o campus da UFPEL. Iniciava ali a minha jornada na Leiga, no segundo ano da faculdade, pois antes de lá chegar, havia passado em julho de 1991 pela Faculdade de Medicina da UCPEL e após, em março de 1992 pela Faculdade de Medicina da FURG. Mas que “salada” foi esta? Deixem-me esclarecer.

Em julho de 1991, fui aprovado no vestibular de inverno da UCPEL, uma novidade na época; pela primeira vez, no sul do país, havia um vestibular de acesso à Medicina no meio do ano. Concorri, fui aprovado, mas não era possível para um filho de funcionário público aposentado e de uma professora, que faleceu precocemente quando eu tinha apenas dois anos de idade e da qual recebia uma pensão do IPERGS, sustentar-se fora de casa e, além do mais, em uma faculdade privada. Estava além das condições financeiras de meu pai, que morava em Passo Fundo - RS. Recebi auxílio financeiro de uma irmã e de meu cunhado, e fui adiante. Cursei um semestre, com muita dificuldade, e um certo dia quando estava na fila de um banco pagando contas, havia um cartaz anunciando as inscrições para o vestibular da UFPEL e da FURG. Gastei um dinheiro inesperado e passei, para compensar, alguns dias comendo no Restaurante Universitário, onde um dia tinha “mondongo” e no outro “moela”, sempre acompanhado com um ovo cozido (com casca e tudo), tradicional feijão com arroz e um copo de leite.

Fiz as duas provas, fui aprovado nas duas, porém para a Leiga apenas para a segunda turma e na FURG para início em março. O semestre cursado na UCPEL não

era compatível com o currículo da UFPEL e, portanto, teria que recomeçar do “zero” e apenas em julho de 1992. Isto foi determinante para que eu optasse pela FURG, onde o currículo era anual. Mas ficou aquela vontade de retornar à Pelotas e cursar a LEIGA. Não poderia recomeçar pela terceira vez a mesma faculdade, mas poderia tentar um novo ingresso e se fosse para a primeira turma do ano, aproveitaria o ano cursado em Rio Grande. Assim foi, fui aprovado e com as disciplinas compatíveis, iniciei a minha jornada na LEIGA.

Deixei para trás muitos amigos nestas duas faculdades que cursei anteriormente, convivo com muitos deles, e até encontrei os colegas da FURG em seu Jubileu de Prata, este ano aqui em Florianópolis. Mas foi na LEIGA que finquei profundamente as minhas raízes e cresci, como acadêmico e tornei-me médico.

A formação humanística, a relação médico-paciente, o raciocínio clínico, as oportunidades para estágios práticos, os “internatos” nos lapidaram e transformaram pedras brutas que entraram na faculdade em joias preciosas, que foram entregues para sociedade como médicos recém-formados. Apesar de todas as dificuldades estruturais encontradas ao longo de nosso caminho, fomos alçados, por nossos MESTRES a grandes conquistas profissionais, com a nossa sólida base de formação médica. Hoje sou Ortopedista em Florianópolis, Santa Catarina, aonde cheguei em 15/12/1997, dois dias após a formatura e onde me fixei desde então. Devo isto em grande parte à LEIGA. Honro a minha escola que tão bem me preparou para exercer a boa prática médica, sem me afastar da caridade, da ciência e da Fé.

Há um diferencial nos colegas formados na LEIGA. Este sentimento comum é o que une em conagração, os oriundos desta faculdade que está prestes a completar os seus 60 anos. Parabéns e Vida Longa à LEIGA.

Em 13 de dezembro de 1997, nos tornamos médicos. Em 2022, alcançamos o nosso Jubileu de Prata, comemorado recentemente em Foz do Iguaçu.

Relembro, aqui, nossos homenageados da ATM Dezembro de 1997.

Cadeira Homenageada: Patologia (puдера, com o Trio de Ouro Flavio, Heitor e Izaías)

Patrono: Heitor Janke; Parainfo: Flavio Menezes; Homenagem de Honra: Gastão Duval Neto; Homenagem de Carinho: Augusto Dourado; Homenagem de Amizade: Luiz Felipe Ustárroz; Funcionária Homenageada Eva Silveira

Professores Homenageados: Adamastor Guimarães, Alfredo Zauk, Antonio Carlos Onófrío, Enrique Saldaña, Gilberto Garcias, Hiram Laranjeira, Tulio Wenzel.

“Leiga minha Vida, Leiga Minha História, Leiga Meu AMOR.”

Marcelo André Rocha Ostrowski

(ATM 1997)

CARTA NÚMERO 10

1ª SEMANA ACADÊMICA DE MEDICINA DA UFPEL

Realizamos a 1ª Semana Acadêmica de Medicina da UFPEL no período de 16 a 22 de outubro de 1977 que foi, na realidade, a pioneira na cidade de Pelotas, pois a UCPEL nunca havia feito evento semelhante. A ideia surgiu no Diretório Acadêmico Naum Keiserman, que na época tinha a Diretoria composta por José Anselmo Rodrigues, presidente; eu era o vice-presidente e José Milton Mirenda o tesoureiro. Como o Anselmo na época estaria no Rio de Janeiro fazendo provas para um estágio, coube a mim a organização.

Convidei alguns colegas para constituir a Comissão Organizadora; devido ao longo tempo decorrido não consigo lembrar o nome de todos, o que peço desculpas, mas o trabalho e dedicação foram inesquecíveis, faltava-nos a experiência, mas sobrava entusiasmo e iniciativa: Milton Mirenda, Heloísa Cappellari, Francisco Natorf, Alfredo Zauk, João Carlos Toralles, Lílian Gastaud Yurgel, Josué Vanius Hoewel, Paulo Halten, Luciana Gigante, Manif Curi Jorge, Licia Braga e Ricardo Halpern foram parceiros incansáveis que agradeço e lembro com muito carinho.

Tivemos a inestimável colaboração de alguns de nossos professores na elaboração temática, mesas redondas e conferências, e mais uma vez, com as falhas na memória, destaco o Dr. Darcy Abuchaim, Dr. César Borges, Dr. Kurt Kloetzel, Dr. Paulo Curi Hallal, Dr. César Victora e Dr. Flavio Meneses.

Incluímos a UCPEL no evento, convidamos professores para ministrar palestras e tivemos uma excelente adesão dos colegas da Católica que participaram com trabalhos acadêmicos se juntando aos nossos. Instituímos um concurso para os melhores trabalhos com prêmios, o que ajudou a incentivar o pessoal.

Quero destacar a palestra de abertura da SAM proferida pelo professor Amílcar Gigante. O Dr. Gigante estava cassado do seu cargo universitário pelo regime militar e o nosso convite, aceito prontamente por ele, seria o seu primeiro discurso público, o que causou uma certa preocupação em todos por alguma consequência que pudesse acarretar, mas fomos em frente. Tudo transcorreu muito bem e, no final da palestra, um Dr. Gigante em lágrimas com o auditório lotado, também muito emocionado, foi aplaudido longamente de pé. Creio ter sido o nosso ponto alto.

Prezados colegas, transcorridos 45 anos da primeira SAM e eu comemorando 42 anos de formado, tenho muita satisfação em ter contribuído com uma pequena pedra nesta edificação da nossa faculdade. Meu eterno reconhecimento e profunda gratidão a todos que colaboraram e minha saudade aos que já não estão mais entre nós.

“A idade não é a que a gente tem, mas a que a gente sente”, esta frase de Gabriel Garcia Marques exprime o meu sentimento hoje, boas lembranças da juventude, saudades da minha Pelotas que deixei há tanto tempo, mas com muita satisfação de minha trajetória pessoal e profissional que na Leiga iniciou e a ela sou eternamente grato.

Paulo Roberto Portela Kratz

(ATM 1980)

CARTA NÚMERO 11

Creio que um dos fatos mais importantes da história da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas, a nossa Leiga, foi o processo de Federalização da nossa Escola de Medicina. Como todos sabem, a nossa Leiga foi fundada em 1963, criada pelo IPESSE, Instituto Pró-Ensino Superior do Sul do Estado. Inclusive tem uma carta à Leiga, do colega Professor Lucio Castagno, onde ele descreve muito bem esse processo, quando cita a liderança do Professor Naum Keiserman que arregimentou um grupo de abnegados médicos, que se transformaram em grandes professores nossos, na maioria dos casos.

A Faculdade de Medicina Leiga era uma escola privada e isolada, que se mantinha através do pagamento das mensalidades realizadas pelos alunos. No primeiro momento, serviu como possibilidade para os moradores da cidade e região de estudarem próximo à sua localidade. Posteriormente, a escola começou a ficar conhecida pela qualidade dos seus profissionais, e iniciaram a se matricular pessoas de outras regiões do estado e, também, de outros estados, inclusive de outros países. Com isso, se deu um fenômeno no qual os alunos da nossa Leiga deixaram de ser oriundos de uma elite local, e o quadro discente passou a representar um mosaico nacional e latino-americano principalmente. Portanto, as primeiras turmas que representavam a elite pelotense e gaúcha passaram a conviver com pessoas vindas de vários locais e classes sociais.

Eis que, em 1976, metade da turma de Anatomia do primeiro ano da Faculdade ficou inadimplente e não conseguiu pagar as mensalidades da nossa faculdade. Estando inadimplentes, ficamos proibidos de fazer a matrícula para o segundo ano. Para fazermos a matrícula tínhamos que estar com as mensalidades em dia e com a comprovação das notas de aprovação. Com isso, o que ocorreu foi que o Professor Leo Zilberknop, titular da disciplina de Anatomia e vice-diretor da nossa Faculdade, emitiu somente as notas dos alunos que estavam em dia com as mensalidades. Perplexos, diante do quadro de informações da disciplina de Anatomia, em frente à sala dos cadáveres, ficamos que nem eles, inertes! Mas como não tínhamos formol para nos manter daquele jeito, resolvemos tomar uma atitude.

Procuramos o Dr. Leo e solicitamos que ele liberasse nossas notas para que pudessemos fazer a matrícula do segundo ano da Faculdade. Dr. Leo, no seu fardamento de médico da nossa Brigada Militar, enquanto se despiya do fardamento e vestia o seu jaleco, nos disse que simplesmente estava cumprindo ordens do diretor da Faculdade de Medicina, Dr. Naum.

Assim sendo, nos dirigimos para o prédio ao fundo, onde ficava sua sala e colocamos toda a situação. O Dr. Naum simplesmente nos disse: “Ninguém mandou vocês se meterem onde vocês não têm condições”!

Perplexos e inertes, como os cadáveres que nos fizeram chegar ali, retornamos para o lado deles, na sala de Anatomia, entre choros e ranger de dentes, e nos

reunimos na sala de aula. Somente nos olhávamos dentro dos olhos, marejados e congestionados, de uns aos outros, quando me levanto e digo: “Realmente, nós não temos condições de estarmos aqui, mas vamos criar estas condições”.

Ricardo de Campos Nogueira

Médico Psiquiatra (ATM 1982)

Mestre em Saúde da Família

CARTA NÚMERO 12



ATM 97-1 Sala de Anatomia com os Professores Sinara e Zambonato – agosto de 1991.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Sabina Bandeira Aleixo.



ATM 97-1 Sala de Anatomia - Comemoração de 25 anos de Formados.
- julho de 2022.

Fonte: Acervo pessoal da Dra. Sabina Bandeira Aleixo.

CARTA À LEIGA

A primeira foto registra um dos primeiros dias de aula da ATM 97-1 na sala de anatomia com os professores Sinara e Zambonato. Chegamos todos com muitos sonhos e expectativas em relação à Medicina. Juntos crescemos e aprendemos durante o intenso convívio nos 6 anos seguintes de faculdade. A Leiga se tornou a nossa casa. Quem não se recorda do bar da Leiga e do xerox que tinha lá, quem não fez cópia de livros e cadernos para poder estudar já que não havia internet ou smartphones. Foram dias de muito estudo, desafios, provas até chegar, finalmente, o décimo ano. A famosa festa do décimo encerrava um ciclo e anunciava a última etapa da faculdade. A festa que era tradicionalmente feita lá no bar da Leiga com professores e alunos. Uma mistura de sentimentos se iniciava como alegria, ansiedade e preocupação, pois estávamos partindo para o internato. E a partir daí, a turma já se via menos, uns iam para Porto Alegre outros ficavam em Pelotas. Eu fiquei no grupo que foi para Porto Alegre, portanto fiquei longe da Leiga por um período de 1 ano. E só depois, na formatura, ocorreu o reencontro, mas já com gosto de despedida, pois muitos já não se encontrariam nunca mais.

Agradeço à Leiga por ter me proporcionado anos inesquecíveis da minha vida; professores com os quais aprendi muito e amizades que mantenho até hoje.

A segunda foto foi na nossa comemoração de 25 anos de formados em julho de 2022, onde retornamos a nossa querida Leiga para uma linda aula da saudade com nosso querido professor Zambonato; foi um dia para ficar na memória dos presentes. Gratidão, querida LEIGA!

Sabina Bandeira Aleixo

Aluna da Leiga da ATM 97-1

Ingresso: julho de 1991 Formatura: julho de 1997

Residência em Clínica Médica pelo Hospital Conceição de Porto Alegre

Residência em Oncologia Clínica pelo Hospital das Clínicas de Porto Alegre

CRM/RS 22990

CARTA NÚMERO 13

Durante o início de minha jornada na UFPel atuei na área da saúde. Por quase uma década transitei entre o Pronto Socorro (então no prédio da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas), as contas médicas do HE, o Ambulatório da Faculdade de Medicina e, com especial carinho e boas recordações, no Centro Regional de Oncologia (CRO), também na FAMED.

Lá aprendi algumas lições e conheci profissionais diferenciados, atuando em uma área sensível e, não raras vezes, extenuante. O trabalho com seres humanos em vulnerabilidade física e emocional extrema, no tratamento radioterápico, pode levar profissionais a níveis quase insuportáveis de estresse. Ver a finitude da vida e sua fragilidade não é para qualquer um. Pelo menos não é para quem não tem um preparo e uma acolhida humanizada.

Ao ler as páginas anteriores da obra de Lorena Almeida Gill percebi que uma das características da formação médica da UFPel é o enfoque no paciente e a tentativa de humanização da relação entre médicos (aqueles com o poder e a responsabilidade do conhecimento) e seus pacientes (em uma posição vulnerável perante a vida e a relação que se estabelece entre eles e os profissionais de saúde).

Vivenciei muitas situações ruins e boas nesses anos em que estive atuando na parte administrativa dos setores de saúde em que trabalhei. Vi mãe internada durante meses para evitar um aborto provável em função de sua condição de saúde (e quase duas décadas depois encontrei a mesma mãe e a filha, agora estudante da UFPel, o que demonstra que o “sacrifício” daquela mulher rendeu um belo fruto). Vi mortes estúpidas em momentos de festa familiar. Vi a dor de toda equipe profissional do PS cada vez que uma criança morria, em que pese os esforços hercúleos para preservar-lhe a vida.

Mas na radioterapia aprendi que, em que pese toda perda humana ser doída e lamentável, o trabalho que fazíamos era recompensado por aqueles que conseguimos ajudar a vencer a doença (ou ao menos ter mais alguns anos confortáveis de vida). Foi assim que fui recebido no CRO, pelo médico Dionísio Becker e pelo físico-médico Altair Faes (ambos aposentados, atualmente).

Lembro-me que, na minha primeira conversa com Altair, entre orientações técnicas, apresentação da equipe e dos espaços, em algum momento ele me disse algo como “não importa se tens alguma crença, se tens religião ou mesmo acreditas em Deus! Aqui, se um paciente te perguntar se uma oração ajuda na recuperação dele, tua resposta é sempre sim! Porque, de alguma forma, fazer uma prece, vai ajudá-lo no conforto e na esperança, logo, vai ajudá-lo a enfrentar a doença e o tratamento!” Achei estranho um homem da ciência, um físico, fazer aquela assertiva, mas obedeci e, posso afirmar, sempre fazia bem aqueles com quem conversava ver o conforto do não julgamento, da acolhida e da aceitação de sua fé.

Dionísio, por sua vez, me acolheu mostrando que o sorriso, o contato, o aperto de mão e o olho no olho são indispensáveis no tratamento de homens e mulheres que precisam de medicamentos, sessões de quimioterapia e radioterapia, tanto quanto precisam de demonstrações de carinho, afeto e amor. Foi ele também que me orientou a enfrentar as dificuldades do trabalho focando nas pequenas vitórias frente às enormes batalhas e muitas perdas que vivenciávamos naquele ambiente.

Três histórias são emblemáticas daquele período para mim. A primeira está relacionada a uma criança, nos seus 9, 10 anos à época. Ela havia tratado um tumor no cérebro que o tinha deixado cego e sem cabelo. Meu primeiro sentimento, como não devia ser diferente, foi de dó. Mas somente até ouvi-lo e vê-lo em ação nos corredores do Centro. Ele era a própria expressão do otimismo, da alegria espontânea que toda criança merece ter. E, toda vez que o nome dele aparecia na agenda, pensava que aquele turno de trabalho seria melhor para mim e, sem dúvidas melhor para aqueles que esperavam sua vez de atendimento – da sala de espera onde ele estava ouvia-se sempre muitas gargalhadas. Sua mãe atestava que não havia revolta daquele menino com sua situação.

Realmente espero que ainda esteja vivo e com aquela atitude positiva perante a vida que tanto nos contagiava.

Um segundo caso refere-se a um vizinho meu, rapaz nos seus 17, 18 anos à época. A primeira vez que o vi, chegou numa ambulância, deitado numa maca – uma cena um pouco mais doída do que o comum por tratar-se de alguém com todo um futuro pela frente e que lutava contra a morte. Nas semanas seguintes ele foi recuperando-se e, ao final do tratamento, chegava caminhando, sorrindo e esperançoso. Quando de sua alta comemorei com meus colegas sua vitória, mas a comemoração durou pouco, pois fui informado que aquela situação era paliativa e que o rapaz não teria muito tempo de vida à frente. Alguns meses depois encontrei sua mãe, agradecida pela atenção que ela e o menino tiveram na radioterapia. Incauto, perguntei como ele estava e ela me disse que havia partido. Quase pedi desculpas, tanto pela pergunta, quanto por não termos podido dar-lhe mais anos de vida (como se pudéssemos fazer isso). Percebendo meu constrangimento aquela mãe (palavra que vi, como tantas outras vezes, como sinônimo de força) disse-me que estava tudo bem, que chorava, sentia a dor da perda, mas que sabia que o que ocorrera era parte da vida dela e de seu filho.

Por fim, em dado momento vi, da janela de minha sala, um senhor (próximo dos 60 anos naquele momento). Ele levava sua mãe todos os dias para o tratamento. Ele estava fumando seu cigarro no pátio. Como tinha alguma proximidade com ele, senti-me no direito de chamá-lo e levá-lo até a sala de espera, alertando antes para olhar para uma determinada paciente e não dizer nada. Fizemos isso e, ao voltar a minha sala indaguei: “saber por aquela mulher está assim, tão magra e com aquela aparência?” Ele, de pronto me disse “câncer no pulmão?” Respondi que sim e que ela tinha muito arrependimento de ter fumado a vida toda. Foi só isso. Alguns anos depois sofri um acidente e, após atendido no pronto socorro, chamei um táxi. O taxista era ele. Levou-me para casa preocupado com minha situação e, quando desci do carro me disse que havia parado de fumar depois daquele choque de realidade imposto por nossa conversa. Hoje penso que fui invasivo, desrespeitando sua liberdade de escolha – mas são coisas que os jovens podem fazer.

Enfim, minha experiência na FAMED renderia outros tantos bons relatos, ao lado de colegas como o Dr. Cláudio, o Antônio e a Léa, a Dra. Silvia Macedo, os tantos colegas do ambulatório, os alunos da medicina, etc. Se foram somente flores? Claro que não! Mas na medicina da UFPel colecionei boas recordações que, hoje, com o distanciamento do tempo, percebo terem sido bons anos de minha vida profissional. Lá vi, na prática, o que Lorena relata no seu livro – a busca pela humanização do atendimento médico.

Paulo Koschier

Graduado em História e Técnico-Administrativo do NDH-UFPel
Mestre em Administração Pública

CARTA NÚMERO 14

Memórias de um infante

Da seiva alma mater
meiga erva-mate
compartilho da 21ª turma
a maioria na formatura
das fileiras semblantes
recordo dos infantes
diversas as centelhas
fronteiriças amalhadas
do nativo ao emigrante
no Theatro Guarany encarte
concedido grau da arte
em hora diletante
coração mistério
tal Cruzeiro do Sul
versa pacífico
céu de bravos
o palco deslinda
valeroso legado
da Princesa do Sul
além da letra fria
desponta a labuta
laços congraça
dos pampas portais
do sul ao norte
às pradarias da américa
dignificam seu hemisfério
no anverso d'alma
honoríficos discípulos
egressos saúdam
Leiga! A sexagenária.

Minha homenagem à ATM 1988 - Leiga

Paulo Lorea de Lorea

Médico – Cardiologista

1983-1988 – UFPEL

NOTAS

1 Leiga ou laica no sentido de não ter vínculos com o clero, ou ainda, não sofrer influência religiosa.

2 Mais adiante se verá que, em 1959, numa solenidade na Biblioteca Pública Pelotense, com a presença de autoridades, dentre elas o Governador do Estado, Sr. Leonel de Moura Brizola, houve a declaração de “Fundação da Faculdade de Medicina de Pelotas”. Contudo, para fins de funcionamento e, por conseguinte, comemorações, é em 1963 que a Leiga começou suas atividades, com o ingresso da primeira turma.

3 Ver, dentre outros, o texto de Naum Keiserman. Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século, publicado na Revista Saúde, Ciência e Sociedade. Ano 1, número 1, 1992, p. 10-22.; História da Faculdade de Medicina de Pelotas, que dá título ao primeiro capítulo do livro organizado por Laura Ward da Rosa, Sonho e realização: jubileu de ouro da primeira turma 1968-2018, Porto Alegre, Evangraf, 2018., GILL, Lorena; POMATTI, Angela. Entrevista realizada com Naum Keiserman, acervo do Laboratório de História Oral, do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, Sillogés – v.2. n.2. jul./dez. 2019, p. 459- 472.

4 Em seu site é dito que a entidade “[...] tem na sua história a semente dos cursos de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Universidade Católica de Pelotas (UCPel)”. <https://ampdigital.org/>. Acesso em 9 de junho de 2023.

5 Mário Meneghetti nasceu em Porto Alegre, em 1905 e viveu uma parte de sua vida em Pelotas. Ele era médico e filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD) e nessa agremiação se elegeu vereador e, depois, prefeito da cidade (1952-1955). Antes, foi presidente da Sociedade de Medicina de Pelotas (1948-1951). Atuou ainda em vários cargos, nacionalmente. <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/mario-meneghetti>. Acesso em 20 de março de 2023.

6 Oscar da Cunha Echenique foi médico, poeta e vice-prefeito de Pelotas (1952-1956), segundo informações constantes no site do Museu de História da Medicina. Ele também foi presidente da Sociedade de Medicina de Pelotas, entre os anos de 1951 e 1953. <https://muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/449>. Acesso em 11 de maio de 2023.

7 Quando a Universidade de Santa Maria iniciou suas atividades em 1960, já contava com alguns cursos superiores como a Faculdade de Farmácia, Medicina, Odontologia e o Instituto Eletrotécnico do Centro Politécnico. A Universidade foi federalizada em 1965 e começou a se chamar Universidade Federal de Santa Maria, (UFSM). <https://www.ufsm.br/historia>. Acesso em 26 de abril de 2023.

8 A Faculdade de Farmácia e Odontologia surgiu no ano de 1911, agregada ao Ginásio Pelotense sendo, depois, incorporada à Universidade do Rio Grande do Sul (1948). Neste momento a graduação de Farmácia foi fechada. Em 1969 a Odontologia foi uma das unidades fundadoras da UFPel. Para saber mais, ver: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario (2017).

9 Segundo Cruz (2019), o Sanatório Roxo foi fundado no ano de 1931 por Franklin Olivé Leite e Avelino Costa. Em 1971 passou a se chamar Clínica Olivé Leite.

10 A população do Estado, à época, era de 5.663.468, conforme dados do Censo do IBGE para o ano de 1960. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf. Acesso em 31 de maio de 2023.

11 Elyseu Paglioli nasceu em 1898, em Caxias do Sul e faleceu em 1985, em Porto Alegre. Ele era médico neurocirurgião e exerceu vários cargos, dentre eles o de Prefeito de Porto Alegre, Ministro de Saúde e Reitor da UFRGS (1952-1964), quando se demitiu tendo em vista

o golpe militar. https://web.archive.org/web/20070928130239/http://www.sbh.org.br/index.asp?p=especialidades_view&codigo=47. Acesso em 21 de março de 2023.

12 A Odontologia da UFPel foi incorporada, em um primeiro momento, à chamada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), que só mudou de nome em 1950, quando foi federalizada e ficou conhecida com a sigla que até hoje a designa, UFRGS.

13 O Instituto de Higiene existia desde o dia 28 de fevereiro de 1918, iniciando suas atividades no dia 1º de abril do mesmo ano. Sua primeira sede foi na Escola de Agronomia e Veterinária. Para saber mais, ver LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario (2017). <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de julho de 2023.

14 Naum Keiserman nasceu em Porto Alegre, no dia 1º de setembro de 1917 e faleceu em 19 de setembro de 2011. Em 1941, foi nomeado para cargo no Departamento Estadual de Saúde, em Pelotas, na área de Tisiologia, se aposentando, nessa função, no ano de 1966. Entre 1943 e 1945 foi convocado para atuar durante a Segunda Guerra Mundial. Foi criador, professor e diretor da FAMED Leiga, entre os anos de 1963 e 1978 (GILL; POMATTI, 2019).

15 Para saber mais sobre a tuberculose em Pelotas ver: GILL (2007). <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%3%A9culo.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2023.

16 Para conhecer a história da Beneficência Portuguesa de Pelotas ver o verbete com este nome, escrito por Larissa Patron Chaves, para o Dicionário de História de Pelotas. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3%a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11 de julho de 2023.

17 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.3-Curriculo-Naum-Keiserman.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2023.

18 Tomaz Pizarro, formando de 1968, relembra, em matéria publicada recentemente no jornal A Tradição (15/12/2022), que o anúncio foi feito na noite de Natal e que foi recebido como um presente para a cidade. <https://www.jornaltradiacao.com.br/pelotas/geral/medicina-da-ucpel-celebra-seis-decadas-com-apresentacao-de-novos-investimentos/>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

19 Embora o curso de Filosofia seja anterior, a UCPel foi criada, oficialmente, no dia 7 de outubro de 1960. <https://ucpel.edu.br/sobre> Acesso em: 20 de setembro de 2023.

20 A República Velha ou a Primeira República brasileira tem o marco temporal entre os anos de 1889 e 1930.

21 Gleide aparece nomeada de duas maneiras: com seu nome de solteira e com o nome de casada Gleide Bandeira Rosinha. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 6 de abril de 2023.

22 Ildo Meneghetti nasceu em 1895 e faleceu em 1980. Ele foi engenheiro e político tendo sido Prefeito de Porto Alegre e Governador do Estado por dois mandatos. <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/ildo-meneghetti>. Acesso em 9 de junho de 2023.

23 Leonel Brizola foi engenheiro e um importante político brasileiro, tendo sido Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito de Porto Alegre, Governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Ele nasceu em 1922 e faleceu em 2004. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/leonel-brizola/>. Acesso em 31 de maio de 2023.

24 No documento que consta no site do NDH-UFPel, aparecem as seguintes firmas reconhecidas: Leonel de Moura Brizola, Cyro Tavares Oliveira, Oscar Echenique, Elyseu Paglioli, José Mariano Beck, Dom Antônio Zattera, Osmar Grafulha, Adolfo Fetter e João Carlos Gastal.

25 Edson Holthausen listou os seguintes nomes que atuaram no curso: primeiro ano – Lauro Beltrão, Alaor Teixeira, Luís Alimena, Isaias Naideitch, Leo Zilberknop, Dirceu Almeida da Rosa, Fernando Luís Osório, Edgar Alberto Brauner, Paulo Brusque Maulaz. Segundo ano: José Luiz Sacco da Nova Cruz, Charles Chatkin, Sally Cabral Machado, Altino Mariante, David Kauffman, Naum Keiserman, Acy Lopes Bertoni, Amadeu Weinman, Levy Albuquerque de Souza, Dirio

Gorgot, Ary Bento Pineiro, Manoel Maia, Nede Manfrin, Pedro Marinho, Vinícius Salengue, Umberto Lopes de Oliveira, Simon Halpern, Saul Katz. Terceiro ano: Fernando Carpena Alves, Lourdes Devildos, Manoel Luís Moraes, Pedro Raso, Amílcar Gigante, Breno Nunes, Carlos Karam, Abram Scaletski, José Amaral Braga Filho, Luiz Pedro Rushel, Dircel Almeida da Rosa, e Quarto e Quinto anos: Isaac Piltcher, Sidnei Castagno, Simão Piltcher, Miguel Piltcher, Jorge Isaacson, Mário Coutinho e Irineu Ortiz. In: Rosa (2018, p. 46 e 47).

26 Há uma lista, com os documentos de fundação da Faculdade, em que constam a assinatura de 114 pessoas. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-8-Relacao-de-candidatos-nos-exames-vestibulares-da-FAMED.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023. Há, também, no Diário de Gleide Bandeira, uma notícia de jornal, sem data, que afirma terem participado das provas 142 pessoas, as quais aguardavam os resultados. Já para o ingresso do ano de 1964, houve 173 inscritos para 70 vagas, mas como 26 não se matricularam, aconteceu uma segunda chamada. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 13 de março de 2023.

27 Para conhecer o decreto, ver: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 28 de março de 2023.

28 Associação de Turma de Medicina.

29 Segundo Edson, em sua entrevista, ele teria sido escolhido para a Presidência da entidade que se organizava por dois motivos principais: ter outro trabalho e 20 horas na UFPel, isto porque, naquele momento, a demissão poderia ser sumária e caso tal fato se concretizasse não seria tão difícil quanto para outro colega. Para saber mais, ver: LONER; GILL (2003).

30 O Jornal Sinapse é apresentado como um periódico acadêmico escrito pelos alunos, que começou no ano de 2011, com tiragem de mil exemplares. Teve-se acesso a edições impressas até 2018, mas o periódico continua sendo elaborado. Há uma página no Facebook que publica edições mais recentes: https://www.facebook.com/jornalsinapse/?locale=pt_BR. Durante as pesquisas realizadas, viu-se que existiram outros jornais na Medicina como “A Discussão” e “O Ronco”.

31 DANK é a sigla para o Diretório Acadêmico Naum Keiserman, o qual representa os alunos de Medicina da UFPel. O primeiro nome do colegiado de alunos foi Centro de Estudantes de Medicina de Pelotas (CEMP), mas logo em seguida recebeu o nome do diretor, como uma forma de homenagem ao fundador dessa graduação. O primeiro presidente do Diretório foi Rubens Ardenghi. Nos anos de 2005-2006 a sede, que estava bastante degradada, passou por uma grande reforma na gestão em que Ricardo Sanches Pereira (ATM 2007) esteve à frente da entidade. Na ocasião da reinauguração do prédio, esteve presente o ministro da Educação, à época, Fernando Haddad, momento em que se obteve verbas para equipar o chamado paliteiro, prédio construído nos fundos da FAMED para o funcionamento dos ambulatórios.

32 A UNE foi fundada em 1937 e é a entidade que representa os universitários de todo o Brasil. Sua história se vincula a várias lutas, dentre elas pela democracia e pelo ensino público e gratuito. <https://www.une.org.br/>. Acesso em 20 de março de 2023.

33 Para saber mais sobre os expurgos da FURG, ver: KANTORSKI (2011).

34 O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) foi fundado em 1990, a partir da junção do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). É provável que Luciana esteja se referindo ao INPS, criado no ano de 1966.

35 O professor Luiz Augusto Facchini foi Presidente da ADUFPel entre os anos de 1987 e 1989. Para saber mais sobre a sua trajetória na Associação de Docentes, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/02/ADUFPel-Uma-trajetoria-pela-democracia.pdf>. Acesso em 5 de junho de 2023.

36 Há uma plataforma educacional de saúde da família, vinculada ao Departamento de Medicina Social, que leva o nome de Kurt Kloetzel, na qual há a disponibilização de materiais educacionais de prática clínica e saúde coletiva. <https://dms.ufpel.edu.br/p2k>. Acesso em 4 de abril de 2023. O nome do auditório do prédio da Epidemiologia também leva o nome do médico.

37 O Centro de Epidemiologia da UFPel tem o nome do Dr. Amílcar Gigante e funciona nas

instalações da antiga Casa de Saúde Santa Teresa, fundada no ano de 1966. O prédio da antiga casa de saúde foi comprado com a finalidade de ser um espaço para o hospital escola e hoje abriga alguns de seus serviços.

38 A expressão era usada em uma perspectiva de ressaltar a importância da China e da União Soviética para os chamados movimentos de esquerda existentes ao redor do mundo.

39 Quando Kurt veio para Pelotas estava casado com sua segunda esposa, professora Terezinha Fujita, que primeiro deu aulas na Enfermagem e, depois, foi lotada na Faculdade de Educação, na área da Psicologia.

40 Aparecem diferentes datas para a fundação do Departamento de Medicina Social. Alguns falam em 1976, quando o Departamento foi pensado e se iniciaram as atividades, mas a página oficial da instituição coloca o ano de 1977 como o de início, justamente quando houve a sua formalização. https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=319. Acesso em 6 de abril de 2023.

41 Para ter acesso ao Decreto assinado pelo Presidente da República, João Goulart, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1963-Decreto-Presidencial-51.884-de-3.4.1963-autorizacao-de-funcionamento-FAMED.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

42 Na página do NDH estes documentos constam com o título: Ofícios e anexos ao Ministério para autorização de funcionamento. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-1.1-Entidade-Mantenedora.pdf>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

43 Para conhecer mais sobre a história da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, ver o verbete com este nome, escrito por Cláudia Tomaschewski, para o Dicionário de História de Pelotas. In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. Dicionário de História de Pelotas. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%3a1rio%20de%20Hist%3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 9 de julho de 2023.

44 Caso se fosse atualizar o valor, tem-se que o salário-mínimo regional do RS em 2023 é de R\$1.443,94, o que equivale a dizer que a mensalidade de hoje seria em torno de R\$ 10.107,58, valor aproximado ao que é cobrado pelos cursos de Medicina particulares no Estado.

45 Usando-se a calculadora do cidadão, do Banco Central do Brasil, na aba “correção de valores” e tendo por base o índice IGP-DI, disponível nos anos 1960 e ainda em vigor, temos que os NCr\$ 250,00 equivalem a R\$ 3.887,67. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>. Acesso em 27 de junho de 2023.

46 Ricardo de Campos Nogueira foi Secretário de Saúde de Pelotas, nos anos de 1987 e 1988.

47 Neste período, havia apenas dois partidos: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que dava sustentação à ditadura militar, a qual acabou com o pluripartidarismo no Brasil, em 1965; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que representava a oposição.

48 Para saber mais sobre o caso da UnB, ver CAETANO (2022). No que diz a Pelotas e o surgimento movimento estudantil entre 1977 e 1985, ver DELLA VÉCHIA (2011).

49 O crédito educativo foi instituído pelo governo federal, no ano de 1976, para auxiliar alunos carentes.

50 Sidney Castagno, graduado na UFRGS em 1957, foi professor da Leiga, de Otorrinolaringologia, entre os anos de 1963 e 1997. Ele recebeu o título de professor Emérito da UFPel. <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/05/05/nota-de-pesar-professor-emerito-da-ufpel-sydney-castagno/>. Acesso em 10 de maio de 2023.

51 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-03.1976.pdf> Acesso em 10 de junho de 2023.

52 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-04.1976.pdf> Acesso em 20 de junho de 2023.

53 <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-05.1976.pdf> Acesso em 10 de maio de 2023.

54 Neste link, consta cópia do projeto de lei que incorpora a Faculdade de Medicina à UFPel. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1978.-Projeto-de-Lei-de-incorporacao-da-FAMED-a-UFPEL.pdf>. Acesso em 5 de março de 2023.

55 Usando-se a ferramenta “calculadora do cidadão”, do Banco Central do Brasil, esse valor corrigido representaria, em junho de 2023, R\$ 73,40 por disciplina.

56 Na lista sêxtupla, conforme o Diário Popular de 17 de fevereiro de 1978, constavam, por ordem, os seguintes nomes: Naum Keiserman, Leo Zilberknop, Darcy Abuchaim, Cláudio Borba Gomes, Carlos Karam e Acy Bertoni.

57 Em depoimento constante no livro de Rosa (2018, p. 81), o Dr. Cláudio, falecido no ano de 2022, assim diz: “1965 – Em outubro, no anfiteatro do Hospital de Clínicas, em Porto Alegre, onde se realizava o congresso anual da então Associação Brasileira de Escolas Médicas, fui contatado pelos Dr. Naum Keiserman e Amílcar Gigante e convidado para voltar para Pelotas, a fim de lecionar na Faculdade de Medicina da IPESSE (a Leiga)”. Naquele momento, Cláudio era professor da UFRGS e da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre.

58 Para saber mais sobre como as tradições doceiras de Pelotas (RS) se tornaram patrimônio imaterial, ver a página do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4642>. Acesso em 25 de junho de 2023.

59 Foi médico chefe do Centro de Saúde, na cidade de Pelotas.

60 José Amaral Braga Filho, conhecido como Braguinha, nasceu em Pelotas, em 1922 e se formou no ano de 1945, pela Faculdade Nacional de Medicina. Atuava como cirurgião da Beneficência Portuguesa, era autor de trabalhos científicos e professor da cadeira de Prótese Buco-Facial na Faculdade de Odontologia de Pelotas. Ele foi citado, em várias entrevistas, como um excelente cirurgião. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.11.-Curriculo-Jose-do-Amaral-Braga-Filho.pdf>. Acesso em 6 de abril de 2023.

61 Foi presidente da hoje Associação Médica de Pelotas entre os anos de 1961 e 1963 e, posteriormente, voltou ao cargo entre 1977 e 1981 para mais duas gestões. <https://ampdigital.org/ex-presidentes/>. Acesso em 27 de abril de 2023.

62 Dyrio Gorgot nasceu em Pelotas, em 1914, e se formou pela Faculdade Nacional de Medicina em 1942. Na Leiga, era responsável pela cadeira de Microbiologia e Imunologia. Autor de vários trabalhos científicos, ele já dava aulas na Faculdade de Odontologia desde o ano de 1956. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.7.-Curriculo-Dyrio-Gorgot.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2023.

63 O Instituto possuía uma sala de dissecação com doze mesas, anfiteatro, geladeiras, cubas para conservação de cadáveres, vestiários, salas para professores e assistentes. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962.-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-8.3.-Complementacao-de-informacoes-ao-processo.pdf>. Acesso em 10 de março de 2023.

64 Para o vestibular, deveriam ser apresentados os seguintes documentos: certificado do curso secundário; carteira de identidade, fotografias 3 X 4; atestado de idoneidade moral; atestado de sanidade física e mental; certidão de nascimento; prova de estar em dia com as obrigações militares, quando fosse o caso; prova de estar em dia com os deveres do código eleitoral e pagamento de taxa de inscrição. As provas abrangiam os seguintes conteúdos: português, física, biologia e química. <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/03/gleide.pdf>. Acesso em 13 de março de 2023.

65 Neste documento, vê-se ainda que entre 1968 (data da primeira formatura) até o ano de 1978 (quando se deu a federalização) houve a formatura de 665 médicos. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1979.-Quantitativo-de-estudantes-e-formados-entre-1963-e-1979.pdf>. Acesso em 10 de março de 2023.

66 R\$ 8.277.108,34 segundo valores atuais, corrigidos pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>. Acesso em 31 de maio de 2023.

67 Para as médicas, costumam aparecer dois sobrenomes, um de solteira e outro de casada.

68 Gley diz que os discursos feitos pelos alunos, à época, precisavam passar pelo crivo do diretor, mas que Naum disse que confiava nele e que poderia fazer a fala sem que fosse lido previamente o documento.

69 Na entrevista, ele cita o nome do pai: Jack Rubens, um jornalista e radialista que atuava em Pelotas e Porto Alegre. Poucas informações constam sobre ele na internet, apenas que nasceu em 1918 e faleceu em 1996, e escrevia a coluna Prosa e Verso do jornal da capital, Tal e Qual. http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_grade_sul/jack_rubens.html. Acesso em 23 de abril de 2023. Gley, tendo em vista o momento político que fez com que seus pais fossem, inclusive embora, precisou se esconder durante um tempo. Ele também fazia parte do movimento estudantil, tinha ido a um Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE) e recebeu uma mensagem de um parente de sua mãe, vinculado ao exército, para que se apresentasse ao quartel. Lá ele foi entrevistado por uma pessoa, segundo ele, de sobrenome Poeta, recebeu conselhos e pôde transitar novamente pela cidade.

70 Clóvis Salgado da Gama foi ministro da educação em três ocasiões diferentes, mas que dialogam com os debates efetivados sobre um curso de Medicina em Pelotas: 31 de janeiro de 1956 a 30 de abril de 1956; 4 de novembro de 1956 a 18 de junho de 1959 e de 18 de outubro de 1960 a 31 de janeiro de 1961.

71 Nota-se que em uma matéria de jornal constam a existência de 50 leitos na Beneficência e em outra 30 leitos.

72 R\$ 43.07 em valores atualizados, segundo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas. <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPublico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>. Acesso em 22 de maio de 2023.

73 Para ver o texto na íntegra: <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1980-Artigo-publicado-no-Diario-Popular-por-decorrenca-do-Dia-do-Medico-pela-direcao-da-FAMED-18.10.1980.pdf>. Acesso em 18 de março de 2023.

74 Por vulnerabilidade social se segue a perspectiva de Robert Castel (1997) para quem as fragilidades não se relacionam apenas às questões econômicas, mas se refletem nos apoios relacionais.

75 Granzotto foi presidente do DANK e como fez a graduação no contexto da ditadura, conta que foi realizado um trote para os novatos e um aluno da Medicina foi mais agressivo fazendo com que uma discente se sentisse incomodada. Ela era parente de um General do Exército, denunciou a prática e Granzotto foi levado à Reitoria para dar explicações sobre o episódio. A partir dali, para a realização de trotes, se teve que seguir algumas regras.

76 A ATM 1979 teve como paraninfo Darcy Abuchaim.

77 A professora Cristiane Hallal da Silva foi coordenadora do projeto com ênfase no ensino, intitulado: "Movileiga, um movimento de atenção à saúde global do estudante de Medicina da Leiga/UFPel", que proporcionou rodas de conversas, saraus, oficinas de dança e de yoga, caminhadas orientadas, palestras e o Leiga amigo, que consistia em um aluno apadrinhar outro. Todas essas atividades tinham como foco a saúde mental dos estudantes.

78 Julieta Carriconde Fripp foi diretora do Pronto Socorro Municipal de Pelotas, entre os anos de 2001 e 2004, na gestão do Prefeito Fernando Marroni, que tinha Luiz Facchini como secretário de saúde. Ela foi, também, superintendente do Hospital Escola da UFPel, eleita por seus pares, entre os anos de 2013 e 2017, na gestão do reitor Mauro Del Pino. Atualmente é diretora da Faculdade e está na função desde o ano de 2021.

79 Mário Coutinho, no currículo anexado junto aos documentos da FAMED, é apresentado como formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, no ano de 1946. Neurocirurgião do Hospital da criança de Santo Antônio e do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, ele dava aulas em diversos cursos, além de ser autor de vários trabalhos acadêmicos. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2022/06/1962-Oficio-e-anexos-ao-MEC-autorizacao-de-Funcionamento-3.15-Curriculo-Mario-Ferreira-Coutinho.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2023.

80 Altair Delfino da Rocha Faes, que atuou como físico-médico na UFPel a partir de 1989, diz que com bomba de Cobalto era possível atender até 45 pacientes por dia. Atualmente, com o acelerador linear, se pode chegar a 120.

- 81 O professor Fábio de Alencar Braga (ATM 1975) atuou por 41 anos na Faculdade de Medicina, entre os anos de 1976 e 2017, quando faleceu.
- 82 No ano de 2016 uma das salas de ensino do Hospital Escola recebeu seu nome, como uma homenagem por sua trajetória.
- 83 Jorge Humberto Béria se formou no ano de 1976, em Santa Maria, e começou a atuar em 1979, na FAMED – UFPel.
- 84 Iná da Silva dos Santos formou-se na Leiga em 1977 e, em 1978, passou a ser docente na instituição.
- 85 Luís Henrique Farias se formou na Leiga em 1977 e ingressou, como professor, em 1980.
- 86 Havia mulheres de fora do país que exerciam a Medicina atuando, em alguns momentos, no Brasil. Ver, por exemplo, o artigo de Mott (2005), o qual disserta sobre a atividade da médica belga Maria Rennotte, que no ano de 1878 passou a ser preceptora, professora e médica em São Paulo.
- 87 Para ler o Decreto na íntegra: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html#:~:text=Art.,condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20moralidade%20e%20higiene>. Acesso em 15 de março de 2023.
- 88 A tese de Ermelinda teve como título: “Formas clínicas das meningites na criança: diagnóstico diferencial”.
- 89 Segundo Scheffer et al. (2020, p. 41), nos grupos mais jovens, as mulheres já são maioria. “Elas representam 58, 5% entre os médicos de até 29 anos e são 55,3% na faixa etária de 30 a 34 anos”.
- 90 Neste livro, entende-se elite conforme Heinz (2006, p. 8): “definidas pela detenção de um certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual”.
- 91 Para Scheffer et al. (2020, p. 71), a especialidade com maior número de homens é a Urologia, 97.7%, mas há outras especialidades em que eles têm um percentual expressivo: Ortopedia e Traumatologia (93.5%), Neurocirurgia (91.2%) e Cirurgia Torácica (89.6%).
- 92 No momento da formatura, Laura era casada e usava o sobrenome Brião.
- 93 Eurico Kramer de Oliveira foi docente da Faculdade de Odontologia, sendo professor Emérito da UFPel.
- 94 Durante muito tempo os partos eram realizados por mulheres que possuíam uma formação mais prática e ficaram conhecidas como parteiras. Elas atuavam tanto nas casas das pacientes como em hospitais e, algumas vezes, davam instruções sobre o pré-natal, realizavam o parto e acompanhavam as parturientes na sua recuperação.
- 95 Para mais informações: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t16_rs.pdf. Acesso em 8 de maio de 2023.
- 96 Para mais informações: http://www.cofen.gov.br/taxa-de-vacinacao-infantil-cai-e-brasil-volta-a-patamar-de-1987_98834.html#:~:text=Queda%20na%20imuniza%C3%A7%C3%A3o%20das%20crian%C3%A7as,voltaram%20ao%20patamar%20de%201987. Acesso em 27 de abril de 2023.
- 97 A saber: <https://amb.org.br/brasil-urgente/brasil-registra-primeiro-caso-de-poliomielite-apos-33-anos/>. Acesso em 28 de abril de 2023.
- 98 Para saber mais: <https://www.unasus.gov.br/noticia/conheca-medico-que-salvou-50-milhoes-de-vida-com-receita-caseira>. Acesso em 25 de abril de 2023.
- 99 Para saber mais sobre esta instituição, ver o verbete Escola Técnica, escrito por Aline Lima para o Dicionário de História de Pelotas. <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf>. Acesso em 29 de junho de 2023.

100 Decreto que concede reconhecimento à Faculdade de Medicina: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-59381-12-outubro-1966-400053-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 28 de abril de 2023.

101 Michelle Perrot é uma historiadora francesa que se dedica aos estudos sobre a história das mulheres.

102 O Curso de Ciências Domésticas começou a funcionar no ano de 1961 e esteve vinculado, em um primeiro momento, à Universidade Rural do Sul, com sede em Pelotas, criada no ano de 1960. Para saber mais, ver o verbete Faculdade de Agronomia, escrito por Mario Magalhães, para o Dicionário de História de Pelotas.

103 Para ler o decreto na íntegra: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del1077.htm#:~:text=DECRETA%3A,sejam%20os%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 19 de abril de 2023.

104 Trecho de Michelle Perrot (2005, p. 22), que aborda a invisibilidade da presença das mulheres em documentos históricos e, também, em estudos memoriais. Nessa perspectiva, serve como subtítulo para essa parte do capítulo, que analisa as trajetórias das primeiras médicas da Leiga.

105 Segundo Michelle Perrot (2005, p. 253), as mulheres sempre trabalharam, especialmente as mais pobres. Mas suas ocupações costumam ser temporárias, exercidas “em certos momentos do ciclo da vida ou no contexto doméstico”.

106 Brizola encampou a Companhia de Energia Elétrica (CEE), filial da Bond & Share, uma multinacional americana, em 1959, pela insuficiência dos serviços e necessidade de ampliação de energia no Estado. <http://memorialdademocracia.com.br/card/brizola-encampa-a-bond-share>. Acesso em 8 de abril de 2023.

107 Para saber mais, ver: Silva, Daniel (Org.), 2017. <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3736/1/20%20ANOS%20EM%20CENA%20N%C3%9ACLEO%20DE%20TEATRO%20UFPeL.pdf>. Acesso em 9 de maio de 2023.

108 O pai de Umberto de Oliveira Filho, Umberto Lopes de Oliveira, foi professor da Leiga no início do curso, na área de Cardiologia, mas ficou somente até o ano de 1966.

109 Ver: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/ufpel-investiga-27-alunos-por-fraude-em-cotas-para-curso-de-medicina.html>. Acesso em 28 de março de 2023.

110 Ver: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/12/30/ufpel-desliga-do-curso-24-estudantes-de-medicina-denunciados-por-fraude-nas-cotas-raciais/>. Acesso em 28 de março de 2023.

111 O filósofo positivista francês Augusto Comte, nascido no ano de 1798 e falecido em 1857, era o mentor intelectual de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

112 Júlio de Castilhos foi eleito Presidente do Estado em 15 de julho de 1891 e deposto no mesmo ano, tendo em vista o golpe de Três de Novembro. No ano seguinte disputou eleições e, a partir de janeiro de 1893, tornou-se novamente Presidente do Estado. A Constituição Estadual de 1891 albergou suas ideias, que continuaram sendo implementadas após a sua morte precoce, tendo em vista um câncer na garganta, em 1903.

113 Borges de Medeiros foi Presidente do Estado entre os anos de 1898 e 1928, com uma interrupção entre os anos de 1908 e 1913, quando foi impedido de se reeleger, sendo Presidente do Estado, naquele momento, Carlos Barbosa Gonçalves.

114 Para ler a matéria “Último censo do IBGE registrou quase 900 mil indígenas no Brasil/ dados serão atualizados em 2022”, acesse: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022#:~:text=atualizados%20em%202022-,%C3%9Altimo%20censo%20do%20IBGE%20registrou%20quase%20900%20mil%20ind%C3%ADgenas%20no,dados%20ser%C3%A3o%20atualizados%20em%202022>. Acesso em 15 de abril de 2023.

115 “O primeiro médico negro do Rio Grande do Sul”: https://www.facebook.com/conhecencia/posts/2155042194789257/?locale=es_LA. Acesso em 7 de maio de 2023.

116 Personalidades negras – Veridiano Farias: <https://www.palmares.gov.br/?p=30534>. Acesso

em 02 de maio de 2023.

117 Jornal da Ulbra. <https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/25588/docente-da-ulbra-resgata-historia-dos-primeiros-medicos-negros-do-estado>. Acesso em 22 de junho de 2023.

118 Para ler a matéria na íntegra, ver: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/acoes-afirmativas-transformam-universidades-e-institutos-federais>. Acesso em 30 de março de 2023.

119 Para mais informações: <https://midianinja.org/news/numero-de-estudantes-universitarios-indigenas-aumenta-374-em-dez-anos/>. Acesso em 8 de maio de 2023.

120 Para ler o Estatuto do Índio na íntegra: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20C3%8Dndio.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20regula,e%20harmoniosamente%2C%20C3%A0%20comunh%C3%A3o%20nacional. Acesso em 30 de março de 2023.

121 Para ler o decreto que regulamenta o procedimento de identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em 30 de março de 2023.

122 Decreto que dispõe sobre abertura de vagas em curso de graduação da UFPel (estudantes indígenas e quilombolas): <https://wp.ufpel.edu.br/cra/files/2015/11/Resolu%C3%A7%C3%A3o-15-2015-COCEPE.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2023.

123 Comunicado de imprensa sobre o excesso de mortalidade decorrente da covid-19: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021#:~:text=Excesso%20de%20mortalidade%20associado%20C3%A0,2020%20e%202021%20%2D%20OPAS%2FOMS>. Acesso em 4 de maio de 2023.

124 Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, anuncia o fim da 'emergência sanitária global' da covid-19: <https://www.cartacapital.com.br/saude/oms-decreta-fim-da-emergencia-sanitaria-global-da-covid-19/>. Acesso em 9 de maio de 2023.

125 Veloso, Caetano. Música O Ciúme. CD Antologia 67/2003.

126 Pedro Curi Hallal foi Reitor da UFPel entre os anos de 2017 e 2020.

127 Verbete para mais informações sobre o Povo Tuxá: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tux%C3%A1>. Acesso em 4 de maio de 2023.

128 Para conhecer um pouco mais da biografia do Mestre Roque Moisés, do povo indígena Tuxá Setaor Bragaga, o texto está disponível no link: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/mestre-roque-moisés/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

129 Em fevereiro de 2023, o valor da bolsa foi reajustado para R\$ 1.400,00 mensais. Foi o único reajuste desde a criação do programa, em 2013.

130 Para saber mais, ver: <https://revistaspesquisa.fapesp.br/olhando-para-o-outro/#:~:text=O%20fen%C3%B4meno%20dos%20zool%C3%B3gicos%20humanos,epis%C3%B3dio%3A%20Bruxelas%2C%20na%20B%C3%A9lgica>. Acesso em 16 de maio de 2023.

131 Para saber mais sobre o projeto, ver: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u2030>. Acesso em 28 de maio de 2023.

132 Mais recentemente há, também, o ambulatório de especialidades, segundo informações constantes na página da UFPel, que inclui Neurologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Traumatologia e Ortopedia, Urologia e Dermatologia: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u4905>. Acesso em 15 de maio de 2023.

133 Para saber mais sobre a história da cidade e seus prefeitos, ver: LONER, GILL; MAGALHÃES, 2017.

134 A designação de UBS foi utilizada, no Brasil, a partir do ano de 2007 e, antes, tais espaços eram chamados de Postos de Saúde, forma ainda usada pelas pessoas que buscam o serviço.

135 Faleiros e outros parceiros acadêmicos escreveram um artigo em que avaliaram o incentivo

que a amamentação exclusiva, desenvolvida na área de puericultura do ambulatório da Vila Municipal, recebia.

136 Para ler na íntegra a entrevista do professor Facchini concedida à FIOCRUZ, ver: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-declaracao-de-alma-ata-se-revestiu-de-uma-grande-relevancia-em-varios#:~:text=A%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Alma%20Ata,particularmente%20nos%20pa%C3%ADses%20em%20desenvolvimento>. Acesso em 26 de março de 2023.

137 Portal da Reforma Sanitária: <https://portaldareformasaneitaria.org/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

138 Antônio Sérgio da Silva Arouca, conhecido por Sérgio Arouca, foi um médico sanitarista e político brasileiro, que nasceu em 1941 e faleceu em 2003. Uma das suas principais lutas foi pelo acesso universal da população à saúde.

139 A professora Vera Maria Freitas da Silveira foi superintendente do hospital escola – EBSERH, entre os anos de 2017 e 2019, na gestão de Pedro Curi Hallal como reitor.

140 Sobre a UBS Areal, ver: https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=482. Acesso em 30 de abril de 2023.

141 Para saber mais sobre o assunto, ler o verbete Círculo Operário, escrito por Alvaro Barreto e publicado no Dicionário de História de Pelotas.

142 Sobre a UBS Centro Social Urbano do Areal, ver: https://dms.ufpel.edu.br/site/?page_id=484. Acesso em 25 de maio de 2023.

143 Projeto pedagógico – curso de graduação em Medicina: https://wp.ufpel.edu.br/famed/files/2019/10/PPC_final_26.09.19.pdf. Acesso em 22 de abril de 2023.

144 Para ler o texto “Após 40 anos do primeiro caso, epidemia de HIV/aids ainda mata brasileiros”, na íntegra: <https://www.camara.leg.br/noticias/835074-apos-40-anos-do-primeiro-caso-epidemia-de-hiv-aids-ainda-mata-brasileiros/>. Acesso em 22 de maio de 2023.

145 Sobre a hepatite C, ver: [https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hepatite-c/#:~:text=Estima%2Dse%20que%2058%20milh%C3%B5es,Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hepatite-c/#:~:text=Estima%2Dse%20que%2058%20milh%C3%B5es,Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20(OMS)). Acesso em 22 de maio de 2023.

146 Ele conta que a primeira vez que se sentiu médico, no início do curso, foi quando vestiu o avental e foi para a região periférica da cidade, com o professor Gurvitz, realizar exames parasitológicos in loco, na população.

147 Modelo de decisão prevista no Estatuto da UFPel que prevê em seu artigo 30 que: “Em situação de emergência e no interesse superior da Universidade, o Reitor poderá tomar decisões ‘ad referendum’ dos Conselhos”. Tais decisões são apreciadas, posteriormente, pelo Conselho e podem ser confirmadas ou tornadas sem efeito.

148 Para saber mais sobre adesão da UFPel à EBSERH, ver atas do CONSUN números 03, 04, 05 e 07 de 2012, disponíveis em <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/atas-consun-cocepe/>. Acesso em 29 de junho de 2023.

149 Ver mais em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sul/he-ufpel/acesso-a-informacao/institucional>. Acesso em 11 de junho de 2023.

150 À época, a gestora do HE era a professora Julieta Fripp. Em maio de 2023, o site Portal da Transparência da CGU listava 1041 trabalhadores lotados no HE-UFPel (EBSERH). <https://portaldatransparencia.gov.br/servidores/>

151 O curso de Nutrição foi criado no ano de 1975 anexo à Faculdade de Agronomia. A partir de 1980, o Departamento de Nutrição passou a se vincular à área da saúde. Wanderlei Rospide da Motta, formado em 1973, diz que na Leiga algumas noções de Nutrição eram dadas por Eurico Treptow, formado na primeira turma de Medicina, que depois veio a ser professor na instituição. <https://wp.ufpel.edu.br/nutricao/2021/04/07/historia-do-curso-de-nutricao-da-universidade-federal-de-pelotas/#:~:text=HIST%C3%93RICO%20DO%20CURSO%20DE%20NUTRI%C3%87%C3%83O,de%20janeiro%20do%20mesmo%20ano>. Acesso em 23 de maio de 2023.

- 152 Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em 26 de abril de 2023.
- 153 Sobre a trajetória da UFPel, ver: <https://portal.ufpel.edu.br/historico/>. Acesso em 26 de abril de 2023.
- 154 Residência Médica, FAMED/UFPel: <https://wp.ufpel.edu.br/famed/residencia-medica/>. Acesso em 2 de junho de 2023.
- 155 Fernando Barros se graduou em Medicina pela UCPel em 1970. Foi professor da mesma instituição entre 1973 e 1986, quando passou a atuar na UFPel.
- 156 Sobre o programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da UFPel, ver: <http://www.epidemiologia-ufpel.org.br/site/content/institucional/historia.php>. Acesso em 25 de maio de 2023.
- 157 Trata-se de um *software* de domínio público muito utilizado por pesquisadores da saúde pública, pois permite a elaboração de questionários e análise de dados, a construção de gráficos e de mapas epidemiológicos.
- 158 Portaria que redefine a Atenção Domiciliar no âmbito do SUS, ver: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0963_27_05_2013.html. Acesso em 15 de maio de 2023.
- 159 Para mais informações sobre o Programa Melhor em Casa, ver: <https://redehumanizaus.net/92274-programa-melhor-em-casa/>. Acesso em 10 de maio de 2023.
- 160 Para saber mais sobre a Laneira, ver o site do Núcleo de Documentação História Beatriz Loner, da UFPel, que guarda uma parte do seu acervo documental. <https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/laneira-brasileira-s-a/>. Acesso em 24 de maio de 2023.
- 161 Sobre o Centro Regional de Cuidados Paliativos - UFPel, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/cuidativa/nossa-historia/>. Acesso em 22 de maio de 2023.
- 162 Ainda, sobre os serviços ofertados pelo Programa CUIDATIVA: <https://wp.ufpel.edu.br/cuidativa/nossa-historia/>. Acesso em 15 de maio de 2023.
- 163 Texto originalmente publicado com o título: Faculdade de Medicina da UFPel: A História de um Quarto de Século. Revista Saúde, Ciência e Sociedade. Ano 1, número, 1992, p. 10-22.
- 164 O nome correto é Pery Pinto Diniz da Silva. https://www.if.ufrgs.br/historia/50anos/gestao_paglioli_admin.pdf. Acesso em 30 de maio de 2023.
- 165 Para saber mais sobre a trajetória da professora Lili Bammann, que deu aulas de Microbiologia também na Leiga, ver: <https://wp.ufpel.edu.br/odontologia/2022/01/13/uma-vida-dedicada-a-faculdade-de-odontologia-da-ufpel-professora-lili-luschke-bammann/>. Acesso em 5 de junho de 2023.

LISTA DE SIGLAS

ABELUPE – Associação Beneficente Luterana de Pelotas
ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ADUFPEL – Associação dos Docentes da UFPel
AME – Associação de Médicos Espíritas
AMB – Associação Médica Brasileira
AMP – Associação Médica de Pelotas
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
ATM – Associação de Turma de Medicina
CAMMI – Centro de Aplicação e Monitoramento de Medicamentos Injetáveis
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEMP – Centro de Estudantes de Medicina de Pelotas
COCEPE – Conselho Coordenador do Ensino, Pesquisa e da Extensão
CONSUN – Conselho Universitário
COP – Círculo Operário Pelotense
CUIDATIVA – Centro Regional de Cuidados Paliativos
CFE – Conselho Federal de Educação
CGU – Controladoria Geral da União
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CPSI – Coordenação de Processos de Seleção e Ingresso
CRA – Coordenadoria de Registros Acadêmicos
DANK – Diretório Acadêmico Naum Keiserman
DCG – Departamento de Cirurgia Geral
DCM – Departamento de Clínica Médica
DME – Departamento de Medicina Especializada
DMI – Departamento de Medicina Materno Infantil
DMS – Departamento de Medicina Social
DSM – Departamento de Saúde Mental
DOPS – Delegacias de Ordem Política e Social
D.P. – Diário Popular (Jornal da cidade de Pelotas)
EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
E-Leiga – Associação de Egressos Leiga
ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio
ESF – Estratégia de Saúde da Família
FAMED – Faculdade de Medicina de Pelotas
FAU – Fundação de Apoio Universitário
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas
FURG – Fundação Universidade de Rio Grande
ICH – Instituto de Ciências Humanas da UFPel

HE – Hospital Escola
INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica de Previdência Social
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
IPESSE – Instituição Pró-Ensino Superior no Sul do Estado
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LaHO – Laboratório de História Oral
OMS – Organização Mundial de Saúde
MEC – Ministério da Educação
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
NDH-UFPEL – Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner
NUAAD – Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidades - UFPEL
PET – Programa de Educação Tutorial
PIDI – Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar
PIC – Práticas Integrativas e Complementares
PUCRCE – Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos
Pnaes – Programa Nacional de Assistência Estudantil
PROFSAÚDE – Mestrado Profissional em Saúde da Família
PRR – Partido Republicano Rio-Grandense
PSE – Processo Seletivo Especial
PS – Pronto Socorro
REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Exploração das Universidades Federais
RJU – Regime Jurídico Único
SAE – Serviço de Atendimento Especializado
SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência
Semesp – Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação
SESU – Secretaria de Educação Superior
SUS – Sistema Único de Saúde
TCU – Tribunal de Contas da União
UBS – Unidade Básica de Saúde
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UCPEL – Universidade Católica de Pelotas
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNE – União Nacional dos Estudantes
UPA – Unidade de Pronto Atendimento
USP – Universidade de São Paulo

MÉDICOS GRADUADOS PELA FACULDADE DE MEDICINA POR ANO DE GRADUAÇÃO 1968-2022*

1968

Antonio Carlos Ribas Appel
Breno José Lobato Lannes
Carmen Maria Duarte
Cláudio André Yurgel Medvedovski
Cláudio Breitman
Dalton Luiz Bortoluzzi
Dari Angelo Bertoldo
Doraci Amboni
Edemar Manoel Costa Pereira
Edi José Ribeiro Nascente
Edson Tadeu Holthausen
Eurico Fernando Treptow
Gervásio Belchior Salengne
Getuinar D'Ávila do Nascimento
Gleide Bandeira Rosinha
Gley Silva de Pacheco Costa
Israel Golbert
João Osório dos Reis
Jorge Roberto de Azambuja Santos
José Francisco Pereira da Silva
Laura Ward da Rosa Brião
Luiz Carlos Zanetti
Luiz Roberto Paganini Harton
Paulo Alberto Boeira
Paulo Antonio Uebel
Paulo Gilberto Alves Motta
Paulo Miller Centeno
Raul Rego Lau
Renato Rodrigues Marasco
Roger Pereyron Mocellin
Rogério Aloisio Kleinübing
Rogério Farid Ferrari Beylouni
Rubens Ardenghi

Sérgio Cavalheiro Conceição
Sérgio Notari
Tania Labes Barcelos
Uassú Luiz de Gonzaga Ungethuen
Vitor Hugo Hammes

1969

Abrão Gassul
Agobar Fagundes
Alípio d'Oliveira Coelho
Ari Gasnier
Armando Manduca da Rocha
Benjamim da Costa
Cid Oldemar Branco
Cláudio Adolfo Grehs
Dora Maria Gonçalves Fischer
Elba Viginia Martins Pinto
Elsó Barbisan
Enio Alfredo Fischer
Ernesto Maurício Carlos Arndt Neto
Erny Pletsch
Farid Butros Iunan Nader
Flory Machado Sobrinho
Flávio Silveira Menezes
Francisco Rodrigues Flório
Heitor Fernando Bandeira de Paola
Hipólito Garcez Lucena
Itamar Augusto Vasques Melecchi
Ivo Behle
João Carlos Scherer
João Manuel de Brito Pereira
Joaquim Luiz Brasil Dias
José Acurcio Terra Lucas

* Organização: Celene Maria Longo da Silva e Ana Carolina Issler Ferreira Kessler
Dados obtidos através dos Livros de Registros de Diplomas, das Atas de Colação de Grau do Colegiado de Medicina e através do Portal Institucional da UFPEL

José Antônio Garcia Pinto
José Luiz Freda Petrucci
Luiz Antônio Rufatto
Maria Alice dos Santos Lamas
Maria Libória Camargo Bila
Maria Luiza Brauner
Maria Luiza de Moura e Cunha
Marta Martins Azevedo
Nilo Jacob Mezzomo
Oswaldo Molinos Trois
Paulo Affonso Salgado
Paulo Guerra Campos
Paulo Renato Lino Rodrigues
Paulo Roberto Curi Hallal
Paulo Derney Diefenbach da Silveira
Ramon Joaquim Hallal
Renato James Nhuch
Ricardo Karam Kalil
Ricardo Mendes Costa
Roberto Correia de Gusmão
Roberto Curi Hallal
Saul Barros
Sérgio Fernando Valdez Antas
Ubirajara Mendonça Rocha
Volnei Garcia Antunes
Valter Thones Rodrigues
Waldemar Fleck

1970

Airton Malinsky
Albino Júlio Scieleski
Ana Maria Freitas Gauland
Antônio Pazini
Antônio Renato Pereira Medeiros
Arnon Borges Teixeira
Carlos Alberto Gonçalves Ferrer
Carlos Alfredo Westphalen
Carlos Luiz Buchele
Carlos Rodrigues
Ciro Verri
David Canabarro Ferrão Mostadeiro
Delmar Vieira Fernandes
Eiki Sumi
Eleonir José Gollin
Enio Fialho Carpes
Felipe Wainer
Fernando Grilo Gomes
Hamilton de Quadros
Iedo Leano Maguilnik
Inco Mylius
Itamar Jaborandy Medeiros
Janice Pires Corrêa Franco
João Alberto Bangel
João Francisco de Moraes

Jogi Sumi
Jones Cardon
José Antônio Kanan Buz
José Facundo Passos de Oliveira
Lauro Goulart Santo
Lia Regina Moreira Abreu
Luis Alberto Garcia
Luis Carlos Dias Alves
Luiz Francisco Gonçalves Brandi
Luiz Jesus Braga Cavalcanti de Araújo
Maria Amélia Gomes Cruz
Mariza Schoenardie
Marli Shoenardie Pereira
Milton Barros de Araújo Lopes
Newton Antônio Ferrari Brum
Nicanor Vidal Rodriguez
Noeli Sinnott
Paulo Roberto Gauland
Roberto Habeyche Karam
Roberto Taylor Ortiz Pereira
Rosa Malena Marba da Gama
Rosa Maria Godoy
Sérgio Maré
Tania Maria Correa da Silva
Vera Maria Santos Houlthausen
Wilson Schneider Ardenghi
Zulce Maria Lannes de Campos

1971

Adão Heitor da Rosa
Amir José dos Santos
Antônio Carlos Caucêro de Lima Primo
Antonio Tadeu Costa Martins
Aristóteles da Silva Santos
Carlos de Oliveira Milach
Caubi Ternes
Celso Antônio Rodrigues da Silva
Claudio Luiz Ribeiro Pereira
Clovis José Pacheco
Danilo Baldi
Dirceu Luiz Manfra Ramos
Edmundo Dias de Oliveira
Edson de Moura
Ernani Ellwanger
Fernando Mário Sefrin
Fernando Roesler
Francisco Turnes de Turnes
Gorki de Miranda Kern
Guacira Lemos Gomes
Ingo Alberto Fetzner
Ioneide Godoi Petroni
João Carlos Baldisseratto
João Shuji Yamaguchi
Joel Araújo Nogueira

Jorge Fontela Corrêa
Jorge Nadra Ghaname
Jorge Schiffner Filho
José Antonio Albrecht
José Luiz Magalhães Tissot
Jovino Zambonato
Julmar Inácio Biancini
Leoni Jaires Iribarrem
Loiva Almeida dos Santos
Lorival Manoel Cardoso
Luiz Augusto Juchem
Luiz Carlos André Manica
Luiz Carlos Bergoli
Luiz Fernando Busato
Magda Schuster da Rosa
Manoel Jonas de Castilhos
Manoel Soares de Maia Filho
Marco Antonio Beltrão
Marco Aurélio Bemvenuti
Miguel Mascani
Milton Dresch
Milton José Deves
Norma Maria Elmi Kraemer
Paulo Roberto Leite Oliveira
Paulo Roberto Rufatto
Pedro José Passos Puzyna
Pedro Paulo Lima Oliveira
Péricles Mariano Lima
Regina Maria Freitas Schmidt
Renato Barbosa Xavier
Roberto Scarvuzzo
Romeu Meneghel
Sérgio Guaracy de Castro Xavier
Terezinha Antonieta Schio
Tomás Gabriel Claude Castillo
Ubiratan Vieira
Valdemar Bliacheriene
Valter José Accorsi
Wellington Müller

1972

Admir Franzolin
Afonso Calil Muly Mallmann
Airtón Wainstein
Ana Carolina Denari
Antonio Carlos Kuvitko de Medeiros
Antonio Moacyr de Azevedo
Aparecido Teixeira Mendes
Arcenio Taquinto Filho
Artur Prado Mariscano
Atílio Constanzi Filho
Beatris Helena Milan Amaro
Carlos Alberto da Costa Gonçalves
Carmen Síría Siviero Pacheco

Claudio Luiz Viegas
Claudio Poletto Casarotto
Clotilde de Mello
Clóvis Gorski
Dario Carlos Hübner
Edson Carlos Crema
Enio João Jensen de Freitas
Erika Elizabete Zwahr
Fernando Manuel Domingues Tavares
Fernando Luderitz Tschoepke
Francisco José Letti
Guido Gaertner
Heitor Alberto Jannke
Horst Schneider
João Paulo Brenner
Joel Safir
Jorge Alberto Canzoniero Sôro
José Katz
José Luiz Puhl
José Paulo Corrêa Coelho
Lothar Edgard Otto Blume
Luiz Afonso Schaefer
Luiz Antonio de Oliveira Duarte
Luiz Carlos Bertechini
Luiz Carlos Gamarra Amaro
Luiz Fernando Bartz Nunes
Luiz Fernando Marques Mota
Maria Julieta Estima Marasciulo
Maximiliano José Mazzochi
Milton Camasseto
Moacir Ciulla Porciúncula
Nelson Serikawa
Ney Westin de Carvalho
Nilton Haertel Gomes
Odil Rubin Pereira
Odone Gianichini Spolavori
Parahim Lustosa Filho
Paulo Antonio Borguetti
Paulo Cesar Perry Bley
Paulo Seganfredo
Renato de Macedo
Roberto Medaglia Marroni Filho
Sergio Tadeu Gomes Peres
Sizínio Karan Hebert
Vicente Machado Wagner
Zazi Zanuzzo
Zilmar Egídio Amaral Terra

1973

Admar Boos
Alexandre Rossato
Ana Luiza Rocha de Abreu
Alvaro Felipe da Luz
Antonio Carlos Valenti

Antonio Cesar Sena Madureira da Fonseca
Bruno Ruckziegel
Carlos Alberto Araujo da Rosa
Carlos Alberto Benetti
Carlos Alberto Busato
Carlos Henrique de Araujo Guidoux
Cláudio Abano Seibert
Daisson Gaidzinski
Daniel Sokolowsky
Erico Adalberto Linden
Erna Sandra Gorsky
Flavio Daudt de Oliveira
Frederico Seewaldi
Hernani Antonio Xavier
Humberto Paiva Ollé
Ione Maria Sbardelotto
Ivan de Mello Chemale
Ivo Alberto Becker
Jair Vargas Oliveira
Joel Praia Porto
Jonei Domingos Cavali Pesenti
José Accordi
José Bias de Leon Rochinhas
José Dorneles Picon
José Fernando Quadros de Leon
José Flávio Fontana
José Gewehr
José Luiz Pedrini
José Papa
José Pedro Lahude
Julio Ernesto Hecker Kappel
Lêdo José Pinto
Leocardo Albino Baum
Lothar Leopoldo Goellner
Luiz Carlos Albandes Lopes
Luiz Felipe Lopes Ustarroz
Luiz Carlos Mabilde
Marco Antonio Burigo
Marco Aurélio de Aguiar Costa
Marco Polo Vaz Barbosa
Maria Helena da Rocha Cherubini
Maria Lucia Franz Vieira
Marilene Corrêa Paschoal
Mateus José da Luz
Miguel Fernando de Quadros Rezende
Osmar Orlando Faller
Paulo Fernando Onófrío
Paulo Kelbert
Paulo Luiz Rech
Paulo Maciel de Athayde
Paulo Roberto Peres Giesta
Paulo Sandler
Roberto Adelino Linden
Roberto Goulart Machado

Sérgio Souza
Suzana Heemann Mota
Suzana Meira Fernandes
Valdomiro Legal Xavier
Wilson Ulisses Arruda Corrêa
Wanderlei Rospide da Motta
Wilson Gianechini Spolavori

1974

Aldo Roberto Luchesi
Alexandre Paulo Machado de Brito
André Luiz Haack
Angelo Renato Piamolini
Astos Sergio Campos Reisinger
Carlos Saul
Celso Artus
Celso David Lago
Citânia de Azevedo Ramil
Claudio Zaslavsky
Cléia Lüdtke
Clóvis Roberto Vila Verde Mattos
Darci Paulo Werlang
Diaroni Izabel Nogueira Carvalho
Dorotéa Kremer Motta
Elizabeth Rodrigues Chiada
Eugênio Rodrigues da Silva
Everton Flores Coelho
Fernando Trein Jaeger
Fuad Haddad
Gastão Fernandes Duval Neto
Gilberto Aquilera Munhais
Gilberto Antonio Trentim
João Augusto Bertuol Figueiró
João Carlos Serafim
João Luiz Almeida Fonseca
José Aparecido Granzotto
José Dalavia Greff
José Rubens Lens Vargas
Lacy da Horta dos Santos Almeida
Magda Rodrigues da Silva
Marco Antonio Gonçalves
Maria da Graça Albuquerque
Mário Alfredo Deves
Michel Halal
Namir Roberto Jankoski da Costa
Nelson Ignácio Messinger
Nelson Langer dos Santos
Nino Eledar Szostakowski Garcia
Ornelio Dante Broilo
Paulo Francisco de Azevedo
Paulo Sérgio Crusius
Paulo Souto Ferreira
Renato Guerino Pezzi
Rosa Lina Borgo

Rubens Morona de Oliveira
Rudyard Emerson Sordi
Sérgio Antônio Rossato
Sérgio Valério Kayser
Suzana Sokolovisky
Tanis Ignácio da Silva
Telma Lúcia Silveira de Araújo Lopes
Telma Maria Fraga Bernardes
Tomaz Barbosa Isolan
Tulio Miguel Shein Wenzel
Vera Regina Gomes
Vicente Paulo Mendes Tarragó
Zoffi Roberto Souza Gerber

1975

Alcides Rathje de Mendonça Lima
Alda Madalena Rosito
Alfeu Rene Wedy Couto
Alvino Dutra da Silva
Antonio Carlos Maciel
Beatriz Rejane Gradaschi
Berenice Amábile Vicentim de Oliveira
Blévio José Vieira Rodrigues
Carla Ida Brasil Ranzolin
Carlos Alberto Facin Pandolfo
Carlos Alberto Purper Bandeira
Cláudio Leite Gemelli
Clovis Luiz Sardi
Denise Brisolara Mechereffe
Edson Brito Manuel
Edson Ebert
Edson Luiz Reis da Silva
Edson Roberto da Rosa Fiel
Ener Luiz Macedo de Leon
Fábio de Alencar Braga
Fábio Vieira de Faria
Gilberto Peixoto Noro
Gilberto Seelig
Gilson Kramer Brehm
Hamilton Jair Estanislau
Helenice Dias Mechereffe
Heron Silveira Ferraz
Ilário Trevizan
Inês de Lima
Ione Massignani
Irineu Francisco Leonardi
Ivan Moraes Pinto
Ivanosca Inês Martini Carriconde
Jaime José Farina
João Paulo de Almeida Carriconde
João Tiburcio dos Santos Coimbra
Jorge David Rocha Zanol
José Arthur Saldanha de Queiroz
José Francisco Courtois de Almeida

José Luiz Kraemer
José Nereu Moreira Guedes
José Oliveira Calvete
Jurandi Hettwer
Klava Joice Streliev
Libia da Silva Pinto
Ligia Maria Kümmel Lopes
Luiz Fredolino Bohn
Lydia Maria Castanheira Kaster
Márcio Luiz Aguiar de Oliveira
Marco Antonio da Silveira Monser
Marco Aurélio da Ros
Maria Aparecida de Lima Vale
Mauro César Castilhos Beilke
Miguel Mariante Coelho
Nei Roberto Arend
Nelson Blank
Paulo Cirano Batista Teló
Paulo Juarez Martins de Almeida
Paulo Kasper de Quadros
Paulo Roberto Daltoé
Paulo Tadeu Turki de Lima
Rui Francisco Medeiros de Souza
Sêne Alves Soares
Solange Maria Seidl Gomes
Vera Lucia Diehl
Vitor de Oliveira

1976

Ademar Nardeli
Agostinho Paulo Ferri
Alduino Bianchi
Ana Luisa Soares Müller
Antonio Amaral Villela
Aroldo João Schmitt
Beatriz Ebling Guimarães
Bernardo Scarsinski
Carlos Eduardo Guglielmi de Carvalho
Carlos Oli de Azeredo
Carmem Emília Keidann
Celso Ribeiro Martins Filho
Cezar Luiz Guindani
Claudio Luiz de Souza Lopes
Cleia Bertinetti Bandeira
Dione Maria Pazzetto
Edgar Fiss
Enara Terezinha de Castilhos
Fernando Celli
Fernando Luís Massa Lokschin
Flávio Dartora
Flavio de Oliveira Gonzalez
Guilherme Jorge Ceccagno
Hardy Musskopf
Heloisa Maria Franco de Medeiros

Hercio Schwartzman
Hildor Schroeder
Honorina da Costa Almeida
Inês Lemos Bastos Echenique
Iolanda Mello de Faria
Jane Arlene Wasem
Jane Mary Monks Duarte
João Frank Neto
Jorge Desjardins
José Carlos Bohn
José Carlos Broetto
José Francisco Rotta Pereira
José Mauricio Grahl Ramos
Jovilde Montagna
Leonardo Henrique Carone Grossi
Lilian Ruth Nicolaiewisky
Luís Antonio Dias da Fonseca
Luiz Alberto Grossi
Luiz Derli Tolotti
Luiz Fernando Cavalho Valente
Luiz Renck Reis
Marco Antonio Viegas da Silva
Maria Helena Ferreira Coimbra
Maria Krystina Orzechowski Xavier
Maria Tereza Natorf
Marilza Helena Berté
Marisa Freitas Frank
Miguel Angelo da Costa Quintana
Milton João Izolan
Moacir Carvalho Blaas
Moacir Mello da Silva
Nelson Chanin
Nestor Jaime Lucas Bueno
Oscar Guido Navia Torrico
Otávio Passos de Oliveira
Paulo Roberto Bischoff Domingues
Pedro Cesar Palma Borges
Renato Resmini Riemke
Roberto Melo de Souza
Rodinei Roberto Festugato
Rogerio Gottert Cardoso
Roque Dorian Godoy Prestes
Rover Pedro Borba
Ruth Herweg
Susana Siegmund
Tânia Maria Bonini Corrêa de Magalhães
Udo Carlos Loose
Vera Regina Cruz Trevisol
Victor Hugo Campos Lago
Waldir Pletsch

1977

Aleisa Mara Martins Flório
Almiro Kublik

Amilcar Pereira de Pereira
Ana Maria Baptista Menezes
Antonio Carlos Cunha Valente
Antonio Carlos Padoim
Ariane Louzada de Magalhães
Arno Tessmann
Boris Laks
Carlos Alberto Alves Tavares
Carmen Lucas Verneti
Claise Maria Raddatz
Clarisse Pinto Echenique
Dargilan Freitas
Ernani Bender
Erwin Franz Gattringer Filho
Eugenio Lemke
Fernando de Mello Gomes
Fernando Egídio Batista Oliveira
Flávia Guimarães Brod
Flávio Peixoto de Oliveira
Gislaine Vargas da Silva
Herman Heredia Farrel
Ilton Francisco Torre
Iná da Silva dos Santos
Jair Tognon
George Irani dos Santos Vernes
Joaquim Boeira de Vargas
Jorge Luiz Ossuosky Machado
Jorge Tadeu Antunes da Cunha
Jorge Tadeu Braz Medeiros
José Antonio Pedrosa Bainy
José Carlos Farias Alves
José Ecil Martins Teixeira
José Inácio Dias da Fonseca
José Luiz da Silva
Katia Silva Gonzalez
Luís Adilson Canez Xavier
Luis Rene Sosa Lezama
Luiz Henrique Janelli da Silva
Luiz Henrique Rodrigues de Faria
Luiz Mendes da Silva Santos
Mara Regina Couto da Fonseca
Marco Antonio Belluzzo
Marco Antonio Lima Trindade
Margareth Soares Souza
Maria Celeste Lima Maffei
Maria Coralia Lemos da Rosa
Maria da Graça Rocha Sampaio Juchem
Maria Hilda Ferreira Moraes
Neuza Maria Campelo Bornholdt
Olismar Silveira Mendes
Osmar Fernando Tesch
Paulo Eduardo Wellausen Vieira
Paulo Roberto Silva da Fontoura
Ramiro Curi de Lemos

Renato Nelson Rutzen
Roberto Paz Calderon
Rogerio Vianna Rocca
Ronaldo Luiz Sieburger Costa
Rosa Visitacion Maroñas Costa
Sérgio Krinski
Sergio Luiz Biehler
Sergio Luiz Scherbaum
Suzana Maria Pizarro Pilotto
Telmo Zanella Salengue
Valter Fonseca de Brito
Wilma Elizabeth Güez e Silva

1978

Adalberto Angelo Paniz
Alba Maria Trois Pinto
Alexandre de Conto Abitante
Antonio Carlos Folle
Antônio Páler Farias
Antonio Amilco Pereira Donato
Aquiles José Vasconcellos Mamfrim
Ariosto Vargas Gonçalves
Carlos Alberto Pizzamiglio
Carlos Augusto Marques Bispo
Carmem Lucia Jacob Fabres
Carmem Regina Oliveira Lopes
Cezar Arthur Tavares Pinheiro
Cinthia Krüger Sobral
Cledinara Rodrigues Salazar
Derci de Farias Batista
Diniz José da Silva Pizarro D'Orey
Edmo Renato Belloli
Elias Scheidt
Elisa Lisete Bicca Leivas
Elisabeth Loguércio Collares
Ernesto Sousa Nunes
Flamarion Freitas de Freitas
Flávio Luiz Sieburger Costa
Francisco Humberto Maraninchi
Gaspar Simão Boaretto
Gilda de Mattos Milman
Gilson Antonio Savaris
Gisele Seixas Barcelos
Henrique Ott
Iara Marédima Nicoleti Martins
Jair Rodrigues Escobar
Jalva Marques
João Alberto Sampaio Juchem
João Cardoso Filho
João Luís Nadal Barroso
João Manoel dos Santos
José Américo Pascal Proto
José Anselmo Rodrigues
José Euzébio Ribeiro

José Luiz Machado de Castilhos
José Valentin Bayona Bracamonte
Kleber Antonio Alves Ramil
Maria Cecília Gonçalves Brandi
Maria da Graça Fortes Maduell
Maria de Fátima Martinez Barroso
Maria Elizabeth Quadros de Oliveira
Mauro Almeida Polidori
Nilce Maria da Graça Tatin Martins
Nora Gilce Portela de Oliveira Amaral
Paulo Roberto Silveira Pedra
Roberto Artur Ballardín
Rosa Mary Lech da Silva
Rossana Collaço Alberton
Ruben Dario Salazar Arias
Rui Edi Schneider
Ruy Celso Pereira Ratto
Ruy Dagoberto Bersch
Sérgio Renato Neto de Campos
Sônia Peres San Martin
Uilson Garcia Moreira
Vanderley Rosas Real
Vicente Petrolini de Carvalho
Waléria Nogueira Poeta
Zilá Maria Corrêa da Silva Pinheiro

1979

Adalberto Petrolini Carvalho
Alfredo Degani Zauk
Amilkar Herrera Virreira
Ana Carolina Issler Farias Ferreira
Ana Leocádia Palazzo Carpena
Ana Lúcia Goulart Rezende
Angela Chapon Cordeiro
Beatriz Pinheiro Franck
Brunoberto Behs
Carlos Alberto Hoeltgebaum
Carlos Augusto da Cunha Tavares
Carlos Renato da Silva Fonseca
Carmem Lúcia Vieira Heredia
Carmen Regina Zandoná Laydner
Celso Luiz Golin
Ceres Helena Borda Dias
César Vinícius Gomes Bastos
Cezar Fernando Heck
Claudio Alberto Longoni
Cleusa Ernestina dos Santos Neutzling
Dario Guerreiro de Almeida Teixeira
Djalma Froés
Dominique Roche Sokolovsky
Eliana Camila Hisse Gomes
Elisabeth Matana Spode
Elizabeth da Fonseca Ramos
Fernando Acosta

Fernando Antonio Agge Mansur
Fernando Hermann Pedrini Rotunno
Heitor Amarilho
Helaine Terezinha Ferreira Bicca
Henrique Alberto Carvalho da Costa
Hugo Salomão Leitte Teixeira
Iara Rute Kosby Corrêa
Idemar Luiz Taufer
Iris Fátima Grafulha Corrêa Cordeiro
Irma Rossa
Ivanir Roque Tomazzoni
Jesus Machado Vieira
José Antônio de Souza Campagnolo
José Halley Guerreiro
José Nestor Soliz Encinas
Lester Fernando Mendes Darley
Liane Pereira Magalhães
Luis Fernando Czermainski
Luiz Alexandre Alegretti Borges
Luiz Pedro Zandoná
Magda de Marco de Oliveira
Marcia Ondina Bueno Zandoná
Marco Antonio Carvalho da Cunha
Maria da Graça Guidotti dos Santos
Maria de Fátima Alves Teixeira
Maria Luiza da Silva
Maria Odete Lacerda de Lima
Mario Cavalheiro Coelho Filho
Marlene Loide Arais
Milton Luiz Merony Ceia
Milton Sokolovsky
Moacir Otilio Alves
Nara Regina Lessa Pimentel
Nilza Elizabeth Alves Umpiérrez
Odemir Luiz Bordin
Paulo Halfen
Paulo Luís Caputo
Paulo Roberto Post
Paulo Sérgio Herreira da Silva
Pedro Henrique André Foster
Regina Macedo de Almeida Peres
Ricardo Halpern
Roni Quevedo
Rosendo Almanza Mamani
Sergio Antonio Venero Huarcaya
Sergio Luiz Ricci Falchi
Sonia Rohnelt Fontoura
Sued Luiz Leonardi da Rosa
Volnei Nicoletti Pereira
Wanderley Ribeiro Idiarte
Wanessa Nogueira Poeta Darley

1980

Abdel Nasser Doile Macedo
Adelaide Alves Marques
Adriene Ignez Tomberg Alves
Altivo Ronaldo Silva Luzardo
Ana Amália Arend
Ana Cristina Tomberg Alves
Ana Lúcia Costa Salazar
Ana Maria Ferreira Borges
Ana Maria Kleinowski
Ana Maria Siga
Ângela Valente Warlet
Aparecido Laércio Marroni
Arlene Celse Granada Afonso Vaz
Cairo Roberto de Ávila Barbosa
Clarice Daunis Praça
Cláudia Maria Pianalto de Freitas
Cléa Maria Lopes Granada
Darcy Crispim Corrêa
Décio Dal Molin
Delton Schuch
Denise Titze da Silva
Dóris Almeida de Borba
Edson Ramalho
Elemar dos Santos Bertinetti
Euler Roberto Fernandes Manenti
Ewerton Rogério Valente Souza
Florencio Dionício Carbajal Cáceres
Gelson Heurich
Getulio Rodrigues de Oliveira Filho
Gustavo Porta Saballos
Haroldo Dias
Helenton Costa Mendes
Heloísa Cappellari Merenda
Iris Helena Machado Vasconcellos
Jacqueline Lemieszek
Jandira Pureza Valente
José Américo Macedo Passos
José Carlos Oliveira
José Dionísio de Lima Becker
José Milton Cunha Merenda
José Orlando Del Carmen Jimenez Rojas
José Roberto Zorzetti
Josué Vânius Uzon Hoewell
Jussara Medeiros Pereira
Lauro Kose Nakagawa
Lícia Alencar Braga
Lilian Soares Gastaud
Lúcia Helena da Rosa Gonzales
Luciana Petrucci Gigante
Luis Manuel Barahona Palma Antunes
Luiza Amália Ferreira Nickhorn da Silva
Manif Curi Jorge
Margareth Jeckel Lopes

Maria Angélica Nunes Chagas Perez
Maria de Fátima Tavares Costa
Maria Fernanda Soares Ribeiro
Maria Lucia Perera Zuñeda
Mariza Souza Gonçalves
Maurício Antonio Rodrigues Silveira Filho
Modesto Zuñeda Neto
Paulo Luiz de Oliveira Moraes
Paulo Roberto Portella Kratz
Pedro Pazio
Renata Martins Cunha
Renato Grun Bueno
Rogério Torres Marques
Rosa Lilia Ferreira Longone
Sandra Renata Gehling Bertoldi
Sérgio Carriconde Schmidt
Sonia Mara Palácio Guido
Sonia Maria Campos da Cruz
Sylvia Dias Tavares da Silva
Therese Pey Chao Furtado
Valdeez Vannini
Victor Hugo Pereira Coelho
Wanda Cecília Loguercio Leite

1981

Afrânio Alberto Tavares Krüger
Alcir Martins Iuppen
Ana Bela de Barros Palazzo
Ana Maria Azeredo Tessaro
Ana Maria Guedes Piltcher
André Avelino Steffens
André Luiz Moreira Hypolito
Aparecido Ademercino Lucin
Arno Adalberto Bianchini
Auildo dos Santos Munhoz
Balford Rafael Abaunza Sanchez
Boaventura de Jesus Lapuente Pereira
Carlos Alberto Coutinho Patella
Carlos Edgar Bleil
Carlos Eduardo de Azambuja Boamar
Diego Leopoldo Pinheiro
Eduardo Oliveira de Araújo
Elisa Barbara Fonseca Ribeiro
Elizabeth Cristina Gago Carpena
Fernando Ebling Guimarães
Fernando Mansur Castanheira
Fernando Schoeder Lopez
Gelon José Acosta Dias
Gustavo Adolfo de Marco Valle
Heliara Toretto Cachoeira
Helio Dalla Libera
Hélio Mallmann
Heloisa Barbosa Duarte
Heloiza Maureen Borges Ávila

Ilson Abreu Gomes
Ivone Cogno
João Manoel Corrêa de Azevedo e Souza
Jorge Luiz Zordan
José Carlos Rosa Delfini
Lauren de Santa Rita Milach Gervini
Rodrigues
Léa Regina Louzada Ribeiro
Ledi Vieira da Costa Pinto
Lilian dos Santos Palazzo
Lorraine Storch Meyer
Luis Antonio Braga Schuch
Luiz Paulo Ely
Margareth Spode
Maria Alice Ferreira Moraes
Maria Christina Muratore Gurvitz
Maria Claudete Ribeiro Duarte
Maria Laura Zanotta Riemke
Maria Luiza Klumb Silva
Maria Tereza Schulte Lucin
Maria Terezinha Costa Antunes
Mariângela de Fátima Rosinha da Cunha
Mário Alberto Alexandretti
Mario Antonio Wobeto
Mário César de Moura e Cunha Rocha
Martha Helena de Mattos Zuardi
Mauro Guidotti Aquini
Mauro Werb Junior
Miguel Puerto Filho
Milton José Bergamo
Monica Villela Pereira
Nara Regina Fabres Farias
Neiva Conceição Etchalus
Neiva Holsbarch Schuster
Nelia Bueno Pinto
Neusa Machado Guerra
Nolvi Francisco Baggio
Noris Helena Muswieck Braga
Osminda Löblein
Otavio Walerko
Pedro Alberto Massa Lokschin
Regina Laura Dutra Barbosa
Renata de Moraes Jaccottet
Renato Augusto Moreira
Rocky Antonio Valencia Oyola
Serge Lepinoux Chupeau
Sonia Maria Jeckel Ruas
Valmir Mendes Antunes
Vitor Luiz Cachoeira
Walter de Castro Möller

1982 | SEMESTRE

Adalberto Rosses
Antonio Carlos da Silva Cavalhal

Carlos Ricardo Germann
Ceres Leonor Tavares Guedes
José Olivio Vicari
Julio Moacir Medeiros de Sá
Luiz Carlos Chiappetta
Luiz Fernando da Cunha Ribeiro
Marise Fontoura Corrêa
Rosa Alice Calvo

1982 II SEMESTRE

Admir Parmezan
Agostinho Luna Silva
Airtton Deodato da Silva
Alberto Gomes LLanos
Alcilio José de Souza Filho
Antonio Carlos Garcez Karsburg
Antonio Carlos Rebellato
Antonio Verissimo Iturriet Albaini
Carlos Augusto dos Santos Borda
Carlos Silvio Martins
Carmen Cecilia Lorea Mattar
Cesar de Lima Laydner
Cesar Lourenço Nezello
Cleusa Maria Vitória Pinto
Cristina Helena Targa Ferreira
Dari Leonhardt
Dolores da Conceição Madeiras
Edezio Webber de Oliveira
Edinelson Cerci
Edson Luiz Rosalino
Elvio Marindo Spigolon
EneDir Luiz Colpo
Florivaldo André Matelozzo
Francine Beatriz Ferreira
Gilda Neves da Silva
Glenio Kanaan da Silva
Gualberto Luiz Oxley Machado
Idemor Molin
Iltamar Dias Fara
Iluy Manuel Lopes
Jane Ester Barbosa Ramos
João Carlos Santos
João Celso Brustulin
João Senger
Jorge Luiz Zanette Ramos
José Augusto Froner Bicca
José Carlos Oliveira de Barros
José Ribeiro dos Santos
Jouberto Peter Ebersol
Juarez Taffarel
Kazumichi Koga
Kazuto Sera
Levy Lopes Nogueira
Lilian Maria Diones Giongo

Luciano Ely
Lucio Almeida Castagno
Luis Pereira Lima Lopes
Luiz Antonio Oliveira Inacio
Luiz Donizeti Miquelão
Luiz Mário Bretanha de Moraes
Luiz Sergio Freitas de Medeiros
Marco Antonio Gonçalves Mendes Wanrowsky
Marco Aurelio Crespo Albuquerque
Marco Paulo Farinha da Rosa
Margot Fetter Costa
Margot Sordi
Maria Alice Souza de Oliveira
Maria del Rosário Cossio Rodriguez
Maria Lucia dos Santos Carvalho
Mario Mitsuo Morita
Maritza Gomes Cantarelli
Mauricio Guillermo Vásquez Romero
Mírian da Cruz Barcellos
Neemias Ramos
Nísia Maria Ferreira dos Santos
Paulo Roberto Oliveira Antonello
Pedro Ozório Pereira
Ricardo de Campos Nogueira
Roberto Leite Garcia
Rogério Barbosa Karam
Rosangela Souza Vasques
Rosangela Zambonato Arnt
Silvia Sander Muller
Suzana de Marco Braga
Tania Maria Sbeghen de Oliveira
Vania Therezinha Comandulli
Wilson Marcio do Amaral

1983 I SEMESTRE

Cecília Nunes Pedroso
Concepcion González Escobar
Ermani Cadore
Fernando José Carpena Jaccottet
Frederico José Gago Carpena
João Carlos Martins Toralles
Maria Auxiliadora de Freitas Roewer
Maria da Graça Rocha
Nelson Hucusina
Sergio Luiz Castro Ribeiro
Virgilio José de Sousa Lima Pinheiro

1983 II SEMESTRE

Ana Lucia Carvalho Al Alam
Ana Maria Krug
Ana Marisa Terra Lucas
Antenor Ohlweiler Junior
Ari Celso Fransozi

Carlos Roberto Galvão Sobrinho
Carmen Luiza Fonseca Corrêa
Carmen Silvia Silveira de Quadros
Clara Maria Lopez Piccini
Clécia de Barros Coelho Bicca
Delvo Menegaz
Denise Marques Mota
Edson Antonio Pedruzzi
Edson de Jesus Coutinho
Eduardo de Oliveira Fernandes
Fernando José Gaspar Nogueira Filho
Fernando Vargas Garcia
Francisco Aurélio Grigoletti de Freitas
Glauber Fabião Signorini
Helio David Borges Nascente
Herbart Deogenes Michels
Hiram Laranjeira de Almeida Junior
Irene Junges Carvalho
Ivan Antonio Guevara Lopez
Jairo Costa Wurdig
Jamal Nasser Haddad
José Antonio Tardivo
Juvenal Soares Dias da Costa
Katia Ramil Magalhães
Lilliane Maria Gonçalves Bering
Loren do Carmo Wasielesky Galvão
Lucia Diehl da Silva
Luiz Eduardo Corrêa Schein
Luis Fernando da Cunha Farias
Luiz Henrique Zaions
Luiz Roberto Habeyche Ruschel
Marcos Cesar Friedrich da Silva
Maria Claudia Dimuro Bender
Maria Cristina Yunes Abrahão
Maria da Graça Valente Cardoso
Maria de Guadalupe da Rocha Ferreira
Maria Luiza D'Andrea Trindade
Marilene Prestes de Freitas
Mario Luiz Valente Warlet
Marisa Albuquerque de Lucia
Matheus de Aldeia Paulsen
Mauricio Silva de Lima
Mauro Porcu
Melanie Ogliari Pereira
Mirian Goulart Farias Laranjeira
Nara Maria da Silva Morita
Ney da Silva Padilha
Oscar Alberto Del Socorro Ramirez Villanea
Oscar James Segal
Paulo Faria Bonat
Paulo Roberto Teixeira da Silva
Renan Stoll Moraes
Ricardo Mendes Alves Pereira
Ricardo Thofehrn

Rita Perez Leite
Rosani Cruz Azevedo
Rosana Blos
Sergio Tavares de Castro
Ubiratan Cebulski
Umberto Lopes de Oliveira Filho
Vera Maria Freitas da Silveira
Wallace Rocha Saran

1984 I SEMESTRE

Aires Carlos Mello Berger
Ana Dalmar Barros das Neves
Anete Azambuja Pons
Antônio Peixoto Martins
Carlos Massashi Araki
Cristina Rocha Saldanha
Egon Albino Roschildt
Francisco Augusto Natorf
Getúlio Poletto Pimentel
Ivan Palermo Inthon
Jorge Ammar
Julio Avelino Martinez Chambergo
Luiz Ernani Romero Saavedra
Maria Ercolina Castro Fortes
Osvaldo Gasparini
Rejane Bernardi de Souza
Roberto Fulber Junior
Roberto Hocevar
Silvia Helena de Medeiros Lago
Vasco José Costa da Costa

1984 II SEMESTRE

Abilio dos Santos Cardoso
Adonis José Brock
Alena Beatriz Burtet Franzen
Alexandre Antonio Scopel
Alvaci Silva Oliveira
Amilcare Angelo Vecchi
Ana Claudia Tapado do Amaral
Ana Maria Krusser Zambonato
Ana Maria Oliveira de Barros
Angeline de Aldeia Paulsen
Antonio Brancher
Arnaldo Teixeira Rodrigues
Augusto Darley Ramos Martins
Carla Maria Brandeburski
Carlos Eduardo Rilling da Nova Cruz
Dario Luiz Feil
Denise Maria Sandin Affonso
Edson Marcos Mendes
Eduardo Machado Rotta
Eliana Weinmann
Fábio Leite Gastal

Fernando Luiz Seugling Repinaldo
Florêncio Hernandes
Florival Zildo Vituri
Geraldo Olivé Leite Neto
Gil Coelho
Gilberto Luis Graff
Gilberto Santos dos Santos
Gilmar Iesbich Finkler
Giovani Feix Peruzzo
Guido Goldschmidt
Inacir Antonio Piva
João Batista da Silva Filho
João Batista Reckziegel Bersch
João Carlos Zagonel
Jorge Vanderlei Streciwik
José Antonio de Almeida Lara
José Candido Souza Neto
José Carlos Sória de Cerqueira
José Luiz Machado
Justo Antero Sayão Lobato Leivas
Ligia Neumann Strauch
Liliane Fernandes Pretz
Luis Carlos Leuckert
Luis Ramom Marques da Rocha Gorgot
Luiz Cesar Didoné
Maira Moraes Machado
Mára Luci Farias Mello
Mara Suzana Cerentini Loreto
Marcelo Zabaleta
Marcia Bins Giraldi
Márcia Ferraresi Brighente
Márcio Luís Deves
Marco Aurelio Viégas
Margarete Ribeiro Duarte
Maria Augustina Pinheiro Deves
Mário José dos Santos Corrêa
Martin Marques Ribeiro
Mauricio Garcia dos Santos
Milene Maria Saalfeld
Nara Regina Corrêa de Oliveira
Nelson Beduschi
Odenir José Brighente
Oldaci José Pustai
Paulo Cezar Lago
Paulo Sergio Martins de Souza
Paulo Thofehr
Regina Barros Goulart
Renata Pekelman
Renato Luiz Baucke
Renato Santos Coelho
Renato Silveira Lazzaretti
Ricardo Antonio Boff
Roberto Osvaldo Pont Zambonato
Roger Alberto Costa

Ronaldo Lopes Torres
Rosana Nagel
Rosane Isabel Bittencourt
Ruben Dario Corredor Vargas
Suzana Malafaia Monteiro da Cunha
Urubatan Collaço Alberton
Vera Lucia Nunes Pereira Lima
Vinicius Silva de Lima
Waldo Luis Leite Dias de Mattos
Wladimir Uszacki

1985 I SEMESTRE

Agenor Brancher
Agenor Cararo
Ângela Maria Guarienti
Antonio Aparecido de Oliveira
Eduardo Búrigo
Ivo Leuck Junior
Jairo Tavares de Sousa
João Alberto Sabetzki
José Tomás Pereira Souza
Maristela Krüger Lopes
Miriam Tereza Vali Solé
Ney Duarte de Oliveira
Osvaldo Vendramin
Paulo Pio Tosetto
Ricardo de Paula Daudt
Sérgio Oliveira Simões
Sonhalcir Cadore
Walter Ossamu Missima

1985 II SEMESTRE

Adolfo Luiz Falcão Sparenberg
Adriane Dias Ferreira
Airton da Silva Pereira
Alfeu Roberto Rombaldi
Ana Inara Noronha
Ana Maria de Lima Mansur
Ana Maria Rodrigues e Souza
Anna Luiza Bueno Coutinho
Arão Zvi Pliacekos
Beatriz Hax Sander
Carlos Alberto Gollo
Carlos Alberto Stracheuski
Carlos Bauer Besse
Carlos Kuzli Kuzmik
Carmem Luz Kaa Rodriguez
Celio Friedholdo Fahl
Claudio Achkar
Daniel José Dalcin Montagner
Denise Beling da Silva
Fabio Brod Rodrigues de Sousa
Fernando Luiz Westphal

Francisco Antonio Canhoto
Gilberto Abduch Junior
Gilberto Hiwatashi
Gilmar Luís Zortéa
Giselda Bragaglia Rahde
Hairton Campos
Helder Romeiro Xavier
Helena Wenher
Ivana Marcilio Azambuja
Ineide Rejane Graff
Jonas Natalicio de Lima Medeiros
Jorge Eduardo Lima Fonseca
Jorge Henrique Schmitt
Jorge Luiz Utzig
Jorge Tadeu Amaral de Almeida
Josane Maria Machado de Freitas
José Aluisio Neumann Jungues
José Leonel Gonçalves Pinto
Julio Antonio Stedile Ribeiro
Leonora Costa Acosta
Lorena Elia Sing Arguelles
Luciana Machado Marques Rocha Gorgot
Luis Fernando Fajardo Forero
Luis Fernando Varela Brenes
Luís Olímpio Dias Jordão
Luiz Henrique Cezar Westphalen
Magali Belaunzaran de Quadros
Marcelo Passos da Rocha
Márcia Rejane Maia Fagundes
Mariângela Freitas da Silveira
Maria Cristina Jardim Brandolt
Marines Bertolo
Marisa Fernanda Hammes
Miguel Luis Bastos Ieffet
Milton Stein Brechane
Moacir Carlos Zeni
Neusa Maria Corrêa Ferreira
Nicanor Reinaldo Dresch
Orlando Kato Batista
Paulo Roberto da Luz Dias
Paulo Gluszczyk
Renato Rodrigues Al Alam
Roberto Sami Neder Kalil
Rogério Ivan Hein
Rosana Diesel
Rosane Guimarães Bachilli
Samuel Antonio Neugbauer
Scheila Pretto Almeida Thofehrn
Sérgio Scaletski
Silvana Maria Molossi
Sílvia Helena Campos Serres
Suely da Conceição Madeiras
Thais Russomano
Tulio Têrbio Ferreira de Oliveira

Valdir José Zeni
Vera Lucia da Silveira
Vera Regina Leven
Vera Regina Rodrigues
Zenaide Maques Vargas

1986 I SEMESTRE

Alvaro Augusto Rodrigues
Cláudio Francisco Favaretto
Edison Kufner
Elisabeth Klug Radke
Flávio Sérgio Chiuchetta
Héinton Moura Lütz
Joaquim Ignacio Silveira da Mota Neto
Jone Antunes de Oliveira
Luiz Ernesto de Giacometti
Márcio Antônio Stumpf
Mário Alberto Nogueira
Marlon Ricachenevsky
Paulo Loescher
Pierre Power de Oliveira
Sebastiana Ferreira de Freitas
Suzana Alvim Basile

1986 II SEMESTRE

Airton Luis Fiebig
Andréa Scaletzky
Angela Machado Ferreira
Antonio Carlos Nicolodi
Arquimedes Luiz Spironelo
Beatriz Zilberknop
Carlos Barszcz
Carlos Gonçalves Munhoz
Carlos Rodrigues de Oliveira
Carlos Schlee Gomes
Célio José Pansera
Celina Salim Mansur
Cesar Augusto Graff de Oliveira
Cleber Motta Schein
Dulce Maria Padilha da Rosa
Elsie Lara Wienke Wellar
Enrique Daniel Saldaña Garin
Esilda Jeanette Gil Espinoza
Fábio Tagliari
Fernanda Tavares
Fernando de Castro Möller
Fernando Passos da Rocha
Gelson Luiz Luchese
Iara Nikraszewicz
Ignacio Alves Paim Filho
Ilza Hernandes Tonin
Jader dos Santos Paiva
Jamile Cerioli

João Baptista D'Andrea Souza
João Ivan Lopes
José Alberto da Silva
José Fernando Antelo Hurtado
José Francisco Netto Pitrez
José Ivalei Guerreiro
Laércio João Lazzarotto
Leda Maria Ferreira Borges
Lia Mara Gomes dos Santos
Luciane Duarte Schüller
Luizana Stapasolla
Luiz André Damiani
Luiz Carlos Sauandaj Medina
Luiz Gilmar Bondan
Mara Regina Aquino Costa
Marcelo Freda Soares
Marcelo Grillo Dini
Mard Luiz Batista Leite
Marilhane Dias Schultz
Mario Mansur Filho
Maristela Menezes da Cass
Marta Lisane Wagner Dini
Miguel Ramos de Souza
Mozart Teixeira Alves
Nilmo Rosemir Ferreira Ulguim
Nilo Machado Júnior
Orlando Carlos Gomes Colhado
Osvaldo Quirino de Souza
Patrícia Soares Aguiar
Paulo Eromar Bersch
Paulo Ricardo Gazzola Zen
Paulo Roberto Gonçalves do Nascimento
Paulo Sergio de Almeida Peres
Renato Bender Castro
Ricardo Balzano Maulaz
Rosaura Liz Lerner
Rosilene Castro Jara
Sedaulino Amaral Villela
Sérgio Antonio Rodrigues
Susane Müller Klug
Sylvia Bueno Pinheiro
Tanira de Freitas Pires
Walter Pereira de Araújo

1987 I SEMESTRE

Claudia Raquel Maschke Paim
Jair Luiz Guarienti
Juan Emilio Antonio Vargas Soto
Laura Prestes
Pedro Paulo Wagner

1987 II SEMESTRE

Adilio Antonio Almeida
Alceo Zilio

Alina Esteves de Macedo
Amir Yousf Nasr
Ana Lúcia Tessmann Serpa
Ana Maria Antunes Zardin
Antonio Valdecir Luz Favaro
Augusto Hax Niencheski
Beatrice Fagundes Borges
Betty Marlene Palacio Celi
Bruno Edmundo Wünsch
Carlos Cesar Ferreira
Celomar Strelow
Claudia Inez Berta Bittencourt
Deisi Pilotto
Édison Junges
Eduardo Cury Remião
Eduardo Vergílio de Carvalho
Elcio Marcos Zanardo
Elisabete Barbosa dos Santos
Elizabeth Guarienti
Eneida Abrantes Mendonça
Flávia Marzola da Silveira
Flávio Bilibio Gonçalves
Flavio Geraldo Vieira
Frederico Miguel Klein
Gelson Antonio Spironello
Gerson Zernow
Giovani Bretanha Soares
Gleci Liermann
Guaspary Silveira Fortes
Jandir José Schultz
João Fidelis do Espirito Santo Neto
João Henrique Gomes Classen
João Miguel Astegiano Robales
Jorge Antonio Winckler
José Augusto Assumpção Crespo Ribeiro
José Edélcio Vanzella
José Pedro Moreira
Josué Romeu Porta Oliveira
Juarez Antonio Guarienti
Luis Alencar Biurrum Borba
Luis Fernando Scarano Miranda
Manoel Mariano da Rocha Neto
Marcelo Moojen Abuchain
Marcio José Dal-Bó
Margareth Richter Kath
Maria da Graça Cantarelli
Maria de Fátima de Oliveira da Cunha
Mario Ferreira Peixoto
Mario Strelow
Maristela da Costa Sousa
Maud Parise
Mauro Bairy Curi
Miguel Archanjo Thezolin
Miriam Laurita da Silveira Pinto

Miriam Neumann Junges
Neisa Guterres de Freitas
Noris Regina Azevedo dos Santos
Oscar Dilon Basso
Otavio Leite Gastal
Othello Moreira Fabião Neto
Paulo Herberto Rahmeier
Paulo Orlando Alves Monteiro
Paulo Ronaldo Garcez Alves
Pedro Caminski
Pedro Ribeiro Junior
Ramon Fiori Hallal
Renato Moraes Lucas
Ricardo Castro Carrera
Ricardo Guedes Camargo
Roberto Rogério Fortes Ortiz
Rosane Alves Osório
Ruth Bonow Theil
Sandra Al Alam de Souza
Sandro Mota Machado da Silva
Sílvia Souto Pereira
Simone Gallo Corrêa
Tânia Mara Mendes
Valkiria Simone Alberti
Vitor Hugo da Silveira Ferrão
Waldomiro Koloszwa

1988 I SEMESTRE

Adilson Wanderlei Quinalha
Atilano Saturnino da Silva dos Santos
Clarissa Delpizzo Castagno
Gilberto Pedro Piazza
Jorge da Fonseca Junior
Luiz Benjamim da Silva
Moema Chatkin de Oliveira
Noris Vitalina Amaral Barboza
Zuleide Sinara Vargas da Silva
Iára Martinez Pereira

1988 II SEMESTRE

Airton Valderrama
Aldarice Pereira da Fonseca
Alexandre Lucas de Mendonça
Amarildo José Ramalho
Ana Beatriz Sengik Saez
Ana Cristina Carvalho de Oliveira
Anaclaudia Gastal Fassa
André Celestino Neder Kalil
André Luís Câmara Galvão
Antonio Carlos de Mattos Roxo
Antonio Carlos Peres
Arlson da Silva Cardoso
Arlete Elaine Poll

Audies Marcelino Troggian
Badir Hassan Awad
Boanerges Vieira de Medeiros
Carlos Alberto Perez Chavez
Carlos Nelz
Cezar Renato Ribeiro Fernandes
Clóvis José Passuello
Djair Guelfi
Elaine Pinto Albernaz
Erlo Lütz
Ezaltina Kurz Monteiro
Gerson Caliani
Hemerson Ari Mendes
Humberto Martins Fornari
Jamal Nasser Haddad
Jefferson José Rodrigues Escobar
João Rogério Bittencourt da Silveira
Liane Moretto
Lissauer Antonio Lima Barbosa
Lúcia Tabim de Oliveira
Luciana Halpern
Luiz Fernando da Silva Sicco
Manoel Ernani Garcia Junior
Marcos Leonam Castro de Moraes
Maria Alice Sacconi Scardoelli Fiebig
Maria Amélia Barbosa Bezerra
Maria Gilca Nunes Scherer
Marinel Mór Dall'agnol
Mario Roberto Pereira Goehlen
Marizane Teixeira da Silva
Maxwell Jorge de Oliveira
Mendes Schafirowitz
Onizio Borges de Oliveira
Ovídio Cristiano Rohde
Paulo Lorea de Lorea
Paulo Roberto Gayer dos Santos
Paulo Sérgio Abunader Kalil
Reginaldo Silveira Lazzaretti
Ricardo Tavares Pinheiro
Rodrigo Biazus
Rogério Ortolan
Sandra Cristina Azeredo de Medeiros
Sérgio Luíz Goulart Nunes
Sérgio Luiz Moura Casagrande
Sílvia Scaletzky
Veimar Roberto Zortéa
Victor Hugo Bazan da Rocha
Walmor Lemke
Yonara Rozely de Oliveira Gomes

1989 I SEMESTRE

Cássia Maria de Lima Squeff
Cornélia Ivon Mensak
Daltro Giovanni Carvalho

Henrique Velloso Sala
Hildebrando Eurico Bittencourt
Manoelita Dias dos Santos
Marco Antônio Minchola Robles
Margane Terezinha Capeletto
Maria Aparecida Pinheiro Rodrigues
Paulo Roberto Barbosa Massaro
Rubens Antonio Capeletto

1989 II SEMESTRE

Ana Elizabete Rommel Nunes
Anita Angelo Galli
Antonio David Fontoura Salomão
Aroldo Debom
Breno Marzola da Silveira
Bruno Luiz Schulz
Carla Alba Rajão
Claiton Gonçalves
Dagomar Golim Schneider
Dalton Tio Iwama
Daniela de Oliveira Rosa
Deise Leonetti Terra
Diana San Martin Soares
Eduardo Fialho Roman
Elton Carlos Guelfi
Elton Vaz Fagundes
Evelise Barcellos Saavedra
Francisco Giovani Batalha
Gilmar Luiz Brustolin
Hélio César Ribeiro
Jair Luís Maziero
João Almir Camargo Jorge
João Carlos Costa Cominges
João Luis Dias de Oliveira
João Wilney Franco Filho
Jorge Crispim Medeiros de Freitas
Jorge Hamilton Soares Garcia
Luciana de Oliveira Marques
Luís Antônio Benvegnú
Luiz Andreazza Neto
Luiz Carlos Utzig
Luiz Ronaldo Huber
Marcelo Simoni Simões
Marcelo Ivan Kirschnick
Maria Amalia Lütz Saavedra
Mariane Carrasco
Mário Augusto Amici Neutzling
Mauricio Soares Delanoy
Moacir Alexandre Traesel
Ricardo de Albuquerque Müller
Roberto Cordeiro Gonçalves
Rosangela Gayer dos Santos
Suzane Cristina Milech Pribbernow
Tárcia Lucena Bringhenti

Vani Lunardi
Volmar Rigo
Wilma Ribas Brustolin
Ney Neves Cavalheiro
Saná Shehadeh Mahmud Muhammad
Mahmud
Silvana da Cunha Russo

1990 I SEMESTRE

Adriana Carvalhal Schoffel
Adriane Muller Klug Reinhardt
Alfredo Leonardo Arguello Alarcon
Ana Luft
Bernardo André Barbieri
Carlos Horácio Pontes Borges
Clarissa de Aguiar Duncke
Djalmo Della Torre
Elaine Fernandes Soares Coffy
Erico Ramos Heckthever
Estéla Cristina Amarilho Mosquera
Eugenio Carlos Pires da Silva
Fabio Branco de Araujo Brauner
Fabio dos Santos
Flavia Decker Raupp
Francisco Carlos Becker Reck
Gabriel de Lellis Junior
Geraldo Salomão
Gerson Luiz Aita
Hercio Ximenes Filho
Hilton Souto Pereira
Luiza Helena Leonetti Borba
Marco Aurélio Lopes Marques
Maria Conceição Mógliã da Silveira
Maria de Fátima da Rosa
Maria Emilia Pereira Cadore
Marjeane Cristina Jacques Hockmuller
Nadimara Lourdes Baggio
Rejane Brahn Araujo
Rogério Schoffel
Rosangela da Silva

1990 II SEMESTRE

Alda Regina Gonçalves Mendes Duarte
Alexandre Garcia Islabão
Alice Behling
Aliçar Darwich
Alvaro Pereira Cassal
Ana Maria Selbach
André Fernando Detoni
Andréia Jorge Bohn
Ângela Rossani Siqueira Dalmolin
Artur Henrique de Souza Porto
Carla dos Santos Rodrigues

Carmem Arlete Fontana
Fabiana Breitemback
Claudio Frederico Camijo
Fernanda Silva Menezes
Fernando Gomes da Silva Neto
Flávia Maria de Mattos Peil
Gabriel Soldatelli Rossetto
Gervásio Ailton Silvestre
Gilnei dos Santos Marques
Guilherme Augusto Storer
Hélio Miguel Lopes Simão
Imarilde Inês Giusti
Itairan da Silva Terres
Jane Maria Camargo Dutra
Javier Enrique Brod Méndez
João Dias Junior
Jucelei Sganderlla
Juraci Almeida César
Julio Cezar Sulzback
Katia Azevedo Pons
Luciane Paiva Casaretto
Luciani Mendes de Oliveira
Lucinda Ignez Romeu Fernandes
Márcia Castilhos Puchalski
Márcia Regina Pinto Sancandi
Mario Roberto da Silveira Pinto
Paulo Fuhrmeister Roessler
Paulo Henrique da Rosa Gonzales
Roberto das Neves Duquia
Rogério Lessa Horta
Rogério Rocha
Rosálvaro José Chagas
Rose Méri Gonçalves Terra
Solange Terezinha Farias Ribeiro
Stella Maris Klueger
Umberto de Oliveira Nunes
Vital Francisco Moura Canez

ANO 1991 - I SEMESTRE

André Terra Bacelo
Angela Soares de Carvalho
Arnildo Schulz
Astério Jerônimo Dorneles Filho
Bernardo Lessa Horta
Claudiney Pereira
Daniel Leonardo Boessio
Darley de Oliveira Machado
Eduardo Lopes Paulúcio
Éverton de Oliveira Ramos
Gilmar Brancher
Gladis Elaine Carnieletto
Helmio dos Santos Pothin
Ieda Margarete Maciel da Silva
Ires Hamyra Bezerra Massaut

Isabela Osório de Freitas
Isis Neli Borges Pintado
Itamar Lorenzoni
Jaqueline Rörig
João Antonio dos Santos Guidotti
João Batista Alves Grisa
João Paulo Weiand
Josana Maria Freitas Medeiros
José Fernando Weissheimer
Leandro Dias
Luciana Halpern
Lucia Wichrestiuik
Magda Elaine Seibt Karsburg
Marcela Bastos Alves
Marcelo Gonzales Favoreto
Marcia Maria Rodrigues Terres
Márcio Bergonsi Turra
Maria Gorete Zago Munhoz
Mariza Fernanda Silveira Garcia
Mauricio Saboya de Albuquerque Neto
Michel das Neves Benites
Moacir Alves da Silva Filho
Pedro Caetano Fernandes
Ricardo Busato Andrade
Ricardo Sacramento Burkert
Sandro Mota Machado da Silva
Ronaldo Campos Hallal
Rubens Henrique Oleques Fernandes
Sharon Eugenia Parchment Henty
Silvia Marta Schultz
Simone Brahm dos Santos
Valdir da Costa
Wilson Dalmina
Vitor Saalfed
Willian Cardoso Vera Cruz
Zenilda Maria Peruzzo

1991 II SEMESTRE

Aldonir Werner
Alejandro Tito Fernandez Silveira
Ana Rita Polvara Bica
Aulus Sevinius Fontes
Carlos Alberto Lise
Clóvis Inácio Philippsen
Cristina Pires Pereira
Daniela Alves Gastal
Darci Luis Duro Janarelli
Ednilson Decarlo Oliveira Lowtenschlager
Edson Coltro
Eduardo Brod Mendez
Elsa Alidia Petry
Emir Squeff Filho
Fabio Zehlaqui Moreira
Gilberto Antonio Crippa

Idomar Antônio Aquilla
Jane Cunha Oliveira
João Batista Baroncello
Joaquim Dellamora Mello
Johnny Sozum Wong
José Leonardo Arroyo Espinosa
Julio Cesar Barrantes Monge
Marcia Elis Aquilla
Marcos Eduardo Avancini Schenatto
Marga Rodrigues Amaral
Paulo Henrique Birck
Reinaldo Rodrigues Leonel Junior
Ricardo Silva Centeno
Roberto Herzer Junior
Rosângela da Costa Lima
Rosemeri Guedes Zander
Rui Steglich
Sílvia Stringari da Fonseca
Sonia Maria Ferri
Susana dos Santos Jorge
Victor de Souza

1992 I SEMESTRE

Alberto Tadimitsu Namazu
Alex dos Passos Palombo
Ana Cláudia Cabral Risch
Angela Beatriz Hirdes Kruger
Antônio Carlos Cons Pedroso
Carlucio Costa
Carmen Cristina Rasch Alves
Celso Joaquim Pereira da Silva
Cezar Tarabal de Oliveira
Claudia Otharan Nunes
Clomar Francisco Milani
Cristiano Correa Batista
Damião Guedes Castro
Edilene Junges
Ericson Dametto
Elisabete Weiderpass
Fátima Fernanda Silva de Souza
Fatima Marussia Krolow
Felipe Pereira Zerwes
Flavio Henrique Prado Goulart
Francisco de Jesus da Silva Verneti
Gerson Pécora da Silva
Iara Kwiecinski
Ismael Souza dos Santos
João Antonio dos Santos Conceição
José Francisco Schulte Ulguim
Kaled Mohamad Ali Eltassa
Marcia Alves Pötter
Maria Verginia Andreola da Rosa
Mirian Jaeger Kluge
Noemia Echenique do Rego Magalhães

Orlando Sanches Junior
Patricia Bueno Miranda
Paulo Roberto Coffy
Pedro José de Albuquerque Müller
Raquel Bosembecker
Ricardo Silva Lucena
Rinede Luís Manfredini
Romulo Viero
Ronei Araujo da Rocha
Sandra Valeria Ivawiski Mello
Sérgio Crespo Felitti
Wolnei Caumo

1992 II SEMESTRE

Abdul Rahman Darwich
Alessandra da Silva Mascarenhas
Ana Maria Lopes Silveira
Angela Guerra Dias
Antonio Regis Jesus de Carvalho
Armando Alexandre Pimentel Nobre Afonso
Carlos Tomás Fernandes Farinha
Cíntia Bretranha Soares
Cláudia Maria Braga Neimeyer
Dalmir Sanzovo
Eduardo Balzano Maulaz
Elisandro Modesti
Emerson José Mainardes
Fábio Amaral Ribas
Fernando Kaempff de Oliveira
Flayane Pinto Kalil
Francisco Salvador Brod Lino
Ione Maria Taufer
Ivan Zardo
Jackson Luís Wbatuba
Jeolimã Eizabete Ramirez Horta
João Manoel Salim Testa
João Roberto Gemelli
Jorge Luís Biachi Trentin
Jorge Luiz Bocasanta
José Oli Guterres
Leila de Fátima El Kadri
Lúcia Herlena Schaun Ribeiro
Luís Josino Brasil
Luiz Carlos Schmalfluss
Luzivã Luiz Sebben Marin
Marcelo Antônio Barbosa Peixoto
Marcos Bönmann
Maria Carlota Borba Brum
Nérinton Felício Pinho
Patrícia Fuhro Vilas Bôas
Patrícia Lino dos Santos
Rafaél Ubirajara Vilela
Reginaldo Figueroa
Robson Pires de Oliveira

Rogério Fonseca Vituri
Roseli Correia de Oliveira
Sandro Rosa da Rosa
Semi El Kadri
Susana Gonçalves Ribeiro Lucas
Valéria Scur
Valmir Guilherme Franz

1993 I SEMESTRE

Antúlio Freitas de Freitas
Armando Dias Pereira Júnior
Aurélio Reinaldo Mendes
Carlos Estêvão Seibel
Daniel Alejandro Machado
Darick Moraes Salim Ali
Elisa Treptow Marques
Gilson Antonio Magalhães
Jaqueline Silva Rebhahn
Jussara Ribeiro Duarte
Lícia Maria Brod Manta
Lorena Coelho Marques
Lorena Hörnke
Lucialet Schiavon Fernandes
Luiz Antonio Chesini
Mara Terezinha Dipp Kurtz
Márcio Alves Barbosa
Marcio Wolmir da Silva Kelsch
Marco Aurélio da Silva
Maria Alice Duarte de Oliveira
Nestor Augusto Machado de Medeiros
Olga Maria Ferreira de Oliveira
Paulo Eduardo da Silveira Machado
Ricardo Luis Mena Vargas Prada
Rodrigo Antonio Zago
Rogério de Barros Macedo
Rogério Tadeu Tumelero
Sandra Luiza Ferri
Sandra Maria da Silva
Sandro Rogério Dainez
Sergio Luiz de Paula Ribeiro
Sérgio Osany Garcia Vieira
Sergio Retkva
Silvana Rayer
Sílvia Schulz Bernardi
Valerio Martins
Vitor Paulo Parise

1993 II SEMESTRE

Ademir Garcia Reberti
Adriana Rochele Brancher
Alexandre Balzano Maulaz
André Garcia Islabão
Carlos Delmar do Amaral Ferreira

Carlos Rogério Degrandi Oliveira
Catalina Concepción Gunsett Pankow
Claudia da Silva Coronel
Claudio Augusto Garcia Thaddeu
Cleusa Maria dos Santos Lopes
Cleves Riberto Ritter
Cristina Bardou Pizarro
Daniel da Costa Ferreira
Daniela Augustin Silveira
Delmar Zanolla
Edival Job Rodrigues Pinheiro
Elias Kalil Neto
Eubrando Silvestre Oliveira
Fátima Isa Duarte Cardoso
Flávia Maria Poletto
Florisberto Lambrecht
Gerson Luís de Freitas Pinto
Gerson Teixeira Zanusso
Gilca Costa Nachtigal
Igor Dias de Oliveira Alcantara
Janine Gattino
João Luís Pontalti
José Fernando Saalfeld
Leonardo Infantini Dini
Lourdes Elizabeth Ayala Otazú
Luís Roberto Azevedo dos Santos
Marcello Fernando Varella
Marcelo de Araújo Ascoli
Marco Aurelio Finger
Marcus Vinícius Petrucci Ferrer
Margarita Coronel Bazzano
Maria Elizabeth Peña Araujo
Maristela Böhlke
Neverton Savaris
Nilton Aver
Patrícia Villas Boas Moreira
Paulo Adriano Pustay
Ricardo Moacir Albert Borges
Sara Jane da Silva Basilio
Silvia Corrêa Martins
Simone Beltrão de Souza
Vélton Luís Lezina Saul
Vlademir Antônio Cousseau
Warton Rocha de Magalhães
Wilton Stang

1994 I SEMESTRE

Abud Homsí Neto
Aira Gleize Vieira dos Santos
Alan Pizzi
Ana Luisa Duro Janarelli
Ana Luiza de Lima Curi Hallal
André Javier Lemos
Cleinner da Silva Teixeira

Cléverson Lara Martins
Cristiana Souto Correa Hecktheuer
Daniela de Azambuja Machado
Delci Inês Zortéa
Eduardo Pouzada da Rosa
Elton Antonio dos Santos
Everaldo Del Carpio
Flademir Carnizella da Rosa
Flávia Ribeiro Sedrez
Günther Schein Hammes
Jayme Dantas Pimenta de Pádua
Jean Carlos Zanardo
Justo Pastor Jara Caballero
Lauro João Provin de Miranda
Leandro Abrão Roismann
Lúcia Helena Scholante Arejano
Lucimeire Manini Zimmermann
Luís Felipe Diniz Fagundes
Luís Fernando Cury Remião
Lusinete Henriques Soares Sias
Marcelo Aelton Cavaleti
Marcelo Schumacher
Márcio Luiz Wiedmer Collaço
Marco Antonio Loss
Marcus Klay Silveira Chiattoni
Mário Augusto Marques
Marisabel da Silva Moroncini
Mauricio de Oliveira
Mitzi Anabella Ureña Pérez
Mônica Regina Moreira
Patrícia Prielernow Treptow
Pedro Oscar Ribeiro Coelho
Ricardo Eli Matias
Roberto Duarte Alves
Ruggero Caron
Sérgio Eduardo Pasa
Sílvia Ramos Hecktheuer
Vanderlei Augusto Madalozzo

1994 II SEMESTRE

Adivanio Cardoso Américo
Adriane Brod Manta
Agueda Chiappini Ubal
Alexandre Garcia Feldens
Aline Garcia Gervini
André Bauer Sica Diniz
Berenice Scaletzky
Bernardo Passos Sobreiro
Carla Tatiana Martins de Oliveira
Carlos Eduardo Oliveira dos Santos
Carlos Endrigo Bueno Nunes
Carlos Jamal de Paula Furtado
Claudia Pereira Casanova
Claudio da Cruz Baungarten

Cristiane Roth Coelho
Eider Nunes Moreira
Eliane Rozales Lopes
Fábio Amaral Cardoso
Fernanda Veleda Ribeiro
Fernando Busetto
Francisco Carlos Luciani
Giovani da Silva Campos
Gladstone Ricardo Lenzi
Humberto de Alencar da Fontoura Castilhos
Humberto de Alencar Oliveira da Costa
João Marcos de Oliveira Casanova
Jorge Luís Xavier Moshoutis
José da Cunha Silveira
Julieta Maria Carriconde Fripp
Leandro Antonio Gritti
Luana Coutinho de Oliveira
Luís Fernando Coelho Recuero
Luis Malizia Cabral
Magda Shehadeh Mahmud
Marcel Pierre Rousselet
Marcela Ximena Yanes Martinez
Marcelo Mesquita Moreira
Marcia Khaled Puñales
Marília Cogno Cotta de Mello
Micaela Garrastazu Paixão Côrtes
Osmar Romeu Bonacina
Otávio Branco Araújo de Faria Santos
Raul Jablonski Júnior
Raul Parra Ferreira de Castilho
Ricardo José Costa
Rogério Caruso Bezerra
Rogério Favassa
Tatiana Kelli Zambonato
Tatiana Mendonça Vincenci Furtado
Vanderlei Bregalda
Vânia Rosa Roman

1995 I SEMESTRE

Adriana Chavarria de Souza
Adriana Maria Silva Vernes
Adriano Fonseca Vituri
Alexandre Luciano Carvalho
Almir Borba de Bastos
Anete Azambuja Pons
Antônio Pedro Lucas Bittencourt
Arnaldo de Oliveira Junior
Ciro de Oliveira Costa
Delfina Ibeth Saez de Gracia
Edilson Silva Machado
Eucimar Antonio Zamoner
Fábio André Costa
Fernanda Torino Reginato
Flávio Tsuyoshi Suto

Gustavo Kaempf de Oliveira
Henrique Saldanha Fortes
Heverson Josué Secco
Jalusa Caetano Osório
José Eduardo Vaz de Souza
José Everaldo Pedrollo Filho
Julliano Comél Basso
Kelen Silene Sedrez Lopes
Lawrence de Luca Dias
Leonardo Lemos Gul
Lídio Derossi
Luciana Calcagno Reinhardt
Luciano Ferreira Dutra
Marcelo de Almeida Quadros
Marcelo Pereira de Araujo
Marcelo Pinto Solares
Maria Angélica Scheidemandel Sieburger
Maria Gislaine Silveira Batista
Marla Vargas Rodrigues
Marli Boniatti
Maurício de Aguiar Andrade
Mônica Hammes Stone
Mônica Neves Lovatto
Nelson Untertriefallner Costa
Rennel Pires de Paiva
Rodrigo Fuga Fialho
Samir Asad Nimer
Vagner Luis Fernandes
Zelândia Granzotto

1995 II SEMESTRE

Alexandra Virginia Guimarães Oliveira
Andréa Maria Rigo
Andrea Soares Floor
Carla Giacomet
Cristina Roveré Gehling
Daniela Barison Matos
Daniela Rodrigues
Débora Parada Pinto
Ernani de Souza Cardona
Ernani Peres Neto
Fábio Franz da Costa
Fernando Aloísio Faccini Bergmann
Flavia Moreno Lahude
Flavio Alberto do Amaral Porto
Gabriel Ribeiro Toniazzo
Greice Silveira Rizzo
Iara Isabel Bacchi
Jorge Alberto de Souza Corrêa
Juliane Iepsen
Laurence Morales Nogueira
Leandro Infantini Dini
Leandro Luís Assmann
Lisiane Sá da Silva

Luís Fernando Scheiffer Girardello
Marcia Costa Morales
Márcia Rego Maciel
Márcio Fernando Lopes de Oliveira
Marco Antônio Pereira de Almeida
Mari Lucia Alves de Castro
Mauro Sávio Soares Alves
Mohamad El Kadri
Natalino Rinaldi
Paula Alves Massaro
Paulo Fernando Wetzel de Mattos
Paulo Luís Farias Fernandes de Barros
Roberto Rapetti Moreno
Róger Rodrigues Berçot
Ronise Amorim Ribeiro
Rosana Fontana
Sandra Roberta dos Santos Chagas
Sandro Roberto
Sigrid Justina Jacinta Chicata Suttmöller
Simone de Menezes Karam
Valdeni Nunes Pereira
Valmir Carlos Biesek

1996 I SEMESTRE

Ali Hussein El Kadri
Ana Paula Brunet Assmann
Antonio Marcos Weschenfelder Duarte
Carla Maria Maia Garcias
Carlos Olavo Silva Chaves
Cíntia Ribeiro da Luz
Danisa Freire Dorow Andrade
Edimar Solanho
Elice Lins
Elisabete Garcia Monfrin
Elton Silveira Galarz
Erico Barth
Giane Elias Mesko
Glaucia Flores Bortoluzzi
Jairo André Both Silveira
João Carlos Tussi
Katia Correia Rodrigues Rivero
Leonardo Torre Falkenberg
Lirio Barreto
Marcelo Budke
Maria Angelica Ney Morello
Norma Beatriz Vera Melgarejo
Paulo Diniz Clausen de Araújo
Paulo Henrique de Oliveira Rodrigues
Paulo Sergio dos Santos
Sandro Eduardo Zapelini
Sílvio da Silva Neto
Tatiana Ribeiro da Silva
Teresinha Adelaide Boff
Tulio Menezes Assmann

1996 II SEMESTRE

Adebunmi Bashiru Dosunmu
Adelar Breitenbach
Álvaro Garcia Louzada
Ana Paula Arbo Magalhães
André Borba Reiriz
André Guerreiro Gonçalves
Andréa Carvalho de Araújo
Anelise Hadler Tröger
Arnildo Agostinho Hackenhaar
Carlos Alberto Teixeira Farias
Carlos Eduardo da Silva
Christiane Sachet
Cláudia Abreu Corrêa
Cristiano da Rosa Moreira
Cristiano Edgar Turra
Deisi Maria Wiebbelling
Edi Marlene Sant'Anna Monteiro
Edson Luis dos Santos Cardoso
Eliciane Silva Gutierrez
Etsen Patzlaff
Fabiane Ribeiro Suder
Fabiano Rolim Batista
Fábio Yoriaki Yamaguchi
Fernando Cons Pedroso
Gérson Antônio Antonini Carlosso
Humberto Rodrigues Beijoso
José Dalmiro e Silva Luiz
José Luís de Castro e Silva Pretto
Juarês José Bassani
Karine Pato Hoffmann
Lílian Schwanz Lucas
Marcelo Amaral Piva
Marcelo Oliveira de Menezes
Marcelo Pasqual Barbisan
Márcia Sittoni Vaz
Márcio da Silva Silveira
Marco Antonio Farias do Nascimento
Maurício Rezende Gomes
Milene de Moraes Sedrez
Otávio Goulart Fan
Paula Berenhauser D'Elia
Regina Kuritz Pessoa
Renato Martinez Pereira
Renato Sato Capelari
Ricardo Rodrigues Nunes
Rogério Tomasi Riffel
Romário Miranda Pacheco Filho
Rosângela de Mattos Müller
Sandra Ferreira Belmonte
Sandro de Macedo Marques
Sandro Schreiber de Oliveira
Simone da Silva Afonso
Simone de Oliveira Backes

Soila Beatriz Vetromile Lemos

Tiana Guerra de Gusmão

1997 I SEMESTRE

Alexander Augusto Vassoler
Alexandre Zanuncio D'Ávila
Alexis Vasiluk Knebel
Ana Maria Zeni
Ana Paula Mundel
Andrea Breitenbach
Angela Vitória Domingues
Ary Carnieletto Júnior
Basilio Jara Segura
Cláudia Almeida Pizarro
Cláudio Augusto Garcia Thaddeu
Cláudio Moreira Lima
Cleison Omar Casagrande
Daniela Haas
Danilo Madruga Vaz
Débora Hendler Gava
Enio Bragagnolo
Fábio Augusto Pinheiro Gomes
Farly Rignel de Oliveira
Fernanda Rota de Sousa
Fernanda Schild Branco de Araujo
Fernando Arruda Ramos
Gandhi Bottermund Galli
Gleisy Einhardt Vergara
Iândora Krolow Timm
Jackson Luís Köpp Setti
Jardel Karin da Silva Vergara
Luciana Tohmi da Silva
Luciane Alencastro Prates
Luciano de Oliveira Teixeira
Luís Carlos Ferreira
Márcia Lima de Castro
Marco Antonio da Silva Carvalho
Maria da Graça dos Santos
Maria Laura Neme Urioste
Maurício de Holleben Vargas
Mercedes Simões Neves
Nilo de Andrade Tessari
Nery Antonio de Matos Junior
Patrícia Larrosa Freire
Paulo Affonso Salgado Filho
Pedro Ribas de Mello Filho
Rita de Cássia Alves Lira
Rodrigo Fetter Lauffer
Sabina Bandeira Aleixo
Sandro de Mattos Dias
Sérgio Souza Burch
Sharon de Mello Ferreira
Simara Gorski do Amaral
Simone Jean Machado Bucheweitz

Telmo Ramos Ribeiro Filho
Valéria Dutra Moreira da Silva
Vânia Fracalossi
Vilmar Dalbosco
Vitória Régia Fernandes Amaral
Wladimir Ribeiro Duarte

1997 II SEMESTRE

Adriano Tavares Conceição
Alessandro Delgado Louzada
Ana Rosa Vaccari
Bernardo Garcia de Oliveira Soares
Carla Vitola Gonçalves
Daniel Pedro Freitas Andrade
Danielle Kuhn
Eder Tasqueto de Mello
Ediane Gonçalves Ávila
Eduardo Bauer Gröhs
Eduardo Guimarães Camargo
Eduardo José Rodrigues Palma
Eleonora Estrela da Silva
Eliane Leni Eymael
Elisângela Barbosa da Silva
Emir Martins Junior
Evandro Freddy Mulinari
Fábio Buchorn
Fábio Coelho Guarany
Fabrício Caron
Flávio Steinhorst
Gustavo de Mattos Roxo
Helder Lucio Ganacin
Igor Giovanni de Oliveira Bica
Juliana Yorimi Yamaguchi
Karina de Oliveira Lima
Liriane Comerlato
Marcelo André Rocha Ostrowski
Marcelo Rodrigues Cardoso de Aguiar
Márcio Berenhauser D'Elia
Márcio Diniz Borges
Maria Adelaide dos Santos Rodrigues
Marisa Peçanha Knelsen
Maurício Moraes
Miguel Angel Dias dos Santos
Orsení José dos Reis dos Santos
Pablo Miranda de Oliveira
Raúl Alberto Valiente
Ricardo Kaempf de Oliveira
Ricardo Santos Holthausen
Roberto Tsuneo Cervato Sato
Rui Fábio Dalmagro

1998 I SEMESTRE

Alessandra Elena Diehl Branco dos Reis
Amara Alice Pereira Darros Casanova

Ana Letícia Dalcin Lago
Ana Paula Milheira Angelo
Auri Rocha Duval
Cátia da Silva Beskow
Cláudia Terezinha Ávila Nogueira
Cristina Andrighetti
Daniela Ferreira D'Agostini
Deisi de Andrade de Paiva
Denise Valentini
Denise Winkler Simões Pires
Eduardo Soares Devens
Elvem Fabiane Silva dos Santos
Estela Regina Eidt
Fabiano Castro Albrecht
Fábio Moro
Fábio Valente Gomes
Gládis Helena Cercato Gomes
Jean Abreu Machado
Juliana Santos da Silva
Lemuel Silva Paredes
Luciana Carreira Wezka
Luís Fernando da Silva Rodrigues
Marcelo Souza Duarte
Mário André Semtchuk
Mário João Bisi Junior
Otávio Bubolz Braga
Raquel Amaral Machado Lobato
Renan de Oliveira Barbosa
Rodrigo Pinto Bettin
Rogério Riet Vargas Tomasi
Rovani José Rinaldi Camargo
Roxana Nunes da Rosa
Sandro Luis Pivatto
Sheyla Maris Nicareta
Simone Minuzzi Catto Vaz
Simone Nobre de Castro
Simone Rosales Alves Nunes
Tomy Fidler
Vanessa Martins de Oliveira
Viviane Fagundes Moreira

1998 II SEMESTRE

Adriana Elisa Wilk
Alejandra Beatriz Cortes Torres
Alessandra Aparecida Paz
Alessandra Teixeira de Oliveira
Alexei Peter dos Santos
Ana Cecília Medeiros Mano
André Luís Weber
Andrea Ribeiro de Souza
Aryadne Hautsch Oikawa
Carla Adriana Belem Frömming
Caroline dos Santos Tejada
Cátia Testa Cavedon

Claudia Adriane Traesel
Claudia Santos Lorenzato
Cristiane Aparecida Gomes
Daniel Engel da Cunha
Darlan Corrêa Bento
Débora de Borba Motta
Edson João Medeiros Cardoso
Eduardo Mylius Pimentel
Fernando Roberto Roman
Gilmara Farias Coelho
Humberto Takizawa Berner
Josema Rita Ghisleni Raimann
Juliana Ferrai de Oliveira
Juliandra e Costa
Júlio César Rigo
Karen Mirna Loro Morejon
Karine Hoenisch Peixoto
Katia Rosane Teixeira Bugs
Luis Fernando Teixeira
Marcelo Leal Scowitz
Márcio Osorio Guerreiro
Marcos Farias Vogt
Neusa Azzollini
Nímio Rafael Garcete Balbuena
Pedro Corrêa dos Santos
Rogério Urdapilleta Rodrigues
Sadi Roberto Menta
Sandro Vargas Rodrigues
Viviane Boque Corrêa de Alcantara
Yamara Gomes da Silva

1999 I SEMESTRE

Alfredo Slawski
Allan Pierre Foltz
Ana Claudia Alves Perez
Anick Augustin Oliveira
Cíntia Pinto de Carvalho
Cristiane Hallal da Silva
Cristiane Tarter da Silveira
Denis Souto Valente
Deórgelis Rosso
Fabiano Cunha Gonçalves
Fábio Lemos Macedo
Franco Antônio Fernandes
Hibanes dos Santos Rodrigues
Ingrid Parra Novo
João Ricardo da Rocha Bohrz
Juliana Schneider Gewehr
Lauren Miguens Wasielesky
Leandro Pretto Orlandini
Leonora Zozula Blind Pope
Luciane Steinhaus
Simone Steinhaus da Silva
Luciano Niemeyer Gomes

Marcelo Seabra Bernardi
Maria Amélia Medeiros Mano
Maurice Coffy Cremonti
Melissa Tonelli Nunes
Monia Di Lara Dias
Paulo Ricardo Thomaz da Silva
Rosecler Alice da Silva
Roseli Crestani
Sandra Lara Vignol Nunes
Saskia Costa de Boer
Sílvia Gabbi Trombini
Simone de Quevedo e Silva
Viviani Magagnin

1999 II SEMESTRE

Airton Michelin
Alessandra Silveira Teixeira
Alexandre de Sousa Coelho de Lima
Ali Said Neto
Ana Claudia Hisé Ferrari
Ana Guerda Klumb
Angela Jacobs Artico
Betina Nogueira Martins
Carlos Eduardo Magro
Carlos Ricardo Famfa Bastos
Carolina Ziebell
Caroline Crespo da Costa
Cristian Duval Silva
Cristiane Gonçalves dos Santos
Daniela Fenker
Deise Gevehr
Eduardo Lorenzo Bórnia
Fabiano Donato Gonzalez
Ivanete Minotto
Joanine Girardi Kettner
Joemerson Osorio Rosado
José Anilton da Silva
José Antonio Ustra Zaquia Alam
Leila Cristina Sanchez Abdallah
Licínio Argeu Alcântara
Lisiane Nassere
Luciana Matos Xavier
Luciano Trentin
Marcelo Madeira Quadros da Silva
Mauricio Brum Gomes
Melissa Peixoto Conti
Michele Forgiarini Ferreira
Patricia Elisabete Gonçalves da Silva Curi
Ricardo Hideki Matsui
Rita de Cassia Costamilan
Saada Avila Chidiac
Silvia Saueressig

2000 I SEMESTRE

Alessandro Landroskron Diniz
Alessandro Postal
Alexandre Rodrigues Nunes
Ana Amélia Costa
Ana Paula Pereira Neto Barbosa
André Luiz Baptista de Oliveira
Angélica Maria da Conceição Teixeira
Antônio Augusto Fonseca
Auro Prochnau
Bartolomé Francisco Soler Diano
Bianca Medeiros Coutinho
Carlos Eduardo da Conceição Lemos
Carolina Branco Araujo de Faria Santos
César Eduardo Leitzke
Cinthia Scherer Vieira
Clairton Tosetto
Claudia Scarsi
Claudio Veroneze
Daniel Yutaka Yamaguchi
Daniela Piva Tonato
Edevar Rodrigues Machado Junior
Eduardo Soares Bettin
Fabricio Gomes Dionello
Glênio Fernando Nunes Kanaan
Gustavo Zambrano Torre
José Augusto Chimendes Rodrigues
José Menna Oliveira
Laura Sigaran Pio de Almeida
Leandro Ariel Dei Ricardi
Luciana Segat
Luciano Barros Pires
Luciano Bauer Gröhs
Luciano Nunes Duro
Luiz Gustavo Silva de Lima
Marcelo Rodrigues Gonçalves
Marcelo Waltrick Teixeira
Márcia Ribeiro Duarte
Marcia Teresinha Giacobe
Maria Cristine Igansi da Cunha
Marla Eneida Batista Teixeira
Marlon Schleder Corrêa
Marta Gonçalves Perelló
Melissa Barcellos Azevedo
Mirton Cesar Fernandes In da
Nariel Rodrigues Ferreira
Patrícia Anderson Westendorff
Paulo Roberto Bavaresco Caponi
Ramsés Valdivio Gonçalves Torres
Ricardo Augusto Corrêa Kaufmann
Roberto Longarai Daher
Roberto Pierobom Lima
Roberto Rheingantz da Cunha Filho
Rodrigo Bradacz

Rodrigo Pereira Duquia
Ronaldo Cecagno
Rosemeri Noguês Bichet
Scilla Correia Lima da Silva
Sidney Kunen
Silviane Bica Cardoso
Valéria Tejada Neutzling
Vera Regina Lopes da Silva
Viviane Bueno de Carvalho
Viviane Marracci Schiroky
Wagner Farias Xavier

2000 II SEMESTRE

Adenilson Niederauer
Adriano Mattana Dall'Alba
Ana Amélia Oliveira Raupp
Ana Cristina Beitia Kraemer
André Ribeiro Nascimento
Aparecido Cícero Todeschini
Bianca Lamas Gervini
Charles Schwantz de Lima
Cirilo Victor González González
Cristiane Rios Petrarca
Cristiano Eusébio de Almeida
Cristiano Iribarrem Monteiro
Cristiano Lago
Elza Medeiros Gonçalves
Evandro Vanti Gonçalves
Gaspar Araújo da Silva
Gustavo Almeida Bielinski
Igor Ricardo Mihara Mendes
Ivana Barreto da Silva
Juliana de Mattos Ulysséa
Lorizeti Maria Chicoski Castelo
Lúcia Cláudia Pereira Barcellos
Luigi Alves Massaro
Marcelo Alessandretti
Marcelo Calcagno Reinhardt
Márcia Raquel Tizziani
Márcio Paz Telesca
Michelle Cristina Dal Bosco Nesello
Patrícia Portantiolo Manzolli
Rafael Lokschin Duarte da Silva
Rafael Moura da Luz
Ricardo Lanzetta Haack
Roberta Savaris
Roberto Carlos Baroni
Rodrigo da Silva de Brito
Rodrigo Maciel de Freitas
Rodrigo Sanderson
Rômulo Mombach
Silvio Cabral Lena Souto
Tatiana Martins Rotta
Tiane Nogueira Salum

Vilson Rogério Weige Marth
Vitor Ben

2001 I SEMESTRE

Alexandre Tavares Franz
Aline Garcia Islabão
Ana Paula Weinberger Oliveira
Andréa Souto Silva
Carla Fernanda Furtado Gardani
Carolina Avila Vianna
Cintia da Silva Afonso
Cláudio Luiz Pizarro Pilotto
Cleiton Vitoria Alam
Cristiano Rocha de Oliveira
Cristina Rodrigues Osório
Daniel Sampaio Marques
Elton Antonio dos Santos
Fábio Ferreira da Cunha Brião
Favio Marcel Teliz González
Felipe Sedrez dos Santos
Fernando Antônio Malfatti
Fiorella Rehbein Santos
Gabriela Martins Silveira
Gleissy Costa Dornelas
Henrique Ribeiro Isaacsson
José Julio Koboldt Guimarães Neto
Josiano Carlos Valerio
Jovânio Fernandes da Rosa
Juliano Bussolletti Chiattoni
Kligiel Vatutim Betezek da Rosa
Lara Franken Ciupak
Leandro Passos Sobreiro
Luciano Daniels
Marcelo Boeing
Marcelo Coltro
Marco Aurelio Becher
Odair José Nardi
Paulo Renato Stosch da Silva
Rafael Ruschel Utzig
Railson Valero Lucin
Raquel Gonçalves Härter
Rita de Cássia Fossati Silveira
Rodrigo Nieckel da Costa
Rogério Gonçalves de Vasconcelos
Sergio Ricardo Chemin Leopolski
Tatiana Jacondino Rehling
Thaís Franz da Costa
Valdemir Spricigo

2001 II SEMESTRE

Adnan Haddad
Alethea Zago
Beatris Ribeiro Barbosa

Carla Camacho Sartori
Carlos Rodrigues Filho
Cinthia Rodrigues Curi Hallal
Cleo Gama Pinheiro
Daniel Brito de Araujo
Daniel Zanatto Nobre
Diane Meri Arruda Ribeiro
Dilamar Antonio Baranowski
Eduardo Coelho Machado
Eduardo Manfrim Farias
Elicarlos Zago
Elisangela dos Santos Boeno
Fabiano Bergamaschi
Fabio Eduardo Nunes Vieira
Felipe Centenaro Hellwig
Fernando Ribeiro Silva
Giovani Neri Spricigo
Gislaine Krolow Casanova
Gustavo Pereira Zerwes
Jeronimo Chagas Martins
Joana Angélica S. Augusto Baptista da Silva
Juliana Lima da Cunha
Laura de Moraes Gomes
Luiz Henrique Campos da Motta
Marcelo Fernandes Capilheira
Marcelo Quirton Goulart Signoretti
Marcos Drehmer Rodrigues
Marcos Michel Gromowski
Marina Peres Louzada
Matheus Tonello
Moises dos Santos Carvalho
Paulo Cesar Moschetta
Paulo Henrique Dondoni
Rafael Gomes Karam
Raul Vieira Amaral
Ricardo Bertolino da Silva
Ricardo Ribeiro Amin
Rita de Cássia Terres Camargo
Roberta Colvara Torres
Rodrigo Kraft Rovere
Rodrigo Mendonça
Rostanda Marti Meiréles
Rubens Flores
Samuel Corrêa
Valdir Jucoski
Vitor Félix Torres
Ziyad Abdel Hadi

2002 I SEMESTRE

Adilson Teixeira Teodoro
André Porfirio
Andréa Cunha Magnani
Andréia Angelo Bazzo
Andreia dos Santos Cestari Siewerdt

Ângela Rodrigues Leston
Carolina Deves
Cassius Cristian Rodrigues Furtado
Cíntia Leandra Alves
Cleverson Galvan
Daniel Rios Pinto Ribeiro
Daniela Dutra Sallaberry
Diego Antonio Pires
Edgar Caldeira Reis
Flávio Luciano Lindemann
Gabriela Roncone Gastal
Henrique Edimilson Yoshiharu Sera
Joel Boeira da Silva
Josielle Chaves Granero
Juliana de Carvalho Moura
Leonardo Gheller Zanatta
Leonardo Menegaz Conrado
Leonardo Pérez Zeni
Luciana Corrêa Argondizzo
Luciana Reis Katz
Lysandro Alsina Nader
Malagute dos Santos
Marcelo Alexandre Pinto de Britto
Marcia Cristina Machado dos Santos
Márcia Denise Borges Farias
Mariana Palazzo Carpena
Mario Henrique Kato
Paula Behr
Rady Dariel Trento
Renato Dornela Vieira
Rodrigo Brezolin
Rodrigo Rossi Bueno
Rogério Trentin
Silvio Rossano Jacobsen da Fonseca
Vinicius de Paula Guedes

2002 II SEMESTRE

Adilson Nunes Filho
Carlota Maria Miala
Cecília Fernandes Loréa
Daniel Fontana Pedrollo
Danilo Benitez Lopez da Silva
Débora Afonso Campello
Deivid Claudy Colombelli
Emilene Firpo Del Duca
Enrico Granzotto
Fábio Benedetti Rodrigues
Felipe Rodrigues Cunha
Fernanda Favero
Fernanda Lago
Fernando Endler Carvalho
Gabrielle Scattolin
Gustavo Mechereffe Estanislau
Irlene Silva da Cunha

Jamil Youssif Abdallah
Jefferson Quevedo Devens
Juliana Leal Manica
Juliana Rodrigues Zanatta
Katia Lanzetta Haack
Kelly Abrey Machado
Leandro Quintana Becker
Leonardo da Silveira Lucas
Leonardo José Ribeiro
Luciana Frizon
Luciane Maria Alves Monteiro
Luis Sérgio Jarreta Thomas
Luiz Fabiano Gomes Gularte
Marco Streliaev Centeno
Mirian Cristine Vahl Machado
Orlando Borges Neto
Otávio Hissé Gomes
Patricia Reis Pereira
Patricia Weykamps Steinmetz
Pedro Bandeira Aleixo
Pedro Vieira da Silva Magalhães
Priscila Machado Leitzke
Ricardo Macedo Bainy
Richarles Borba Bastos
Rita Ferrúa Farias de Oliveira
Tales Szuster Marçal
Thaia Rosa Corrêa da Silva
Tiago Alexandre Pianowski
Tiago Daltoé
Vanucia Aquino da Mota
Vinicius Borges Soares

2003 I SEMESTRE

Adilson Cordeiro dos Santos
Adriana Rodrigues Bennett
Adriano Mauricio Santos
Alessandra Correa Weber
Alessandra de Almeida Bilhalva
André Coelho
André Luiz Moschetta
Clauceane Venzke Zell
Cleiton Schweitzer Peron
Cleonir José Dias
Cristiano André da Silva
Daniele Lessa Cardoso
Danielle Côco Pozzebon
Danise Senna Oliveira
Débora Santos dos Santos
Deise Simone Serafini
Ernani Busatto Veloso
Fabiano Tieppo
Fernanda Carolina de Macedo Binati
Fernando Mario Sefrin Júnior
Geniara Silva Conrado

Giorgio Pretto
Gustavo Luis Nunes Pretto
Isabela Martins Gomes Xavier
Juliana Kratochvil
Juliano Palmiro Cunha
Juniano Caballero Barbosa
Kelen de Moraes Cerqueira
Kellen Chaves da Silva
Lilian Mitiko Ouki
Lorena Silva da Rosa
Mara Rodrigues Alves
Mauricio Figueredo de Figueiredo
Milena San Martins Mendonça
Niani Sgarbi Silveira
Pablo Grosch
Patricia Moreira Bom
Racine Procópio Teixeira
Raquel Fonseca Ferreira da Silva
Roberto Suaya Godinho Netto
Rodrigo Ferreira Garcia
Rodrigo Riefel Guimarães
Rogério Gonçalves Cunha
Samir Sanches Abdallah
Sérgio Olivio Dalcin Lago
Tatiana de Freitas Damé
Victor dos Santos Vernes
Walter Kiyoshi Iamamoto

2003 II SEMESTRE

Adalgiso Feijó Malaquez
Alice Donato Gonzalez
Altair Ivory Heidemann Júnior
Ana Alice da Silva Furtado
Ana Cristina Haas
André Frizon
Cíntia de Azevedo Soares
Claudia Corrêa e Corrêa
Clayton Mazzochi de Lima
Diego Rodrigues da Costa
Doriano Venturini
Douglas Coltro
Eduardo da Silva Brum
Eduardo de Barros Coelho Bicca
Eduardo Ferreira Medronha
Emerson Oliveira Alves
Fábio Lorea Lawson
Franciani de Oliveira Basso
Frederico Sedrez dos Santos
Gisele Alsina Nader
Gleide Martins
Helvio Rossetto
Homero Luís Alves Gastal
Juliana Zaltron Morelli
Leandro Maia Ramalho

Leonardo Machado de Carvalho
Livia da Rosa Pauletto
Luciana de Oliveira Neves
Luciano Oltramari Sponchiado
Marcelo Arruda Ramos
Marcelo Quintanilha Azevedo
Márcia Taschetto Motta
Márcio Augusto Averbeck
Marcos Roberto Pacheco de Souza
Maria Simone Oliveira do Amaral
Martha Farias Collares
Melissa Ellwanger Monteiro
Melissa Machado Ferreira
Mirella Cristiane de Souza
Paulo Alves dos Santos
Pedro José Leva Junior
Rafael Antoniazzi Abaid
Rafael Dias de Oliveira Alcantara
Raquel Acosta Moncks
Raquel Brod Storch
Rodrigo Aguiar Barbosa
Rodrigo Mello Teixiera
Sabrina Rodrigues de Souza

2004 I SEMESTRE

Ana Claudia Marques Barbosa
Anderson Corrêa Mussi
Andressa Thier de Borba
Andréa da Silva Weinberger
Bruno de Moraes Gomes
Cinara de Oliveira Kopacek
Cristiane Marcele da Silva Pinz Camargo
Daniel Navarini
Daniela Muñoz Nogueira
Edson Yorinobu Yamaguchi
Éder Menegassi Martel
Fernanda Mendes
Flavia Emilia Bebbber
Flávia Corrêa Guerra
Flávia Vaccaro Casagrande
Guilherme Graça Cardoso
Guilherme Moraes Krüger
Ivana Gomes de Araújo e Castro
Ícaro Samuel Pedroso de Oliveira
Janaína Viana Stolz
Jeana Cristina da Silva
João Lourenço Bazzi Junior
Juliana Faggion
Juliana Fiss Lambrecht
Karen Iribarrem Nogueira
Kelly Carballo de Souza Mello
Leandro Kruel do Nascimento Filho
Leonardo Danilo Lopes Alves
Leonardo Oliveira Nobre

Liana do Amaral Neves
Luiz Claudio Severo Nunes Ibaldo
Marcus Vinícius da Silveira
Maria Cristina Biesdorf
Márcia Vargas de Farias
Melissa Fiala Pierobom
Miguel Roismann
Pablo Fernando Batista Biavaschi
Pedro Lemos Macedo
Pedro Rheingantz Abuchaim
Priscila Coelho Amaral
Priscila da Silva Echevarria
Rafael Guedes Diaz
Renata Coelho Werthein
Ritele Hernandez da Silva
Rodrigo Cantarelli Pereira
Sabrina Suter Moreira
Tatiane Coghetto da Rocha

2004 II SEMESTRE

Alcides D'Artagnan Bueno Nunes
Alessandra Moreira Bender
Alexander Gonçalves Sacco
Alexandre Sanches Laranjeira
Anderson Cunha Machado
Anderson Saldanha Mendes
Andréa Borba Guimarães
Andréa Maria Rauber
Betânia Pires Costa
Bruna Arend
Carolina Simões Pires Esteves Ostermann
Cássio Mello Teixeira
César Augusto Silveira Nunes
Charlane Silva de Vasconcelos
Claralise Felsche Pacheco
Cláudio da Silva Zachia Alan
Diana Martins de Campos
Eduardo Noal Garcez
Elisiane Zenaro
Émerson da Silva Moreira
Fernando Cesar Vieira Silva
Fernando Marcelo Viegas Marques
Gabriel Garcia Rolim de Moura
Ícaro do Bonfim Majer
Íuri dos Santos Barros Viana
Juliana Brod Lokschin
Ligia Calina renuncio
Lívia Freire Brum
Louise Trindade de Oliveira
Luciana Camargo
Luiz Antonio Oliveira Inacio Junior
Márcio da Silveira Rodrigues
Martín Rodriguez Corrêa
Mauro Sittoni Vaz

Pablo Gnutzmann Pereira
Patricia Amorim Dutra
Rafael Angelo Buratto
Rafael de Almeida
Roberta Fernandes Franz
Rodrigo Latosinski do Amaral
Sabrina Gehrke
Tadeu Antonio di Francesco Pocali
Tiago Bonilha de Souza
Ticiania Granzotto
Vanessa Galvan

2005 I SEMESTRE

Alexandre Dantas Lopes
Alexandre Mitsuo Morita
Aline Chaves Duarte
Ana Izabel Costa de Menezes
André Aguiar Sá
André Franz da Costa
Andréa de Cássia Sincero
Andrei Bandeira Nakagawa
Bianca Weber
Carlos Eduardo Ficht de Oliveira
Cassiano dei Ricardi da Rosa
Ciarlo Barragana Fonseca
Cristiano Toss
Daniela Thones Mendes
Eduardo Campelo Tavares
Eduardo Gehling Bertoldi
Eliana Antunez Westrupp
Elza Cristina Miranda da Cunha
Fábio Almeida Morais
Fábio Martins Pereira
Fabiola Schorr
Fernando Guedes da Silva Junior
Francine Zanetter
Gabrielle Lazzaretti
Gisele de Souza
Gledis Lisiane Correa Luz Mota
Ítalo Pires Farias
Jacson Andreolli
Jean Carlo Miiller
Justino Fermin Amonte Anacker
Liliane Vizotto
Luciana dos Santos Schraiber
Luciano Tessmann de Almeida
Marcos de Souza Antonialli
Marta Gomes Zambrano
Matheus Saretta Noal
Michel Georges dos Santos el Halal
Rafael Pontos Napolini
Ralf de Souza Stein
Sonia Tessmann
Victor Felipe dos Santos Tejada
Viviane Vargas Vaz

2005 II SEMESTRE

Alexandre Härter Palm
Aline de Souza Streck
Ana Cláudia Wottrich
Ana Júlia Schiroky
Ana Paula Godinho da Silva
Carla Freitas Marchionatti
Cláudio Viana Silveira Filho
Cristiane Becker Neutzling
Cristiane Cásseres Teixeira
Darci Pegoraro Casarin
Dariano Passamani Floriano
Diego Halim de Matos
Diego Rosso
Diogo Dellazari
Fábio Piccinini
Flavia Marchiori Cristelli Kato
Flávio de Paula Cardoso
Frederico Hellwig Coelho
Giuliano Stefanello Bublitz
Gustavo Schneid da Silveira
Háreton Araujo Lamb
Ivan Brezolin Marquette
João Henrique Ardenghi Feldens
Jordana Schmalz
Juliano Piva
Karinhela Tatiégene Junges
Leandro Moraes de Figueiredo
Liana Farias Leiria
Luceli Dallanora Viera
Luciana Alonzo Heidemann
Luciana Ferrugem Cardoso
Marcela Godoy Dias
Marcos Geber Andreazza
Mauri Caldeira Reis
Michel Ghisi Callegari
Paulo Antonio Lague Junior
Paulo César Volpato
Paulo Constantino Rossato
Ricardo Leivas Moraes
Roberto Coswig Fiss
Rodrigo Dessuy Haag
Rodrigo Moro Palmeira
Thomaz Pereira Sperb
Vanessa Engelmann

2006 I SEMESTRE

Adilson Roberto Tavares da Silva
Amanda Flávia Rodrigues Moreira
Andressa Dallanora
Ângelo André de Melo Dias
Cassiano Ricardo Goulart
Christian Pinto Granada
Cíntia da Silva Medeiros

Clarissa Sayuri Kato
Claudia da Rosa Muñoz
Daniel Augusto dal Moro
Dante Morelli Machado
Diego de Borba Damasio
Everton Quadros Fiebig
Fernanda Tcatch Laueremann
Guilherme Augusto Linzmeyer
Henderson Eduarth Schwengber
Joise Giovana Giarolo
Juliana Van de Sande Lee
Juliano Lima Santos
Kelly Crestani
Leonardo Lemos de Souza
Leticia Gomes Lobo
Marcelo Henrique Ventura
Mariana Vianna Zambrano
Michelle Pinto Kaster
Michelle Zolet
Otávio Bório Dode
Otávio Cunha Freitas
Patrícia Calearo Cardoso
Patrícia Peres de Peres
Person Antunes de Souza
Rafael Rovaris
Raphael dos Santos Silva
Reginaldo Oenning
Renato Locks
Rozana de Miranda Mendes
Siomara Tenroller
Tatiana Lauxen Peruzzolo
Thales Cantelle Baggio
Thiago Quirino Tubone

2006 II SEMESTRE

Alex Sandro Pedroso da Rosa
Aline Damé D'Ávila
Ana Barbosa Duarte
Ana Lúcia Mello Fonseca
Andréa Quintana Langone Minuzzi
Augusto Nobre Kabke
Bárbara Tomasi Sassi
Chen Ju Lin
Chiara Scaglioni Tessmer
Cíntia Vasques Cruz
Claudio Raphael Pilownic
Daniela Zilio Larentis
Denis Santolin
Eduardo Faria Leite
Estevão Peixoto Monteiro
Fábio Trentin
Felipe da Silva Camacho
Huei Ju Lin
Igor Ossanes Kaiser

Isabelle Maffei Guarenti
Laércio João Bazzanella
Laura Garcia de Borba
Lênin de Lima Rodrigues
Liana Guedes da Silva
Lizie Ellen Taguchi
Lucas Mendes
Luciane Iriart Teixeira Padilha
Lucinano de Brito
Luis Ernesto Víquez Vargas
Luiza Vieira da Silva Magalhães
Marcelo Maraninchi Pavesi
Michele Nunes Pinho
Otávio Costa Diaz
Patrícia Vargas dos Santos
Paulo José Irigon Pereira
Ricardo dos Santos de Medeiros
Roberto Reinecken Von Laer
Samuel Dutra de Carvalho
Thiago Vernetti Ferreira
Tiago Scherer
Vanessa Vianna Duarte
Vânia Mota da Rosa
Victor Manuel Brízida Garcia Neto
Vinicius Borges Machado

2007 I SEMESTRE

Ademar Schmitz Junior
Aline Camargo Fischer
Augusto César Sedrez Porto
Cibele Vargas da Silva
Cristiane Pereira dos Santos
Cristiano Devenci Vendrame
Daiane Schmachtenberg
Daniel Von Spitzenberger
Daniela Viecceli
Débora Piva
Débora Zeni
Eduardo Dal Magro Marcon
Eduardo Fagundes Cardoso
Elka Juliana de Oliveira
Eloísa Klein Lopes
Ettiene Mattos da Silva
Fábio Spuldaro
Felipe Graff
Felipe Mendes Götze
Fernanda Figueira Jorge
Fernando Behrendorf Reis
Felipe Kwiatkowski
Franchesca Fripp dos Santos
Gabriel Proto
Gabriela Bestani Seidel
Guilherme Locks de Loyola
Juliana Costa Maia

Juliana Hardtke Teichert
Letícia Nunes Winck
Luciano Machado Pereira
Luiz Antonio Zanotelli Zanella
Luiz Carlos Pereira Júnior
Luiz Fernando Campos Borges
Luiz Fernando Longhi Cervantes
Mariana Cheuiche Chaves
Michele Ulguim de Oliveira
Murillo Martins Correia
Paola de Moraes Peraça
Paulo Eduardo Zanon
Rafael Bohns Blaas
Ricardo Oliveira da Fonseca
Ricardo Pereira Sanchez
Roberto do Carmo e Silva
Vanessa Schultz

2007 II SEMESTRE

Adriana Figueiró da Silva
Aldo Yanaze Oda
Aline Koth Menegon
Ana Lúcia Torres da Silva
André Simoni de Jesus
Áurea Carolina Machado de Sousa
Bibiana Policena de Oliveira
Bruna Adolfo
Carine Leite
Carla Fernanda Nava
Cristiane Rockenbach
Cristiano Marques Ferreira
Cristina Echenique Silveira
Daniela Silva de Brito
Daniela Vasques da Conceição
Débora Clasen dos Santos
Dennis Ribeiro de Mendonça
Diego Antônio Rovaris
Eleonora Pereira Lima Zanini
Elizandra Sottili
Giseli Moreno Nazmi
Helena Souza van der Laan
Henrique Rodrigues Osório
Indira Valente Reyes
Ingrid Koth Ribas
Ingrid Sheila Zavaleta Obregón
Ivana Daros
Jacqueline Maria Krause Roll
João Batista Mayer Fornari
José Felipe Bigolin Filho
Karine Duarte Zambonato
Leonardo Dozza
Leonardo Silva Reges
Luciano Carvalho Silveira
Marcelo Leitzke Martins

Marcio Pereira Cancela
Martha Colvara Bachilli
Mateus Felipe Lasta Beck
Mônica Hartwig Reichow
Otavio Augusto Londero dos Santos
Rodrigo Griep Piamolini
Sabrina Marcello Rodrigues
Samanta Madeira de Oliveira
Talita Vila Martins
Vinícius Neumann Tavares
Vinícius Spiandorello

2008 I SEMESTRE

Alice Paixão Lisboa
Aline Lima Poerscke
Andressa Ost Van-Gysel
Bianca Ortiz dos Santos
Bruna Lanza
Bruno Scaglioni Amaral
Camila Trindade Stangarlin
Carlos Augusto Gomes Bispo
César Al-Alam Elias
Cíntia Borba Maças
Diego Ricardo Moreira Goelzer
Diego Silva Collares
Diogo Duarte Torre
Fabiano Mello Soares
Fábio Germany
Felipe Pomati Chedid Lisboa
Felipe Simões Lopes Quintana
Gabriela Carolina Gonçalves
Gabriela das Neves Feijó Guimarães
Gabriela Machado de Castilhos
Gilmar Nunes Glória
Gionei Sulzbacher
Goltran Markus
Leonardo Antunes Fuentes
Leonardo Batista Franco
Leonardo Sundin dos Santos
Marcel Cruz Argoud
Marcelo Corrêa Vione
Marcos Debom Vieira
Maria do Rosário Ferronato
Marina Bergamini Blaya
Marina Bressiani
Mateus Koth Menegon
Melissa Dias da Costa Cunha
Mirella Mounzer Andraous
Miriam Oliveira Tavares
Nilza Rios Capuchinho
Osmar Derli Tschöpke Borges Filho
Pedro Henrique Cardoso Bretanha
Raup Lichtenecker de Bacco
Rodrigo Nelson Dallazem

Rodrigues Valente Frast
Thalis Zandoná Laydner

2008 II SEMESTRE

Alexandre Ost Van-Gysel
Alexandre Terra Fontes
Aline de Araújo Hackbart
Aline Vollrath Bento
Ana Carolina Oliveira Ruivo
Antonielle Borges Faria
Bárbara da Silva Florêncio
Camila Bueno Fonseca
Carina Silva Marandola
Clarice Roll Redies
Daison Nelson Ferreira Dias
Daniela Cavalli
Débora Bartzen Moraes
Fábio de Moura Pinto
Fernanda Medeiros da Silveira
Ismael Polli
Ivan Neutzling Lüdke
Jacqueline Batista de Melo
Jaime Dias Rodrigues Junior
João Vitor Darde Rodrigues
Juliano Romano Porto
Letícia D'Aló
Lúcia Soares Buss
Luís Claudio de Valleca e Lima
Luiz Gustavo Marin
Luiz Henrique Hartwig de Araújo
Marcelo do Sacramento Cardoso
Marcia Elisa Polli
Marcia Guimarães Franceschi
Maria Danniella Giroto
Melina Kaster Schwantz
Morgana Sonza Abitante
Oane Faccio
Otávio Pereira Lima Zanini
Patrícia Grazziotin
Paulo Henrique Kitayama Cervantes
Rafael Zimmermann de Souza
Renata Evangelista Pinto
Roberta Tavares Rapetto
Rodrigo dos Santos Silva
Sheila Nogueira do Amaral
Suzan Lucie Barbosa Teixeira
Thaís da Costa Neumann
Thiago Ferreira Bartholomei
Vanessa de Sousa Ribeiro
Vitor Neitzel Polidori

2009 I SEMESTRE

Alan Costa dos Santos
Alex Antônio Degani Reis

Ana Luisa Xavier da Silveira
Ana Luiza Abrahão
Andressa Manfredini
Anelise Kirsch
Camila Vianna Corvelo
Carlos Fernando dos Santos Moreira
Carolina Magáli Beckmann
Carolina Sander Reiser
César Felipe Pasqualotto Franzen
Chris Campos Chineepe
Christien Dannenberg da Cunha
Clarissa dos Santos Barboza
Denise Araújo de Freitas
Fábio Inri Dezone
Fernanda Bohns Pruski
Fernanda Ginjo dos Santos
Fernanda Ustárroz
Francisco Zanotelli Zanella
Gisele Bartz de Ávila
Guilherme Duarte Torre
Henrique da Rosa Sobrinho
Inara Luiza Von Holleben
Indiara da Rosa Velho
Laura de Mattos Milman
Leandra Ferreira Marques
Leandro Silveira Marmitt
Letícia Halim de Matos
Letícia Regina Rodrigues
Luciana Corrêa de Moraes
Luciana Plasse Lima
Martha Pereira Lima Lang
Michel Cerioli Giraldi
Michel Lucas Bueno
Patrícia Parada Freitas
Peterson Silva Leite
Priscilla Basso
Ricardo Fernandes Paiva
Roberto Doglia de Oliveira
Rodrigo Resende Gomes de Castro
Samanta Gaertner Mariani
Samantha Lopes de Souza
Vinícius Duarte Cabral

2009 II SEMESTRE

Alexandre de Souza Litron
Aline Silveira Borges
Alyne Neves Cintra
Antônia Gomes e Silva Leonardo
Bárbara Heather Lutz
Carla Amado Petrolí
Carlos Daniel Zancanaro
Celso Cruz Guttier
Cláudia Zeni
Cláudio Monteiro

Débora Sarzi Sartori
Elias Mattos Berg
Felipe Pizzolato
Fernanda Gasperin Mocelin
Fernando Zanol dos Santos
Gabriel Carvalho Vieira
Gabriela Nunes Barbacovi
Giovana Barreto da Silva
Guilherme de Campos Domingues
Indira Wagner Dini
Jonas Rubin Facco
Juliana Nobre Kabke
Karen Borges de Azevedo
Liliane Borges Henrique
Luciana Barros Augé
Luciane Rames Perez Silveira
Luzia da Silva Barberena
Mariana Leão Goettems
Marilian Bastiani Benetti
Matheus dos Santos Ferla
Natalie Rodrigues Machado
Paula Teixeira Barbian
Rafael Ilivo da Luz
Régis Schander Ferrelli
Renata Sabag Kostin
Ricardo Arlindo Dalla Corte
Ricardo Issler Unfried
Roberta Hernandez Kieling
Rodrigo Alano Sffair
Rodrigo Rey Guedes da Silveira
Ronaldo Dervanoski
Suélen Martinez Mancilla
Tatiana de Campos
Thaize Brisolará Nogueira
Thiago Frederico Rodrigues
Timóteo Volnei Dorn

2010 I SEMESTRE

Alan Felipe Bello Secco
Carlos Alberto Massucato
Caroline Piva
Cristiane Borges Evaldt Lettnin
Cristiano Argenti
Daniel Brandenburg
Daniele Kickhöfel Rozales
Denise Pinheiro Lima
Diego Mello da Silva
Douglas Vinicius Boeing
Eder Ney Colombelli
Eduardo Ferreira Wink
Elias Ferronato
Fernando Brum Batista
Fernando Rordrigues de Oliveira
Gabriel Yeamon Ikejiri

Gabriela Soncini Pasetto
Giovana Danielle Rossato
Igor Teixeira
João Jesus Fonseca dos Santos
José Francisco Bandeira Rangel
Juliana Lima Barbosa
Luciana Noronha Riesemberg
Luiz Valentin Morello Filho
Marcel Corintho Mendes do Nascimento
Matheus Machado de Machado
Matheus Neumann Pinto
Miguel Ângelo Ebling Pereira
Moisés Augusto de Araújo
Muriel Iandra Kubiak
Nairalice Casarin Goulart
Pedro Henrique Isaacsson Velho
Rafael Furini Fiuza
Renata Volcan Almeida
Rita de Cássia Garcia da Silva
Rodrigo Roncaglio
Sérgio Koloszwa
Sílvia Letícia da Silva Sphor
Susete Aschidamini Ferreira
Tharick Ali Pascoal
Thiago Vieira de Paula Souza
Tiago Maas
Tiago Rangel Franco

2010 II SEMESTRE

Adriana Mello Rodrigues
Adson Buriol Zanuzo
André Afonso Schreiner
André Martins Fernandes
Bianca Roschildt Pinto
Camila Ractz Batista Martins
Cristine Scattolin Andersen
Daiana Maria Hilgert
Danilo de Almeida Carvalho
Eliezer Morais Duarte
Fábio Artur Longoni Fredrich
Fernando da Silveira
Frederico Barth
Graziela Müller Lérias
Guilherme Rohden Pizetta
Guilherme Souza Melo
Índira Helena Costa Neves
Iracino José Miranda Júnior
Janaína da Silva Teixeira
Jeimeson Lima Costa
Julia Caroline Pires Martins
Juliana Chaves da Silva
Katherine Coelho Gonçalves
Laura Siga Stephan
Liliane Cagliarini Casanova

Maicon Devis Dreher
Mairam Santos Steffen
Malu Souza Rodrigues
Marcelle Klein de Araújo
Mateus da Rocha Rodrigues
Mateus da Silva Meireles
Maurício Andre Kaminski
Tamires Almeida Moraes
Tobias Ludwig do Nascimento
Vanessa Hax
Vinicius Franchini Torres
Vivian Fernandes Nunes

2011 I SEMESTRE

Alessa Ferari Vieira Silva
Alessandra Banaszkeski da Silva
Aline Bichet Ness
Aline da Rocha Frozza
Ana Carolina Dias Campos
André Paiva Salaberry
Caroline Brezolin Marqueto
Daniel Calheiros Batista
Daniela Lemos Mezzomo
Diogo Ribas Silveira Martins
Eduardo Schmidt Jannke
Eliéser Henn
Elisabete de Melo Camargo
Fábio Rosalvo Urnau
Felipe Matos dos Santos
Geisa Chaves Pereira
George Augusto Rossi Pereira
Guilherme Augusto Reissig Pereira
Gustavo Ferrari Palmeira
Gustavo Rebelatto
Hélio Augusto Martins Ferreira Ribeiro
Jessiane Prestes Kunkel
Joice Brião Göebel
Juliana das Chagas Meroni
Juliana dos Santos Candiota
Juliana Meggiato Hein
Juliano Spada
Letícia Pascelli Sant'Ana Santos
Lilian Castro de Oliveira
Lothar Schmechel Dobke
Luiz Carlos Nunes Júnior
Marcelo Tavares de Paiva
Maryhá Pires Cassol
Melina Veiga Rodrigues
Nádia Cristina Dias Silva
Nathália Janovik da Silva
Nuno de Mattos Capeletti
Pablo Barbosa Umpierre
Pâmela Posser Poletto
Rafael Fabiano Silveira da Costa

Roberta Carvalho Ximendes
Rodrigo Ferro Feijó
Sílvia Cougo Madruga
Talita Alves Mesquita
Tiago Prause Nunes
Tyciano Gustavo Michelin
Vanessa da Silva Domingos
Vanessa Dussin
Vanessa Pellegrini Fernandes
Vicente Comandulli Garcia

2011 II SEMESTRE

Adjaldes Ribeiro de Moraes Júnior
Aline Marli Wagner
Amanda Medeiros de Souza
Ana Eliza Antunes Bonfim
André Dias de Oliveira
Andreas Timóteo Lutz
Arthur Cortez Gonçalves
Bruna Maia Amorim
Camila Comin
Claudia Regina Teologides Marcon
Danielle Carla da Silva
Dayana Filippim
Edvaldo Gonçalves dos Reis Júnior
Elias Sato de Almeida
Éllen Christine Hoffmann Rieck
Elmara Oliveira Barros
Fernando Carlos da Silva
Gabriele Lobato Marins
Giolana Mascarenhas da Cunha
Graciela Konsgen Krolow
Ibsen Diarlei da Silva
Isaac Rodrigues de Lima
Janaina Borges Polli
Júlia Pinto Trindade
Keila Bastiani Demke
Larissa Carvalho Severico
Larissa Gonçalves Sado
Layla Regina Zambenedetti Baroncello
Leandro Andrade Machado
Leonardo Augusto Cândido Seyboth
Luciane Nunes de Souza
Luigi Anselmo Leonardi
Marcelo Jorge Valle
Matheus Pintos Brunet
Maurício Steigleder Narchi
Michele Lopes dos Santos
Nathália Téssele Barreto da Silva
Pâmela Lima Bandeira
Patrícia Marchioro
Pedro Henrique Almeida Resende
Piero Motta Bonfada
Rafael Bassol Raseira

Raymundo Tomkowski Mesko da Fonseca
Renata Müller Rosenthal
Ronaldo Luis Schmidt
Vera Lúcia Meister
Viviany Dias Fonseca

2012 I SEMESTRE

Ana Helena Bessa Gonçalves Vieira
Anderson Gustavo Gasperin
Anderson Souza Silva
Andressa Miozzo Soares
Audrey Gotardi
Bianca Dall'Oglio Hoffmann
Carolina Dahmer Velloso
Cesar Duarte do Nascimento Junior
Cláudia Fernandes Lorea
Daliana Patrícia Paul
Daniel de Paiva
Daniele Sampaio Colvara
Débora Fischer Pattenon
Elen Débora Brinker Siqueira
Eliseu Vasconcelos Leite
Felipe Pereira Lima Marques
Fernanda Ribas
Janaína Kopp
Júlia Teixeira Leite Pereira
Justino Afonso Cuadros Noble
Laura Lopes Silveira
Leonardo Gualtieri Firace
Lívia Gaspar Tosato
Maiko Abel Schneider
Marcel Henrique Sakai
Marcos Luiz Gomes
Marília Barbosa Duarte
Marílio José Flach
Marina Neves Cavada
Martha Oliveira Abuchaim
Mateus Germano Scaglioni Tessmer
Mohamad Hassan Hamaoui
Nathalia Peres da Porciuncula
Nilton de Nadai Filho
Pedro Borda Almeida da Silva
Pétalla Rigon
Rafael Lúcio Petronzelli
Ralph Vighi da Rosa
Rodrigo Balceviz Grotto
Samara França Silveira
Tatiana Schreiber
Thiana de Aguiar de Linhares
Vanessa Féo da Silva

2012 II SEMESTRE

Adeicla Agripino da Silva
Adriane Bolzan Souza

Aiessa Zanchett Fedrigo
Alexandre de Abreu Gastaud
Ana Luiza Melo Mageste da Silva
Camila Rotta Pereira
Daiana Rafaela Canabarro
Daiane de Azevedo Fuhrmann
Eduardo Felipe Mandarin Coppi
Eduardo Luiz Frassato
Eduardo Sagrillo Santiago
Eduardo Von Weidebach
Évelyn Signor Debastiani
Fares Hassan Hamaoui
Gabriel Marques Neves
Gustavo Vasconcellos Severo
Henrique Bubolz Bohm
Ighor Costa Pozzer
Klaus de Souza Stein
Lincoln Arystotheles Gewehr Babo Alves
Lindenberg de Albuquerque Saraiva
Lucas Alano Sffair
Manoela Ulrich Finkler
Marcos Monteiro da Cunha de Souza
Maria Candida de Almeida Silveira
Mariana Giumelli Padilha
Mariana Rosa
Marília Amaral Peixoto da Silveira
Marta Amaro da Silveira Duval
Matheus Carvalho Crochemore
Maurel Bergoli dal Cero
Natália Sarzi Sartori
Paola Cavalheiro Herbstrith
Priscila Cella Stoffel
Priscila de Oliveira Lopes
Priscila Rosa da Fonseca
Rafael Pieniz Mioso
Renata Coutinho Areosa
Roiter de Albarnaz Furtado
Tiago Rathke de Moraes
Vinícius Rauber Joner

2013 I SEMESTRE

Adolfo Carlos Bonow
Adriano Ribeiro Medeiros
Alexandre Mitsuo Chibana Kido
Aline Carvalho Simões
Alini Vargas
Camila Foletto Vargas Garcia
Camilla Sousa Santos
Cássio Scaglioni Cardoso
Cristiano Augusto Batista
Debora Figueiro Aldabe
Elisa Maria Krahl
Fabiane Brados Farias
Felipe Sgorla

Gustavo Jung
Ingrid Souza Baumgarten
João Carlos Menta Filho
Kamile Zimmermann Maciel
Katsuki Arima Tiscoski
Leonardo Silva Faleiro
Lucas Fernando Tolentino
Luciana Bergamini Blaya
Matheus Golenia dos Passos
Michele Copetti Culau
Nádia Spode
Natália Gardênia Davanse Pieroni
Nicolle Roswag Gonçalves
Nilo Nascimento Lucas de Lima
Paula Baldissera Tansini
Paulo Henrique Gabiatti Donadel
Paulo Ricardo Prates Porto Junior
Pedro Funari Pereira
Pedro Henrique Gomes Costa Oliveira
Renata Naves de Ávila Mendonça
Renato de Freitas Teixeira
Rene Veri Furlan
Sandra Fiegenbaum
Sandra Mara Caetano Moraes
Silvano Hernandorena Ramos Filho
Taiara Galvan Debiasis
Tulio Victor de Rezende
Vanessa Rabuske Araujo
Vincent Marin Dall'Oglío

2013 II SEMESTRE

Alexandre Orozimbo Gomes
Andre Pinheiro Weber
Aniele Reis Vahl
Aurélio Carvalhais
Carlos Junior Felchilcher
Carolina Ferreira Gomes
Cinara Zacca Vilela
Dhianny Francynny Souza Ribeiro
Dillays Raydylayde Silva Siqueira
Eduardo Neumann Tavares
Eduardo Rodrigues Gonçalves
Ezequiel Rocha Mattos
Gabriela Fehrenbach
Gabriela Mercedes Argüello Frutos
Giovanni de Marco Antonello
Jacqueline Bolzon Claudino
Jefferson Andre Pires
João Nelsi Lukenczuk Junior
Josemar Pedro Busanello
Julia Xavier Castilho
Juliane da Silva Nemitz
Junior Gil Vicente
Luana Correa de Andrade

Ludmila Camilo Lukenczuk
Luisiane Krzizanski Domingues
Mariela Langmantel Mielke
Marília Campos Benito
Muriel Cruz Flores
Natéli Borba Maçãs
Nathalia Bobrowki Richter
Paola Ceolin Padilha
Rafael Maciel Coelho
Ramaile Tomé Santana
Renata Pinto Gottinari de Lima
Silval José Alves Filho
Simone Redaelli
Stephanie Sander Westphalen
Thiago Henrique Abrão Bertholini
Valci José Dapieve Junior

2014 I SEMESTRE

Alfredo Renato Metzger Filho
Anna Paula Moreira
Bernardo Vaz Peres Alves
Bruna Cantarelli Costa
Bruno Giudice D'Ávila
Caroline Krein
Caroline Montagner Dias
César Pereira Lima Zanini
Daniele Quaresma Motta
Diana Luisa Schack
Diego Armando de Souza Selig
Eduardo Olivo da Luz
Eveline Bordignon
Fabio Ribeiro Alvaro
Fernanda Soncini Pasetto
Gabriela Krüger da Costa
Gabriele Budke Tiecher
Germano Dalleggrave Cavalli
Gustavo de Macedo
Günther Marroni Nietiedt
Henrique Zechlinski Xavier de Freitas
Jaber Ahmad Jaber
Jane Elizabeth Malheiros de Souza
Janise Guedes Machado
Karoline Mallmann
Laís Ramalho Chaves Isobe
Lucas Baptista da Silva
Luciana Frime Pipkin
Luciana Yazze de Mello Gonçalves
Maico Paulo Alflen
Mariany Figueiredo de Oliveira
Nello Chescon Neto
Otávio Brod Stroch
Pablo Eduardo Silva da Silva
Pablo Luis de Oliveira
Paulo Rodrigues e Rodrigues
Raul Flório Real

Renato Badia da Cruz
Ricardo de La Rocha Vieira
Ruhan Falcão Peruchi
Saulo Maia Martins da Silva
Stela Laner Batista
Thiago Fogaça
Valeska Signor Debastiani
Vanessa de Quadros Martins

2014 II SEMESTRE

Adriano Borba Couto
Alessandra Jaccottet Piriz
Alessandro Tonin Vasconcellos
Alice João Marques
Ana Cláudia Delai Ribeiro
Andreza Suene Ramos Ferreira
Anne Elise Alexandre
Bibiana Mello de Oliveira
Bruna de Matos Bauer
Bruna Troian Camassola
Carine Pieniz
Carlos Natan Barbosa Ribeiro
Carolina Goldman Bergmann
Caroline Torres Peixoto
Diego Aparecido Gaspar
Diego D'Ávila
Felipe Lanner Silveira
Felipe Sfoggia Carlotto
Fernanda Correa Pinto
Fernando Henrique Machado
Henrique Ryuji Takahashi
Igor de Souza Bernardotti
Inácio José Parigi de Melo
Laura Flores Carvalho
Marcus Vinicius Coelho da Rosa
Mariana Ferreira de Oliveira
Mateus Carvalho Casarin
Matheus de Aquino Moreira Guimaraes
Monica Buzatto
Paulo Henrique Mendanha Ramos
Rafael Almeida Kucharski
Rene Elesbão Sbrissa
Ricardo Luconi
Rosy Elvine Chinbje Ngankak
Samir Hussein Chafik Daghestanli
Samuel da Fonseca Politi
Tatiana Frehner Kavalco
Thaís Giorgi Silveira
Vanessa Giacomini
Vânia Silva Lugo

2015 I SEMESTRE

Alexandre Deves
Alexandre José Ceolin

Alexandre Pithan Costa
Anna Carolina Borges Kampmann
Camila Masson
Carolina Barbosa da Costa
Caroline Machado Rotta Dornelles
Daiana Regina Scheid
Daniele Ketzer
Danilo Martins Correia
Dany William Taguchi
Deiner Paulo Martins Resende
Felipe Santos Lopes
Fernanda Hickel
Fernanda Ziegler Bennemann
Gabriela Bouffleur
Giordano Ávila Figini
Guilherme Janke
Gustavo Guarnieri
Hélio Iglesias Siedler
Jediael Magalhães Paiva
João Gabriel de Mello Ramos
Karina Pereira da Cruz
Laís Melo Corrêa
Larissa Rosa
Laura Costa Beber de Jesus
Lorenzo Angel Salvador
Matheus Pomatti Chedid Lisboa
Maylin Santana Dall'Oglio
Naiana Paula Dutra de Faria
Pâmela Vasconcelos Araújo
Pedro Antônio Canova
Raquel Spilere Kammer
Suelyn Cristina Portalupi Ramos
Thais Reis Gonçalves
Tiago Hansel Basile Vigil
Tomás da Cunha Recuero
Vanessa de Souza Stein
Victoria Silveira de Carvalho

2015 II SEMESTRE

Alex Francó de Camargo
Aloma Guinami Scabora
Ana Carolina Carraro
Andre Luiz Theobald
Bruna Luiza Navarrete Silva
Bruna Rosa Fabro
Bruno de Almeida Piccoli Ferreira
Caio Fernando de Souza
Camila Siqueira Alves
Cibele Keiko Goh
Cláudia Peixoto Rieger Rodrigues
Cláudia Sayuri Suzuqui
Cristina Seiko Ishibara
Danielle Aparecida dos Santos Ventura
Eduardo Scardazzi Silva Ragni

Elianderson do Rosário
Ellen Simionato Valente
Emmanuel da Fonte de Hires
Érika Clarissa Oliveira Euro Lima
Fernanda Serrão Margotto
Fernanda Ten Caten Fenner
Gabriel Antonio Frosi Cervo
Gláucia Ferreira Abrahão
Guilherme André Henz
Heloisa Pittoli Silva
Isabela Rodrigues Basso
Janine Laís Rauber
Jean Lucca Triaca Saraiva
Jhonatas Barbosa Ribeiro
Juliana da Cunha Rocha
Juliana Russo Simon
Kleber Roberto Siguel da Silva
Lucas Martins Freire
Luísa Carolina Zanluca Bertoli
Luisa Silveira Birck
Marcelo J Bottin
Mariana de Barros Sato
Marina de Borba Oliveira
Mateus dos Santos Corrêa
Mateus dos Santos Corrêa
Michele Krug
Paula Xavier Barroso
Rafael Neumann Tavares
Rafaela Arneiro Gonçalves
Rayane Marques Rodolpho
Renan da Silva Meireles
Rodrigo Nunes Siqueira
Stephany Tavares de Oliveira
Thaiza Tavares Lessa
Záira Maria de Melo

2016 I SEMESTRE

Andre Roberto Tezori
Andressa Daga
Anna Karolina Palhares de Oliveira
Ariane Giovanaz
Augusto Luiz Giongo
Bárbara Machado Ribeiro
Belisa Lopes Alvares
Bruna Sarah Morais Resende
Carlos Alberto Lopes Davanço
Caroline Peneiras Miranda
Clara Abreu de Lima Figueiredo
Clarissa Anjos de Ávila
Dalet Camboim Bizerra
Dayane Moreira Fraga
Dimas Rafael Marafon
Diogo de Oliveira Lima
Fernanda Pinheiro Frugeri

Fernanda Yuriane Hayashi
Gabriel Pinheiro Deves
Guilherme Heck Michels
Guilherme Henrique Meneghel
Guilherme Sjoman de Brum
Igor Ribeiro de Freitas
Isabela Schincariol Pilotto Casagrandi
Isabella Cristina Ragazzi Quirino Cavalcante
Isadora Bonini
Laura Drehmer
Laura Klein
Leonardo Vieira Ribeiro Silveira
Letícia Amici da Cunha
Lidiane Aita Boemo
Lívia Aniz Vieira
Lukas Ogorodnik
Marcel Neto de Souza
Marina Azevedo Karam
Marina Comba Contieri
Marina Gasparotto Fernandes
Miguel Bainy Rodrigues de Freitas
Patrícia Amaral Peixoto da Silveira
Patricia Suzuki Kanno
Paula Bidese Javorski
Pedro Maçada Andrade
Rafael Teruel Berto
Rayane Ferreira
Rebeca Moraes Ielo
Ricardo Ferrari Pereira
Thiago Gaspar
Thiago Luiz Ribas da Silva
Tiago Alves da Silva
Vanessa Santos Cerqueira

2016 II SEMESTRE

Ana Caroline Teixeira Fernandes
Beatriz Garcia de Moraes
Bruna Azario de Holanda
Bruno Baquini da Silva Martinelli
Bruno Souza da Silva
Cristiane Azevedo Alves
Daniel Andrade Bastos Modolo
Fernanda Krebs Salomao
Isabela Guersoni Menna Barreto
Isabella Verruck Tortola
Isadora Silva Gomes de Araújo
Jacqueline de Pauli Bernardin
Jacqueline Yumi Oguro
João Guilherme Krämer Iorra
João Victor Vecchi Ferri
Kássia Carolina Surdi
Letícia de Jesus Rossato
Luís Henrique Klafke
Luiz Fernando Held Gentil

Marcela Almeida e Coelho
Marcos Afonso Cardozo Jacinto
Mariana de Toledo Silva
Matheus Zschornack Strelow
Meryene Bordon Dias Reis
Michele Dorneles de Sousa
Nadia Amorim Machado
Nadia Ferreira Navarro
Nicole Santos
Pablo Bastos Rodrigues
Pedro Henrique Pimentel Meira
Raquel Machado de Carvalho
Roberto Stalla Alves da Fonseca
Ronald de Borba Heinen Rodrigues
Tatiane Morgana da Silva
Tércio Tanure Junior
Thaís Rocha Mello
Thiana de Oliveira Kaé
William George Giusti Fischer
Zenaide Silva de Souza

2017 I SEMESTRE

Ana Clara Bernardi Saul
Ana Flávia Varella e Silva
Andrea de Vargas Tomelero
Anna Martha Marchewicz
Bruno Roberto Padilha Machado
Camilla Dolinsky Macchi
Carolina Alcoforado de Abreu
Carolina Móro Tilton
Carolina Pozzobon
Catherine Scherrer Menezes
Cláudia Aparecida Verri
Daniel Pagnosi Pacheco
Eduardo Bertholdo Szareski
Eduardo Weinert Corrêa
Fernanda Panazzolo Zenatto
Fernanda Salim Testa da Rocha
Fernanda Silveira Ocanha
Gisele Conte Alves Fernandes
Guilherme Mendonça Roveri
Isabella Moresco Figura
Jéssica Neuenfeld Paniz
Jessica Tiemy Inoue
João Pedro Mussi Laydner
Juliana Maria Bestetti
Júlio César Sperb da Rocha
Karolyne Siqueira Silveira
Kassia Merchioratto
Lais Cascaes Mai
Laís Marques Mota
Lais Teruel Berto
Larissa Martinelli Dullius
Letícia do Nascimento Santana

Liége Graebin
Lucinéia Raquel Menegat
Luiza Herdy Boechat Luz Tiago
Luiza Magalhães de Oliveira
Maira Cristina Ramos da Rosa
Mateus Guimarães Kuss
Matheus Galice Segati
Maurício Castro Pilger
Melinda Mallorquin Cabral
Míriam Elisabete Walker da Silva
Natália Batilana de Carvalho
Nathália Galvagni Rodrigues
Nathalya Fernanda Brito Miranda
Nicholas Neves Polidoro
Patrícia Paraboni Bersaghi
Rafael Gomes Vieira
Renan Castanho de Campos Leite
Renata Rychecki da Silveira Lopes
Taíse Rosa de Carvalho
Tamiles Campos da Silva
Thiago Filomena Lombard
Virgínia Bergesch
Vitor Bonetti Hauser
Wesley Erick Wentz
Yohanna Letícia Brogio

2017 II SEMESTRE

Ana Laura Moraes Luzardi
Ana Maria Stapasolla Vargas Garcia
Ana Paula Gonçalves Muniz
Anna Flavia de Crescenzo Brotto
Aroni Marcéu Sousa e Rocha
Augusto Valles Bento
Carolina Castro Trindade
Carolina Julieta Postai de Araujo Santos
Carolina Petersen Moojen
Carolina Souto Pereira Núncio
Celina Pereira Hallal
Dayana Siqueira Urío
Douglas Klug Reinhardt
Frederiko Ken Kiyohara Agawa
Gustavo Gonçalves Terra
Henrique Orlovski Dziedicz
Inaê Gomes Oppelt
João Henrique Costa Calegari
João Mario Seicol Rodrigues
Laís Carneiro Guapo
Laura Brum Llanos
Luan Rodrigues Lotti
Luís Henrique Martins Vilarinho
Luiz Paulo Leal
Maiara Cristina Polinski
Maria Carolina Malheiros de Souza
Mariana Plotegher Machado

Marina Ayub
Matheus Alexandre Rebêlo
Matheus Vinicius Dzieva
Milena Galafassi
Mozar Augusto Bernin
Roberta Herath Rascovetzki
Samanta Witzke Massulo
Tâmela Karoline Weiber
Ubirajara Amaral Vinholes Filho
Victor Grisanti Filogonio
William Bigliardi Zibetti
Yuri Rocha França

2018 I SEMESTRE

Adriana Ebersbach
Aline González Silva
Andréia Martini Pazini
Anna Maria Garcia Cardoso
Augusto Zimmer Amaral da Silva
Bruno Andrade de Sousa
Bruno Caio Becker
Caio Scaglioni Cardoso
Camila Defendi da Cunha
Daiana Karine Canova
Déborah Silveira König
Eduardo de Almeida Rosales
Elisa Freitas Neves
Emanuella Flávia Alves Pinto
Fabrício da Costa Santos
Fernando Katekawa
Gabriela Dombrowski
Igor Luis Alves
Isabele Beatris Denk
Ismael Krolow Costa
João Gilberto Marques
João Victor Almeida Garcia
João Vitor de Castro Fernandes
João Vitor May Buogo
José Guilherme Teixeira da Silva
José Henrique Gorgone Zampieri
Karen Müller Al-Alam
Laura Ferreira Barbosa
Leonardo Franco Pereira
Lucas Barbosa Echenique
Luís Eduardo Fernandez Pegoraro
Luiz Augusto Oliveira Lobato
Maitê Chrysostomo
Marcella Maldonado Garcia
Maria do Carmo Zanotto
Mariana Costa Kulpa
Mariana de Castro Lopes
Otávio Oliveira Guimarães
Paulo Maciel Rinaldi
Pedro Agner Aguiar Fernandes

Pedro Caetano Munhoz Roos
Renan Eduardo Valduga
Renata Augusta de Souza Aguiar
Rodrigo Maciel de Oliveira Costa
Sayuri Aparecida Hirayama
Talita Fischer Oliveira
Tallys Bohns Blaas
Veronica Anai Ortigosa Serrano
Vitor Ribeiro de Siqueira
Walterney Amancio Filho
Wescley Peralta Coca
Yago Macedo Almeida

2018 II SEMESTRE

Alessandra Yumi Arasaki
Aline Bertarello
Allan Parizotto Gomes
Allan-Jhones Pereira Cardoso
Anderson Casali de Freitas
Bruna Moraes Gass
Camila Bortolin Fonseca
Claudiney Santos Rufino
Cláudio José Miranda Filho
Cristiano Ferrari
Eduarda Silbert Luzzi
Eduardo César Almeida Arbildi
Eduardo Mensch Jaeger
Fernanda Bifano Soares
Francisco Loes
Frederico Esteves Maciel
Gabriel Junqueira Soares
Gabriela Büchner
Gabriela Varajão de Latorre
Gabriela Viana de Oliveira
Glória Araújo da Silveira
Guilherme da Cunha e Felix Freitas
Guilherme Valim Alves
Guilherme Vicentini
Gustavo Fiorentin Biscaia
Hellen Meiry Grosskopf Werka
Ígor Nunes Fernandes
Isabel Hahn Miranda
Jeferson Weege da Rocha
João Eduardo da Silva Sierra Fernandez
João Pedro Pattussi Bertinatti
Juliana Gamalho Pereira
Kevin Maahs Klein
Laís Yurie Facimoto
Laura Nicoleta Giordano Leme
Luís Henrique da Silva Rockenbach
Manuela Darela da Silva
Márcio Brambatti
Matheus Bernardon Morillos
Michel Lessa Pierobom

Natália Zanini da Silva
Nicole Rommel Nunes
Paula Diniz Quintão dos Santos
Paulo Ricardo Correa Schmidt
Pedro Marques Vasques
Rafael Elias Santana Neme
Rafaella de Lima Loréa
Renata Garcia Gonçalves
Rodrigo José de Souza Domingues
Rodrigo Mantovani Sguario
Rodrigo Piltcher da Silva
Sabino Bertão Junior
Sérgio Ferreira de Ferreira Filho
Thaís Gonçalves Arantes
Thaís Souza Prata
Vanessa Albano Barcellos
Victor Bracht de Oliveira
Vitória Schneider Müller

2019 I SEMESTRE

Álvaro Porciúncula Gonzalez
André Luís Errera de Freitas Pereira
Andréa Szwarc
Andrew Christopher Claro Miguel
Arthur Konishi Alves
Camila Hartmann Blank
Camila Medeiros Ito
Carla Alberici Pastore
Carolina Mendonça Camargo
Daniela Beienke Hass
Davi Dorval Pereira Cordova
Dênis Schiavon França Chagas
Emanuel Marques de Sá Gomes da Silva
Emiliana Vaz de Melo
Fernanda Yae Morioka
Fernando Pacheco dos Santos Ferreira da Silva
Flávia Pirolli
Gabriela Siqueira Santos
Giovana Parron Paim
Helena Gularte Cabral
Jéssica Buss
João Augusto Carvalho Bittencourt
João Pedro Zanon
José Pedro Duarte Hillal
Kellen Andressa Cuccolo Corrêa
Larissa Kaori Yamanishi
Lucas de Oliveira Marques
Lucas Zambiasi
Luís Akio Inahara Matuoka
Luis Henrique Zambra Wink
Luísa Barin Menezes
Marcos Vinicius da Silveira Lima
Mariani Magnus da Luz Andrade

Michele Sander Westphalen
Nicole Evelyn Kleindinst Schramm da Silva
Nicole Goulart Saviatto
Pablo Afonso de Garcia Fernandez
Pablo Canêz Farias
Paula Nikolay
Renata Vernetti Giusti
Ricardo Antônio Tronquini Costi
Roberto Stroher Júnior
Rômulo Nícols Ribeiro
Sabrina de Medeiros da Silveira
Sérgio Renato da Rosa Decker
Sílvia de Lucena Silva Araujo
Thaís de Assis Soares
Thais Vicentine Xavier
Tialisson Guterres Scotti
Vinícius Tronca

2019 II SEMESTRE

Alana Raquel Owergoor Dürks
Alexandre de Souza Rosa
Alexandre Hobol
Ana Paula Gouvêa
Anna Júlia Ramos Fontanari
Arturo José Antonio Da Silva Yépez
Augusto de Moura Wasielesky
Augusto Rafael Dvojtzki
Bernardo de Souza Hack
Bernardo Pizarro de Magalhães
Betina Pessôa Altoé
Bruna Appelt Solla
Bruna Britto da Cruz
Bruna da Silva Caires
Bruna Waterkemper Mondardo
Camila Lima Ribeiro
Caroline Thaís Machry Finger
Célia Edsana de Lima Gonçalves
Clara Camacho dos Reis
Débora Draeger Kunde
Estêvão Ferreira Marques
Felipe de Vargas Zandavalli
Fernanda Coutinho Kubaski
Gilmar Silveira da Silva
Guilherme de Lima
Guilherme Verona Echer
Gustavo Bednarski dos Santos
Gustavo Carcuchinski Teixeira
Gustavo Szczecinski Puchalski
João Alberto Succolotti Deuschle
Julia Peres Danielski
Kélen Klein Heffel
Kim Mickael Pegorini Souza
Laura Sacramento Kunzler
Mariana Guterres Martin

Marina de Lucca Fernandes Camargo
Marina Possenti Frizzarin
Matheus Resende Duro Mello
Matheus William de Moraes da Silveira
Mila Rodrigues Conqueira Correia Lima
Otávio Garcia Martins
Patrícia De Oliveira Pimentel Fonseca
Rafaella Copetti Ghisleni
Renan Plotzki Reis
Renata Soares de Abreu
Ricardo Marcos Schmidt

2020 I SEMESTRE

Aldrío Alves da Silva
Aler Cordeiro Lima
Álvaro Eiji Kumm Kuriyama
Amanda Roschel Gonçalves Castro
Ana Carolina Brenner Müller
Ana Luiza Ceolin Polo
Ana Paula Ceolin Polo
Ana Paula Wink
André Quintana dos Santos
Angela Di Gianni
Bethania Bettin da Cunha
Betina Maria Giordani
Brenda Stefanello Golart
Bruna Lovato
Bruno de Lima Schönhofen
Bruno Noschang Blaas
Bruno Wendorff Lucci
Caryn Costa
Cassiano Firmino Pires
Christian Luís Rodrigues de Oliveira
Clara de Castro Silva Menegale
Cleonice Ribas Machado
Daiani Beduhn
Daivid Fernandes Xavier
Daniel Bortolotto Segantin
Darlen Gill Comparin
Débora Castro Ehlert
Douglas Rodrigues Gomes
Ednaldo Martins dos Santos
Eduarda Dall'Ago Alba
Eliano Freitas de Oliveira
Erick Dupont
Fernando Ferreira Lima
Filipe Calmon Salgado
Francisco Santos de Almeida
Frederico Timm Rodrigues de Sousa
Gabriel Neumann Kuhn
Gabriela Cabot Camargo da Silva
Gabriela Czermainski Meireles
Gabriela Giacomini
Gabriela Krolow Machado Da Silva

Gabriella Ribeiro Dias
Giovana Tavares Barwaldt
Guilherme Fernandes da Silva
Guilherme Tavares de Sá
Henrique Nickel
Henrique Potrich Santiago
Honório Octávio Cuadro Peixoto
Igor de Paula Moraes
Izabel de Oliveira Karam
Jéssica Freitas Alves
João Henrique Mayer Saucedo
Joniel José Wiebelling da Silva
Jorge dos Santos Vales
Júlia Müller Ames
Julia Santos Soares
Kalil da Silveira Junior
Lara Luz de Miranda Silva
Laura Pase Bottega
Leonardo de Souza Prallon Sampaio
Leonardo Elpidio Ribeiro
Letícia Dal Ri
Liliana Martins Jorge
Luana Beatriz Kosmann
Lucas Duarte Garcia
Luciene Kayoko Goya
Luís Henrique Saldanha Santos
Mariana Souza da Silva
Marina Franz
Marina Spader Berti
Marlon Severo dos Santos
Martina Vitória Flach Dietrich
Matheus Fagundes Lemos
Matheus P. Machado Schweitzer Klauberg
Matheus Prestes Baptista
Matheus Zenere Demenech
Maurício Anderson Brum
Miguel Lahude Salim
Nathalia Helbig Dias
Nicole Reinisch
Omar Mohamed Rahal
Patrícia Carrion Nogueira de Freitas
Paulo Henrique Pacheco Dario
Pedro Henrique Ongaratto Barazzetti
Rafael Augusto Frizzo
Renan Cardoso Sanchez
Renan Pinheiro Deves
Rossana Pereira da Conceição
Samir de Castilhos de Almeida
Sandra de Candia Gonçalves
Sérgio Alberto Lando Borges
Tainã Rafael Anschau Zan
Talita Elisângela Martinello
Thamires Morette Barbosa
Thauan Schneider dos Santos

Thomás Henrique May Buogo
Tiago Lorenzi da Rocha e Silva
Vanessa Casalinho Vieira
Victor Machado de Vargas Morales
Vitória Costa Ataides
Vivian de Carvalho Veleda Moraes
Wagner Pereira Lopes Dos Santos

2020 II SEMESTRE

Aida Amália Aragão Paim
Ane Karine Rasia Bueno
Arthur Lenz
Bibiana Monteiro da Cunha Souza
Caio Bertolini
Caique Fernandes Alves
Caíque Fernandes Alves
Camila Tirelli Cavalli
Carolina Heinrich De Oliveira
Carolina Silveira Da Silva
Caroline Kuhn Machado
Clarissa Montagner Fernandes
Conrado Afonso Pinto
Cristian Junior da Costa
Daniel de Britto Cortela
Dhiully Vargas Cazartelli
Diego Alcantara Santos
Eduardo Barcellos Nunes
Fábio Rodrigues Rocha Filho
Felipe de Lucena Franceschini
Fernando Augusto Bege
Gabriela Dezoti Micheletti
Gabriell de Paula Tsukahara
Guilherme Cechinato Zanotto
Igor Tadeu Weber Baumgarten
José Matheus da Silva
Karen Francisca Borges Sias
Kimberly Duarte Garcia
Letícia Dummer Venzke
Lidia Souza Rodrigues
Luca De Barros
Lucas Rossetto
Madeleine Zan
Marina Carla Kornowski
Matheus Alexandre de Almeida Alves
Nicholas de Freitas Rodrigues
Nicollas Alves Temponi
Paula Nunes Ribeiro Saldanha
Paulo Henrique Montardo de Moura
Renata Backes Schreiner
Rodrigo Jaeger Bellinaso
Sara Lunardi
Susana Dias Bülow
Tiago Rafael Tessmer de Aquino
Tomás Trevisan França

Victoria Martins Bisol
Vitória Borges Florencio
Vitória Oliveira Dias
William Silva da Silva

2021 I SEMESTRE

Amanda Gradaschi Corrêa
Caíque Bessa Ribeiro
Gianna Truys Biscardi
Ingrid Miriam Oliveira
Juber Mateus Ellwanger
Júlia Vives Leal
Kerolaine Tessmer da Rosa
Larissa Diniz Arnaut
Luana Padilha Corrêa
Luiz Paulo de Oliveira Ferreira
Lutero Regis Segalin Cassol
Manuela Pinto Bandeira Malcon
Marina Melo Cabral
Mário Lucas dos Santos
Nathali Carmel Weiler Miralles
Pedro Felipe Bohn Reckziegel
Pedro Henrique de Abreu Souza Zanine
Renan Bezerra Rodrigues
Rony Adolfo Hein Júnior
Therezinha da Silva Probst

2021 II SEMESTRE

Adail Fernandes Vieira Neto
Alexandre Kerpel de Oliveira
Alexandre Messias Mendes Filho
Aline Magalhães Rodrigues
Alisson Leandro Glitz
Amanda Prado
Amanda Wölfle Ribeiro
Anderson Vaz dos Santos
Arthur Magalhães Valverde
Augusto Cancian
Augusto Imanishi Bonavita
Augusto Ostermann Magalhães
Caio César de Almeida Isquierdo
Christian Machado Martins
Christiano Montano Corrêa
Claudio Henrique Guimarães Silva
Daniel Miranda Lopes de Souza
Daniel Persch
Dário Correia Pereira
Eliane Costa Silva
Fabrício Siqueira Cardozo
Felipe de Lima Athayde
Felipe Sfolia
Fernanda Esteves Delpizzo
Francesca Missiaggia Eccker

Geórgia Gomes Lima Martins
Grace Theil Rosado
Henrique Massao Furukawa
Iara Goncalves Braga Martins
Isabela Barreiro Agostini
Isabella Catafesta Timm
Jéssica Oliveira Quadros
Jéssica Souza da Silva
Jéssica Thamony Carlos Gonçalves
João Gilberto Wobeto
Jonas Spezia
Juliana Susin
Kelvin Edvan Bordini Rodrigues
Larissa da Rosa Flores
Leonardo Christian da Silva Maia
Letícia dos Santos Pfitscher
Luana Renata Santos
Luana Zini Hofmann
Manuelito Kuznier da Costa
Mariano Otto Schmitz Simi
Marina Zanchi Persson
Marlon Deleon Dias de Oliveira
Marlon dos Santos Prado
Matheus Carrett Krause
Matheus Linhares Nunes Silva
Matheus Reis de Mendonça
Matheus Sacco Gomes
Miguel Geiss Arnhold
Orion Campello Telles
Paola Gonçalves
Paola Neutzling Pires
Patricia Elizabete Trentin
Rodrigo Souza de Menezes
Sathyel Blanke Bierhals
Talita Veroneze Pratti
Tamara Bonow Münchow
Tássia Dalmolin Ribeiro
Teodora Schumacher Bauer
Thais Akemi Koguruma
Thales Schwarzbach
Thiago Antonio Lima de Oliveira
Thiago Ribeiro Mota
Thiago Trivelato Porto
Ticiane Gomes Iizuka
Tuani de Almeida Tebaldi
Vanessa Ávila dos Santos
Victor Shindi Miyazima
Vinicius Balcevicz Grotto
Vinicius Studzinski da Silva
Wander Felipe Santos
Wanderson Souza Maciel
Willian Medeiros Moraes
Yara Rafaela Maia
Zélia Domenica Ferreira Zêgo

2022 II SEMESTRE

Alex Dias Schug
Alexsandro Behrens Zibel
Anderson Mendes dos Santos
André Conceição Menegotto
Bárbara Maria Braga Antonio
Bárbara Migliorini Nunes
Bernardo Sgarbi Ramos
Bianca Brasil Almeida Fernandes
Bianca Rodrigues Szczesny
Bruna Gomes de Carvalho Muraro
Bruno da Silva Bernardo
Carolina Gianna Ribeiro
Daniel Barreto de Aguiar
Daniel Strohschoen Bohn
Débora Fernandes dos Santos
Elias Moura Da Luz
Ellen Cristina Dupsk
Fabio Diniz Fidelis Moreira
Flávia Ozaki Barbosa Barrach
Gabriel de Castro Pandolphi Pereira
Gabriel Santana Pereira de Oliveira
Gabriela Braz das Neves
Giulia Copetti Endres
Giulia Zaki
Guilherme Drögemöller
Henrique Zanon Alves da Mata
Jenifer Pasqualotto Cândia
Jocilaine Mendes Da Silva
Jonas Felipe Bonato

Larissa Anne de Souza
Laura Benini Alves dos Santos
Luan Henrique de Castro
Lucas Goulart Marin
Lucas Marques da Silva Mogi
Lucas Veronez Corrêa
Luigi Felipe Maciel Balestrin
Luís Otávio Behrendorf Kaiser
Marcela Oliveira Cardoso Aragão
Marcelle Telesca Patzlaff
Marco Túlio Correia Rodrigues
Mariana Lopéz González
Mariana Montouto Setten
Marina Von Brixen Montzel Duarte da Silva
Matheus Giacomelli da Trindade
Matheus Pires Pinheiro
Natália Silva Pereira
Nathalia de Castro Gayer
Nathan da Rosa Santana
Otávio Martins Cruz
Paulo Alexandre Bonow
Pedro Junior de Oliveira Volcan
Sara Rubechini Moraes
Thales Moura de Assis
Valentina Mata da Rocha
Viktória Bridi Todeschini
Vitória Ferrarese Rocha
Vitória Luiza Wasser Ferreira da Paz
Wisley Felipe de Moraes
Ygor Coltz de Albuquerque

LISTA DE DOADORES - REFORMA DO PRÉDIO DA LEIGA EGRESSOS FAMED/UFPEL



Imagem da confraternização de lançamento das atividades de comemoração dos 60 anos da FAMED.

Fonte: Acervo pessoal Dra. Julieta Carriconde Fripp.



Imagem da solenidade de inauguração das obras de revitalização do prédio da FAMED.

Fonte: Acervo pessoal Dra. Julieta Carriconde Fripp.



Imagens do jantar/baile em comemoração aos 60 anos da FAMED.
Vista geral e discurso da Diretora, Dra. Julieta Carriconde Fripp, acompanhada
pelo Dr. Luiz Fernando Barbosa Barros e pela Dra. Cristiane Hallal da Silva.

Fonte: Acervo pessoal Dra. Julieta Carriconde Fripp.

ATM-1968: Edegar Pereira / Gleide Bandeira Rosinha / Gley Silva de Pacheco Costa / João Osório dos Reis / Laura Ward da Rosa / Raul Rego Lau / Sergio C. Conceição / Tania Barcellos Chaves

ATM-1969: Farid Nader / Maria Alice Gervini / Maria Luiza Brauner Barcellos / Paulo Affonso Salgado

ATM-1970: Fernando G. Gomes

ATM-1971: Guacira G. Terres / Loiva dos Santos Pinto

ATM-1972: Nilton Haertel Gomes

ATM-1973: Wanderlei Rospide da Motta

ATM-1974: Darci Werlang / Fuad Haddad / José Aparecido Granzotto / Josimar Albuquerque / Lacy Horto Rossato / Michel Halal / Tomaz Barbosa Isolan

ATM-1975: Antônio Carlos Maciel / Líbia Pinto Villela / Lydia Maria Kaster Silva / Maria Aparecida Vale / Paulo Roberto Daltoe / Solange M. S. Gomes

ATM-1976: Beatriz Ebling Guimarães / Luiz Grossi / Miguel Angelo da Costa Quintana / Ruth Herweg Jacques / Susana Siegmund

ATM-1977: Iná da Silva dos Santos / Maria Corália R. Pauletto

ATM-1978: José Américo Pascal Proto / Vanderlei Real

ATM-1979: Ana Carolina Issler F. Kessler / Angela Chapon Cordeiro Madeira / Beatriz Franck Tavares / Bruno Berto Behs / Carlos Augusto C. Tavares / Carmen Regina Zandoná / Celso Luiz Golin / Ceres Helena Borda Dias / Cezar Fernando Heck / Elizabeth da Fonseca Ramos / Henrique Costa / Iara Rute Kosby Correa / Idemar Luiz Taufer / Iris Helena V. Borges / Irma Rossa / Ivanir Tomazzoni / Luiz Alexandre A. Borges / Márcia Ondina Osorio / Maria da Graça Guidotti dos Santos / Moacir Otílio Alves / Nara Regina Pimentel / Nilza Elizabeth Umpierrez Amaral / Paulo Roberto Post / Regina Stüger / Rosendo Mamani / Sérgio A. Venero Huarcaya / Volnei Nicoletti Pereira

ATM-1980: Ana Maria F. Borges Teixeira / Décio Dal Molin / Elemar Bertinetti / Heloísa Capellari / Jandira Bezzera / José Américo Passos / José Dionísio de Lima Becker / José Milton Cunha Miranda / José R. Zorzetti / Lícia Braga / Lúcia Real / Luciana Gigante / Manif Curi Jorge / Paulo Kratz / Pedro Pazio / Renato Bueno / Rogério Torres Marques / Rosa Lilia Ferreira Langone / Sandra Gehling Bertoldi / Valdevez Vanini

ATM-1981: Serge Lepinoux / Victor Cachoeira

ATM-1982: Alcílio José Souza Filho / Carlos Augusto dos Santos Borda / Carlos Silvio Martins / Carmen Cecília M. Riemke / César Nezello / Cristina Helena Targa Ferreira / Dolores Spingolon / Elvio Marindo Spigolon / Enedir Luiz Colpo / Ermani Cadore / Francine Wester Wiema / Jane Ester Barbosa Ramos das Neves / João Senger / Jorge Luiz Ramos / José Augusto Froner Bicca / Juarez Taffarel / Levy Lopes Nogueira / Lúcio A. Castagno / Luís Eugênio M. Costa / Marco Albuquerque / Marco Antônio

Wanroski / Margot Sordi Macedo / Maria Alice Dode / Mário Mitsuo Morita / Maurício Romero Vasquez / Mirian Barcellos da Silva / Nara Maria da Silva Morita / Neemias Ramos / Ricardo de Campos Nogueira / Rogério Karam / Rosângela Nezello / Rosângela Zambonato Arnt / Vânia Terezinha Comandulli

ATM-1983: Ana Lúcia Carvalho A Alam / Denise Carriconde Marques / Edson de Jesus Coutinho / Herbart Deógenes Michels / Hiram Almeida Junior / Juvenal Soares Dias da Costa / Lúcia Diehl da Silva / Luiz Fernando da Cunha Farias / Maurício Silva de Lima / Renan Stoll Moraes / Rita Perez Leite / Sérgio Tavares de Castro / Ubiratan Cebulski / Umberto Oliveira Filho / Vera Maria Silveira

ATM-1984: Amilcare Vecchi / Ana Maria Krusser Zambonato / Arnaldo T. Rodrigues / Eduardo Machado Rotta / Fábio Leite Gastal / Florival Z. Vituri / Gilberto Santos dos Santos / Gilmar Iesbich Finkler / Giovani Feix Peruzzo / José Tomas Pereira Souza / Justo Antero Leivas / Lígia Neumann Strauch Souza / Liliane Pretz Montiel / Maristela Kruger Lopes / Milene Maria Saalfeld / Miriam Vali Sole Rocha / Renato Santos Coelho / Renato Silveira Lazzaretti / Roberto Osvaldo Pont Zambonato / Rogério Alberto Costa / Ronaldo Lopes Torres / Suzana Cunha Vituri / Urubatan Collaço Alberton / Vera Lúcia Nunes Pereira Lima / Waldo Luís Mattos

ATM-1985: Airton S. Pereira / Alfeu R. Rombaldi / Beatriz Hax Sander / Carlos Alberto Gollo / Flavio Chiucheta / Hélder Romeiro Xavier / Helena Wenher / Luís Olímpio Dias Jordão / Magali Belaunzaran de Quadros Iorra / Mariângela Freitas da Silveira / Marinês Bertolo Peres / Olímpio Jordão / Renato Rodrigues Al Alam / Roberto Kalil / Rogério Hein / Samuel Antonio Neugebauer / Sílvia Helena C. Serres / Suely Madeiras Ferrari / Vera Lúcia Silveira / Vera Regina Levien / Doador Anônimo

ATM-1986: Airton Luís Fiebig / Andrea Scaletzky / Ângela Machado Ferreira / Beatriz Zilberknop / Carlos Schlee / Dulce Viegas / Elsie Lara Wienke Wellar Soto / Enrique Daniel Saldaña Garin / Fernando de Castro Moller / Iara Nikraszewicz / João Baptista Souza / Joao Ivan Lopes / Joaquim I Mota Neto / José Albert Silva / Luciane Duarte Schuler / Luiz Carlos Medina / Marcelo Grillo Dini / Mário Mansur Filho / Maristela Menezes / Marta Lisane Wagner Dini / Nilo Machado Jr / Orlando Colhado / Oswaldo Quirino de Souza / Paulo Eromar Bersch / Paulo Ricardo Gazzola Zen / Pedro Paulo Wagner / Renato Bender Castro / Rosaura Liz Lerner / Rosilene Jara Reis / Susane Passos / Tanira de Freitas Pires Barros / Dois Doadores Anônimos

ATM-1987: Alina Macedo / Amir Nasr / Ana Zardin / Antônio Valdecir Luz Fávaro / Augusto Hax Niencheski / Bruno Wunsch / Celomar Strelow / Clarissa Castagno / Claudia Inez Berta Bittencourt / Deisi Pilotto Gomes / Eduardo Cury Remião / Elcio Marcos Zanardo / Elcio Zanardo / Elizabeth Guarienti / Flávia Silveira / Flávio Geraldo Vieira / Frederico Klein / Gerson Zernow / Giovani Soares / Gleci Liermann Franz / Guaspary Silveira Fortes / João Fidelis e Santo / Joao Henrique Classen / José Augusto Crespo Ribeiro / José Pedro Moreira / Luiz Fernando Miranda / Manoel Mariano da Rocha Neto / Marcelo Moojen Abuchaim / Márcio Dal Bo / Margareth Lucca / Maria de Fátima Cunha / Mário Strelow / Maristela Da Costa Sousa / Maud Parise / Miguel Archanjo Thezolin / Miriam L. S. Pinto / Miriam Willric / Nara Lúcia L Brizolara / Neisa Guterres de Freitas Gomes / Noris Barboza / Otávio Leite Gastal / Paulo Orlando Alves Monteiro / Ramon Fiori Halal / Renato Lucas / Ricardo Camargo / Roberto Rogério Fortes Ortiz / Ruth Bonow Theil / Sandra Al-Alam Lhullier / Sandro Mota Machado Da Silva / Silvia Souto Pereira / Tania Gobbi / Valkiria Fleck / Vítor Hugo da Silveira Ferrão / Waldomiro Kolosva

ATM-1988: Anaclaudia G. Fassa / Arilson da Silva Cardoso / Ezaltina Monteiro Panziera / Jefferson José Rodrigues Escobar / Sandra Cristina de Medeiros / Sílvia Scaletzky Huber / Veimar Zortea

ATM-1989: Breno Marzola / Bruno Luiz Schulz / Luciana de Oliveira Marques / Luís Antônio Benvegno / Rosângela Santos Soares

ATM-1990/1: Adriane Reinhardt / Ana Luft / Geraldo Salomão / Rogério Schoffel

ATM-1990/2: Alda Regina G. Mendes / Carmem A. Fontana / Fernando Gomes da Silva Neto / Guilherme Storer / Javier Enrique Brod Mendes / Jucelei S. Coelho / Juraci Almeida César / Kátia Pons Mendez / Lucinda Ignez Romeu Fernandes / Márcia Castilhos Puchalski / Mário Roberto S. Pinto / Paulo Henrique Da Rosa Gonzales / Roberto das Neves Duquia / Rose Meri Gonçalves Terra / Stella Maris Klueger

ATM-1991/1: Márcio Bergonsi Turra / Rubens Henrique Oleques Fernandes

ATM-1991/2: Cristina Pires Pereira / Daniel Leonardo Boessio / Ducia Wichrestiuik / Eduardo Brod Mendez / Ires H. B. Massaut / Márcia Elis Paranhos da Silva / Mariza F. G. Rosa / Valdir De Costa / Victor De Souza / Vilson Dalmina / Vítor Saalfeld

ATM-1992/1: Márcia Alves Potter / Rogério Fonseca Vituri

ATM-1992/2: Ione Maria Taufer / Lúcia Helena Schaun Ribeiro Ferrari / Luís Josino Brasil / Maria Carlota Borba Brum / Valéria Scur

ATM-1993/1: Sérgio Vieira

ATM-1993/2: Marco Finger

ATM-1994/1: Alan Pizzi / André Javier Lemos

ATM-1994/2: Berenice Scaletzky Knuth / Eliane Rozales Lopes / Jorge Luis Xavier Moshoutis / José Da Cunha Silveira / Julieta Carriconde Fripp / Leandro Antônio Gritti / Luana Oliveira / Luís M. Cabral / Rogério Bezerra / Silvia Ramos Hecktheuer / Tatiana Zambonato / Vânia Roman

ATM-1995/1: Adriana C. Souza Costa / Ciro de Oliveira Costa / Delfina Iveth Saez / Flávio Tsuyoshi Suto / Julliano Comel Basso / Lawrence de Luca Dias / Marcelo Pereira de Araújo / Marli Boniatti Colle / Samir Asad Nimer

ATM-1995/2: Ernani Peres Neto / Paula Alves Massaro / Rogério de B. Macedo

ATM-1996/1: Cíntia Medeiros

ATM-1996/2: Alvaro Louzada / Elton Silveira Galarz / Marcelo Amaral Piva

ATM-1997/1: Alexander Augusto Vassoler / Alexandre D'ávila / Alexis Vasiluk Knebel / Ana Paula Mundel / Ary Carnieletto Jr / Fernanda Almeida / Fernando Arruda Ramos / Gandhi Bottermund Galli / Jardel Karin S. Vergara / Luciana Tohmi da Silva / Luciane Prates / Luis Carlos Ferreira / Márcia Castro / Maria Laura Neme / Patrícia Larrosa Freire / Paulo Affonso Salgado Filho / Rita de Cássia Alves Lira / Rodrigo Lauffer / Sabina Bandeira Aleixo / Sandro de Mattos Dias / Simara Gorski do Amaral / Telmo Ribeiro Filho / Valéria Moreira / Vânia Fracalossi / Vilmar Dalbosco / Vitória Fernandes / Wladimir Ribeiro Duarte

ATM-1997/2: Carla Vitola Gonçalves / Daniele Kuhn / Eduardo Bauer Grohs / Eduardo Palma / Eliane Leni Eymael Rodriguez / Elisângela Silva Marini / Fábio Buchorn / Fábio Coelho Guarany / Fabrício Caron / Flávio Steinhorst / Gustavo Roxo / Helder Lúcio Ganacin / Karina de Oliveira Lima Migliorini / Marcelo André Rocha Ostrowski / Márcio Berenhauser D'elia / Márcio Diniz Borges / Maurício Moraes / Orseni José dos Reis dos Santos / Raul Alberto Valiente / Roberto Sato / Doador Anônimo

ATM-1998/1: Alessandra Elena Diehl B. Dos Reis / Cristina Andrighetti / Daniela Ferreira D'agostini Marin / Denise Winkler Simões Pires / Eduardo Soares Devens / Estela Regina Eidt / Fabiano Castro Albrecht / Gladis Helena Cercato Gomes / Jean Abreu Machado / Luís Fernando S. Rodrigues / Marcelo Duarte / Raquel Amaral Machado Lobato / Renan Barbosa / Rodrigo Bettin / Rovani José Rinaldi Camargo / Roxana Nunes Rosa / Sadi Roberto Menta / Sheyla Nicareta / Simone Minuzzi Catto Vaz / Tomy Fidler

ATM-1998/2: Adriana Elisa Wilk / Ana Cecília Medeiros Mano Azevedo / Aryadne Hautsch Oikawa / Cátia Testa Cavedon / Daniel Engel da Cunha / Darlan Correa Bento / Eduardo Mylius Pimentel / Fernando R. Roman / Gilmara Coelho Meine / Juliana Ferrari Rigo / Karen Morejon / Marcelo Sclowitz / Márcio Osório Guerreiro / Marcos Farias Vogt / Neusa Azzolini / Pedro Correa dos Santos

ATM-1999/1: Alfredo Slawski / Cíntia Carvalho / Cristiane Hallal da Silva / Dênis Valente / Deorgelis Rosso / Fábio Lemos Macedo / Hibanés dos Santos Rodrigues / João Ricardo da Rocha Bohrz / Lauren Miguens Wasielesky / Leandro Orlandini / Luciano Niemeyer Gomes / Marcelo Seabra Bernardi / Maria Amélia M. Mano / Melissa Toneli Nunes / Roseli Crestani Zenker / Saskia Costa De Boer / Sílvia Gabbi Trombini Turra / Viviani Fernandes

ATM-1999/2: Alessandra Silveira Teixeira / Ana Cláudia da Rosa Hise / Ana Guerda / Carlos Eduardo Magro / Carolina Ziebell / Caroline Costa / Daniela Fenker / Fabiano Donato Gonzales / Ivanete Minotto / Joane Girardi Kettner / José Antonio Alan / Leila Cristina Sanchez Abdallah / Licínio Argeu Alcântara / Lisiane Nassere / Luciana Xavier / Melissa Peixoto Conti / Patrícia E. S. Cunha Carvalho / Sílvia Saueressig

ATM-2000/1: Alessandro Diniz / Alexandre Rodrigues Nunes / Antônio Augusto Fonseca / Auro Prochnau / Bartolome Diano / Cinthia Scherer / Clairton Tosetto / Cláudio Veroneze / Daniel Yutaka Yamaguchi / Eduardo Soares Bettin / Laura Sigaran Pio de Almeida / Luciano Barros Pires / Luciano Duro / Luiz Gustavo Silva de Lima / Marcelo Gonçalves / Márcia Teresinha Giacobe / Maria Cristine Igansi da Cunha / Melissa Barcellos Azevedo / Mirton César Fernandes Inda / Roberto Longarai Daher / Roberto Reinghantz da Cunha Filho / Rodrigo Bradacz / Scilla Correia Lima Silva / Scilla Lazzarotto

ATM-2000/2: Ana Amélia Oliveira Raupp / Ana Cristina Kraemer Moraes / Bianca Lamas Gervini / Cristiane Rios Petrarca / Juliana de Mattos Ulyseia / Michelle Cristina D. Nesello Schaefer / Patrícia Portantioli Manzolli / Rafael Moura da Luz / Ricardo Haack / Roberto Baroni / Vitor Ben

ATM-2001/1: Henrique R. Isaacsson / Josiano Carlos Valério / Paulo Renato Stosch da Silva / Sérgio Ricardo Chemin Leopolski

ATM-2001/2: Beatris Ribeiro Barbosa / Cinthia Rodrigues Curi Hallal / Daniel Araújo / Eduardo Coelho Machado / Elisangela Boeno / Fabiano Bergamaschi / Fábio Eduardo Nunes Vieira / Fernando Silva / Flávio Lindemann / Gislaine Krolow Casanova / Gustavo Pereira Zerwes / Juliana Cunha Yamaguchi / Laura de Moraes Gomes / Luiz Henrique Campos da Motta / Marcelo Fernandes Capilheira / Marina Peres Bairy / Paulo Cesar Moschetta / Rafael Gomes Karam / Ricardo Bertolino da Silva / Ricardo Ribeiro Amin / Roberta Medeiros / Rodrigo Mendonça / Rostanda Marti Meireles / Valdir Jucoski / Vitor Félix Torres

ATM-2002/1: Adilson Teodoro / Andrea Angela Bazzo / Ângela Rodrigues Leston Nader / Carolina Deves / Cleverson Galvan / Daniel Ribeiro / Daniela Sallaberry / Gabriela Gastal / Leonardo Perez Zeni / Luciana Correa Argondizo / Lysandro Alsina Nader / Marcelo Britto / Mariana Carpena

ATM-2002/2: Cecília Fernandes Lorea / Débora Afonso Campello / Deivid Colombelli / Emilene Firpo Del Duca / Enrico Granzotto / Fábio Benedetti Rodrigues / Fernando Endler Carvalho / Gabrielle Scattolin Moreira / Leonardo Silveira Lucas / Luciana Frizon / Luciane Maria Alves Monteiro / Luiz Fabiano Gomes Gularte / Orlando Borges Neto / Otávio Hisse Gomes / Pedro Bandeira Aleixo / Ricardo Bainy / Tales Szuster Marçal / Tiago Daltoé / Vanúcia Aquino M. Serrano / Vinícius Borges Soares

ATM-2003/1: Adriano Santos / Daniele Lessa Cardoso / Danise Senna / Gustavo Luís Nunes Pretto / Kellen Chaves da Silva de Franceschi / Mara Rodrigues Alves

ATM-2003/2: Alice Donato Gonzales / Douglas Coltro / Eduardo Barros C. Bicca / Franciani Basso / Hélio Rosseto / Homero Luis A. Gastal / Juliana Kratochvil / Pedro José Leva Júnior / Raquel Acosta Moncks Gabaldo

ATM-2004/1: Anderson Mussi / Andresa Borba / Bruno Gomes / Cristiane Marcelle Pinz Camargo / Daniel Navarini / Eder Menegassi Martel / Fernanda Mendes / Flávia Correa Guerra / Guilherme Graça Cardoso / Guilherme Kruger / Ícaro S. Pedroso Oliveira / Ivana Gomes de Araújo e Castro Nascimento / Jeana Ben / Juliana Faggion / Juliana Lambrecht / Karen Iribarrem Nogueira / Leandro Kruehl / Lígia Renuncio / Luís Cláudio Severo Nunes / Márcia Vargas / Maria Cristina Biersdorf Pretto / Melissa Pierobon / Miguel Roismann / Priscila Coelho Amaral / Renata Werthein / Ritele Hernandez da Silva / Tatiane Cogheto Rocha

ATM-2004/2: Anderson Machado / Mauro Sittoni Vaz / Ticiane Granzotto

ATM-2005/1: Eduardo Bertoldi

ATM-2005/2: Cristiane Neutzling / Giuliano Stefanello Bublitz / Roberto Coswig Fiss

ATM-2006/1: Ângelo André de Mello Dias / Everton Quadros Fiebig / Otávio Borio Dode / Patrícia Peres de Peres / Reginaldo Oenning / Rozana de Miranda Mendes / Thiago Quirino Tubone

ATM-2006/2: Alex Sandro Pedroso da Rosa / Ana Duarte Cardoso / Ana Lúcia Mello Fonseca / Augusto Nobre Kabke / Chen Ju Lin / Chiara Scaglioni Tessmer Gatto / Cíntia Vasques Cruz Heidemann / Cláudio Raphael Pilownic / Daniela Larentis / Eduardo Faria Leite / Fabio Trentin / Huei Ju Lin / Igor Ossanes Kaiser / Isabelle Maffei Guarenti / Laércio João Bazanella / Laura Garcia de Borba / Liana Guedes da Silva Palma / Lizie Taguchi / Lucas Mendes / Luciano de Brito / Luis Ernesto Viques Vargas / Luiza Vieira S. Magalhães / Michele Nunes Pinho / Otávio Costa Diaz / Patricia Marcon / Paulo José Irigon Pereira / Ricardo dos Santos Medeiros / Roberto Von Laer / Thiago Vernetti Ferreira / Vania Mota da Rosa Leite / Victor Manuel Brizida Garcia Neto

ATM-2007/1: Aline Camargo Fischer / Cibele Vargas da Silva / Débora Piva Scaccabarozzi / Eduardo Fagundes Cardoso / Eloísa Klein Lopes / Juliana Hardtke Teichert / Luiz Carlos Pereira Júnior / Luiz Fernando Longhi Cervantes / Rafael Bohns Blaas / Ricardo Sanches Pereira / Vanessa Schultz

ATM-2007/2: Cristiane Rockenbach / Cristiano Devenci Vendrame / Daniela Vasques da Conceição Fiss / Eleonora Pereira L. Zanini / Ivana Daros Coelho / Leonardo Silva Reges / Talita Martins

ATM-2008/1: Mateus Menegon

ATM-2008/2: Ivan N. Lüdtke

ATM-2009/2: Indira Dini Schwengber / Paula Teixeira Barbian

ATM-2010/1: Daniel Brandenburg

ATM-2011/1: Daniel Calheiros Batista / Felipe Matos dos Santos / Gustavo Rebelatto / Hélio Augusto Martins Ferreira Ribeiro / Jessiane Kunkel Marin / Luiz Carlos Nunes Junior / Nathália Janovik Eireli / Roberta Ximendes / Sílvia Cougo Madruga de Mello / Vanessa P. Fernandes / Vicente Garcia

ATM-2011/2: Adriane Bolzan / Nathália Tessele Barreto da Silva

ATM-2012/1: Daliana P. Paul Lüdtke / Felipe Pereira Lima Marques / Mateus Germano Scaglioni Tessmer

ATM-2013/2: Nateli Borba Macas / Simone Redaelli

ATM-2014/1: Alfredo Renato Metzger / Anna Paula Moreira / Bruna Cantarelli Costa / Caroline Krein / Daniele Q. MOTTA / Diana Schack / Diego Selig / Eduardo Olivo da Luz / Eveline Bordignon / Fernanda Passeto / Gabriela Kruger da Costa / Gabriele Budke Tiecher / Gunther Marroni Nietiedt / Jane Elizabeth Malheiros / Janise Guedes Machado / Karoline Mallmann / Laís Ramalho Chaves Isobe / Lucas Baptista da Silva / Luciana Mello Gonçalves / Maico Alflen / Otávio Storch / Pablo Oliveira / Raul Florio Real / Renato Badia da Cruz / Stela Laner Batista / Thiago Fogaça / Vanessa Quadros Martins

ATM-2014/2: Alice Marques Real / Felipe Lanner Silveira

ATM-2015/1: Dany Taguchi

ATM-2015/2: Aloma Guinami Scabora / André Theobald / Erika Clarissa Euro Lima

ATM-2016/1: Andressa Daga / Ariane Giovanaz / Augusto Luiz Giongo / Camilla Dolinsky Macchi / Fernanda Pinheiro Frugeri / Gabriel Pinheiro Deves / Isabella Cristina Ragazzi Q. Cavalcante / Laura Drehmer / Laura Klein / Letícia Amici da Cunha / Marina Gasparotto Fernandes / Rafael Teruel Berto / Rebeca Lelo / Thiago Gaspar / Thiago Luiz Ribas da Silva / Tiago Alves da Silva

ATM-2016/2: Caroline Peneiras Miranda / William George Giusti Fischer

ATM-2017/1: Andréa de Vargas Tomelero / Bruno Roberto Padilha Machado / Carolina Alcoforado Abreu / Laís Marques Mota / Melinda Mallorquin Cabral / Nathália Galvagni Rodrigues / Thiago Filomena Lombardi

ATM-2017/2: Gustavo Gonçalves Terra / João Henrique Costa Calegari / Maria Carolina Malheiros de Souza

ATM-2018/1: Frederico Maciel / Rafaella de Lima Lorea / Thaís Souza Prata

ATM-2019/1: Carla Pastore / Giovana Paim / Luísa Barin Menezes

ATM-2019/2: Ana Paula Gouveia / Guilherme de Lima / Kim Pegorini Souza / Ricardo Schmidt

ATM-2020/1: Gabriela Giacomini / Lara Luz De Miranda Silva

ATM-2020/2: Ana Luiza Ceolin Polo / Jorge dos Santos Vales / Nathali Carmel Weiler Miralles / Patrícia Carrion Nogueira de Freitas / Thamires Morette Barbosa

ATM-2021/2: Lutero Regis Segalin Cassol

ATM-2023/1: Matheus Augusto Schulz

ATM-2024/2: Pedro Henrique Evangelista Martinez

AMIGOS DA LEIGA

Adrienne Sassi / Althen Teixeira Filho / Antônio César Gonçalves Borges / Celene Longo / Christina Gurvitz / Elaine Tomasi / Felix Antônio Insauriaga Santos / Gessyka Oliveira / Gilberto de Lima Garcias / Jr Serviços / Leandro Reckers / Leda Ferreira Borges / Luciana Martins / Luiz Fernando Barbosa Barros / Marcos Renato dos Santos / Maria Aurora D. Chrestani / Maria Ester Sigaran Pio de Almeida / Maria Laura Vidal Carret / Paulo Abreu Barcellos / Paulo Salim / Rogério da Silva Linhares / Rosana Mendonça de Souza / Rosana Souza Van Der Laan / Sílvia Elaine Cardoso Macedo / Simon Orlando Halpern / Sônia Leny C. Alt.



A escrita da história pressupõe, entre outros aspectos, a opção por caminhos a seguir, seja no campo teórico, seja no metodológico. Tal fato, por si só, antes de ser um problema, se reveste de potencial oportunidade para que outras narrativas sejam criadas, como, por exemplo, àquelas construídas a partir da oralidade.

No livro, Lorena Almeida Gill opta por narrar a história dos 60 anos da Leiga a partir do protagonismo de mulheres e homens que construíram a trajetória dessa importante escola médica de nosso país. De Naum Keiserman às primeiras médicas formadas pela Faculdade; de docentes, técnicos e acadêmicos à trajetória dos primeiros cotistas negros, quilombolas e indígenas. Da luta pela criação de uma faculdade leiga à histórica e, ainda atual, busca por um hospital próprio.

O fio narrativo da obra aborda particularidades na construção de uma Faculdade Médica no sul do sul do país que, em que pese sua posição geográfica, soube impor-se em diversos campos de atuação com contribuições universais à prática da Medicina.

Há outras formas de contar essa história? Certamente. Contudo, a escolha pela valorização das pessoas e seu papel na constituição da Leiga denota um olhar humano e singular para uma faculdade historicamente humanizada e preocupada em formar profissionais com uma visão humanizante da Medicina e da prática médica.

Paulo Koschier



UFPEL

REALIZAÇÃO



APOIO BRONZE

APOIO PRATA

DR. FLÁVIO TSUYOSHI SUTO

PATROCÍNIO DIAMANTE